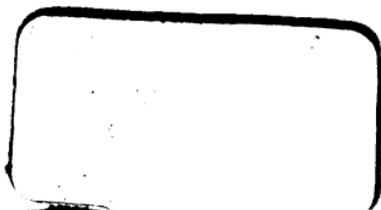
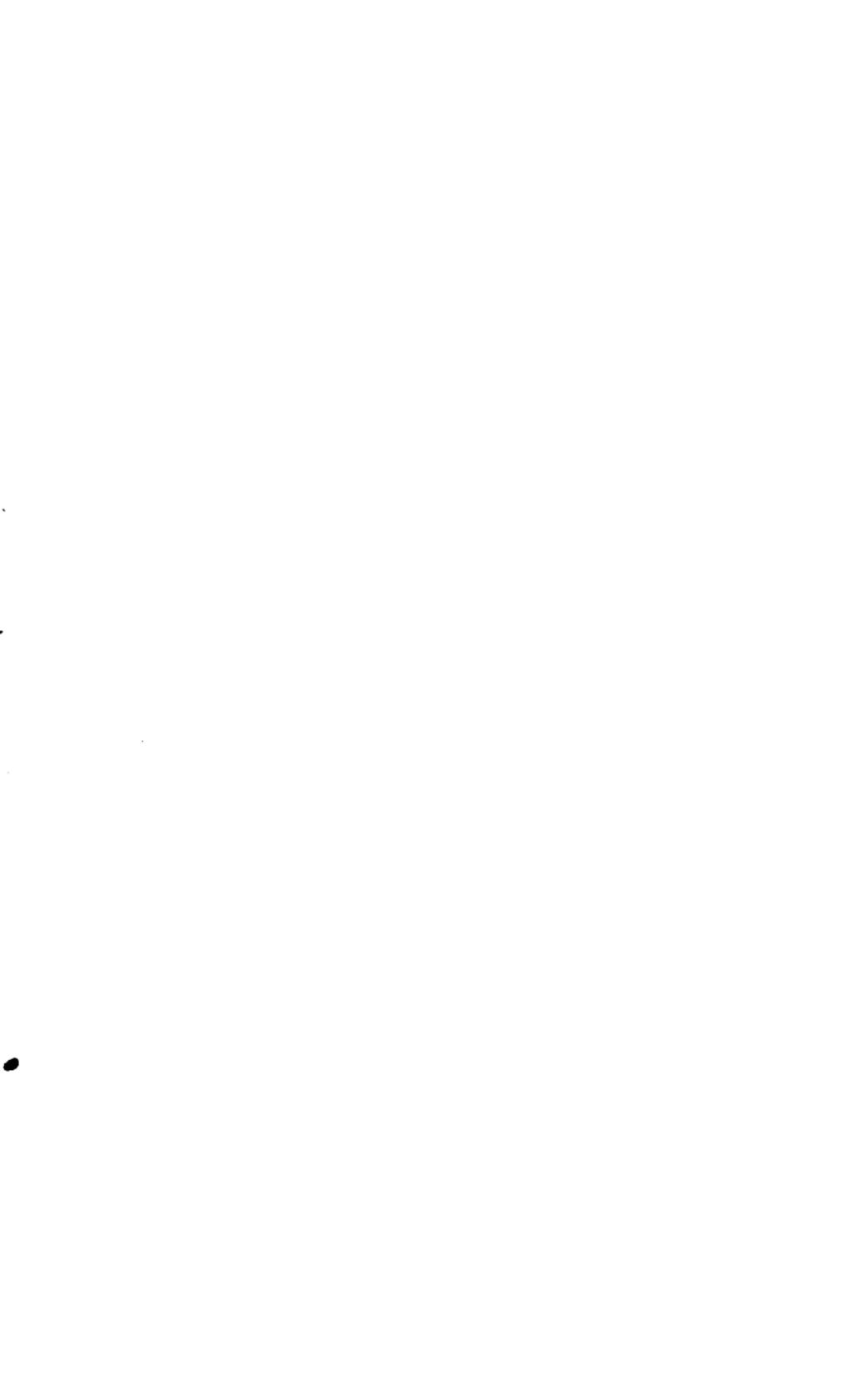


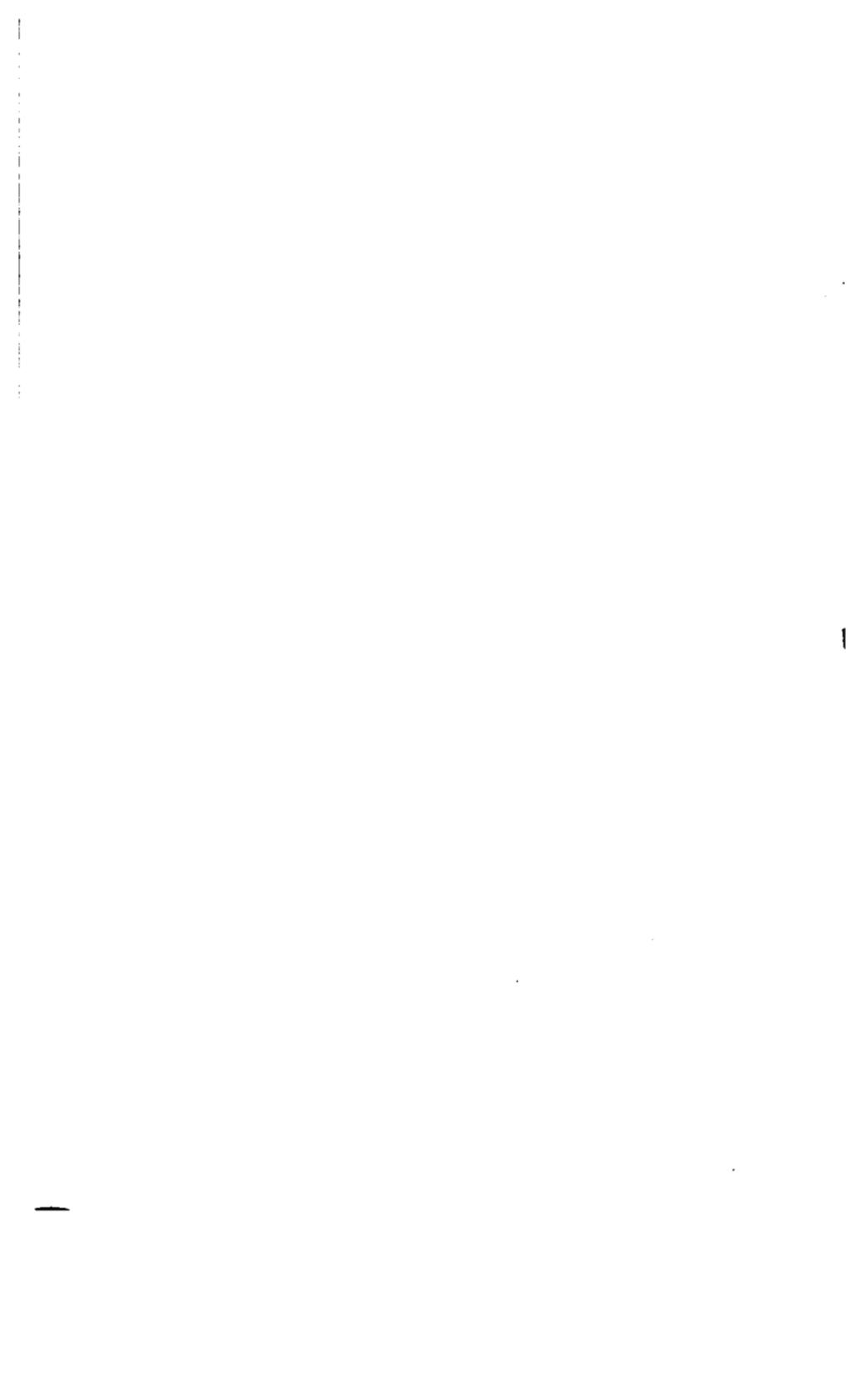
Port 5374.1.4



HARVARD  
COLLEGE  
LIBRARY











**CLASSICOS PORTUGUEZES.**

---

**OBRAS COMPLETAS**

**DO DOUTOR**

**ANTONIO FERREIRA**



11 OBRAS, COMPLETAS

DO DOUTOR

ANTONIO FERREIRA

QUARTA EDIÇÃO

ANNOTADA E PRECEDIDA DE UM ESTUDO

SOBRE A VIDA E OBRAS DO POETA

PELO

CONEGO DOUTOR J.-C. FERNANDES PINHEIRO

Professor do Imperial Collegio de Pedro II

Membro do Instituto Historico e Geographico do Brasil, da Academia Real das Sciencias de Lisboa e da Sociedade Geographica e Estatistica de Nova-York, etc.

TOMO SEGUNDO 211



RIO DE JANEIRO

B.-L. GARNIER, EDITOR  
69, RUA DO OUVIDOR.

PARIS

AUGUSTO DURAND, EDITOR,  
RUA DES GRÈS, 7

1865.

Port 5374.1.4

HARVARD COLLEGE LIBRARY  
COUNT OF SANTA EULALIA  
COLLECTION

GIFT OF  
JOHN B. STETSON, Jr

OCT 26 1921

8285  
10-2

**SEGUNDA PARTE**

**DOS VERSOS**

**DE ANTONIO FERREIRA**



# DAS CARTAS.

---

## LIVRO I.

CONGRATULAÇÃO DE TODO REYNO A EL REY D. JOÃO III  
NA MORTE DO PRINCIPE D. JOÃO SEU FILHO,  
QUE SOFREO PACIENTÍSSIMAMENTE.

---

### CARTA I.

Grã Rey, Senhor das Casas do Sol ambas.  
Bonissimo JOAM, mais pay da patria  
Que Brutos, ou que Augustos, ou Trajanos,  
Por grã mercê de Deos, e gloria nossa  
Dado a estes Reynos teus do rico Téjo  
Até Eufrates, Nilo, Tigris, Gange;  
Vencedor da braveza de Neptuno,  
Senhor de seu Tridente, e ricas conchas,  
De barbaros espanto, amor, e medo.  
Luz clara de infleis; coluna firme

Da catholica Fé; de idolatrias  
Falsas destruidor, paz do teu Reyno.  
Fortissimo JOAM, graças te damos.  
Não por tuas victorias com que espantas  
O Mundo todo; não por teus thesouros,  
Com que esta tua terra enriqueceste,  
Justamente ganhados; não por letras  
Com qu'as armas ornaste, honrado Phebo  
Igualmente com Marte, que florecem  
Agora mais que nunca : não por leys  
Sanctas, iguaes, e justas, com que os vicios  
Castigas nos mayores, e menores.  
Não te louvamos, Rey, não te louvamos  
D'espectaculos vãos dados ao povo,  
De prodigalidade de moédas  
Lançadas pelas ruas; não de mares  
Appetitosamente atravessados,  
De trabalhosas pontes semeadas  
De peças de ouro, e prata, e ricas pedras,  
De montes arrasados, rios secos,  
De sem necessidade agoas trazidas  
De longe por mil canos, mil rodeos.  
Não de popas douradas, vélas ricas  
De purpuras, e remos de ouro, e prata,  
De tanques, de piscinas, de arcos, thermas,  
Bosques, parques, theatros, capitolios,  
Carros, litheras <sup>1</sup>, Tigres, Liões, Ussos,

<sup>1</sup> Liteiras.

De feras monstruosas, nunca vistas,  
E de outras não grandezas, mas solturas,  
Que Reys Tyrannos livres costumavam  
Em tempos infelices, e costumam  
Pelo Mundo ind'agora, em si sómente  
Os publicos thesouros consumindo,  
Tirados do suor, do sangue, e vida  
De seus cativos povos. Nós, bom Rey,  
De ti só te louvamos : de ti só  
Damos graças ós Ceos, que te nos déram  
Rey justo, Rey clemente, Rey pacifico,  
Rey homem, Rey, e pay, senhor, e amigo.  
A fortaleza grande, e gloriosa  
Pera sempre a teu nome, a este teu Reyno,  
Que exemplo immortal fica d'outros Reynos;  
Aquella fortaleza nunca vista,  
Grã Rey, que contra a morte de hum teu filho,  
Unico successor do teu estado,  
Mostraste, quem a entende? quem não espanta?  
Como se pôde crer dos que vierem?  
Ou em qual dos passados se vio nunca?  
Christianissimo Rey, crer-se-ha de ti,  
De JOAM o Terceiro, que constancia,  
Que espantos, que grandezas, que milagres  
Se não creram no Mundo? teu bom nome,  
Por onde quer que soa, ama-se, e espanta.  
E soa desd'hum polo ao outro polo.  
Fere novas Estrellas, novos Ceos,  
De ti só descubertos, e mostrados.

Espantem outros, sejam mais temidos  
Que Tigres, que Liões, e trema ant'elles  
Como ant'a mesma morte o triste povo.  
Não ousem levantar os olhos nunca  
A seus irosos rostos : adorados  
Se façam ser por forças, e por medos.  
Novas cruezas usem, com que tenham  
Seguros os estados de seus odios.  
Tu rege mansamente, e com justiça,  
Estas sejam tuas artes, a paz ama :  
A vencidos perdoa, que se entregam.  
A soberbos destrue, desfaze, e apaga.  
Amemoste nós sempre, e te chamemos  
Clemente, bom, Christão, pay do teu Reyno,  
Filhos teus nos chamemos : como pay  
Nos ama, nos castiga, e nos perdoa.  
Pendamos de teus olhos, mostra-os sempre  
Seguramente rindo : essa tua graça  
Mais força tem que ferro, ou fogo de outros.  
Nossas almas nos levas apôs ti  
Onde quer que te viras, tu só Rey  
Es verdadeiro nosso. Em seu lugar  
Deos na terra te pôs de sua mão.  
Amor faz os bons Reys, não medo; amor  
Estados dá, e conserva : o que he temido  
De muitos, muitos teme. Nós te amamos.  
O nome, e a honra, que ós bons Reys passados  
Com amor damos, vivo já ta damos.  
Esses Heróes antigos, e Monarchas

Vencendo, edificando, acrescentando  
Imperios, repartindo grossos campos,  
Julgando justamente, e defendendo  
Seus povos com amor, com leys, e armas,  
Choráram de não ver os iguaes premios  
A seus merecimentos em suas vidas.  
Romulo, Bacho, Castor, Pollux, Brutos,  
Décios, Scipiões, Fabios, e Julios,  
Depois de suas façanhas increveis <sup>1</sup>,  
Hūs foram recebidos nos vãos templos  
De sua idolatria, outros honrados  
Como Heróes illustres : até aquelle,  
Que a grande, e cruel Hydra matar pode  
De tantos seus trabalhos rodeado  
Veio a crer, que com a morte se vencia  
A inveja, qu'espanta, e queima sempre  
Aquelles, que vencidos, cégos ficam  
Co resplendor de quem os céga, e vence :  
Mas morto s'ama mais, mais se deseja.  
Alcança tu só Rey o que nunca outro  
Em vida mereceo : cré que assi já  
Nos he grande teu nome, brando, e doce,  
Como o poderá ser em toda idade.

<sup>1</sup> Incriveis.

---

## A PERO D'ALCAÇOVA CARNEIRO

SECRETARIO.

## CARTA II.

Dos segredos Reaes segura guarda ,  
A cujos olhos s'abre o Real peito ,  
Em cujo peito seus intentos guarda :

Seja teu bom conselho sempre aceito  
Ao melhor, e mor Rey <sup>1</sup>, que te escolheo  
Conformê em tudo a seu Real conceito.

Quam ditoso aquelle he, que mereceo  
Aprazer a tal Rey, quam alvo dia ,  
Em que tam claro ao Mundo hum Sol nasceo !

Sancta alma, real zelo; a quem só guia  
Amor, justiça, e paz, cujos bons meos  
Em ti busca, em ti acha, em ti confia.

Sans letras, justas armas, dous esteos  
Firmissimos do Imperio só tenhamos.  
Mais bens, se o Mundo os tem, a outros Reys déos,

<sup>1</sup> El-ei D. João III.

O Portugal antigo, que louvamos  
D'spritos rudes, de animos ousados,  
Qu'arte á sua guerra, á sua paz achamos?

Não escureço os feitos tam lembrados  
De tantos Capitães, tantos Reys fortes,  
Que por divino sprito eram guiados :

As vidas desprezar, não temer mortes,  
A mais imigos, rostos mais seguros,  
Ousados votos, e ditosas sortes.

Alvos cavallos, arcos mil em muros,  
Mil palmas, e mil louros mereciam,  
Mas não se honravam disso spritos puros.

Venciam os sanctos Reys, porém venciam  
Mais por ousado esforço, que por arte,  
Sem nenhum medo a tudo ousados hiam.

O grã poder de Deos deixado a parte,  
Que espantos hoje soam, que façanhas  
Do grande Portugal em toda a parte!

De tantos Capitães que artes, que manhas  
De tantos cavalleiros que ousadias!  
Que victorias em terras tam estranhas!

Já outros tempos, outros claros dias  
Nos nasceram : entrou arte, e sciencia  
De nosso sprito mais seguras guias.

Cresce co tempo mais a experiencia.  
Não louvamos já bons socedimentos <sup>1</sup>,  
Louvamos bom conselho, boa prudencia.

Em quanto tristes fins de bons intentos  
Roma sofria, em quanto castigava  
Ditosos fins de máos commetimentos,

Que Mundos não vencia? que receava?  
Como tam grande Imperio, e paz só tinha?  
Quanto da má fortuna triumphava!

D'armas em justa guerra armada vinha,  
De letras em boa paz; e assi igualmente  
D'ambas sempre ajudada se sostinha.

Ditosa idade, bem lembrada gente,  
Que exemplos cá deixastes, que memoria  
Que do Occidente soa até Oriente!

Mas quanto mor, quanto melhor historia  
De Portugal já nasce, que escritura  
Nova, que nova fama, que alta gloria!

Ah deve-se áquella alma sancta, e pura  
Do nosso grande Augusto, bom Trajano,  
Que aquella clara idade torna escura.

<sup>1</sup> Successos, acontecimentos.

Seu sancto fim todo he desviar o dano ,  
Que mal nos ameaça , destruindo  
Máo desejo , máo zelo , e máo engano .

A nova luz das letras foy seguindo ,  
As fortes armas co'ellas governando ,  
De que tamanho bem ao Mundo he vindo .

Entráram máos intentos , que danando  
Vão o conselho sancto , já em mal  
Aquelle tanto bem se vay mudando .

Inclinações danadas ! que o que val  
Pera conservar paz , destruir guerra ,  
Pera honra , e bem commum , e não pera al ,

Seguem só polo seu . Aqui se encerra  
Todo estudo , tod'arte ; que fins sanctos  
Se esperarám de quem no intento erra ?

De tantos livros , tanto estudo , e tantos  
Annos que sae já agora ? má cobiça ,  
Risos de máos , e de innocentes prantos .

Aquella sancta , aquella igual justiça  
No bom zelo só está , não em livros mudos ,  
Que zelos máos a tornam injustiça .

Não culpo os livros bons , os bons estudos ,  
Como não culparia a boa espada ,  
Bons elmos , bons arnezes , bons escudos .

Culpo, e praguejo aquellá tam danada  
Alma, que pera mal usa do bem  
De seu cruel proveito conselhada.

Prudencia, e lealdade só sostem  
Os bons Imperios : daqui nasce o amor,  
Que ao povo o Rey, ao Rey seu povo tem.

Nunca os estados segurou temor.  
Nunca foy o bom zelo desprezado.  
Danou os bons desprezo, os máos favor.

O nosso bom JOAM tambem guiado  
De seu sprito, viva em ti seguro ;  
E nos mais, de quem he bem conselhado.

Abrasam-se castellos, cae o muro.  
Cansam forças, e braços, e ardidezas.  
No bom conselho só está o bom seguro.

Do saber são as boas fortalezas.  
Escolham-se bons zelos, bons spritos,  
Mais no Mundo soarám nossas grandezas.

Aquelles claros feitos, altos ditos,  
De que os livros são cheos, desprezemos.  
Mores feitos ha cá, não taõ bem escritos.

Vençamos no melhor, o outro imitemos.

---

## A PERO D'ANDRADE CAMINHA.

CARTA III<sup>1</sup>.

Teu nome, Andrade, de qu'he bem qu'esperem  
O de que se já sempre espantarão  
Quantos te vem, quantos depois vierem :

Teu raro sprito, de que se honrarão  
As Musas, que de si tanto te déram,  
E que tarde outro como a ti darão :

Os bons escritos teus, que mereceram  
Ou ouro, ou cedro, pois já nessa idade  
Nos mostras nelles, quanto em ti quizeram

As Musas renovar a antiguidade,  
Em teu amor aceso me leváram  
A esta sam, e confiada liberdade.

Do que se antigamente mais prezáram  
Todos os que escreveram, foy honrar  
A propria lingua, e nisso trabalháram.

<sup>1</sup> O motivo d'esta carta, como se collige do contexto, foi o haver Caminha escripto alguns versos em lingua estranha, quiçá a hespanhola.

Cada hum andava pola mais ornar  
Com cópia, com sentenças, e com arte,  
Com que podesse d'outras triumphar.

Daquella alta elegancia quanta parte  
Deves, tu Grecia, áquelle tam louvado  
Poeta, que assi soa em toda a parte!

E tu grã Tybre, de que estás honrado  
Senão com a pureza dos escritos  
Daquelle Mantuano celebrado?

Garcilasso, e Boscão, que graça, e spritos  
Déstes á vossa lingua, que Princesa  
Parece já de todas na arte, e ditos!

E quem limou assi a lingua Francesa  
Senão os seus Franceses curiosos  
Com diligencia de honra, e amor acesa?

E vós ó namorados, e ingenhosos  
Italianos, quanto trabalhastes  
Por serdes entre nós nisto famosos!

Assi enriquecestes, e apurastes  
Vosso Toscano, que será já tido  
Por tal, qual pera sempre o vós deixastes.

Qual será aquelle povo tam perdido  
Que assi não seja mais affeioado  
Qu'a outro estranho, e pouco conhecido?

Que barbaro não diz : mais obrigado  
Sou eu a aproveitar a mim, e aos meus,  
Que áquelle, que de mim está arredado?

Gethas, Arabios, Persas, e Caldeus  
Gregos, Romãos, e toda a outra gente  
Nascem, vivem, e morrem pera os seus.

Avermos nós agora hum excellente  
Capitão Portuguez de quantos temos,  
De que se espanta, e treme o Oriente,

Querer mostrar a ordem, que devemos  
Guardar na guerra em lingua estrangeira,  
Quam certo, Andrade, he que nos riremos.

Este, dirias, em vez da maneira  
Nos querer ensinar como vençamos,  
Faz outra gente contra nós guerreira.

E tanto he mais razão que o nós sintamos,  
Quanto mayor proveito nos cabia,  
E quanto mór o dano, que esperamos.

O que entre a antiguidade mais se avia  
Por infamia, era desprezar a terra  
De que hum era filho, e em que vivia.

Contra a qual não sómente se diz que erra  
O que desemparar, trahir, vender,  
Ou lhe mudar a boa paz em guerra.

Mas quem com quanto dizer, e fazer,  
Em seu proveito pode, o não fizer,  
Ou seja com bom braço, ou bom saber.

Duas cousas sómente se ham mister  
Na República boa, corpo, e alma.  
Ditosa aquella, que ambos bons tiver.

O corpo, que por ferro, frio, e calma  
Rompa, e passe sem temor avante,  
Porque o imigo lhe não leve a palma.

A alma, que seja tam pura, e constante  
Em seu proveito, e honra, que pareça  
Ter sua gloria, e bem sempre diante.

E que na paz, e guerra se offereça  
A com prudencia, e conselho a ajudar,  
Porque chamar-se filho seu mereça.

Por isso o grande Deos nos quiz formar  
Por suas sanctas mãos de carne, e sprito,  
Porque de ambos aviamos de usar.

Quem com armas não póde, com escrito  
Poderá fazer tanto, que se ria  
Do qu'os escadrões rompe, e inda c'um dito.

E não se honrava mais, e mais temia  
Aquella vencedora Esparta antiga  
Cos ditos de Licurgo, que a regia,

Que des que ella das armas, e ouro amiga  
Os olhos lhe quebrou, e o desterráram?  
Patria contra si mesma ingrata, e imiga.

O quantos quanto mór fama ganháram  
Co a boa penna, que outros com a espada!  
Quanto mais ricas estatuas cá deixáram!

Quanto foy mais sentida, e mais chorada  
A morte do alto Homero por seu canto,  
Que a tua, Achilles, que elle fez honrada!

Pois com quanto razão m'eu mais espanto  
Do que em ti vejo, tanto ver perdido  
Sinto, o que me assi move a mágoa, e espanto.

Mostraste-te tégora tam esquecido  
Meu Andrade, da terra, em que nasceste,  
Como se nella não foras nascido.

Esses teus doces versos, com que ergueste  
Teu claro nome tanto, e que inda erguer  
Mais se verá, a estranha gente os deste.

Porque o com que podias nobrecer  
Tua terra, e tua lingua lho roubaste,  
Por ires outra lingua enriquecer?

Cuida melhor que quanto mais honraste,  
E em mais tiveste essa lingua estrangeira,  
Tanto a esta tua ingrato te mostraste.

Volve, pois volve, Andrade, da carreira,  
Que errada levas (com tua paz o digo  
Alcançarás tua gloria verdadeira.

Té quando contra nós, contra ti imigo  
Te mostrarás? obrigue-te a razão,  
Que eu, como posso, a tua sombra sigo.

As mesmas Musas mal te julgarão,  
Serás em odio a nós teus naturais,  
Pois, cruel, nos roubas o que em ti nos dão.

Sejam á boa tenção obras iguais,  
E a boa tenção, e obra á patria sirva,  
Demos a quem nos deo, e devemos mais.

Floreça, fale, cante, ouça-se, e viva  
A Portugueza lingua, e já onde for  
Senhora vá de si soberba, e altiva

Se téqui esteve baixa, e sem louvor,  
Culpa he dos que a mal exercitáram :  
Esquecimento nosso, e desamor.

Mas tu farás, que os que a mal julgáram,  
E inda as estranhas linguas mais desejam,  
Confessem cedo ant'ella quanto erráram.

E os que depois de nós vierem, vejam  
Quanto se trabalhou por seu proveito,  
Porque elles pera os outros assi sejam.

Se me enganey, se tive máo respeito  
Andrade, tu o julga : mas espero  
De te ser este meu desejo aceito.

E em quanto mais não peço , isto só quero <sup>1</sup>.

---

## A ANTONIO DE SA' DE MENEZES.

### CARTA IV.

Minha Musa, que baixa estava tanto,  
Que do chão não se erguia, já levanta  
Em teu grã nome differente canto.

Tu tam alta a poseste, que se espanta  
De como pode, e ousou subir tam alto,  
Que em ti s'ergue, em ti fala, a ti já canta.

E com quanto he tam perigoso o salto  
Em ti, Antonio, está tam confiada,  
Que não lhe chega medo, ou sobresalto.

Alta nobreza em ti tam bem empregada,  
E de tanta nobreza sprito digno,  
O alma bem nascida, e tam bem dada!

<sup>1</sup> O conselho de Ferreira foi rigorosamente seguido por Caminha, que desde essa época em diante só escreveu no patrio idioma.

Tal sprito direy eu claro, e dino  
D'immortal canto, e gloriosa fama,  
Que faz de hum mortal homem ser divino.

Não he aquella nobreza, nem se chama  
Que s'ennobrece só de prata, d'ouro,  
E nelle poem seu estado, gloria, e fama.

Eu vejo aqui, e ali hum grã thesouro,  
Eu vejo armas antigas cá deixadas  
Deste, e daquelle, que matou Rey Mouro;

Mas que aproveita áquelle, de que olhadas  
Sómente são, mostralas por vam gloria,  
Pois que por elle as vemos deshonoradas?

Que lhe aproveita o repetir da historia  
Tantas vezes, e como foy tomada  
A antiga sua bandeira na victoria,

Pois assi como foy do avô ganhada,  
Por elle só tornou ser tam perdida,  
Que quasi ella se mostra envergonhada?

A gloria, e honra á virtude he devida,  
Della nasce, e se cria, e se sostem,  
Não se herda, não se compra, he como a vida<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Patentêo-se n'estes versos os sãos principios philosophicos do eximio poeta, muito acima dos professados pelos seus contemporaneos.

O ouro a terra o cria, a terra o tem,  
Se algũa cousa val, he só por ser  
Hum instrumento bom pera usar bem.

Mas ha, vemos que agora tal poder  
Lhe tem o Mundo dado, que elle manda,  
Elle a virtude julga, elle o saber.

Por cima das estrellas já tal anda,  
Tam soberbo, e tyranno, que cos Geos  
Pouco, e pouco, o que pode, se desmanda.

Lança aos olhos d'alma huns negros véos,  
Com qu'assi a cega, e encanta, que não veja  
Se não suas ricas veas, nunca a Deos.

Entam não lhe falece quem peleja  
Por elle fortemente, em toda parte,  
E telo por seu idolo deseja.

Por suas mãos a vida se reparte,  
Por suas mãos a vida, a gloria, a honra,  
E do qu'a melhor espera, he a pior parte.

O justo, e sabio jaz; e assi os deshonra,  
Qu'he necessario aos tristes contentar-se  
Do que em si tem, e saber que isso os honra.

Esperam quem os erga; mas passar-se  
Vejo dias, e annos, sem o acharem,  
Té que de todo vem desesperar-se.

Que de que vem perderem-se , ou cansarem  
Os bons ingenhos? de que vem a virtude  
Encolher-se? de a rirem assi, e pisarem.

Em tam rijos combates , tam a miude  
Que animo bastará , que fortaleza,  
S'em parte algũa se não vê saude?

Tu vês em que consiste já a grandeza ;  
Em abater o que merece erguido,  
E em levantar aos Ceos toda a baixeza.

Mas a este grande mal tem socorrido  
De pouco pera cá algum tanto as Musas,  
(Mercê de quem nos foy tal dom trazido)

Já agora vão sofrendo mais escusas,  
Vão confessando que foy bom o saber  
Ao Tyranno cruel de Siracusas<sup>1</sup>.

Hûs por dessimular, outros por ver  
A que sabe isto , de que tanto riam,  
Vejo já começar, e proceder.

O bom Rey piadoso ! estes não viam.  
Tu lhes deste olhos novos, com que vem;  
Por dom tam grande as almas te deviam.

<sup>1</sup> Dionysio, denominado — *Tyranno de Syracusa*.

Já esta nossa Terra ingenhos tem  
Das Musas bem criados, mas mal cridos,  
Que sempre o mal anda abatendo o bem.

Ingenhos nascem já, que a ser erguidos,  
D'honrosos louros foram corcados,  
Mas téqui de quem são favorecidos?

Os prémios que ós que correm são mostrados,  
Porque ós ingenhos bons se negarám?  
Sejam-nos bons juizes nisto dados.

Em tua grã prosapia s'acharám  
Insignias triumphaes de Apollo, e Marte,  
Que os olhos, dos que as virem, espantarám.

De quem se não conhece, ou em que parte  
Dos Sás o nome? onde se não fingem  
As proezas, que a fama em mil reparte.

Onde tantos as Musas d'Hera cingem,  
Onde armas victoriosas dão sinal  
Do claro sangue, de que os campos tingem.

S'estas sós duas cousas immortal  
Podem fazer hum nome, que letreyro  
Se póde a este teu nome achar igual?

De palma coroadado, e de loureiro  
Por mão d' Apollo, e Pallas achará  
No Ceo, e na terra o premio verdadeiro.

Mas eu não louvo, Antonio, isto que já  
De longe herdaste, louvo o que em ti vejo  
Que em só teu nome sempre vivirá.

Esse bom zelo teu, esse desejo  
D'honrar as Musas, esse amor tam bom,  
Que eu tanto em nossos Principes desejo.

Dom dos Ceos dado á terra, ó raro dom,  
Que sempre aquelles, que o favoreciam,  
Honraram as Musas com seu alto som.

As leys se violavam, e se rompiam  
Por dar vida aos bons versos Mantuanos,  
Cidades sobre o Grego contendiam<sup>1</sup>.

Os bons ingenhos Gregos, e Romanos  
D'homens, como nós, foram, mas viveram  
Entr'homês bons, e Principes humanos.

As honras, que lhes davam, só lhes dérã  
Sprito, com que assi tam altamente  
Seus nomes pelas terras estendêram :

A honra cria, e faz a arte excellente.

<sup>1</sup> Allude á contenda que entre si travarão sete cidades da Grecia. pretensoras da honra de haver Homero nascido dentro dos seus muros.

## A D. JOAM DE LANCASTRO

FILHO DO DUQUE D'AVEIRO.

## CARTA V.

Que dizes, meu Lancastro, destes sabios,  
Destes cachopos velhos<sup>1</sup>, que desprezam  
Quantos bons Catões ouve, quantos Fabios?

Que dizes destes graves, que se prezam  
D'authorizar com seu juizo o máo,  
Por grandes contas entoado rézam!

Que julgas d'outro louro Meneláo,  
Que com seu corpo, e rosto capitão  
Se faz famoso mais que Agesilao?

Que da carranca deste? da tenção  
D'aquelle? dos spritos, do desejo,  
Dos fumos d'aquelloutro, e opinião?

Estas são as differenças, de' que eu vejo  
Entre nós hoje tantas novidades,  
Que de nellas cuidar me corro, e pejo.

<sup>1</sup> Cachopo significa rapaz, e a phrase *de cachopos velhos* corresponde á de velhos que se querem fazer de moços.

Aquelle, que entre tantas vaidades  
Não he vão, e não vendo hũa só verdade,  
Conhece, e segue todas as verdades :

E entre tantas soberbas a humildade  
Ama só, e quer; e onde se rim do casto,  
Louva, e se abraça com a castidade;

Que chamarás a este? que eu não basto  
A titulo lhe dar delle tam dino.  
Só me contento de seguir seu rasto.

Ditoso tu que és este; a que hum divino  
Sprito rege, e guia; e aos Ceos direito  
Pisando a terra vás seguindo o tino.

Riste deste viver tam contrafeito,  
Que vês nos homês, e dos seus preceitos  
Novos, em que não ha hum só bom preceito.

E quando vês hũs feitos, e desfeitos  
Outros, já não te espantas, como quem  
A toda a inconstancia os vê sogeitos.

O bem sempre por mal, o mal por bem,  
Por virtude o mor vicio, e por prudencia  
O que menos o he, seguem, e crem.

Ao vão prodigo dam magnificencia,  
Chamam o deshonesto, homem de damas,  
E louvam, e ham inveja á incontinencia.

Aquelle, que tu bom, e prudente chamas,  
Que lança suas contas bem lançadas,  
E seu pouco falar, bom, e raro amas,

Frio, e malecioso; e o de danadas  
Entranhas, que c'um riso prazenteiro  
Encobre suas peçonhas simuladas,

He só prudente, e cauto : falso arteiro  
O que conhece bem, e sabe fazer  
Differença do amigo ao lisongeiro.

O cégo pôvo, que não sabe crer,  
Nem estimar se não o que he pior,  
Como te saberá nunca entender?

Do mais inchado titulo, e mayor  
Soberba, e fausto mais se espanta : e honra  
O mais sem honra, e ri-se do melhor.

A' fama serve sempre, e a céga honra  
Com'ao indigno a dá, sem mais certeza;  
Assi lha tira, e deixa em vil deshonra.

Mas esse Real sprito, essa grandeza  
D'animo, esse fugir do vulgo cégo,  
De seus enganos, erros, e baixeza,

Por onde quer, Senhor, que o eu digo, e prégo,  
Em sãoz juizos acha amor, e espanto.  
E que os mais o não entendam, não o nego.

Porém seja cad'hum prudente, e santo :  
S'em vida não, em morte : os que o não crerem,  
O virám crer com lagrymas, e pranto.

Dos outros (por ventura se morrerem  
Antes d'elle) verá todos seus ventos  
Com elles juntamente perecerem.

Quem, como tu, na vida traz taes tentos,  
Quando morrer, começará sua vida.  
Dos outros ficarám os vãos muymentos.

Vive, bom João, e seja conhecida  
Essa alma sancta, sabia, e generosa,  
Dos Ceos, por nosso exemplo, em ti influida.

Despréza a céga gente só engenhosa  
Em seguirem seu mal, e a quem imigo  
Sempre foy o saber, virtude odiosa.

Ouvi sempre dizer, que o mór perigo  
Para o homem era o homem : mas tenha eu  
Credito com Deos n'alma, e só comigo

Paz boa : e seja o Mundo imigo meu.

---

## A JOAM RODRIGUES DE SA' DE MENEZES

NO PORTO.

## CARTA VI.

Antigo pay das Musas desta Terra,  
Illustre geração forte, e prudente,  
Igual sempre na paz, igual na guerra.

Viste-te já louvar da tua gente,  
Viste-te dos estranhos invejado,  
E veste hora viver tam longamente.

Viste o bom socessor desse morgado  
Claro Antonio com netos, que serão  
Herdeiros teus, de teu sprito, e estado,

E vês o grã Francisco, a quem se dão  
As graças de tal Principe, qual vemos,  
Que Deos nos quiz formar de sua mão.

Dos outros que direy? ou que diremos  
De ti, se não ditosos tu, e elles,  
Ditosos nós, pois entre nós vós temos?

Em ti os vemos, e a ti vemos nelles.  
Qual foy aquella estrella, que influyo  
Tal pay, taes filhos, chamá-la-hemos delles?

Mas minha ousada Musa mais subio  
Do que pode, e não pode ir mais avante,  
Querendo te louvar, logo cahio.

Necessaria he tua mão, que a levante,  
Necessario esse sprito, que lh'inspire  
Sprito novo, com que s'erga, e cante.

Dá-lhe tu só favor, com que respire.  
Form'a a tua douta mão, verás grandezas  
Tuas, que o tempo, nem a inveja tire.

A ti, grã Sá, que avendo por baixezas,  
Por sombras, por enganos, e por ventos  
As que a céga opinião chama riquezas :

A ti, que nos Ceos pondo os pensamentos,  
Dalli olhando o vão pôvo lhe fugiste,  
(Eu chamo pôvo onde ha baixos intentos)

Pergunto, se essa estrella, que seguiste,  
T'a mostrou a baixa terra, ou onde a achaste?  
Ou porque meos, com que olhos a viste?

Que vendo-a logo assi lá te apartaste  
Do que se tanto estima; e se na terra,  
E entr'homês vives vaôs, como os deixaste?

Como vives em paz em tanta guerra?  
Como assi estás seguro em taes perigos?  
Como acertas em quanto cá o Mundo erra?

Eu por onde quer qu'olho, vejo inimigos  
Nos homês, nas riquezas, nos estados :  
Tu delles usas só como de amigos.

Outros olhos, grã João, te foram dados,  
Outro sprito dos outros differente,  
Outro alto pensamento, outros cuidados.

Levou-te Phebo d'entre a céga gente  
Aquelle choro dos segredos seus;  
O Mundo dalli viste claramente.

Dalli sayste tal, que já dos teus  
Serás chamado em vida só ditoso;  
Ah se mais alto voassem os versos meus !

O como esse teu nome glorioso  
Vejo ! quam altamente soará  
Sempre o teu epithaphio tam famoso !

Já a ti em vivo te leva; e levará  
Por ti aos Ceos teus filhos o alto exemplo,  
Que em guerra, e em paz ao Mundo ficará.

Quando tal vida, tal saber contemplo,  
Lembra-me, se tu foras n'outra idade,  
Que estatuas já te erguêram, que alto templo.

Mas aquella honra dava a Antiguidade  
As vezes cégamente, outras forçada,  
As mais vezes porém por vaidade.

A muitos foy injustamente dada.  
A ti só fora dada justamente :  
E tanto, quanto menos desejada.

Tu segues o saber por si sómente.  
A virtude amas só polo que val,  
Sem outra cor, e sem outro accidente.

Aos mais dos homês parecerás mal,  
(Eu digo destes homês, que cá vemos  
Feitos todos de terra, e de metal.)

Que julgam as virtudes por extremos,  
E os seus extremos sós não chamã vicios  
Mas elles sam-no, e nós os conhecemos.

Reprehenderám teus santos exercicios,  
De ler, e d'escrever, em que chorando  
Estás seus vaõs desejos, seus officios.

Mas então te vejo ir já levantando  
Mais forte, e mais constante, pois pareces  
Tam differente dos que vás deixando.

Igual premio, bom João, ao que mereces,  
He poderes dizer tu : eu sou só,  
Quem tu, profano vulgo, não conheces.

O que mágoa tamanha , ó que grã dó  
Se deve ter de tam cégos enganos ,  
Confiados em vento, em ar, em pó !

Como se os mores bens fossem seus danos ,  
Assi os aborrecem , e o mal por bem  
Seguem : quando crerám seus desenganos ?

Cégos, que não entendem, que não crem  
Que o homem no corpo he bruto : e semelhante  
A Deos, só no saber, que delle vem.

Hũa ave se achará, que melhor cante.  
Hum bruto mais ligeiro, bravo, e forte,  
Outro, que da só vista mate, e espante.

Tambem verás que algum devinha ' a morte ,  
Outro sabe ferido a herva buscar :  
Em morrer tens com elles igual sorte.

De que te podes, homem , gloriar  
Senão só da razão? se a mal empregas,  
Que nome com razão te podes dar?

Que as féras com ser brutas, com ser cégas  
Seguem o bem , e guardam suas leys :  
E tu quebras as tuas, ou as negas.

<sup>1</sup> Está *devinha* por *adivinha*.

Não são os Reys mais homês por ser Reys :  
Nem vós ó homês fortes, e ligeiros  
Mayor alma que os mais fracos tereis.

Aquelles são sós homês verdadeiros ,  
Que sómente o que he seu , seguem , e amam.  
E quanto mais o seguem , mais inteiros.

Aquelles são sós homês, que se affamam  
Com letras, com saber, com que alumiam  
O Mundo ; e tudo o mais fortuna chamam.

Deste lume alumizados quanto viam  
Desprezavam os sabios : neste está  
Aquelle summo bem , a que subiam.

Com este viste a differença , que ha  
D'hum homem a outro homem; e que baixaza  
He quanto fóra disto o Mundo dá.

Em mancebo mostraste fortaleza ,  
Mas depois no que leste, então soubeste  
Quando esforço se diz, quando fraqueza.

Com isso o Mundo, e a ti mesmo venceste,  
D'ahi só tomando os preceitos seguros ,  
Seguro assi entr'os homês bem viveste.

Agora affirmarás que cavas, muros,  
Baluartes, bombardas, armaduras,  
Petrechos, vallos, minas, contramuros.

Nem por piques<sup>1</sup> trepar, nem aventuras  
Vans de desprezar morte dão victoria,  
Mas prudentes conselhos, e almas puras.

Enriqueceste o peito, e a memoria  
D'altos exemplos dos antigos feitos,  
Que no Mundo deixáram clara historia.

Enchendo a alma sam de sãos conceitos,  
A razão segues, que te leve, e guie  
Pelos caminhos, qu'ao Ceo vão direitos.

Dirás que não he bem que se homem fie  
Nos homês, na fortuna : estarás rindo  
Do vão Mundo, por mais que o contrarie.

Quando mais ocioso, então abrindo  
Os bons livros, regendo estás tua terra,  
Em ti as proprias leys tuas comprindo.

Sempre prestes, e prompto a paz, e guerra,  
No mór descanso mais te temerás,  
Crendo quanto a confiança ás vezes erra.

Assi esse nobre assento; onde lá estás,  
Já de tam longe de teu sangue herdado  
Cos meus, porque se ouve, o sosterás.

<sup>1</sup> Lanças.

De quem , grã Sá , não serás invejado  
Em claro sangue, em feitos, em saber,  
Em que esse antigo nome he celebrado ?

Ditoso tu ; pois soubeste assi viver  
Ou mayor, ou igual aos teus passados.  
Ditoso, que não pódés já temer

Principes, ou fortuna, ou morte, ou fados.

---

## A GARCIA FROIS FERREIRA

SEU IRMÃO.

### CARTA VII.

Quam differentemente Deos reparte,  
Irmão, cos homês as inclinaçoês!  
Ditoso, ao que coube a melhor parte.

Quantas cabeças, tantas condiçoês,  
Quantas condiçoês, tantos appetitos<sup>1</sup>,  
E quaes os appetitos taes tençoês.

<sup>1</sup> Dizemos hoje appetites.

Irás achar num homem taes spritos,  
Que outra cousa mór qu'homem te pareça  
Nas obras, nos intentos, e nos ditos.

Com outro irás topar, que nem mereça  
O nome de homem, antes elle só  
Dirás qu'os outros homês escureça.

E de quaes sobre todos eu hey dó,  
São destes, que não crem, nem lhes parece  
Que foram, como nós, feitos de pó.

Homem ha hi, que cuida que merece  
A Deos ser immortal, e hum so no Mundo :  
Este dirás que a si, e a Deos conhece?

Outro de vil, e baixo no mais fundo  
Da terra anda metido, então dirá  
Que nem quer ser primeiro, nem segundo.

Quem tanto engano desenganará?  
Quem por exemplo claro, ou por figura  
A luz a olhos tam cégos mostrará?

Pareceo já a algūs homês só ventura  
Fortuna, e caso incerto, o que nos traz,  
E volve de hũa em outra desventura.

Mas longe vá de nós, a quem apraz,  
A quem aprovê dar tal nome errado  
A summa providencia, que isto faz.

Muito bem conheceo isto o enganado  
Gentio, que o alcançou naturalmente  
Pelo lume de Deos, que lhe foy dado :

Mas temendo elle mais qu'a Deos a gente,  
Não quis crer o que via, e assi enganou  
Dobrado a si, e o pôvo simplesmente <sup>1</sup>.

Aquelle Deos eterno, que criou  
Este Mundo com quanto nelle vemos,  
Aquelle o regeo sempre, e conservou.

Nós, que isto confessamos, e entendemos,  
Quando mais nos combatem vãs mudanças,  
Então devemos crer mais do que cremos.

Como nossos cuidados, e esperanças,  
Todo nosso propôr, e proseguir,  
Todos nossos desejos, confianças

Mais certas sempre estão em nos mentir,  
Que áquelle fim chegar, que lh'esperamos.  
Que lá de cima só lhes pôde vir.

Estas sombias, Irmão, tras que assi andamos,  
Como sombras se vão de nós fugindo,  
E nós tambem tras ellas caminhamos.

<sup>1</sup> Simplesmente.

Quem inveja averá ao que vay rindo ,  
Se no meo do riso o vê chorando ?  
Quem o vento, que passa , irá seguindo ?

Per'outro fim mais alto caminhando  
Vamos, que tu grão Deos de lá nos guias,  
E tinto de teu sangue o estás mostrando.

As vans mudanças nossas são as guias ,  
Que nos pera lá levam , e tu nos déste ,  
Mas nós seguimos nellas outras vias.

Por isso em quanto vemos nos quizeste  
Mostrar pouca firmeza , e fundamento ,  
Por isso inclinações varias nos déste.

Déste-nos ligeireza ao pensamento ,  
Porque da terra aos Ceos subindo visse  
Que tinhamos nós lá outro firme assento.

E daquelle alto olhando a baixo risse  
Dos jogos, em que andamos todos vaôs ,  
E logo elles deixados te seguisse.

Cansamos os spritos, pés, e mãos  
Tras cousas , cujo fim sempre he mais certo  
As almas corromper, e peitos saõs.

Por estas não tememos o deserto  
Medonho, o mar inchado, a terra crua.  
Ah que depois de avido, he mais incerto.

O quantos vão vôando sem a sua  
Mina d'ouro deixada ao ingrato herdeiro!  
Como podes dizes hũa cousa tua?

Eu vejo que as mais vezes o primeiro,  
Que quiz ser diligente, fica áquem,  
E passa então por elle o derradeiro.

Quem confia pois já no que vê? quem  
No mór seguro não se está temendo?  
Quem debaixo do Ceo póde estar bem?

De quantas cousas ha se está bem vendo  
Hũa roda continua successiva,  
Em que hũs estão morrendo, outros nascendo.

Aquella parte só, que em nós he viva,  
Aquella vive sempre; esta segura,  
Esta livre nos he, nunca cativa.

Esta zomba de acertos, e ventura.  
Ri-se de quanto ha cá pela terra.  
Por nada cégamente s'aventura.

Tu, em quanto o vão Mundo enganado erra,  
E as cousas de mór preço desestima,  
Com estas armas vence sua má guerra.

Não ha signo, não estrella, ou polo, ou clima,  
Que mudar possa a boa tenção constante,  
Qu'os olhos da terra alça, e os ergue acima.

Em nossas mãos nos temos : e diante  
Bem, e mal ; honra, infamia ; pena, e gloria ;  
Sigamos o melhor, por mais qu'espante.

De nós nos nasce ou triste, ou clara historia.  
Vençamos cos bons fins principios duros,  
O mór perigo com a mór victoria.

Ha dous caminhos : hum leva seguros,  
Inda que estreito, aos Ceos spritos claros :  
Outro largo, e mais livre os deixa escuros.

Figura antiga, e triste ! Quem tam caros  
Nos fingio nossos bens ? porque parecem  
Tantos máos caminhantes ? bons tam raros ?

Os homês, que por homês se conhecem,  
Não vem sua natureza alta a que os chama ?  
O que lhe não convêm ? e o que merecem ?

Como do nosso fogo a viva chamma  
Não levantamos, que vá clara abrindo  
A larga estrada da virtude, e fama ?

Larga estrada, não estreita, a quem seguindo  
Com claros olhos for a clara estrella ;  
Que nós com nevoas vans estamos cobrindo.

Apareça a Razão fermosa, e bella,  
Criada em nossos peitos. Ah que amores  
Nos nascerám tam vivos logo della !

Cairám os perigos , e os temores ,  
O campo livre, o Ceo claro, e sereno  
Veremos sem trabalhos, e sem dores.

Vida tam larga por hum tam pequeno  
Momento de miseria, não de vida ,  
Onde m'engana, o que mais fundo, e ordeno.

Memoria gloriosa tam devida  
A virtude, honra, e gloria, por hũa morte, .  
Que as mais das vezes vem não conhecida.

Quem tam enganado he , tam pouco forte ,  
Que não troque por bens hũas sombras vãs?  
Por tudo o nada? o certo pola sorte?

Passam os annos lédos, vem as cãs.  
Morrêram os prazeres, vem tristezas.  
Contentes estão sempre as almas sãs.

Acham bem no trabalho, e nas durezas  
Descanso, vencem tudo ; e a derradeira  
Hora ham por mór bem seu, mores riquezas.

Fortissimos spritos, que a carreira  
De suas coroas lédos, e ousados  
Corrêram desd'a sua hora primeira ,

Sós ricos, sábios, bemaventurados.

---

## A PERO D'ANDRADE.

## CARTA VIII.

Deste meu peito são, em teu são peito  
Candidissimo Andrade, vão seguras  
Minhas palavras chãs, meu nú conceito.

Ivos <sup>1</sup> daqui fingidas, ivos duras  
Linguas, e condições : pura clareza  
Saya de claros peitos, e almas puras.

Rio-me, bom amigo, da estreiteza  
D'algũs curtos amigos, e da ousada  
D'outros livres errada, e vam largueza.

Seja a amizade facil, confiada  
Doce, aprazivel, branda; mas honesta,  
Mas de sam liberdade acompanhada.

Pague-se amor fingido a quem empresta,  
Mas quem bom amor dá, receba-o bom,  
Livre da tenção baixa, e deshonesto.

<sup>1</sup> Ide-vos.

Q que doce armonía, que igual som  
Faz a virtude em dous peitos, que della  
Se ajuntam, se compõem! divino dom!

Eu honro, e honrarei sempre a boa estrella,  
Que tal te me mostrou, e a mim te deu  
De Apollo amor, fama de Filis bella.

Ditosa, e ingrata Filis, deste teu  
Gentilissimo sprito tomo a parte,  
Que os Ceos me déram nelle por bem meu.

Antes deste mortal meu véo se aparte  
Est'alma, meu Andrade, que hum só dia  
Deixe, como assi mesma, já de amar-te.

Tu em meus cégos passos foste a guia,  
Qu'ao Muséo escondido me guiaste:  
Devo-te quanto sem te vêr perdia.

Cresco sempre este amor, com que m'amaste,  
Cresceria tua fama, s'eu pudesse  
Cantar-te igual ao nome, que ganhaste.

Dar-te-hia metaes ricos, se os tivesse,  
Em marmor deixaria em vivas cores  
Vivo esse sprito teu, s'arte soubesse

Igual á dos antigos, hûs pintores,  
Outros em pedras taes, que com suas mãos  
Roubavam á natureza seus louvores.

Mas o Ceo negou-me isto : e esses tam saõs,  
Tam modestos desejos se contentam  
Tambem dos meus desejos todos saõs.

Folgas com versos; versos se presentam  
Meus, quaes são, ante ti : versos dão vida  
Ao digno de memoria, e o accrescentam.

As Musas cantam : dellas he sabida,  
Não de metaes, de cedros, de esculpturas  
A fama aos claros feitos concedida.

Caem as estatuas, gastam-se as pinturas;  
Aquelle brando canto he só mais forte  
Contr'o tempo, que ferro, ou pedras duras.

Contra fogo, contra agoa, e contra a morte  
Fica soando sempre : ó tu ditoso,  
A quem tam grande sprito coube em sorte.

Teu bom verso te canta, glorioso  
Faça teu nome, em todo Mundo saya  
Tal som, que seja amado de invejoso.

Qu'em tam ingratos tempos hora caya,  
Em tão duros ouvidos, outra idade  
O cantarà daqui á Oriental praya.

Se tão ousada fosse a liberdade,  
Como he o engano falso, eu ousaria  
Mostrar contra mil erros a verdade.

Em vão o desejo, em vão me queixaria.  
D'estes juizos cégos, que igualmente  
Gostam da Musa doce, e Musa fria.

Louvem-se os bons intentos, céga gente,  
Louvem-se as boas obras, bons spritos,  
Não seja o máo co bom indifferente.

Hús ditos serem graves; outros ditos  
Baixos, e despejados: d'hum louvor  
Quereis pagar os bons, e os máos escritos?

Que gosto, que esperança, que fervor  
Acenderá hum peito, que s'inflame  
A cantar, ou chorar o féro Amor?

Que os claros feitos erga? Heróes affame?  
Armas de pó victorioso ornadas,  
Que milagres depois o Mundo chame;

Se tão rudes estão, se tão cerradas  
As orelhas ao som, que de Ennio a Maro  
Não fazem as differenças aprovadas?

Não sabem o escuro conhecer do claro,  
Proprio do improprio, não do brando o duro.  
O vulgar baixo, do bom grave, e raro.

Isto está leve, e frio; isto maduro,  
E doce; o estylo aqui vence o conceito;  
Aqui o conceito he bom, o estylo escuro.

Como os sem arte, como os sem preceito  
Tal estreiteza de arte, e de preceitos  
Notarám? quem não tem mais alto obgeito

Que seguir seu juizo nú, que aceitos  
Versos fará a Horatio, digo ás Musas?  
Que os que desfaz, das Musas são desfeitos.

O bom louvas Horatio, o máo accusas,  
De bons ingenhos mestre artificioso,  
Não sofres falsas cores, vãs escusas.

Grave censor das Musas, quam iroso  
Te mostras contr'aquelles máos profanos,  
Que se ousam coroar de louro honroso!

Suem, e tremam, gastem bem seus annos,  
Em teus preceitos, virám mais seguros  
Em ti, menos confiados em enganos.

Aquelles versos teus, doces, e puros  
Entenda eu sempre, e siga; elles abrandem,  
Elles dem graça aos meus frios, e duros.

A ti leam, grã Flaço <sup>1</sup>, apos ti andem  
Meus olhos, trás os que tambem te seguem,  
Como o bom Sá Miranda (a que os Ceos mandem

<sup>1</sup> Refere-se a Horacio, cujo appellido era Flaco.

Cantar mil annos cá, e então se entreguem  
D'aquelle raro sprito) a estes contente  
Meu verso, minha prosa; os cégos ceguem.

Não sofrem as altas Musas meamente  
Serem tratadas : tanto que do extremo  
Hum pouco deço, cayo baixamente.

Quem sprito me dá? como não tremo?  
Como ousou tentar tanto? vós sabeis  
Musas, quanto vos amo, quanto temo.

Soberbas confianças não sofreis,  
Humilde imitação is levantando,  
De juizos vaões, leves não pendeis.

Andrade, eu vou seguro desprezando  
Ingenhos mal criados, a hum só certo  
Juizo, bom, fiel sempre me atando

Juizo, que conheça ao longe, e ao perto,  
Que saiba comparar á boa pintura  
O bom poema em tudo vivo, e esperto.

A fria allegoria, a má figura,  
A historia ou mal tocada, ou mal seguida.  
A fea afeitação, sentença dura.

Sentença boa, porém mal trazida.  
Palavras muito novas, muito antigas,  
Arte ou demasiada, ou esquecida.

O decóro, que quer que hũa cousa digas,  
Outra cales, em outras vás detendo  
O leitor, isto fujas, isto sigas.

De quem m'isto apontar, irey pendendo,  
Ou me louve, ou reprenda, gente céga,  
Nem os estimo, nem me vão movendo.

Negue-me Louro Apollo, Pallas nega  
Teu bom fervor, e sprito, se eu mal quero  
Aquelle ingenho bom, que bem se emprega.

Amo-o, honro-o, e sigo-o; o inculto, e féro  
Em si só confiado não me apraz:  
Eu, Musas, a vós sigo, em vós espero.

Jaz vosso nome baixo, e escuro, jaz  
Mal entendido; vinde, desfazey  
Tal guerra contra vós, deixay-nos paz.

Vinde Musas armadas, soccorrey  
A vossos Louros, e Heras, que forçadas  
Vos levam os que não guardam vossa ley.

Sejam as boas cabeças coroadas  
Das sempre verdes folhas, outras sejam  
De vossos sacros bosques desterradas.

Trazei-nos vossa luz, para que vejam  
Quam longe estaes, quam altas, quanto acima  
Dos que em vão a chegar-vos se despejam.

Doutrina , arte , trabalho , tempo , e lima  
Fizeram aquelles nomes tam famosos ,  
Por quem a Antiguidade se honra , e estima .

Ah quem sofre huns Cheryllos tam pomposos  
Aquelles altos nomes ir tomando ,  
Que foram aos que os ganháram tam custosos ?

Magoas'o bom sprito , se roubando  
Lhe vão seu preço , e a quem não he devido  
Juizos enganados o estão dando .

Hum bom ingenho quer ser entendido .  
Não quer thesouros , pede ouvidos puros ,  
Em que seu verso caya bem sentido .

Levavam pedras , levantavam muros ,  
Amansavam Lioês os doces cantos ,  
Agora os homês sós lhes são mais duros .

Quem me dêsse a tal mágoa assi iguaes prantos ,  
Que aquelles duros peitos desfizesse  
De quem soccorrer pôde a males tantos ?

Quem vida livre , quem já tal tivesse  
Authoridade , ó Principes , que á honra  
Do verso , antiga , e grande vos movesse ?

Não vos honram thesouros , não vos honra  
Rico cetro , alto estado , o mar , e a terra :  
Quantos isso danou ! quantos deshonra !

Por escritos viveis muitos em guerra,  
Muitos em paz já ganharíeis gloria;  
Mas sabe-o a morte só, que tudo enterra.

Quanto mais cá soára a alta memoria  
Que nos deixou o grã Grego, que o Mundo  
Correndo foy com guerra, e com victoria,

Se daquelle alto, heroico, e facundo  
Cantor de Esmyrna só fora entoado  
Seu nome dos antigos sem segundo!

De Lysippo esculpido, e só pintado  
D'Apelles tavoas <sup>1</sup> duras perecêram:  
Os papeis cremos só, de que he contado.

Nelles se vê com quanta gloria ardêram  
De Grecia, os Frigios muros <sup>2</sup>; da alta Roma  
Como da terra aos Ceos outros s'erguêram.

O Portuguez-Imperio, que assim toma  
Senhorio por mar de tanta gente,  
Tanto barbaro ensina, vence, e doma;

Porque assi ficará tam baixamente  
Sem Musas, sem sprito, que cantando  
O vá do Téjo seu, ao seu Oriente?

<sup>1</sup> Taboas por quadros, pela figura metonymia.

<sup>2</sup> Os muros de Troya, colonia phrygia.

Principe (mágoa nossa, que chorando  
Sempr'estarey) tu cedo levantáras  
Algum desses spritos, qu'hias criando.

Quam docemente, grã João, soáras  
Em todo Mundo vivo! morto soa :  
Honrem-te as Musas, que tu tanto honráras.

Quantos de tua mão justa coroa  
De louro recebêram ! quantos de heras !  
Herde teu filho tua tenção tam boa.

Já ha muito , meu Andrade, que me esperas.  
Levou-me mágoa grande do mal nosso :  
Iram-me condições de gentes féras.

Não posso o que desejo, o que só posso  
Te digo : está este tempo todo em preço ;  
Não pôde hum ingenho já, Musas, ser vosso.

Do que esperey algũ'hora, em vão me deço.  
Cante, quem canta ao som dos seus louvores.  
Qu'eu nem os acharey, nem os mereço.

Esfriassem-se em mim meus vaõs ardores,  
Tivesse boa paz sempre comigo,  
Outros cantassem Reys, e Emperadores.

Sempre aos mais dos ingenhos foy perigo  
Escrever : os bons temem ; escrevam ousados  
Esses, que tem grã credito consigo.

Ditosos os que vivem bem calados  
Metidos em si mesmos, e contentes  
De não serem ouvidos, nem julgados.

S'em mim algum juizo, ou amor sentes,  
Ou não escrevas, ou s'escreves, pende  
D'hum só juizo certo, a que contentes.

Daqui nasce o louvor, d'aqui s'estende  
Por todo Mundo; em toda parte val;  
O que hũa vez he bom, nada o offende.

As vezes se diz bem, melhor, e mal;  
Assi se faz o livro: o bom prudente  
Louva o bom, risca o mal, em tudo igual.

Não dissimula vicio: se o consente  
No amigo, fallo seu; o amigo puro  
Em ti, como em si mesmo, he diligente.

C'um olho só, que vejas, mais seguro  
Irás, que com mil cégos: põem diante  
Outra idade, outro tempo menos duro.

Dos mais claros Heróes hum, que cante  
Escolha teu sprito, Real sugeito  
Tens na alta geração do grande Iffante<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Infante.

Ergue-te, meu Andrade, arça<sup>1</sup> esse peito  
Inflâmado d'Apollo, cante, e soe  
Igual tua voz ao teu tam alto obgeito.

Ouçá-se o grã DUARTE<sup>2</sup>, por ti voe  
Pelas bocas dos homês; de sua mão  
Inda Pallas, ou Phebo te coroe.

Em mim, Amigo, tens hum peito são.  
O mór preço te dou, tal mo tens dado.  
Ensina-me no qu'erro: á tua razão,

Como a teu bom amor, fico obrigado.

---

## A D. JOAM DE LANCASTRO,

FILHO DO DUQUE D'AVEIRO.

EM COIMBRA.

### CARTA IX.

Se te conheço bem, dessas Athenas<sup>1</sup>,  
S'lá achasses, Senhor, me mandarias  
Pera fugir de cá ligeiras penas.

<sup>1</sup> Arda.

<sup>2</sup> O infante D. Duarte, duque de Guimarães.

<sup>3</sup> Os antigos usavão da palavra Athenas no plural, ainda na acceção de uma só cidade d'este nome.

Que tristes horas cá, que tristes dias  
Vejo passar em duvidosa sorte  
Imiga de descanso, e de alegrias!

Não conheço eu hum coração tam forte,  
Que não tremesse, vendo só pintada  
Tal figura de vida, antes de morte.

De que fio tam fraco pendurada  
Vejo tanta honra, tantas esperanças,  
De que tanta soberba confiada!

Vio já o Mundo, já chorou mudanças  
De tempos, e fortunas; nós choremos  
Nossas tam mal seguras confianças.

Inda as almas magoadas, inda temos  
Os olhos molles da dor nossa, e o sprito  
Já ao qu'antes andava sometemos.

Quem sabe o que nos Ceos estará escrito?  
Esperemos bem sempre, mas temamos,  
Em quanto tarda, a Deos suspiro, e grito.

Com dores, e com lagrymas compramos  
Nosso remedio : com cuidados vaõs,  
Com risos livres mal o seguramos.

Eis os arropendidos, eis os saõs  
Peitos já outra vez, quaes d'antes eram,  
Eis as linguas primeiras, eis as maõs.

Aquellas immortaes graças, que déram  
Com tamanho fervor a Deos, quam cedo  
S'esfriáram nas bocas, e morrêram !

Passou a onda já, passou o medo  
Apparecido o Norte, nos seguros :  
Mas quem no-lo terá senão Deos quedo?

Thesouros soterrados, altos muros,  
Diligencias humanas ah que valem  
Mais que innocentes maõs, e peitos puros !

Aos bons nunca falta que bem falem.  
Mas quantos ousam? de quem são ouvidos?  
Dá-se cá grande preço a homês, que calem.

Outros em commum dano só são cridos :  
Falsos censores de innocentes, quantos  
São d'essas livres linguas destruidos !

Destruidores de conselhos santos,  
Conselheiros crueis de vosso bem,  
Custe alheos suores, sangue, e prantos.

Hum peito livre, que tyrannos tem !  
Quem se levantará contra hũs imigos,  
Em que tantos adoram, tantos crem?

Em toda a parte enganos, e perigos,  
Como se salvará hum perseguido  
D'irmaõs, e de parentes, e de amigos?

O triste, que suspira, como ouvido  
Será entre tantos risos? mas s'em vão  
Aqui suspira, aos Ceos sobe o gemido.

Destes suspiros baixos quantos vão  
Buscar vingança! tarda ella, mas quando  
Chega, que altas grandezas põem por chão!

Tantas mortes sobre outras, que espantando  
Sempre estarám, suspiros as trouxeram,  
Que aos Ceos caladamente hiam bradando.

Nunca sem grandes culpas cá vieram  
Castigos grandes, grande foi o nosso:  
Quaes as culpas serám, que o mereceram?

Desejo falar livre, mas não posso.  
Nunca se veja o que eu daqui já vejo,  
S'ao longe, Musas, vê hum sprito vosso.

Humanissimo Joam, eu não desejo  
Viver dependurado de vaidades,  
Onde o bem he nenhum, e o mal sobejo.

Não queria adorar hũas vontades  
Divinas, que cá fazem céga gente  
Tornada a outras vans gentilidades.

Não me sofre o sprito, não consente  
Que o qu'eu por mais vil tenho, estime, e adore  
Polo mais precioso, e excellente.

Não me poderei ter, que ao menos chore  
Baixissimos spritos levantados,  
Em que, como forçada, a honra more.

Merecimentos mal galardoados :  
Almas claras, sans linguas, peitos fortes  
Esquecidos de todo, e desprezados :

Animo, e fé leal por tantas mortes  
Por tantos fogos, e ondas já apurada  
Igual como outra baixa, ás communs sortes.

Que me aproveita a lança ensanguentada  
No peito do Rey mouro, se aventuro  
Perder a vida, e não ganhar cá nada?

Não ha triumphos já, não quebrar muro,  
Não coroas de palma, não de louro.  
Ah tempo a todo bem ingrato, e duro!

Esta he a idade, que chamáram d'ouro.  
Tudo obedece só a este Tyranno.  
Tanto valho, Senhor, quanto enthesouro.

Mas eu queria, só livre de engano  
De mim mesmo, e dos homês, viver tal,  
Que sempre hum esperasse o dia, e o anno.

Queria hum bom estado meão, igual  
Em todo tempo, hũa fortuna honesta,  
Que bastasse livrar-me de obrar mal.

O que convêm á vida, he o que presta.  
Máo sempre, ou perigoso o que sobeja,  
Que logo torce á via deshonestá.

Fujo daquillo, que se mais deseja.  
Não quero eu amar tanto meus herdeiros,  
Que minha morte desejada seja.

Não quero ser contado entre os primeiros;  
Disto só me contento, a isto chegasse  
Que o primeiro fosse eu dos derradeiros,

Nem invejado fosse, nem invejasse.  
Assi com meu sprito sossegado  
Em tudo a meu estado m'igualasse.

Ah meu Lancastro, se me fosse dado  
Remedio de fugir das tempestades,  
Em que anda todo Mundo levantado;

Em que por mim passassem mil idades,  
Por todas lédo, e rico passaria,  
Com só fugir vãs cortes, vãs Cidades.

No verde campo me amanheceria,  
Veria o Sol saindo roxo, e claro  
A grossa nevoa alçar, dourando o dia.

O que hão no Mundo por melhor, mais raro  
Desprezaria; hum só murmúrio brando  
D'agoa corrente me seria charo.

Não ás soberbas portas esperando  
D'alta casa acharia a triste gente,  
Que tam continua em vão anda velando.

Não de marmores altos, e esplendente  
Pedra estranha, lavrada por nova arte  
De finas tintas, e ouro reluzente

Ergueria columnas : não por parte,  
Qualquer que fosse, levaria forçados  
Quantos achasse; não do féro Marte

A funesta trombeta, os tristes brados  
Me soariam, não os golpes duros,  
Nem as quédas dos muros arrasados.

As minhas torres, os meus altos muros  
Sejam quieto sprito, e vida pura,  
Em que meus pobres bens estem <sup>1</sup> seguros.

Meus pensamentos sejam na pintura  
Do Ceo vario, e fermoso, que me está  
Mostrando outra mais alta fermosura.

Outra alta fermosura, que eu de cá  
Vendo, quanto se vê na baixa terra,  
Fastio ós olhos, pejo ao sprito dá.

<sup>1</sup> Estejão.

O doce campo, ó deleitosa serra,  
Valles sombrios, claras, e correntes  
Fontes, que bem secreto em vós s'encerra!

Em vós vivêram as primeiras gentes  
Antigos padres <sup>1</sup> nossos, santa idade  
Toda de mãos, e peitos innocentes.

Em vós a alva innocencia, a sam verdade,  
Igual justiça andavam companheiras  
Da boa fé, da limpa castidade.

Por vós, passando em vós, as derradeiras  
Pégadas cá deixáram aos Ceos subindo  
Da terra, ás suas moradas verdadeiras.

Alli as brandas Musas, que seguindo  
Vou com tanto desejo, de hera, e louro  
Algũ'hora me estem a fronte cingindo.

Partam outros o mar, soterrem ouro.

---

<sup>1</sup> Pais.

## A MANOEL DE SAMPAYO

EM COIMBRA.

## CARTA X.

Das brandas Musas dessa doce terra  
Pera sempre apartado choro, e gemo  
Em vaõs cuidados posto, em dura guerra <sup>1</sup>.

Sampayo, ah que não vivo, ah que arço, e tremo,  
Com medo dos perigos, que cá vejo  
Taes, que do só seu rosto pasmo, e temo.

Aristippo <sup>2</sup> por mestre aqui desejo,  
Que com seu livre desvergonhamento  
Soltasse minha lingua, e inutil pejo.

Tudo se vence cá com atrevimento,  
Com lingua ousada, e mãos, com não temer  
Compôr a proa a todo mar, e vento.

<sup>1</sup> Allude Ferreira á sua ausencia de Coimbra, d'onde sahira para exercer as funcções de magistrado em Lisboa.

<sup>2</sup> Philosopho grego, chefe da escola sensualista.

Mas eu vou-me com Diogenes meter  
Dentro em mim mesmo : e aquelle doce espaço  
Me não lembra mais Mundo, ou mais viver.

Quanto Mundo alli rio! alli desfaço!  
Que novos Mundos crio! quantas vezes  
Mouro <sup>1</sup> comigo alli, quantas renaço!

Ditoso aquelle, que contando os mezes  
De sua idade vai alegremente,  
Sem ouvir de Hespanhóes, nem de Francezes.

Ditosa, ó quam ditosa aquella gente,  
Que em sua simplicez <sup>2</sup>, sam rusticidade  
A noite tras o dia vê contente!

Quam triste, e dura vida a da Cidade  
Chea de pôvo vão! quam perigosa  
A da Côrte a toda alma, a toda idade!

Esta Cidade, em que nasci, fermosa  
Esta nobre, esta chea, esta Lisboa  
Em Africa, Asia, Europa tam famosa,

Quam differente em meus ouvidos soa,  
Quam differente a vejo, do que a vê  
O sprito enganado, que no ar voa!

<sup>1</sup> Morro.

<sup>2</sup> Simplicidade.

Este idolatra pôvo, que só crê  
No thesouro seu Deos, assi se céga,  
Qu'em al<sup>1</sup> não cuida, ou escreve, ou fala, ou lê.

Que fé, que sangue já, que amor não nega  
Polo seu amor proprio? que alma, ou vida  
Lhe não dá, lhe não vende, ou não entrega?

Aquella grã rua nova conhecida  
Por todo Mundo, que outra cousa conta  
Senão da náó ganhada, ou náó perdida?

Ah que triste miseria, ah grande afronta,  
Não ousar levantar-se hum bom sprito  
A outro cuidado, outra mais alta conta!

Quãm claro aquelle, que ou pôr feito, ou dito  
Deixou nome immortal, e glorioso  
Exemplo aos seus em proveitoso escrito.

Igualmente direi sempre ditoso,  
Ou quem fez cousas dignas de memoria,  
Ou quem pôs em memoria o proveitoso.

Esta he a vida, esta honra, esta he gloria  
Tam amada daquelles, que deixáram  
Em guerra, e em paz ao Mundo clara historia.

<sup>1</sup> Em outra cousa.

Quam prodigos das vidas derramáram  
Seu generoso sangue , quam contentes  
Por boa morte as vidas <sup>1</sup> venturáram.

Roma, a grã Roma Emperatriz das gentes  
Com que a soberba Grecia escurecco?  
Com que tornou suas terras obedientes?

Com gloriosa inveja se moveo  
Usar das gregas leis, com sua doutrina,  
Com suas proprias armas a venceo.

Com ellas todo mar, e terra inclina  
As vencedoras Aguias, que voando  
Levam por todo Mundo a honra latina.

Aquillo , a que se vão affeiçoando  
Nossos olhos , e sprito , ou tarde, ou cedo  
Nos levam , se os deixamos ir levando.

Tambem tem seu começo o esforço, ou medo,  
Seu começo o desejo , ou odio d'honra,  
Vem azos, passa o tempo, não está quedo.

Quem seus olhos alçou áquillo, que honra,  
E aceso de sua gloria o foy seguindo  
Té fim, tudo o mais baixo há por deshonra.

<sup>1</sup> Por aventurárão.

Quem a vontade assi zombando, e rindo  
Deixou levar apòs seu cégo gosto,  
De todo mais saber s'está sorrindo.

Vês aquelle tornar com lédo rosto  
Do sangue, e suor das armas bem corado,  
Defendendo o lugar, em que foy posto,

Quam confiado chega, quam olhado  
Por onde quer que vai, quam recebido  
D'homês, quanto de damas festejado?

Vês d'outra parte estoutro, que perdido  
Seu tempo, seu desejo, baixo, e vil,  
Não entr'aquella gente conhecido?

Tantos dobroês antigos num ceitel  
Infame, e vergonhoso se tornáram,  
Qu'ás vezes anda em vão pedindo a mil.

Ambos suas estrellas os leváram.  
Mas hum seguio sua boa; outro da má  
Não quis fugir, que ellas nenhum forçáram.

Quam caro custa o bem, que o Mundo dá!  
Sempre em dor, ah sempre em arrependimento  
O mór seu gosto acaba, e acabará.

Spritos vagos, vaõs, como do vento  
Viveis? como seguís quem tanto dana?  
Em que assi descansais o pensamento?

Ah, que hum só doce canto nos engana  
De sereas crueis, que no mór mal,  
No mór perigo em vão nos desengana!

Quanto, Sampayo meu, quanto mais val,  
Meu bom amigo, hum ocio, livre, e honesto,  
Que as Indias guerrear de Portugal!

India, Guiné, Brasil, e todo resto  
Do Mundo, a que nos chama, a que convida  
Em Mundo, assi ambicioso, e deshonesto?

Que bem, que alegria ha, que destruida  
Não seja de mil males, que em espreita  
Parece que tem sempre nossa vida?

Busquemos hũa estrada mais direita  
Amigo, com saude, e com descanso  
De vida, inda que humilde, aos Ceos aceita.

De fresco prado pelo rio manso  
Em leve barco, verde de mil ramos,  
De mil flores rememos manso, e manso.

Mais ondas, mores mares não queiramos;  
Com nossa baixa véla, mas segura  
Cheguemos ao bom porto, a que guiamos.

Tu em castos desejos alma pura  
Sammente contemplando, já mais que homem,  
No que te deu teu sprito, não ventura.

Eu em quanto hūs cuidados crueis me comem ,  
No que me representam enlevado ,  
Iremos , té que os veja , ou que mos tomem .

Sprito meu , sprito tam cansado ,  
Descansarias hora , se chegasses  
Aquelle teu bom fim tam desejado .

S'esta minh'alma triste perguntasses  
Sampayo , de que vive , ou em que espera ?  
Sey que de seus desejos só chorasses .

Quem me déra no Mundo , ah quem pudéra  
Ter contigo hũa vida , qual desejo ,  
Qu'a ambos prazer , e offensa a ninguem déra !

Pendurado ando todo d'hum desejo .  
S'eu algũ'hora o visse , tu verias  
O claro fogo , em que arder me vejo .

O doces , ó ditosos os meus dias ,  
S'a tal estado chegam , qu'igualmente  
Os passassemos inda em alegrias !

Não alegrias , quaes as quer a gente ,  
D'alvoroços , de festas , de pandeiros ,  
Mas d'amor , de prazer , qu'alma só sente .

Ao som das agoas , sombra dos ulmeiros ,  
No doce collo de sua mãy fermosa  
Fermosos visse eu inda os meus herdeiros .

Não soberba, não seca, não pomposa,  
Mas branda, humilde, casta, sábia, e santa,  
Fermosa sempre a mim, nunca queixosa.

Já a vejo, já se assenta, já me canta  
Ao som da doce lira, os doces cantos,  
Que eu não compunha em esperança tanta.

Alli vejo acabar meus tristes prantos :  
Alli novos prazeres, novas festas  
Nascem d'amor, e de deleites santos.

Tu chegas, meu Sampayo, e alli me emprestas  
Toda tu'alma, todo teu bom siso,  
Com que esta minha vida mais honestas.

Temperas gravemente o solto riso  
De meu contentamento : e então m'ensinas  
Subir por este ao outro Paraiso.

Pisando hora a herva verde, hora as boninas  
Roxas, azueis, e brancas desfolhando,  
Com historias humanas, e divinas.

Vejo-me estar ouvindo, a ti contando,  
Pendendo da tua boca, té que as horas  
De mudar o lugar nos vem chamando.

Ajunta o precioso ouro, que adoras,  
Avaro cobiçoso, taes riquezas,  
Que avidas temes, que perdidas choras.

Procura honras, estados, e altezas  
Ambicioso vão, farta esse peito,  
Que em fim contigo acabam essas grandezas.

Visse eu do que desejo santo effeito  
Com saude, com livros, com meam vida,  
Com ter de mim em minh'alma bom conceito;

S'ella mais desejar, não seja ouvida.

---

## A DIOGO DE BETANCOR.

### CARTA XI.

Que poderosas hervas nessa Beyra,  
Que agoas tam esquecido te tornáram,  
Tam cru, meu Betancor, ao teu Ferreira?

Se novas Nymphas, novo amor criáram  
Nesse teu brando peito doce fogo,  
Nas minhas tuas chãmas se esfriáram.

Entra zombando, entra entre riso, e jogo  
Brandamente o Amor, e então se mostra,  
Quando já não aproveita choro, ou rogo.

Qu'arte, que graça põem nua só mostra!  
Que viveza, que força, quando a esconde!  
Quam sabiamente finge o que demostra!

Minino, que não fala, nem responde,  
Mas com aquelle silencio póde tanto,  
Que sentimos a força, sem ver donde.

Eu em suas cousas já perdi o espanto.  
Conhecido me fez em toda parte  
Com tristes vozes, com saudoso canto.

Já provou toda a força, já toda arte  
Nesta alma, em que só quis fazer vingança  
D'offensas, em que a triste não tem parte.

Moço cruel, que á minha conta lança  
As offensas, e as iras, de quem sabe  
Ter só pera meu mal de mim lembrança!

Não permittam meus fados, que eu acabe  
Em tanto dano meu, tam grã perigo.  
Em que nem força val, nem razão cabe.

Inda que assaz conselho tens contigo,  
Ouve porém, em quanto sofre a idade,  
O que te lembra, amigo, hum teu amigo.

Quanto vay do engano, á sam verdade,  
Tanto vay d'hum amigo ao lisongeiro;  
Hum te fala á razão, outro á vontade.

Esse sprito tam puro, tam inteiro,  
Nascido pera honra, e pera gloria,  
Não o deças em baixo cativeiro.

Não to levem em triumpho, em vam victoria,  
Mas vergonhosa a ti, baixos affectos<sup>1</sup>,  
Que á vida, e alma deixam baixa historia.

Enche de tenções altas teus conceitos,  
Iguaes áquella sancta alta doutrina,  
Que entra de livros sanctos em saõs peitos.

Sogiga<sup>2</sup> teu juizo, e todo o inclina  
A firme, e verdadeira fé, sem que  
Nenhã alma criada he dos Ceos dina.

Engana-se o olho fraco no que vê.  
Engana-se o juizo confiado.  
Só a humildade entende, adora, e crê.

Ditoso sprito, bem aventurado,  
Que aprende só de Deos, que de Deos fala  
Já em corpo mortal aos Ceos levado!

Começas; ouve agora : crê, e cala :  
Vay seguro na fé dos que te guiam,  
Té que Deos pera os outros te dê fala.

<sup>1</sup> Affectos.

<sup>2</sup> Subjuga.

S'algũs mãos movimentos te desviam  
(Por ventura d'Amor) do sancto estudo;  
Teme em ti o que em mim todos temiam.

Quam pouco ha que me vias surdo, e mudo  
Pera ouvir, e pedir cura a meu mal,  
Entrou conselho bom, curou já tudo.

Mudou-se aquelle amor em outro igual,  
Mas d'outro novo fogo casto, e puro,  
Que quanto mais vivo he, tanto mais val.

Não quero ser tam largo, nem tam duro  
Que t'ate todo, ou solte livremente,  
Fazet'aqui somente forte muro.

Cousa sancta, mas rara, alma innocente  
Em poucos se acha : cahirás hũ'hora,  
Logo em te levantar sê diligente.

Já que a mór perfeição não chega agora  
O Mundo fraco, aquelle he o melhor,  
Que menos máo dentro he, meuos de fóra.

O pequeno erro público he maior  
Que os maiores secretos : o segredo  
O mór dos erros grandes faz menor.

Tanto póde a vergonha, tanto o medo,  
Que ou esonde, ou encolhe : onde falecem  
Estes, tras o mal vem castigo cedo.

Mas os spritos bons não obedecem  
Por força : só a razão , só a virtude  
Os leva tras o bem , que alli conhecem .

Ama tu'alma , ama tua saude :  
Não empeça hũa á outra , andem confórmes :  
Irmammmente hũa á outra sempre ajude .

Se ris , s'estudas , vélas , andas , dormes ,  
Não receba do corpo o sprito dano ,  
Nem todo em puro sprito te transformes .

Cos homês , cos amigos sê humano .  
Fuge de pesadumes , de tristezas ,  
Que te farám soberbo , ou deshumano .

Quem se põem logo em duras estreitezas ,  
Que a idade não sofre , esfria , e cansa ;  
Vem-se depois soltar em mil larguezas .

Sam alma em corpo são , condição mansa ,  
Boas falas , boas graças , brando riso  
Alegra a vida , e sua dureza amansa .

Convem viver assi entre jogo , e siso  
Com nossas horas sempre revezadas ,  
Não perdendo das almas bom aviso .

No mór seguro são mais salteadas  
D'honras vans , d'esperanças , crueis imigos ,  
De que nos bons spritos são tentadas .

Trazem dissimulados seus perigos.  
Não te cansem inda agora esses cuidados.  
Repousa o pensamento cos amigos.

Nunca os sanctos desejos desprezados  
Foram dos Ceos; quem de lá os vê nas almas,  
Os faz claros aqui, nos Ceos honrados.

Despreza os Louros vaões, soberbas Palmas  
Dos que vencem os homês, não a si;  
Se te vences, ao Ceo levanta as palmas.

O que sempre em teu sprito conheci  
Te levantará cedo ao que mereces,  
Claros sinaes desta verdade vi.

Ditoso tu, que já por ti conheces  
O que deves seguir, o que deixar;  
Mais ditoso, se já bem te obedeces.

Quando dos livros sanctos te cansar  
O grave estudo, vai-te á natureza,  
Em que aprendeste bem philosophar.

Medirás com desprezo a redondeza  
Baixa da terra, quando os olhos cheos  
Trouxeres do alto Ceo, da clara alteza.

Rirte-hás das cégas sombras, dos rodeos,  
Com que aquelles Gentios foram dando  
Com a verdade por escuros meos.

Outra mais clara luz alumando  
Nossa cegueira foy; luz, que alumia  
Todo o que com bom zelo a vai buscando.

Acharás na moral philosophia  
Bons preceitos, a fim de amor, e paz  
Aos Ceos da terra necessaria guia.

E que sem bom amor a Deos apraz?  
Em vão vive, em vão obra, em vão deseja,  
Quem o bem, que deseja, a outro não faz.

Nem de ti desprezada tambem seja  
Das nove Irmãs a grave, e doce lira,  
Que teu peito inquieto assente, e reja.

Deleita suavemente, amansa a ira,  
Compoem nossos affeitos : move, abranda :  
Inspira altos conceitos, baixos tira.

Dom divino, dom raro, quam baixo anda !  
Mas tu o levantarás cedo, se queres  
Soltar ao doce som tua voz tam branda.

Se todo tempo ao grave estudo deres,  
Como arco sempre armado ficarás  
Com menos força, quando a mais quizeres.

Porque, meu Betancor, não cantarás,  
S'ao som da harpa o sancto Rey cantava?  
Porque o divino dom desprezarás?

Hora triste , hora alegre temperava  
Do psalteiro divino as altas cordas ,  
Em público , em secreto a voz alçava.

Quam docemente dormes ! como acordas  
Co peito sossegado , que adormece  
Ao doce som , que tu tam bem concordas !

Não te falece lyra , não falece  
Sprito : Grecia , Roma , Italia , Hespanha  
Sua lira ao teu canto te offerece.

Hora entoarás o triste engano , e manha  
Do incendio Troyano ao som mais grave  
De quem lhe deu , cantando-o , honra tamanha.

Hora daquelle moço , que como ave  
Voando entre nós anda , e despejando  
Seu coldre a elle leve , ás almas grave.

Meu Betancor , assi se vay passando  
Este desterro nosso , tu procura  
Por contente viver , té que voando .

Vamos desta baixaza á clara altura.

---

## A DIOGO BERNARDES.

CARTA XII<sup>1</sup>.

Fez força ao meu intento a doce, e branda  
Musa tua, Bernardes, que a meu peito  
Dá novo sprito, novo fogo manda.

Como hum juizo queres, que sogeito  
Vive a tantos juizos, se não guarde  
De tanto riso, e rosto contrafeito?

Quanto em mim mais das musas o fogo arde,  
Tanto trabalho mais por apagalo,  
Quanto o silencio val, sabe-se tarde.

A medo vivo, a medo escrevo, e falo,  
Ey medo do que falo só comigo;  
Mas inda a medo cuido, a medo calo.

Encontro a cada passo c'um imigo  
De todo bom sprito; este me faz  
Temer-me de mim mesmo, e do amigo.

<sup>1</sup> Recommenda-se esta carta pelos sãos conselhos de que está repleta, e pela finissima critica litteraria que n'ella apparece.

Taes novidades este tempo traz,  
Qu'he necessario fingir pouco siso,  
Se queres vida ter, se queres paz

Vida em tanta cautella, tanto aviso,  
Quando me deixarás? quando verey  
Hum verdadeiro rosto, hum simprez riso?

Quando a mim me creram, todos crerey  
Sem duvidas, sem cores, sem enganos,  
E eu, que de mim mesmo seja Rey!

Ah tantos dias tristes, tantos annos  
Levados pelos ares em desejos  
De falsos bens, e nossos tristes danos!

A quem os deixa, e foge, quam sobejos  
Lhe parecem mais bens, que os que só bastam  
Desviar da virtude os cégos pejos.

Quantos as vidas, quantos almas gastam  
Em buscar seu perigo, e sua morte,  
E tras ella seus jugos crueis arrastam!

Aquelles vivem só, a que coube em sorte  
Ao som da fruta, que dos ombros pende,  
O Mundo desprezar com sprito forte.

Toda minh'alma em desejar se estende  
A doce vida, que tam doce cantas,  
Que quasi a força quebra, que me prende.

Mas ajunta a estas forças outras tantas,  
Todas quebraria eu, s'asas tivesse,  
Com que chegasse onde me tu levantas.

S'eu pudesse, Bernardes, se eu pudesse  
Ser senhor só de mim, eu voaria  
Onde do vulgo mais longe estivesse.

Alli quam livremente me riria  
De quanto agora choro! alli meu canto  
Livre por ares livres solitaria.

Em quanto me vês preso, amigo, em quanto  
Sem sprito, sem forças, não me chames  
Com teus versos, que a ti só honram tanto.

Por mais que me desejes, mais que me ames,  
Não empregues em mim tam cegamente  
Teu canto, com que he bem que Heróes affames.

Mas tratarei contigo amigamente  
Do conselho, que pedes, juizo, e lima  
Tem em si todo humilde, e diligente.

Quem tanto a si mesmo ama, tanto amima,  
Que a si se favorece, e se perdoa,  
Que sprito mostrará em prosa, ou rima?

Taes sam algũs, a que triste a Hera coroa  
Roubada do vão povo ao claro sprito,  
Que esconder-se trabalha, e então mais soa.

Aquelle dá de si publico grito :  
 Este cala, e s'encolhe : o tempo em fim  
 Hum apaga; immortal faz d'outrò o escrito.

A primeira ley minha he, que de mim  
 Primeiro me guarde eu, e a mim não crea,  
 Nem os que levemente se me rim.

Conheça-me a mim mesmo : siga a vea  
 Natural, não forçada : o juizo quero  
 De quem com juizo, e sem paixão me lea.

Na boa imitação, e uso, que o féro  
 Ingenho abranda, ao inculto dá arte,  
 No conselho do amigo douto espero.

Muito, ó Poeta, o ingenho pode dar-te.  
 Mas muito mais que o ingenho, o tempo, e estudo;  
 Não queiras de ti logo contentar-te.

He necessario ser hum tempo mudo :  
 Ouvir, e ler sómente : que aproveita  
 Sem armas, com fervor commetter tudo?

Caminha por aqui. Esta he a direita  
 Estrada dos que sobem ao alto monte  
 Ao brando Apollo, ás nove Irmãs aceita.

Do bom escrever, saber primeiro he fonte.  
 Enriquece a memoria de doutrina  
 Do que hum cante, outro ensine, outro te contc.

Isto me disse sempre hũa divina  
Voz á orelha; isto entendo, e creio.  
Isto hora me castiga, hora m'ensina.

Cad'hum pera seu fim, busca seu meo :  
Quem não sabe do officio, não o trata,  
Dos que sem saber escrevem o Mundo he cheo.

S'ornares de fino ouro a branca prata  
Quanto mais, e melhor já resplandece,  
Tanto mais val o ingenho, s'á arte se ata.

Não prende logo a planta, não florece,  
Sem ser da destra mão limpa, e regada,  
Co tempo, e arte flor, fruto parece.

Questão foy já de muitos disputada  
S'obra em verso arte mais, se a natureza?  
Hũa sem outra val ou pouco, ou nada.

Mas eu tomaria antes a dureza  
Daquelle, que o trabalho, e arte abrandou,  
Que destoutro a corrente, e vam presteza.

Vence o trabalho tudo : o que cansou  
Seu sprito, e seus olhos, algũ'hora  
Mostrará parte algũa do que achou.

A palavra, que sae hũa vez fóra,  
Mal se sabe tornar : he mais seguro  
Não tê-la, que escusar a culpa agora.

Vejo teu verso brando, estylo puro,  
Ingenho, arte, doutrina : só queria  
Tempo, e lima d'inveja forte muro.

Ensina muito, e muda hum anno, e hum dia,  
Como em pintura os erros vay mostrando  
Depois o tempo, que o olho antes não via.

Corta o sobejo, vay accrescentando  
O que falta, o baixo ergue, o alto modéra,  
Tudo a hũa igual regra conformando.

Ao escuro dá luz, e ao que pudéra  
Fazer dúvida, aclara : do ornamento  
Ou tira, ou põem : co decóro o tempéra.

Sirva propria palavra ao bom intento,  
Aja juizo, e regra, e differença  
Da pratica commum ao pensamento.

Dana ao estilo ás vezes a sentença,  
Tam igual venha tudo, e tam conforme  
Que em dúvida estê <sup>1</sup> ver qual delles vença.

Mas diligente assi a lima reforme  
Teu verso, que não entre pelo são,  
Tornando-o, em vez de orná-lo, então disforme.

<sup>1</sup> Esteja.

O vicio, que se dá ao pintor, que a mão  
Não sabe erguer da taboa <sup>1</sup>, fuge : a graça  
Tiram, quando algũs cuidam que a mais dão.

Roendo o triste verso, como traça  
Sem sangue o deixam, sem sprito, e vida :  
Outro o parto sem forma traz á praça,

Ha nas cousas hum fim, ha tal medida,  
Que quanto passa, ou falta della, he vicio :  
He necessaria a emenda bem regida.

Necessario he, confesso, o artificio :  
Não affeitado <sup>2</sup>; empece <sup>3</sup> á tenra planta  
O muito mimo, o muito beneficio.

As vezes o que vem primeiro, tanta  
Natural graça traz, que hũa das nove  
Deosas parece que o inspira, e canta

Qual he a lingua cruel, que inda ouse, e prove  
Em vão alli seus flos? deixe inteiro  
O bem nascido verso, o máo renove.

Não mude, ou tire, ou ponha, sem primeiro  
Vir aos ouvidos do prudente, experto  
Amigo, não invejoso, ou lisongeiro.

<sup>1</sup> Está taboa por téla.

<sup>2</sup> Affectado.

<sup>3</sup> Impede.

Engana-se o amor proprio, falso, e incerto,  
Tambem s'engana o medo de aprazer-se,  
Em ambos erro ha quasi igual, e certo.

Per'isto he bom remedio ás vezes ler-se  
A dous ou tres amigos; o bom pejo  
Honesto ajuda então melhor a ver-se.

Alli como juiz então me vejo.  
Sinto quando igual vou, quando descayo,  
Quanto d'outra maneira me desejo.

Quando eu meus versos lia ao meu Sampayo,  
Muda (dizia) e tira : hia, e tornava :  
Inda, diz, na sentença bem não cayo.

O que mais docemente me soava,  
O que m'enchia o sprito, por máo tinha,  
O que me desprazia me louvava.

Então conheci eu a dita minha  
Em tal amigo, tam desenganado  
Juizo, e certo, em que eu confiado vinha.

Quem d'olhos tantos lido, quem julgado  
De tanto imigo ás vezes a de ser,  
Convem tempo esperar, e ir bem armado.

Isto me faz, Bernardes meu, temer  
No teu, como no meu : não val escusa.  
Doe muito ver meu erro, e arrepender :

Quem louva o bom? quem bom, e máo não accusa?  
Mas tu não tens razão de temer muito,  
Assi te alça, e te leva a branda Musa.

Deixa só madurar o doce fruto  
Hum pouco : deixa a lima contentar-se :  
Inventa, e escolhe então o melhor do muito.

Eu vejo cada dia accrescentar-se  
Em ti fogo mais claro, e o ingenho teu  
Cada dia mais vivo levantar-se.

Então darás com gloria tua o seu  
Grã premio ás Musas, que te tal criáram,  
Vida a teu nome, qual a fama deu

A muitos, que da morte triumpháram<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Esta carta, á semelhança da de Horacio aos Pisões, será de grande proveito aos noveis poetas, de todos os tempos, e de todos os paizes.

## AO SENHOR D. DUARTE.

## CARTA XIII.

Quem tam igual sprito a meu desejo  
Criasse agora em mim , grande DUARTE ,  
Quem canto, novo igual ao qu'em ti vejo!

Com que daqui soasse em toda parte  
O teu Real sprito, em que se cria  
Nova luz , nova gloria a Apollo, e Marte.

Vejo Phebo coroadado de alegria  
Teu nome estar cantando ao som divino  
Das nove Irmãs, divina companhia.

Novo som, novo canto em peregrino  
Instrumento me soa, em novo nome  
Indino desta terra, dos Ceos dino.

Mas vive-nos tu nella, e em tanto tome  
Nossa idade essa gloria a nós mostrada,  
Que a dos antigos vença, a inveja dome.

Ditoso, e alvo dia, hora dourada  
Estrella liberal, luz bem nascida,  
Em que tanta esperança nos foi dada.

Por ti vejo já ser restituída  
A' honra, e gloria antiga novamente  
Minerva, a novo estado, nova vida.

Das mãos a livrarás da baixa gente,  
Gente cruel, e céga, e indouta, e indina  
De tal dom, só devido a quem o sente.

Dom por nosso bem dado da divina  
Mão aos mortaes, que com doces accentos  
Passar a dura vida nos ensina.

Serena o ar escuro, abranda os ventos,  
Faz o dia mais claro, o Sol fermoso,  
Levanta aos Ceos da terra os pensamentos.

O turvo rio faz correr grácioso :  
Enche o campo d'outra herva, d'outras flores,  
Com que o torna mais verde, e mais cheiroso.

Dá nova folha ás arvores, dá cores  
A's boninas, e ás aves, que ou cantando,  
Ou chorando andam nellas seus amores.

Ou as rusticas frautas imitando  
De Tityro, e Menalca, Galathea  
Com triste voz na praya em vão chamando.

Ou do rustico Satyro a Napea  
Cantam, que foge ao bosque, descorada  
Co tenro pé pisando a grossa area.

Ou de mais alto fogo outra inflâmada  
Chamma, qual vemos inda clara, e pura  
Nas cinzas de Petrarca renovada.

Hora nos mostra viva a má figura  
Da fortuna cruel, céga, enganosa,  
No bem sempre mudavel, no mal dura.

Hora em mais alta voz, mais sonora  
Trombeta em armas a custosa fama  
Renova com memoria gloriosa.

Quem a gloria não move, nem inflâma  
A generosa inveja dos Herôas,  
Qu'aquelle grave som tanto alça, e affama?

Quam doces são, quam altas as coroas  
Dos verdes Louros, e Heras concedidas  
Não a obras sómente, a tençoês boas!

Mas quaes serám iguaes, quaes as devidas  
A Real geração do Iffante claro?  
A tres spritos taes, a taes tres vidas?

Em que voz caberás? ond'ao teu raro  
Sprito, DUARTE, que aos Ceos vay sobindo,  
S'achará novo Homero, ou novo Maro<sup>1</sup>?

Já te chega, Senhor, já quasi he vindo  
O tempo de tua idade desejado,  
Que teu glorioso sprito vás seguindo.

Ditosa mãy, a dor do mal passado  
Abranda já : verás engrandecido  
De tuas Reaes plantas o alto estado.

Cresce, e cumpre, DUARTE, o promettido,  
Que te dos Ceos está : enche a alta historia,  
Que as tres Irmãs te tem de ouro tecido.

Que triumphos já vejo da victoria  
Do sogigado Mauritano povo,  
A que Andrade dará clara memoria!

Com prazer a espera-lo já me movo,  
Com prazer a alta empreza vivo, e pronto  
Vejo Andrade inflâmado em furor novo.

Que peregrino canto, ó que alto conto  
Ouço, não de estranhezas fabulosas,  
Qu'em nomeá-las só me pejo, e afronto!

<sup>1</sup> Virgilio, cujo nome por extenso era de Publio Virgilio Maro.

Verdades s'ouvirám maravilhosas  
Em verdadeiro, e grave, e doce estilo  
D'empresas sanctas, de armas gloriosas.

Soará aquelle canto álem do Nilo,  
Achará amor, e fé em todo peito,  
Todo Mundo trará apôs si a ouvi-lo.

Ver-se-ha a fortuna igual sempr'ao conceito,  
Ousadia, e prudencia tam conjuntas,  
Que parte igual terám no alto effeito.

Graves repostas ás graves perguntas,  
Conselho, e esforço, ardis, e boa presteza,  
Em paz, e guerra as boas artes juntas.

A tal gloria te chama, a tal alteza  
A Deosa, que já honras; leva avante  
Tal animo, tal zelo, Real grandeza.

Por ti vivam as Musas, por ti espante  
Seu canto, Principe áto, e os baixos peitos,  
Que co'a terra se roçam aos Ceos levante.

A ti devam memoria os altos feitos  
Em poetico canto levantados,  
Gloriosos no Mundo, e sempre aceitos.

Os Louros, e Heras, de que coroados  
Serám os bons poetas, já crescendo  
Soberbamente vão por ti honrados.

Nascey claros spritos, y<sup>1</sup> enchendo  
De vosso som divino este ar, cantando  
O grã DUARTE, em que o Mundo vá vendo

Quant'honra, quanta gloria lhe irá dando.

<sup>1</sup> Ainda no tempo de Ferreira usavão algumas vezes os escriptores portuguezes da conjuncção hespanhola y em vez de e.

---

## LIVRO II.

---

### A ELREY D. SEBASTIAM.

#### CARTA I.

Rey bemaventurado, em quem parece  
Aquella alta esperanza já comprida  
De quanto o Ceo, e a terra te offerece;

Fermosa planta de Deos concedida  
A lagrymas d'amor, e lealdade,  
Só nosso bem, vida da nossa vida :

Em quanto essa innocente, e branda idade  
Por Deos crescendo vay felicemente  
Té o Mundo encher de nova claridade :

Em quanto este teu povo, e o d'Oriente  
Novo accrescentamento por ti esperam  
D'outros Reys, d'outra terra, d'outra gente :

Taes promessas os Ceos de ti nos déram  
No teu tam milagroso nascimento,  
E sprito igual em ti nellas puzeram.

Eu levado d'amor de sancto intento  
(Quem ant'essa brandura tēmeria?)  
Deter-te com meu verso hum pouco tento.

Despois virá hum tam ditoso dia,  
Que as tuas Reaes Quinas despregadas  
Na multidão de toda a Barbaria,

As victoriosas frótas carregadas  
Das cativas coroas, e bandeiras,  
D'outro sprito mayor sejam cantadas.

Agora ouve, Senhor, as verdadeiras  
Guias, que levam os Reys a essa alta gloria,  
Não duras armas só, velas ligeiras.

Quantas armadas conta a antiga história,  
Quantos grandes exercitos perdidos  
A mais poucos deixáram já victoria !

Esses tanto no Mundo conhecidos,  
Cujos nomes venceram tantos annos,  
Não foram só por força obedecidos.

Não se sogigam<sup>1</sup> corações humanos  
De boa vontade a força, hum peito aberto  
Os vence de bom amor, sem arte, e enganoso.

Nesta sombra, onde tudo anda encuberto,  
Quem da verdade vê mais que a figura?  
Quem seu passo direito leva, e certo?

Hūs falsos longes de hũa vam pintura  
Com sua cor ao parecer lustrosa  
Quantos detem co'a falsa fermosura!

Não tem cores, não dobras a fermosa  
Verdade. Que buscais, ó gente céga?  
Humilde, e nua está, não tam custosa.

Não he hum só Cupido, que almas céga.  
Mais ha no Mundo qu'hūs sós vaõs amores,  
Que he tudo, o em qu'a vontade mal s'emprega.

Aquelles, que do Amor foram pintores,  
Que os olhos lhe tiráram, e o descobríram,  
Pintáram pera Reys, e Emperadores.

Altos ingenhos! que em figura viram  
As forças deste proprio Amor imigo,  
Que moço, e cégo, e nú, e cruel fingíram.

<sup>1</sup> Subjugão.

Cada hum traz em si mesmo seu perigo  
Herdado desta natural fraqueza ,  
Que tanto faz hum homem de si amigo !

Iguaes somos, Senhor, na natureza ,  
Assi entramos na vida, assi saimos.  
O entendimento he nossa fortaleza <sup>1</sup>.

Igualmente de hum só principio vimos.  
Igualmente a hum fim todos corremos.  
E hũa estrada commum, e igual seguimos.

Na terra a morte, a vida nos Ceos temos,  
Quanto esta terra mais que os Ceos olhamos,  
Tanto o caminho do bom fim perdemos.

Cégos de nós, que nós tam mal trocamos,  
Que a parte vil, e baixa senhorea ,  
E o mais alto ao mais baixo cativamos !

Força cruel, que dentro em nós guerrea,  
Vence a céga vontade á razão clara,  
E leva assi de nós victoria fea.

Aquelle lume, qu'a alma illustra, e aclara,  
Apagado por nós nella, e perdido  
Como mortos nos deixa, e desempara.

<sup>1</sup> Admire-se a liberdade com que se exprimia um magistrado portuguez do XVI<sup>o</sup> seculo, fallando a seu rei. Semelhante linguagem seria hoje acoimada de ultra-democratica.

Deu o remedio Deos : eis hum erguido  
Por elle em poder alto, de que o povo  
Seja ou por bem levado, ou constringido.

Não he nome de Rey titulo novo :  
Com elle começou o Mundo, e dura;  
Por fabulas antigas não me movo.

Despois que d'aquella alta fermosura  
Cahio o primeiro homem, e a triste sorte  
O envolveo nesta sombra grossa, e escura,

Fugio a luz, entrou armada a morte :  
Cumprio nova vigia, guarda, e ley,  
Qu'ao cégo mostre a luz, e obrigue o forte.

Elegeo Deos Pastor á sua grey,  
Vio tambem a razão necessidade,  
Eis aqui eleito hum Rey, eis outro Rey.

Confórme, e junto o povo nũa vontade  
Num só, por bem commum, por seus poderes.  
Promettendo obediencia, e lealdade.

Obrigáram suas vidas, seus averes,  
Prometteo o bom Rey justiça, e paz,  
E remedio, e soccorro a seus misteres.

Dalli sogeito ao Rey o povo jaz,  
Dalli sogeito o Rey á boa razão  
Da mesma ley, que em si esta força traz.

A quem todos seus bens , e vidas dão  
Polos livrar d'injuria , e de violencia,  
Se lhas elle fizer, a quem s'irão?

Seja juiz a justa consciencia ,  
E aquelle sancto, e natural preceito;  
Deve á ley, o que a fez , obediencia.

Quem o caminho á<sup>1</sup> de mostrar direito,  
Se torce delle , e segue a falsa estrada ,  
Como terá seu povo á ley sogeito?

Pôs Deos na mão do Rey a vara alçada  
Pera guia do povo errado, e cego,  
Mas não foy só á sua vontade dada.

Como destro piloto no alto pégo  
Co leme guia a náó, hora a hũa parte ,  
Hora a outra a desvia do vão cégo :

Alli não valem forças, val só arte :  
Arte vence do mar a ira espantosa ;  
Arte vence , e encadea o bravo Marte.

Hydra de mil cabeças enganosa ,  
Pego de tantos ventos revolvido  
Não se vence , Senhor, com mão forçosa.

<sup>1</sup> Contra semelhante orthographia protesta a derivação do verbo haver, incontestavelmente oriundo do *habeo* latino.

Em duas iguaes partes repartido  
Te deu Deos seu poder : em premio, em pena  
Dê-se a cada hum, o que lhe for devido.

Aquelle, que suavemente ordena  
Todas as cousas, olha com que amor  
Paga o bem logo, e de vagar condena.

Não se acha alli respeito, não favor,  
Tanto val cada hum, quanto merece,  
Iguaes ant'elle são servo, e senhor.

Olha-te bem, grã Rey, e a ti conhece  
Nascido só pera reger a tantos,  
E dessa grande alteza ao teu fim dece.

Ver-te-has igual na humanidade a quantos  
Mandas, verás o fim tam duvidoso,  
Como quem tambem morre, e nasce em prantos.

Que presta ser na terra poderoso,  
S'ó alto fim do Ceo se põem em sorte,  
Que té ao filho de Deos foy tam custoso?

Córte o bom Rey primeiro por si, córte;  
Mais vence o exemplo bom que o ferro, e fogo,  
Não póde errar quem contra si he forte.

Nem a propria affeição, nem brando rogo  
Tire a força á razão, e á igualdade :  
Não se lhe faça sempre falso jogo.

Sómente em Deos razão he a vontade.  
Absoluto poder, não o ha na terra,  
Qu'antes será injustiça, e crueldade.

Que vontade mortal, Senhor, não erra,  
S'a ley justa, e a razão a não enfrea?  
De que nasce a injusta, e cruel guerra?

Em seu peito cada hum pinta hũa Idéa,  
A qual ou mal, ou bem se s'afeiçoa,  
Assi lhe sae fermosa, ou lhe sae fea.

A boa guia he a inclinação boa,  
A qual nasce do claro entendimento,  
E com facil discurso ao melhor voa,

Tanto val, tanto pôde o sancto intento,  
Que só por si honra, e louvor merece,  
E a obra, que val dez, faz valer cento.

E quando humanamente erro acontece,  
(Quem pôde acertar sempre?) a culpa he leve;  
E todo bom juizo a compadece.

Que justiça será, que não releve  
Não sair á vontade a obra igual,  
Pois pelo intento só julgar se deve?

No livre peito, e coração Real  
Estê<sup>1</sup> o bem commum sempre fundado,  
Não pôde de tal fonte manar mal.

<sup>1</sup> Por esteja.

Ama o povo o bom Rey, e he delle amado,  
Lédo, e facil em crer, e em julgar bem,  
Imigo de todo animo dobrado.

Sempre a mão larga, sempre aberto tem  
O generoso peito ao premio justo,  
E triste, e vagaroso á pena vem.

Este he chamado bom, e grande, e Augusto,  
Da patria pay, prazer, e amor do Mundo,  
Mortal imigo do tyranno injusto.

Este logo d'hum alto, e d'hum facundo  
Ingenho té as estrellas bem cantado  
Voando vay na terra sem segundo.

Tal nos cresce, grã Rey, por Deos cá dado,  
Inda mayor que as nossas esperanças,  
Mayor que tua estrella, e alto fado.

Cedo teu sprito vencerá as tardanças  
Da tenra idade, e cedo renovando  
Irás dos altos Reys altas lembranças.

Começa-te já agora ir costumando  
A pôr em nós teus olhos Reaes serenos,  
O mansissimo avô teu imitando

Inteiro aos grandes, humano ós<sup>1</sup> pequenos.

<sup>1</sup> Por aos.

AO CARDEAL IFFANTE D. ANRIQUE <sup>1</sup>

REGENTE.

## CARTA II.

Entre tantos negocios, e tam graves  
 Hora da Fé, que tu tam bem sustentas  
 Co grã poder, que tens das sanctas chaves <sup>2</sup>;

Hora do Reyno, em que nos representas  
 Em tudo o sancto Irmão, em quanto a idade  
 Do tenro Rey não sofre taes tormentas,

Com teu sancto exemplo a Christandade  
 Reformando, e este povo, e o d'Oriente  
 Conservando em justiça, e em liberdade :

Contrario ao bem commum serey, se tente  
 Com meus versos, Senhor, pejar-te hũ'hora  
 De tempo, de que pende tanta gente.

<sup>1</sup> Os antigos assim escrevião, regulando-se talvez pela pronuncia franceza do nome *Henri*, d'onde derivou-se o de Henrique.

<sup>2</sup> Na qualidade de arcebispo de Lisboa.

Ouve antes a viuva, que te chora,  
Ouve o que pede o orfão desherdado,  
S'lhe ás de dar despois, antes dá agora.

Ouve o que vem de tam longe arrastado,  
Que tremendo se chega, e não se atreve  
Queixar-se de quem he tyrannizado.

Lê o que Africa, Arabia, India te escreve,  
Nisto a menham comece, a tarde acabe;  
O tempo repartindo a quem se deve.

Ama, e rege este povo, que bem sabe,  
E assi o affirma, e crê, e só nisto acerta,  
Qu'outro assento mayor t'espera, e cabe.

No mais não tem a opinião tam certa,  
Nem das letras recebe mais que aquellas,  
Que ao doce ganho tem a porta aberta.

Boas são leys : melhor o uso bom dellas.  
Boa he sua sciencia, quando pura  
Vem das espinhas, que nascem entr'ellas.

Quando o seu fim só guia á fermosura  
Da justiça, que tam viva, e fermosa  
Chrysippo nos deixou mais qu'em pintura,

Virgem no aspeito, grave, e temerosa,  
De vivos olhos, não de cruel, nem brando  
Vulto, mas quasi de hũa tristeza honrosa.

Averá algūs, que o povo estê mostrando  
Co dedo dados por hum dom divino,  
Que a esta imagem só se vão formando.

Cada hum delles de grande honra he dino,  
Que se assenta sevéro, inteiro, igual  
Ao rico, ao pobre, ao seu, ao peregrino.

As obras dão de tudo bom sinal.  
Qual o fim se pertende, tal he o fruto,  
Cada hum corre, Senhor, ao que mais val.

Nisto o costume, e o tempo pôde muito,  
Que ao mal, e ao bem dá, como quer, valia;  
Das letras assi o preço he pouco, ou muito.

Quando o outro mudava a noite em dia,  
E o dia em noite, e a menham na tarde,  
Quem na grã Roma então o não seguia?

E quando o outro canta, que Roma arde,  
Quem vay então lançar agoa no fogo?  
Quem ha, que em tão grã força alli leys guarde?

Passava tal crueza em festa, e em jogo.  
Já o tempo passou dos máos Tyrannos.  
Senhor, inda ficáram preço, e rogo.

Inda cá nos ficáram os máos enganos,  
Que o proveito ensinou : a mostra he boa,  
Em bens se vestem todos nossos danos.

Tudo aparece, tudo logo soa;  
Ficou esta vingança aos innocentes ,  
Que o mesmo mal a seu author pregoa.

Crueis , no mal alheio diligentes,  
Que obedeceis á força , ao rogo , ao preço ,  
Morrereis tristes , se viveis contentes.

Sancta justiça, a que eu mal reconheço  
Tua alta magestade, tu nos julga,  
Que vês o nosso fim , nosso começo.

Qual respeito o Rey tem , quando promulga  
A ley igual em público proveito ,  
Que com prazer do pôvo se divulga ,

Tal a tenha o juiz dentro em seu peito,  
Na justa execução constante, e forte :  
Nisto consiste a ley, nisto o direito.

A quem tam alto sprito coube em sorte  
Bem he que o Rey o estime, o povo o ame ,  
E honrado seja sempre em vida, e em morte.

Mas nem por isso logo o povo chame  
Vans outras letras, e o honesto exercicio  
Das brandas Musas tam mal julgue , e infame.

Em nenhum estudo bom póde aver vicio.  
As artes entre si se communicam.  
Cada hũa ajuda á outra em seu officio.

De area, e cal, e pedra, os que edificam  
(Baixas, mas necessarias miudezas)  
As torres erguem, que tam altas ficam.

Tem tambem seus principios as grandezas,  
E ás cousas grandes pequenas ajudam.  
Boas letras, Senhor, não são baixezas.

Pera o publico bem tambem estudam,  
E cantam os bons Poetas, deleitando  
Ensinam, e os máos affeitos em bons mudam.

E ás vezes aos Reys vão declarando  
Mil segredos, que então só vem, e sabem,  
Mil rostos falsos, linguas más mostrando.

Em poucas bocas as verdades cabem.  
Terám ás vezes a culpa os ouvidos.  
Os versos ousam, e em toda parte cabem.

Dos bons amados, e dos máos temidos.  
Assi he a justiça, assi a verdade :  
Assi sejam tambem favorecidos.

Usem de sua honesta liberdade  
Rindo do povo chamar só letrados,  
Os que conselham roubo, e crueldade.

Ou outros, que se fazem affamados  
Julgando, e interpretando duramente  
Dos innocentes fazendo culpados.

Outro se vende por piadoso á gente,  
Deixa o delicto passar sem castigo,  
Da vam piadade usando cruelmente.

Tambem, senhor, contra mi falo, e digo,  
Qu'em nossas letras não está a justiça :  
Está num peito da justiça amigo <sup>1</sup>.

Não tiram a ambição, não a cobiça ;  
Se accrescentam, duvido : cada hum veja  
Quem lhe vence o trabalho, e ingenho atiça.

Seja mais riguroso o exame, e seja  
Grande das letras; mayor do letrado,  
Saiba-se o fim, que o leva, e o que deseja.

Da Patria pay será o Rey chamado,  
Que a justiça começa dos que a tratam,  
Antes de ser do povo provocado.

Onde todos se roubam, e se matam,  
Defende-se cada hum da força injusta,  
E os que mais podem, seus imigos atam.

Nós, que vivemos por regra tam justa,  
Que os mesmos Reys ás suas leys s'obrigam,  
Remedio temos certo, e á pouca custa.

<sup>1</sup> Revelão estes versos o character franco e sincero do eximio poeta.

Que mal he , que os Poetas isto digam?  
Se o mal reprimem , á virtude inclinam,  
Porque assi injustamente os mal persigam?

Almas indoutas , que cá peregrinam  
Cativas em seus corpos , e forçadas  
A nenhum bem , nenhum saber atinam.

Deixemos estas já em vida enterradas ,  
Que os olhos abrem sómente ao proveito,  
Como s'á terra só fossem criadas.

O bem nascido sprito , e culto peito  
Mais deseja , mais quer , mais alto voa ,  
Mais glorioso propõem seu obgeito.

A' gloria , á fama , á triumphal coroa  
Aspira ; á alta trombeta , e vivo canto ,  
Em que no Mundo o grande Achilles soa.

Não ha tam humilde sprito , não tam sancto ,  
Que não ame sua gloria : e quem não pede  
O louvor de suas obras tanto , ou quanto?

Desejo he natural , que não impede ,  
Mas accrescenta a virtude louvada ,  
E a torpeza , e preguiça d'alma espede.

De que vem tanta insignia em armas dada?  
Tantas capellas cheas de letheiros?  
E a triste sepultura tam dourada?

Mais geraes, mais constantes pregoeiros  
São os bons versos, que contino falam,  
E duram té os dias derradeiros.

Nem as victorias, nem as grandezas calam  
Dos clarissimos Reys de gloria dinos,  
E o passado ao presente tempo igualam.

Chamados foram os Poetas divinos.  
(Quem tal, que tal furor não mova, e espante?)  
Mas quantos foram de tal sorte indinos!

A quem sprito, e boca, com que cante  
Altas grandezas os Ceos concedêram,  
E que em mór voz, que humana se levante,

A este Apollo, e as Musas só tecêram  
Verde coroa; a este justamente  
A honra, e nome de Poeta déram.

Pois entre tanta confusão de gente,  
Que a República cria, quem mal nega  
Lugar honesto a sprito assi excellente?

Quando se romperá esta nuvem céga,  
Que o cobiçoso vulgo veja, e entenda  
Qu'outro saber ha mais, que o em que se emprega?

Determine a razão esta contenda:  
O máo juiz rouba, o máo medico mata;  
O máo Poeta enfade antes, que offenda.

Demos bons todos : a razão não ata.  
Mais a justiça val , mais a saude :  
Mas nem por ouro se despreza a prata.

Nem tira á mór virtude a outra virtude  
Seu preço , antes s'abraçam , e entre si s'amam ,  
Porque hũa irmammente á outra ajude.

As artes , que mechanicas se chamam ,  
Baixas parecem ; mas dão ornamento <sup>1</sup>  
As illustres Cidades , e as affamam.

O raro sprito , que de cento , em cento  
Annos , e inda mais tarde o Ceo nos cria ,  
Em desprezo estará , e esquecimento ?

Perdão ao condenado concedia  
A ley (assi os interpretes o entendem)  
Se n'algũa arte aos outros excedia ;

Entendam mal , ou bem , certo comprehendem  
Por boa razão quanto favor merece  
A rara arte , que assi tam bem defendem :

Quem isto affirma , e julga , ind'escurece  
Das castas Musas os sanctos estudos ?  
Inda seus louros lhes não offerece ?

<sup>1</sup> Quanta philosophia em tão poucas palavras !

Destes spritos nesta parte rudos  
As devem defender, Principe raro,  
Os que lhes podem ser firmes escudos.

Inda o Sol resplandece hoje tam claro.  
Inda as estrellas não perdêram lume :  
Não falta ingenho, não faleça emparo.

Vence tu novamente o máo costume :  
Vivam por ti, e floream as boas artes,  
Que o tempo vencem, que tudo consume.

Reforma, grã Senhor, em todas partes  
Este Reyno, que em ti, espera, e confia,  
Porque igualmente todo te repartes.

A's Musas se perdoe esta ousadia  
Acostumadas a Reaes favores,  
Não percam em ti a antiga sua valia.

Não fazem dano as Musas ós Doutores,  
Antes ajuda a suas letras dão :  
E com ellas merecem mais favores,

Que em tudo cabem, pera tudo são <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Parece que Ferreira já presentia os symptomas da decadencia litteraria do seu paiz, e buscava conjural-a implorando a protecção do cardeal D. Henrique.

## A LUIZ GONÇALVES DE CAMARA,

MESTRE DELREY D. SEBASTIÃO.

## CARTA III.

Porque não ousarey livre contigo,  
Clarissimo Luiz, sprito puro,  
Só da virtude, e da verdade amigo,

Porque não ousarey em tanto escuro  
Mostrar a clara luz, que tu descobres,  
Tomando-te por guia, e por meu muro?

São da terra os thesouros assaz pobres,  
Estes desprezas, mostras os divinos  
Doês do Ceo, quanto em ti mais os encobres.

Foram por ti os nossos tempos dinos  
De vêr áquella Idéa hum Rey formado,  
De que tantos atrás foram indinos.

Porque foy de Philippe festejado  
Do seu grande Alexandre o nascimento,  
Senão só polo mestre, a que foi dado?

Quem não vê o geral contentamento  
Das altas esperanças, em que crias  
Ao Mundo hũa nova luz, novo ornamento?

Chegue SEBASTIAM onde o tu guias  
Igualmente entr'as armas, e entr'as artes,  
Nascer-nos-ham outros mais claros dias.

Assi o Real sprito lhe repartes  
Por todas as virtudes, e exercicios,  
Que inteiro, e todo está em todas as-partes.

Seus tempos, seus lugares, seus officios  
Conhecendo, usará de cada cousa  
Sammente, sem extremos, e sem vicios.

Aquelle heroico ardor, que não repousa  
Naturalmente á fama, e gloria erguido,  
Sem Deos diante, a nada passar ousa.

Dos ardentes effeitos seus movido  
Tu lhe poês logo diante o sancto obgeito<sup>4</sup>,  
A que o intento são vá dirigido.

Não se póde forçar o altivo peito,  
Que arde em desejos de Reaes grandezas;  
Mas póde-se á razão fazer sogeito.

<sup>4</sup> Objecto.

Aquellas tam cantadas estranhezas  
Do soberbo Alexandre não contente  
D'hum Mundo só, as prodigas larguezas

Não o fizeram grande, a quem bem sente  
Da natural razão algũa parte,  
Que força, e tyrannia não consente,

Por outra via levas, por outra arte  
Encaminhas, Luiz, o Real sprito,  
Com Phebo temperando a ira a Marte.

Aquelle alto preceito, e grave dito  
O Reyno do Senhor buscay primeiro;  
Lhe tens lá dentro na su'alma escrito.

Fazes hum Rey Christão, Rey verdadeiro.  
Que a si reja primeiro, a si obedeça,  
Porque dos outros seja Rey inteiro.

No qual o Mundo veja, e reconheça  
Que hũa cousa he espantoso, outra he ser grande,  
E dê a cad'hum o nome, que mereça.

Mostras-lhe quam errada cá a fama ande,  
Que horra o que o alto Deos culpa, e reprova,  
Porque outro sprito mór dos Ceos lhe mande.

Quem Alexandre deu mais certa próva  
Desta verdade clara, que hum pirata  
Com sua repostas tam livre, e tam nova?

Se por roubar com hũa véla a prizão me ata,  
Tu, que com tantas roubas, que justiça  
D'outras móres cadêas te desata?

Ah que não ambição, força, e cobiça  
Dão ao Rey nome de grande, e Augusto,  
Nem tudo o mais, que a tyrannia atija.

Então será o Rey grande, se for justo,  
Ou defendendo bem o bem ganhado,  
Ou despojando o occupador injusto.

Não ha outra boa estrella, ou outro fado,  
Senão com as partes, que hũ Rey grande fazem,  
Com essas ter seu nome conservado.

A quem as Reaes virtudes não aprazem?  
Digo a clemencia, a liberalidade,  
Que entre os Tyrannos tam escuras jazem!

Aquella graciosa humanidade  
De não deixar ninguem ir de si triste,  
Aquella fé Real, firme verdade :

A que Principe nunca estes doês viste,  
Que de trophéos não enchesse a terra?  
Que Rey assi á fortuna não resiste?

Sempre felice em paz, felice em guerra,  
Amado do seu povo, e obedecido,  
Por amor, e ninguem por temor lhe erra.

Tambem lhe mostras como he mais seguido  
O exemplo do Principe, que a dura  
Força de ley, ou premio prometido.

Bonissimo Luiz, a tua brandura  
Me leva a tanto. Eu vejo hum grã perigo,  
Que todo Imperio põem em aventura.

Por proveito commun, Senhor, o digo.  
Acuda o Rey com seu Real exemplo,  
Acuda co sevéro seu castigo.

Aquella antiga idade, que contemplo  
Dos nossos affamados Portuguezes,  
Dos quaes erguido vês hum, e outro templo,

Suas lanças, seus cavallos, seus arnezes  
Por só seus jogos, e delicias tinham,  
As couraças, adargas, e padeses <sup>1</sup>.

Trajos limpos, e honestos, quaes convinham  
A' boa temperança, e fortaleza,  
Com que mais duros ós trabalhos vinham.

Tendo a mediocridade por riqueza,  
Todo o sobejo fausto aborreciam,  
Quam limpa, e fermosa era a sua pobreza!

<sup>1</sup> Padez, ou pavez, escudo grande que cobria todo o corpo do soldado.

Nem ouro, nem vans purpuras cobriam  
Seus leitos, nem seus corpos tam mimosos;  
A fome, e sede pouco lhes pediam.

Não eram seus banquetes tam custosos,  
Nem a vida tam larga, e tam profana,  
Nem sabiam viver tam ociosos.

Era no Mundo a gente Lusitana  
Outra Lacedemonia, e Esparta antiga  
Livre de todo vicio, que os bons dana.

Toda entre si conforme, quieta, e amiga  
A Deos honrava, ao Rey obedecia,  
D'engano, e trayção cruel imiga.

Contente cada hum do seu vivia,  
Iguaes de todos quasi as mezas eram,  
Igual em todos quasi a cortezia.

Os despojos, que os Barbaros lhes déram,  
Aquelles sanctos Reys, em que os gastavam,  
Se não nos templos, e torres, que erguêram?

Per Deos, e pera Deos só pelejavam.  
O tempo sancto, idade tam ditosa,  
Que hũs Reys pera outros Reys enthesouravam.

Em toda parte então victoriosa  
A bandeira Real se despregava  
Rodeada da gente bellicosa.

Que perigos, ou medos receava  
Assi ao trabalho dura, a forte gente?  
Que imigos campos não desbaratava?

Incansavel, constante, e obediente,  
De duras armas, corações mais duros  
Sofredores da neve, e Sol ardente.

Quando esquecidos, posto que assi escuros,  
Serão do grande AFONSO os grandes feitos,  
Destruydor de Reys, e fortes muros?

De cujo invicto esforço, e fortes peitos  
Dos poucos do trabalho endurecidos,  
Tendo á verdadeira honra olhos direitos,

Mil exercitos foram destruidos,  
Téjo, e Guadalquivir sangue correndo,  
Nós á cativa Patria restituydos.

Cos altos soccessores estendendo  
Foram o Imperio, foram os thesouros,  
Claros trophéos em toda parte erguendo.

Lançados além mar de todo os Mouros,  
A Africa os nossos Scipioês passando  
Tornáram coroados de altos Louros,

Huns apôs outros todos triumphando,  
Vio o Athlantico mar victoriosas  
Sempre as frótas Reaes indo, e tornando.

Despois d'Oceano grande as espantosas  
Ondas vencendo, com espanto a Fama  
Mil victorias cantava milagrosas.

Ah não se apague hũa tam clara chamma,  
Que apagar quer a ociosa vida,  
Se nisto o Real sprito não s'inflamma.

Aqui, senhor, aqui he bem devida  
Tua lembrança; mais devida a emenda,  
Primeiro da esperanza ser perdida.

Conheça o Rey prudente, saiba, entenda  
Que na boa paz a guerra s'exercita,  
Porqu'os vicios de longa paz reprecnda.

Por Deos, e polo povo, o que milita  
Justissimo Rey he, Capitão sancto,  
A que honra, e gloria se deve infinita.

Quanto he sempre a paz boa, a tempos tanto  
Tambem a guerra he necessaria, e boa,  
Dos imigos defenza, medo, e espanto.

Soê Portugal sempre como soa.  
Tornem os jogos da Cavallaria.  
Não se nos torne Capua Lisboa.

Assi o bom Rey, que em tuas mãos se cria,  
(S'aprovas do philosopho o desejo,  
Que desejava ao Rey philosophia)

Grande, prudente, e justo por ti o vejo.

A DIOGO DE TEIVE <sup>1</sup>.

## CARTA IV.

Promitti-te, meu Teive, á tua partida  
Mil prosas, e mil versos; e em mil mezes  
Hũa carta té outra terás lida.

Não sohiam mentir os Portuguezes.  
Entrou novo costume, e he ley antiga  
Romano em Roma, Francez cos Francezes.

Quem queres que por força cá não siga  
A ley da terra? e mais tam bem guardada  
Dos que em mal nosso tem a fortuna amiga?

Seja com tanto honrado desculpada  
Minha mentira : a sam nossa amizade  
Nunca esquecida foy, nunca mudada.

Mas então chea, em tam grã Cidade,  
Onde o sprito, e a vista leva a gente,  
Quem póde sèr senhor da sua vontade?

<sup>1</sup> Ilustre sabio portuguez de quem foi Ferreira discipulo na universidade de Coimbra.

Mora hum lá fóra álem do grã Vicente,  
 Outro cá na Esperança; e ey de vêr ambos,  
 Foge inda o dia ao muito diligente.

Pelas ruas mil cambos, mil recambos<sup>1</sup>,  
 Cargas vem, cargas vão, mil mós, mil traves,  
 Hũ arranca, outro foge, e encontro entrãbos.

Vay hora então compondo versos graves,  
 Versos doces, e brandos, quaes mereçam  
 Parecer ao meu Teive lá suayes<sup>2</sup>?

Onde os Loureiros, onde as Heras creçam  
 Lá nos cerrados bosques, brandas fontes  
 As Musas co as capellas versos teçam.

Amam as castas Deosas altos montes,  
 Valles sombrios, não Cidades cheas  
 D'homês, em que tam poucos ha que apontês.

Lá livres abrem suas ricas veas,  
 Lá suas doces liras encordoam,  
 Ao brando som tecendo immortaes teas.

Com tudo algũs ha cá, que se coroam  
 D'outras Heras, contentes de si s'amam,  
 A si tangem, a si cantam, a si bem soam.

<sup>1</sup> Exprime a acção de vender e revender.

<sup>2</sup> Diogo de Teive residia em Coimbra, onde, como já vimos, era professor.

Tambem Musas invocam, Apollos chamam,  
Outra Mantua povoam, outras Athenas,  
Outros novos Parnasos por cá affamam.

Voam cubertos de mil novas penas  
D'aves nunca cá vistas, e fermosos  
A si mesmos, se vão entr'as Camenas.

A todo tempo entoam os seus mimosos  
Versos, a toda hora á voz, e á lira  
Concordam seus accentos sonorosos.

Ditoso sprito, a quem toda hora inspira  
Outro Apollo, outro ardor, que não se apaga,  
Mas sempre do seu fogo, fogo tira.

Eû, meu Teive, não sey que estrella, ou maga<sup>1</sup>  
A lingua me ata; não sou de toda hora.  
Em fim esta he a desculpa da má paga.

Por hum momento, que em mim Phebo mora,  
Mil dias se me esconde, e desempara.  
E inda bem me não chega, já vay fóra.

Vejo esse peito aberto, essa alma clara,  
Onde me tens, bom Teive, ousou contigo  
O que com outro eu, sómente ousára.

<sup>1</sup> Magica, feiticeira.

Temeria com outros o perigo  
De meus tam soltos versos, mas eu t'amo,  
Eu te honro, douto mestre, doce amigo.

Quantas vezes saudoso cá te chamo,  
Quantas vezes contigo me desejo  
Lá á doce sombra d'algum verde ramo!

Hora de cá teu sancto ocio lá vejo,  
Hora por só meu bem cá te queria  
Onde meu amor te chama, e bom desejo.

Mais val, amigo, lá hum quieto dia,  
Que mil annos, e mil cá inquietos,  
D'onde eu, se tivesse asas, fugeria.

Não te são meus intentos lá secretos,  
Puste nas mãos minh'alma, á minha vida  
Sabes que desejei portos quietos.

Se vida temos pera ser vivida,  
Se chão se á de escolher pera morada,  
Onde melhor que em campo he escolhida?

Vida dos sabios sempre desejada,  
Vida de paz, d'amor, e de brandura,  
Em meus versos serás sempre cantada.

Onde estará mais sam, e mais segura  
A alma innocente? onde mais sem cuidado  
De medos, de perigos, de ventura?

Pera a saude onde mais temperado  
O frio Inverno? onde he do brando Norte  
Ou o Cão, ou o Lião mais amansado<sup>1</sup>?

Mais larga vida, menos triste morte;  
Sono doce, seguro, brando, inteiro,  
Sem sobresalto, que to quebre, ou córte.

O verdadeiro gosto, o verdadeiro  
Deleite, he quieto ocio entr'hervas, e agoas  
Em Julho frias, quentes em Janeiro.

Não vês choros alheos, não vês mágoas  
Ou tuas, ou dos teus : livre de invejas,  
Em que cá ardem, como em vivas fragoas.

S'ó que convêm á vida só desejas,  
Estimarás mais doce liberdade,  
Que quantas minas d'ouro a outros vejas.

Mais val a curta geira, a pobre herdade,  
Que, ó rica Arabia, ó India, o teu thesouro,  
Se á justiça se rouba, se á verdade.

Mais val no campo coroar o Touro  
No fresco Mayo de hervas de mil cores,  
Que altos teitos<sup>2</sup> pintar de azul, e ouro.

<sup>1</sup> Por metonymia achão-se aqui os nomes d'estas constellações para exprimirem o tempo de maior calma.

<sup>2</sup> Dizemos hoje tecto, com melhor derivação.

O bemaventurados os Pastores,  
Se seus bens conhecessem ! a quem dá a terra  
A' vida mantimento, aos olhos flores.

Que he este fermoso ouro se não guerra,  
Muito melhor quando de nós se esconde  
Ou na encuberta arêa, ou n'alta serra?

Onde assi cheiram em Libia as pedras? onde  
Resplandecem assi, como as cheirosas  
Hervas, qu'o campo aberto a ninguem esconde?

Por ventura serám mais graciosas  
As agoas, que cá os canos vão rompendo,  
Qu'as que entre seixos correm saudosas?

Mas atadas aos marmores crescendo  
Vão mil Heras, jardins dependurados,  
Que das altas janellas s'estam vendo.

Artifícios são como roubados  
A Natureza, que por mais que os forcem,  
Não podem longo tempo ser forçados.

Invejosos do campo assi em vão torcem  
As vergas, e os arames, mas c'um vento  
Ou quebram, se se secam, ou se destorcem.

Leva já a natureza hum movimento  
A seus tempos contino sempre, e certo,  
Que arte imitar não pode, ou instrumento.

Que gosto he vêr do campo o Ceo aberto,  
Tantos lumes, hum corre, outro está quedo,  
Hum tam longe apartado, outro tam perto!

Quanto milagre alli, quanto segredo  
Contemplarás naquelle livro escrito  
De quanto cá acontece ou tarde, ou cedo!

E rompend'os Ceos todos com o sprito,  
Que já a mores grandezas vay voando,  
Suspiras alto a Deos com baixo grito.

Alli aprendendo estás como guiando  
Vás as simpres ovelhas ao seguro  
Curral, que anda o máo Lobo salteando.

Outra cerca farás, outro alto muro  
De doutrina, de exemplo, e saõs costumes,  
Quaes eu conheço do teu peito puro.

Do teu lumè acendendo outros mil lumes,  
Ricos ganhos darás dos teus talentos  
Não de agoas, não de cheiros, nem perfumes.

Despois receberás por hum dozentos  
Do justo pagador, que hi te alugou,  
E as obras vê de cima, e os pensamentos.

Quem pera esse sancto ocio te chamou,  
Te chamará mais alto, vive, e espera,  
Olha como este Mundo se mudou.

Quem cuidou que tam cedo volta déra  
Esta roda inconstante? ah Reys que são?  
Tambem aquelle Rey pó, e sombra era.

Rey manso, Rey benigno, Rey Christão,  
Ah quam depressa desapareceo!  
Quantas altezas caem abrindo a mão!

Em fim ditoso, quem se bem regeo.  
Mais annos são mais carcer, e mais carga,  
Assaz viveo, quem sempre bem viveo.

Devemo-nos á morte : doe , e amarga  
O só seu nome : hũa hora chega em fim  
Triste , espantosa , fea , dura , amarga.

Pareça bem a purpura , e o marfim ,  
Os luzidos metaes , a prata fina ;  
Mas eu vou , elles ficam cá sem mim.

Quanto melhor, meu Teive , aquelle atina,  
Que quanto cá dos Ceos por fé nos soa  
Dos secretarios seus , a outros ensina !

Guardando em si aquella ordem tam boa  
De quem fazia , depois ensinava ,  
Ah que honrada victoria , que coroa !

O que entendeo JERONIMO , ao que voava  
AGOSTINHO , BERNARDO o que dizia ,  
Quando da Mãy de Deos se namorava.

O que aquella divina companhia  
De sanctos Gregos na alta sua escritura  
Deixáram, lume he nosso, e nossa guia.

Alli, como dos Ceos viva pintura  
Se mostra. O tu ditoso, pois pudeste  
Ir lá só contemplar tal fermosura !

Mas com quanto tam alto te puseste  
Das brandas Musas, desce : e outra vez próva  
A doce lira, a que tal som já déste.

No teu verso Latino nos renova  
Hora outro Horacio; hora outro grande Maro :  
Na grave prosa Padua<sup>1</sup>, Arpyno<sup>2</sup> em nova.

Por ti começou já ser grande, e claro  
O Portuguez Imperio : igual aos feitos  
No Mundo raros teu estillo raro.

Encheste d'esperanças nossos peitos  
Não nos detenhas encubertos tanto  
Altos exemplos de obras, e conceitos.

Em quanto assi estás livre, Teive, em quanto  
Te não chama tua sorte ao que mereces,  
Cria ao Portuguez nome Amor, e espanto

Lédo, e confiado do que em ti conheces.

<sup>1</sup> Allude a Tito Livio, natural de Padua.

<sup>2</sup> Refere-se a Cicero, nascido nos arredores de Arpino.

## A ANTONIO DE SA' DE MENEZES.

## CARTA V.

Aquella proveitosa liberdade  
Aos antigos Poetas concedida  
De mostrar de mil erros a verdade,

E do mais livre pòvo então sofrida,  
E do mais poderoso receada,  
Porque entre nós será mal recebida?

O claro Antonio, que segues a estrada  
Da virtude mais cham, mais descuberta,  
Dos teus grandes avôs, grã pay herdada;

S'hūs cégos nos deixáram a porta aberta  
Pera o Ceo, pera honra, e pera gloria  
Porque em tão clara luz ninguem acerta?

Que espantos nos renova a alta memoria  
De tantos Gregos, e Romaôs gentios,  
Senhores do saber, paz, e victoria!

Postos ao ardor do Sol, postos aos frios,  
Olhos nos Ceos, o sprito nas estrellas,  
Nas hervas, e nas pedras, e nos rios.

Quantos segredos nestas cousas bellas,  
Que o Mundo tam fermoso fazem, viram,  
Erguendo todavia o homem sobre ellas!

Tanto cuidáram, tanto aos Ceos subíram  
Por causas, por razões, por natureza,  
Que hum alto Deos, fim do homê descobríram.

A' virtude chamáram só nobreza,  
Ao honesto, e bom, só doce, e proveitoso,  
Ao alto saber do sprito, alta riqueza.

Cada hum ao parecer mais ocioso  
Então móres segredos descobria,  
Com que inda o Mundo ficou mais fermoso.

Hora hum a terra, hora outro o Ceo media,  
Sem se mover o Oceano navegava,  
Deixando pontos certos por onde hia.

Outro apôs o Sol claro caminhava,  
E depois da ligeira volta dada,  
Co a Lua, e com as estrellas se tornava.

Alli a altura, e a linha foi achada;  
O movimento, os polos, a figura  
Redonda; a de tres cantos, e a quadrada.

Outro na trabalhosa quadratura ,  
Possivel de saber-se , e não sabida ,  
A alma cansava , em vão trabalho dura .

Daqui nasceo a fabula mal crida ,  
Que toda est'alma machina já hū'hora  
Dos ombros do grande Athlas foi sostida .

Se não somos ingratos , quanto agora  
Sabem os que mais sabem , áquella idade  
O devem , que o achou , e o deixou fóra .

Eu não falo na nova claridade ,  
Que dos Ceos milagrosamente veo  
Do saber , do poder , e da bondade :

Falo daquelles , que por certo meo  
Das cousas , que cá viram , conhecêram  
Outras , que o Ceo encerra lá em seu seo .

Mas ah s'elles fizeram o que entendêram !  
Todos erramos , mas quaes mais culpados ?  
Hūs de dia , hūs de noite se perdêram .

Bem pudêram os spritos ir guiados  
Por sua escura luz ao que a fé mostra ,  
S'em Deos puzeram todos seus cuidados .

Mas inda hoje pera honra he a vam mostra  
D'alta virtude , que o alto Ceo só pede ,  
Então mayor , quando se menos mostra .

Quam enganadamente inda concede  
Louvor o Mundo a muitos! clara he a obra;  
Mas Deos só pelo intento a pésa, e mede.

Seguro vive quem boa fama cobra,  
Diz o vão povo. O sabio está dizendo:  
Quem Deos cuida enganar, contra si obra.

Quantos ha agora, de que estamos crendo,  
Que igual seja ás boas mostras o conceito!  
Quantos, em que o contrario estamos vendo!

Não deixava porém de ser aceito  
A Deos o zelo da justiça igual  
Daquelle povo á fama só sogeito.

Tanto a virtude, tanto o honesto val,  
Que inda que o proprio fim, e dereito s'erre,  
Aproveita o exemplo, e atalha o mal.

Cada hum lá em si o secreto intento encerre,  
Mas faça bem verdadeiro, ou corado<sup>1</sup>,  
Antes que a Deos, e ao Mundo os olhos cerre.

Com quanta razão deve ser chorado  
Hum tempo, em que por Deos, nem polo Mundo  
Vemos hum do outro ser bem conselhado!

<sup>1</sup> Fingido, aparente.

Por não sofrer igual, não vêr segundo  
A custa de mil honras destruidas  
Sobe o mais vil, mil bons mete no fundo.

Ah que hoje custa hũa vida dez mil vidas,  
Vence a céga vontade a razão forte,  
As leys hora crueis, hora torcidas.

Sprito bom, fóra da geral sorte,  
Pera publico bem dado, e nascido,  
Prompto pola verdade a sofrer morte,

Inda bem não parece, eis perseguido  
De mil máos olhos, de mil linguas más  
S'encolhe dentro em si, como vencido.

Ah sancta liberdade, onde hora estás?  
Porque não soltas minha lingua muda,  
Pois aquelles se calam, a quem a dás?

Tenham versos licença : quem não muda  
A vergonha de si, mude o castigo,  
Nomee-se na praça, o povo acuda.

Vingue-se alli cada hum do cruel imigo  
Do commum bem, apontem-no co dedo,  
Aja sam liberdade sem perigo.

Venha hum Horacio livre, a que aja medo  
Não o pobre, ou triste, ou innocente,  
Cuja voz ouve Deos, ou tarde, ou cedo.

Mas pois o triste tempo não consente  
Verdade boa, e clara; corra, e vá  
Tras sua perdição a céga gente.

Despreze-se o saber, e viva a má  
Ignorancia soberba; e honra, e fama  
Só seja, o que a fortuna, e engano dá.

Seja sabio o que sabio o povo chama,  
E rido, e desprezado o que de Louro,  
Ou Palma se coroa, e outro fim ama.

Tenham por Deos o ventre : e o vil thesouro,  
Que a si mesmo roubou o triste avaro,  
Consuma o ingrato herdeiro imigo de ouro.

Tu nas antigas armas, sangue claro  
Dos illustres avôs de parte, a parte  
Constante lá occupa o sprito raro.

O nome grande a Apollo, grande a Márte  
Conserva, e accrecenta, antigo nome,  
Que por outros tam grandes se reparte.

Igualmente te dê sempre honra, e a tome  
Apollo no devido a ti seu canto,  
E contigo, meu Sá, à inveja dome.

Eu tenha hum quieto ocio, honesto, e sancto.

---

## A ANTONIO DE CASTILHO,

GUARDA-MOR DA TORRE DO TOMBO.

## CARTA VI.

Castilho, de meus versos douda lima,  
Que cuidarey que fazes lá escondido,  
Donde me não vein prosa, nem vem Rima?

Trabalhas por ventura que vencido  
Fique o grà Ferrares <sup>1</sup> no doce canto  
Té qui com tanto gosto, e fama lido?

Ou num alto sagrado bosque, e sancto  
Andas quieto, enchendo o peito puro  
Do que sossega o sprito, e vence o espanto?

Colhendo de mil flores o maduro  
Fruito, que alma sustenta, e no perigo  
Te ensina poder sempre estar seguro?

<sup>1</sup> J. B. Guarini, eximio poeta italiano, autor da tragi-comedia pastoril denominada *Pastor Fido*.

Eu te conheço, bom sprito, imigo  
Naturalmente de ocio, só de gloria,  
Só de virtude, e de saber amigo.

Quando será que eu veja a clara historia  
Do nome Portuguez por ti entoada,  
Que vença da alta Roma a grã memoria?

Não me foy dado sprito, não foy dada  
Igual boca ao grã canto. Bom desejo  
Não basta : a ti a alta empreza está guardada.

Desse sancto sossego, em que te vejo,  
Desse tam raro sprito olha as grandezas,  
Qu'o Mundo espera, e eu já vêr desejo.

Abre já, meu Castilho, essas riquezas,  
Que tanto ha já, que em ti Phebo enthesoura,  
Solta o grã Rio, farta mil pobrezas.

Assi consentirás, cruel, que moura  
Teu nome, e desse sprito o claro lume?  
Assi a coroa, quẽ te Phebo enloura?

Quanta arma, quanto sangue nos consume  
O silencio cruel! terror, e medo  
N'Africa ao Mouro, n'Asia ao bravo Rume.

Tu Castilho, tu lá ocioso, e quedo  
Vencerás de mil Mundos os espaços,  
Por onde voarás, se queres, cedo.

Solto de vaõs desejos, de vaõs laços  
O bom sprito dentro em si só posto  
Mais largo vivirá, que em largos paços.

A todo tempo terá sempre hum rosto,  
Nam turvará sua paz nenhũa guerra.  
Nenhũa mudança danará seu gosto.

Ditoso aquelle, que em si só se encerra,  
E estimando o thesouro, que em si tem,  
Pisa soberbamente toda a terra.

Sempre o dia pior he o que vem.  
Comece de viver á primeira hora  
Quem poder, e a quem Deos quis tanto bem.

Em quanto hum ri, em quanto cá outro chora,  
Passa a vida, lá o tempo todo he teu :  
Logra-o, e tua sorte ama, e a Deos adora,

Que tantos, e taes doës te concedeu.

## A JOAM LOPES LEITAM

NA INDIA

## CARTA VII.

Do antigo Portugal, da grã Lisboa,  
Por novos mares, novos Ceos, e climas  
Ao novo Portugal, á clara Goa,

Te vay saudar, Joam Lopes, s'inda estimas,  
S'inda as nove Irmãs honras, minha Musa,  
Dem lugar duros Troês <sup>1</sup> ás brandas Rimas.

Ou teu armado braço estê no que usa,  
Com Marte contendendo em fortaleza  
Sem ao Rume aceitar ouro, ou escusa,

Ou rompendo com furia, e com braveza  
As escumosas ondas, vás levando  
Socorro á quasi entrada Fortaleza.

<sup>1</sup> Está trões por trovões, como denominavão os antigos os tiros de artilharia.

Não deixes de ir cos olbos só passando  
Estes versos, verás quanto ás trombetas  
Mais animoso som estaram dando.

Antes que com forte animo comettas  
A feroz multidão, e com honroso  
Despojo, humilde o imigo a ti somettas,

Ou do triste successo temeroso  
(Como a fortuna quer) com arte, e rogo  
Tornes o teu soldado furioso,

As Musas ouve sempre, acendem fogo  
Nos altos corações, é o mór perigo  
Te fazem parecer prazer, e jogo.

Tanto mais forte irás contra o imigo  
Co sprito aceso em doce som de gloria,  
Quanto das Musas mais fores amigo.

Ao som da alta trombeta, que a memoria  
De Achilles fero ao Mundo renovava,  
Encheo o grã Macedonio su'alta historia.

Quantas vezes gemia, e suspirava  
Com geterosa inveja do alto canto,  
Que a nova gloria, e fama o levantava!

Aquelle sprito aceso, aquelle sancto  
Furor de Rey Profeta, ao som da lira  
Hora era fogo todo, hora era pranto.

Sobre si posto já mais que homem aspira  
Aos Ceos, e altos segredos, que lá via,  
Deos chama, de Deos canta, a Deos suspira.

Já aquelle fogo claro, que assi ardia  
Antigamente nũs spritos raros  
Torna inflammar a nossa idade fria.

Já os dias nascer vemos mais claros,  
O Mundo mais fermoso; e já das nove  
Musas os nomes mais ao Mundo charos.

Tambem algũa esse teu peito move,  
E todo a honra, e gloria to levanta,  
Por mais que em ti o Amor suas frechas prove.

Mas tu com Marte t'arma, com Amor canta.  
Inda juntos verás Venus, e Marte,  
Juntos Apollo, e Pallas em paz sancta.

Ah quanto Ceo, quanta agoa, João, nos parte!  
Os spritos porém de lá se chamam.  
Lá de mim tens, amigo, a melhor parte.

Não são os olhos, não os corpos, que amaã.  
Outra força secreta nos convida;  
Naturalmente hũs s'amam, hũs se desamam.

Pôde hũa voz, hũa fama ao longe ouvida  
Juntar duas almas em amor igual,  
Fazendo em dous hũa vontade, e vida.

Esta he a sancta amizade, esta a que val.  
Dos corpos, e olhos são baixos amores,  
Que ao bem se chegam, apartão-se co mal.

Dous em bom amor juntos são senhores  
De duas almas : nisto, João, vencemos  
Mil grandes Reys, e mil Imperadores.

Elles tem seus Imperios : mas nós temos  
Nossas vontades, boa segurança.  
Reynem temidos lá, nós nos amemos.

A estrada cham da bemaventurança,  
Que desta vida á eterna vay sobindo,  
Que he, se não deste amor sam confiança?

Em quanto tu teu braço estás tingindo  
Nesse barbaro sangue, e das honrosas  
Folhas essa tua fronte vás cingindo,

E inda ás armas antigas, e fermosas  
Nova, e mór fermosura vão ganhando  
Teu forte peito, e mãos victoriosas,

Eu estou tua doce vista desejando  
Com toda est'alma, com toda a vontade,  
Ah vive, e vem, João, de cá gritando.

Devemos este amor ao nosso Andrade,  
De nosso amor seguro fundamento.  
Amigo tens em mim, tens sam verdade :  
Que servidor nome he de comprimentoo.

## A D. CONSTANTINO

FILHQ DO DUQUE DE BRAGANÇA, INDO GOVERNAR A INDIA.

## CARTA VIII.

CONSTANTINO, tu vás provar tua sorte,  
E descobrir-te ao Mundo : olha o perigo  
Mór inda da fortuna , que da morte.

Fuge de ti , que em ti tens mór imigo ,  
Se muito te amas ; se te vence , e manda ,  
Teu bom conselho , em ti tens mór amigo.

Livre a Fortuna pelos ares anda  
De mil , e mil despojos carregada ,  
A muitos dura , a muito poucos branda.

Não se vence a cruel com mão armada.  
Não obedece a rogos , ou branduras.  
Então mais falsa , quando mais amada.

Se a tu vencida em tudo vêr procuras ,  
Confia de ti pouco , menos della.  
Terás a vida , e honra mais seguras.

O sprito, e olhos postos na alta estrella  
Da nova gloria, que te leva, e chama,  
Ousado a sorte lança, e solta a véla.

Tua fé, teu Rey, tua terra, teu nome ama.  
Dos bons te ajuda : em Deos espera, e cré ;  
Acenderás de amor hũa viva chamma.

Nenhum olho direito no Sol vê ;  
Mas finge que com hũa noda hoje amanheça,  
Todos a enxergarám onde quer que estê.

Qualquer pequena culpa, que pareça ,  
Em ti , logo se vê, logo se sente.  
As obras ven-se, o peito Deos conheça.

Aos olhos posto estás de toda a gente.  
Num descuido vê quanto s'aventura  
Teu nome , e o alto Imperio do Oriente.

O que as estrellas vence , o que assegura  
Altos estados he seguir razão ,  
De nossas almas propria fermosura.

Mil razões hûs , mil outros te darão ,  
Estê teu juizo firme , livre, e isento ,  
Logo as boas das más se apartaráõ.

S'a vontade obedece ao entendimento,  
Elle naturalmente o melhor mostra,  
E com hũa só razão responde a cento ;

Mas quem conhecerá a fingida mostra  
Do que o conselho funda em commum bem,  
Contrario dentro do que fora mostra?

Logo a virtude, logo a razão tem  
Hũa divina luz, com que esclarece  
A alma daquelle, que buscar a vem.

Aquelle estatuas d'ouro só merece,  
Que firme tem o generoso peito  
Té o fim bom chegar do que conhece.

Constante, e forte, a medo não sogeito,  
Nem o ardor do pôvo cêgo o move,  
Nem o espanta o trabalho do alto feito.

Hora o fogo, hora o vento, e a onda prove  
O grande Capitão, que em si deseja  
Que o mais famoso nome se renove.

Quem primeiro consigo só peleja,  
E com victoria say, ponha seguro  
A fortuna seu peito, rosto á inveja.

Cahir-lhe-ha ant'os pés o imigo duro  
Vencido do grã nome, e acender-se-ha  
Em mais fermoso fogo o forte muro.

Quem de tantos mil annos vida dá  
A tantos mortos? quem tam altos cantos,  
E a viva voz, que sempre soará?

Porque d'homês mortaes em templos sanctos  
Se guardavam as cinzas, e adoradas  
Eram de Emperadores, e Reys tantos?

Tantas ricas estatuas levantadas,  
Tantos mil arcos, mil tropheos, mil aras  
A constante virtude eram só dadas.

Vivem, e viverám as obras raras  
Eternamente, e em outra luz, que temos,  
Parecerám hum dia inda mais claras.

Os antigos exemplos já deixemos :  
Vencem os nossos; vencem, ou certo igualam.  
(Té quanto contra nós crueis seremos?)

Não espantam, não soam hoje, não falam  
Pelo Mundo o grã Conde <sup>1</sup>, e o Rey primeiro,  
Por mais que os tempos d'outros muitos calam?

Hum Sancho, hum só Dinis, hum Afonso inteiro  
No alto sprito, e zelo da Fé sancta,  
D'Hespanha outro Camillo verdadeiro?

Ah olha Constantino, e verás quanta  
Luz clara, que alta estrada vão mostrando  
Dous, de que tem teu sangue parte tanta.

<sup>1</sup> O conde Henrique de Borgonha, que póde ser considerado como o verdadeiro fundador da monarchia portugueza.

Dous Rayos Joam, e Nuno, como ousando  
Com animos constantes, a coroa  
Real com grã vigor vão conservando.

Contra tantos dous sós co a tenção boa,  
Olha o rico despojo, Reaes bandeiras,  
Olha a victoria, que no Mundo soa.

Não fabulas fingidas, verdadeiras  
Historias vês de Reys; pois tu seu sangue,  
Corre côm lédo sprito taes carreiras.

Faze inda mais temido ao Rume<sup>1</sup> o Frangue<sup>2</sup>.  
Leva diante os Capitaês passados,  
Que esse Imperio ganháram com seu sangue.

Tantos Varoês illustres, que igualados  
Com razão devem ser aos mais antigos,  
Tantos a nenhûs outros comparados.

D'hûs o conselho, d'outros nos perigos  
O animo invencivel, d'outros a arte  
De sem sangue vencer cem mil imigos.

A que Baccho, a que Romulo, a que Marte  
Concedêram vantagem? mil Scipioês,  
Fabios mil, Paulos mil em toda parte.

<sup>1</sup> Rume é aqui tomado por musulmano.

<sup>2</sup> Frangue, é uma variação de *franco*, tomado aqui como synonymo de europeu.

Ajunta os Portuguezes corações  
Naturalmente á gloria, e fama erguidos,  
Que mares temerám, ou que regioês ?

Poucos, mas bem conformes, bem regidos  
De que ondas, de que fogo, ou fortalezas  
Pudéram n'alta empreza ser detidos?

Vencem o credito já tantas grandezas;  
Tantas victorias em tam nova terra,  
Ganhadas pola Fé, não por riquezas.

As innocentes armas, sancta guerra  
Dá Deos altas victorias : quem outro fim  
Leva diante, á gloria, e á fama erra.

Nunca as pedras, as conchas, e o marfim  
Deixáram ao que as amou, nome famoso.  
Vé de Fabricio, e Crasso o nome, e o fim.

Dario com seus thesouros poderoso,  
Rico despojo foy ao Grègo pobre  
Só d'honra, só de fama cobiçoso.

Ah quem o alto sprito livre, e nobre  
Tam vilmente cativa no baixo ouro,  
Que pera mal da honra se descobre?

Tu, Real sangue, tu outro thesouro  
Trarás desse teu nome grande dino  
De nova palma, de fermoso Louro.

Suprir a idade vás de hum Rey minino<sup>1</sup>,  
Que Rey te faz por si de tantos Reys.  
Vence, triumphá , e deixa , Constantino ,  
  
Novos Imperios postos ás suas leys.

---

## A FRANCISCO DE SA' DE MIRANDA.

### CARTA IX.

Antes que minha sorte impida, ou mude  
A occasião de praticar contigo  
Mestre das Musas, mestre da virtude;

Antes que o tempo a todo bem imigo  
Me desvie forçado, onde eu já vejo  
Minha vida sem gosto, alma em perigo,

Consente-me faltar este desejo  
O Francisco só livre, e só ditoso,  
Em quanto a carta ao longe não tem pejo.

<sup>1</sup> D. Constantino de Bragança ia com o titulo de vice-rei governar o Estado da India. Sua nomeação fôra feita na menoridade de D. Sebastião.

O tempo escuro, e triste, e tempestoso  
Mal ameaça; assi viste o passado,  
E vês inda o por vir mais perigoso.

Chamart'ey sempre bemaventurado,  
Que tanto ha, que em bom porto co essas sanctas  
Musas te estás em sancto ocio apartado.

Nam esperas, nem temes, nem te espantas,  
Sempre em bom ocio, sempre em saõs cuidados  
A ti só vives lá, e a ti só cantas.

Os olhos soltos pelos verdes prados,  
O pensamento livre, e nos Ceos posto,  
Seguros passos dás, e bem contados.

Trazes hũa alma sempre num só rosto,  
Nem o anno te muda, nem o dia,  
Hum te deixa Dezembro, hũ te acha Agosto<sup>1</sup>.

Quam alta, quam Christam philosophia  
De poucos entendida nos mostraste,  
Que caminho do Ceo, que certa guia!

De ti fugiste, e lá de ti voaste,  
Lá longe, onde teu sprito alto sobindo  
Achou esse alto bem, que tanto amaste.

<sup>1</sup> A menção d'estes dous mezes serve para indicar o apogéo do inverno e do verão.

Novo Mundo, bom Sá, nos foste abrindo  
Com tua vida, e com teu doce canto,  
Nova ágoa, e novo fogo descobrindo :

Não resplandecia antes o Sol tanto.  
Não era antes o Ceo tam lumioso,  
Nem nos erguia o sprito em seu espanto.

Contigo nos nasce o anno mais fermoso,  
Mais rosada, e mais loura a Primavera,  
Co sêo de alvas flores mais cheiroso.

Por toda a parte o Louro abraça a Hera,  
Por toda a parte rios, e agoas claras,  
E outra mór natureza já da que era.

Tu as fontes abriste, os Ceos aclaras,  
As estrellas dás luz, vida aos Amores,  
Sanctos amores d'hûas Nimphas raras.

Levantas sobre Reys, e Emperadores  
Ao som da lira doce, e grave, e branda  
A humildade innocente dos Pastores.

Por onde vay teu sprito, por hi anda  
Sempre firme teu pé, e o peito inteiro;  
Obedece a vontade, a razão manda.

Nem ao Rey, nem ao povo lisongeiro,  
Nem odioso ao Rey, nem leve ao povo,  
Nem contigo inconstante, ou tençoeiro <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Rixoso, odiento.

Neste Mundo por ti já claro, e novo  
Já hũs spritos s'erguem no teu lume,  
Por quem eu, meu Sá, vejo, e meus pés movo.

Já contra a tyrannia do costume,  
Que té qui como escravos em cadeas  
Os tinha, subir tentam ao alto cume

Do teu sagrado monte, donde as veas  
Desse liquor riquissimas-abriste,  
De que já correm mil ribeiras cheas.

Alli teus passos, por onde subiste  
A tam alta virtude, e tanta gloria,  
Medindo iriam, como os tu mediste.

Inda seguindo a tua clara historia,  
Que em vida de ti lemos, algum sprito  
Com teu nome honraria sua memoria.

Mas ah tempos crueis! (soe meu grito  
Por todo Mundo) mas ah tempos duros,  
Em que não soa bem o bom escrito!

Eu vejo hum valle, e hum monte, onde seguros,  
Onde saõs, e quietos os meus dias  
Teria em ocio hom, cuidados puros.

N'as chama o Mundo vans philosophias  
A virtude, o repouso, a liberdade;  
E as sanctas Musas são fabulas frias.

He fraqueza do sprito a humildade,  
O ser do homem são honras, são riquezas,  
E subir onde mais voa a vontade.

Levantar os spritos a grandezas,  
Entrar Cidades, e mostrar vencidos  
Imigos mil, queimando as fortalezas,

Ser de Principes grandes conhecidos,  
Ao Rey aceitos, á gente espantosos,  
Ou por temor, ou por amor seguidos.

Duros trabalhos fizeram famosos  
Alexandres, e Julios, Scipioões,  
Não os bosques sombrios, saudosos.

Aos que não bastáram os corações,  
A subir alto, té os nomes perdêram.  
Alevanta a fortuna altas tenções.

Outros suas terras em boa paz regêram,  
Armando-as com boas leys, e bons preceitos,  
Com que igual honra ás àrmas merecêram.

Como? e he pouca gloria a dos direitos  
Juizes, que guardando as iguaes leys,  
Tem té os que podem mais a si sogeitos?

Em quem os seus poderes põem os Reys?  
Por quem se rege o Mundo, e se sustenta?  
Assi ociosos á honra fugereis?

Nem com dita cad'hum sua sorte tenta.  
Sentou-se, o que temeo : mas quem ousou  
O rosto, e peito ter firme á tormenta,

Co generoso sprito ao fim chegou.  
Isto me diz o povo. Eu lhe respondo :  
Vá, quem sua léda sorte alto chamou.

Besta de mil cabeças, eu me escondo,  
Não dos trabalhos d'honra, mas de ti  
Que cégameste estás pondo, e despondo.

Já eu os olhos á virtude ergui,  
Já levantey o sprito á gloria, e fama,  
Mas dentro inda de mim logo cahi.

Este bom povo, que a honra cá assi ama,  
Que assi de honra enche a boca, só proveito,  
Só doce ganho estima; este honra chama,

Ouro primeiro (este he seu preceito)  
Ouro, depois virtude : ouro honra dá,  
Ouro ao Rey faz, e aos homês ser aceito.

Logo quem nada tem, nada terá;  
Essa he cá á ordem, essa a regra, e meo.  
Logo a quem muito tem, mais se dará?

Logo em vão hum sprito ao Mundo veo  
Simprez, nu, puro, aceso em fogo vivo  
De virtude, e de amor, de gloria cheo?

O céga multidão ! e assi cativo  
Quereis fazer á baixa fex <sup>1</sup> da terra  
Hum alto ingenho? assi enterrá-lo vivo?

Quem á gloria, e á honra assi o nome erra,  
Que honra dará? e quem tam ociosa  
Acha a virtude pera paz, e guerra?

Onde a livre verdade, a tam ferrosa  
Se vende por vil ganho, e máo engano;  
E a quem a segue, e ama he mais danosa?

Onde mais justo chamam o mór tyranno,  
E a céga affeição, juizo certo,  
E o teu entendimento te he mór dano?

Tenhas fé, tenhas lingua, e peito aberto,  
Se te falta o mais baixo, e que mais val,  
Como na cinza o fogo estás cuberto.

Quanto he mais justo, quanto mais igual  
Dos mininos o jogo : será Rey  
Quem o melhor fizer, prezo, quem mal !

Pois ó porque de ti não fugirey  
Pôvo, e cruel, e cégo? que esperança  
Me dás? que nem mintir, nem servir sey.

<sup>1</sup> Fez, ou melhor fezes, como hoje se diz.

Quem dos Ceos hum sossego bom alcança,  
Mais não deseje : he livre, he Rey, he rico,  
E tem da vida a bemaventurança.

Que aproveita o que ajunto, o que edifico  
Por agoa, e fogo, pondo a vida a preço,  
Se quanto ajunto mais, mais pobre fico?

Porque a alma tam custosa a Deos, offereço  
Ao baixo ganho, se hum momento d' hora  
Como hũa sombra ao Sol desapareço?

Quanto vivem melhor os que estão fóra  
Contentes do que são, mais não desejam,  
Vivem dia por dia, hora por hora!

Sejam chamados ociosos, sejam :  
Bom he o ocioso, que do mal aparta,  
Inda qu' outros mais bens nelle não vejam.

Este desejo, que se nunca farta,  
Alli mais obedece á natureza,  
Que quer que o bem por todos se reparta.

Mais magnifica ás vezes he a pobreza  
D' hum, que os thesouros d' outro; a alta tenção  
Estima Deos; as obras vans despreza.

Tudo se torna em bem no que está são.  
O doce, e proveitoso amarga ao doente,  
Erra com cor de bem o pôvo vão.

Só andava Scipião, fugindo á gente,  
Então mais occupado, quando menos.  
Fabricio pobre só, Fabio paciente.

O campo ensina ser justo ós pequenos,  
Desprezador dos máos, só no bem forte,  
De si contente, e a si só somenos.

Não acha, quando vem armada a morte  
Mais que o seu vil despojo, ó serra, ó monte,  
Ditoso aquelle, a que cahiste em sorte?

Lá me escondas, lá onde ninguem conte  
Minhas ditosas horas, lá sem nome  
No Mundo coma o fruto, e beba a fonte.

Antes co duro arado a terra dome,  
E della as más espinhas arrancando,  
Do meu trabalho sancto exemplo tome.

Alma de máos desejos apartando,  
Nella, e na terra sans raizes plante,  
Que vão feroso fruto levantando.

A ti, Marilia, a ti, e ás Musas cante,  
Alli meu todo, e teu, livre, e seguro,  
Nada me offenda, nada turve, ou espante.

Em mim metido, e forte em meu bom muro,  
Nem o exemplo do máo me mudé ou dane.  
Nem me seja do povo o riso duro.

Antes que eu erre, antes que m'engane,  
A ti, Sá, siga : que me estás dizendo,  
Fuge antes que o máo vulgo te profane.

A vós, ó castas Deosas, me encommendo.  
Vós me livray em paz, vós me apartay  
Onde convosco lédo estê vivendo.

E o vosso bom Francisco me mostray.

---

## A D. SIMAM DA SYLVEIRA.

### CARTA X.

Dom Simão da Sylveira (este só nome  
Passe por claro titulo, em quem Marte  
Sempre igual honra, igual Apollo tome.)

As victoriosas armas a de parte  
Do illustre sangue teu sempre esparzido,  
Co sprito, e fim só posto em melhor parte :

Em quanto aos claros feitos mais devido  
He o teu raro, e grave, e doce canto,  
Em quanto do alto lume o meu vencido,

Nas brandas Musas, que tu honras tanto,  
Mal o humilde meu verso se despeja  
Furtado hora a suspiros, hora o pranto.

Quem poderia ser qual se deseja?  
Boa parte porém dá, quem dá a vontade,  
Inda que a algũs de pouco fruto seja.

Porque, pois arde esta ditosa idade  
Em outro novo fogo, em melhor lume,  
Que já o Mundo encheo de claridade,

Terá tam dura força o máo costume  
Que té ás suas leys os bons spritos,  
Que o Ceo livre nos dá, força, e consume?

Deixáram boa materia a altos escritos  
Nossos Passados : não lhes tiro a fama,  
Mais dados a bons feitos, que a bons ditos.

Mas se nos nasce agora hũa nova chãma,  
Que a sua sombra alumia, quem accusa  
A clara luz, e a sombra antiga inda ama?

Vê-se já Marte junto á branda Musa :  
Dantes todo diamante, e malha, e aceiro<sup>1</sup>,  
Sem esperar tempo, ou receber escusa.

<sup>1</sup> Aço.

Posto á fortuna todo aventureiro  
Imigo de piadade, e de brandura,  
Tal era o Capitão, e o Cavalleiro.

Eis já aquella brutal fereza dura,  
Da branda humanidade temperada,  
Que ás armas deu sua propria fermosura.

Eis Minerva de Marte namorada,  
Elle ós seus brandos olhos mil perigos  
Rompe co a forte lança, e aguda espada.

A Deosa canta, elle arde : em tanto imigos  
Mil, e mil deixam armas, e bandeiras,  
A soberbos feroz, brando ós amigos.

As fabulas antigas lisongeiras  
Ao pio Troyano, ao Grego forte  
Brandas Deosas não dão por companheiras?

Nem tudo á de ser ferro, e fogo, e morte.  
Ociosa nos foy logo esta vida,  
Se toda á-de pender de furia, e sorte.

Aja a Razão lugar, seja entendida.  
Fiquem aos Lioês a força, e a braveza,  
Que em fim d'arte a grande Hydra foi vencida

Mansos nos criou a mansa Natureza.  
Ira a guerra pario, ira armas géra.  
Ira chamou á boa razão fraqueza.

Inda naquella idade inculta, e féra,  
As forças toda dada, hum sprito raro  
Piadoso templo ao brando Apollo erguêra.

Sancto DINIS na Fé, nas armas claro,  
Da patria pay, da sua lingua amigo,  
Daquellas Musas rusticas emparo.

Com mágoa o crido, ah com mágoa o digo.  
Como hum pôvo em seu bem sempre constante  
Veio assi ser da sua lingua imigo?

Quem ao Grego deu voz, que soê, e cante  
Tam altamente? quem ao bom Latino  
Com que já Grecia iguaie, e o Mundo espante?

Quem se não artè, e uso, hum só divino  
Ingenho, que inflammado em novo fogo  
Ousou roubar o canto peregrino?

Os Pastores primeiro em festa, e em jogo  
D'espigas coroados em suas canas  
Seus Deoses invocavam a seu vão rogo.

D'alli vem Nimphas, Faunos, e Dianas  
Musas, Graças, e Venús, e os Amores,  
Crescem co tempo as invenções humanas.

Eis despois Capitaês, e Emperadores  
Entr'armas, e estandartes tam cantados,  
Eis publicos theatros ós Cantores.

Não correm sempre os Ceos iguaes : seus fados  
Teve já Grecia , e Roma ; acabou tudo.  
Perdêram-se os bons cantos cos estados.

Ficou o Mundo hum tempo frio, e mudo :  
Veio outra gente, trouxe outra arte nova ,  
Em que alçou hora som grave, hora agudo.

Chamou o pôvo á sua invenção tróva ,  
Por ser achado consoante novo ,  
Em que Hespanha téqui deu alta próva.

Eu por cégo costume não me movo :  
Vejo vir claro lume de Toscana ,  
Neste arço ; a antiga Hespanha deixo ao pôvo<sup>1</sup>.

O doce Rima<sup>1</sup> mas inda ata, e dana ,  
Inda do verso a liberdade estreita ,  
Em quanto co som leve o juizo engana.

Não foy a consonancia sempre aceita  
Tam repetida, assi como a doçura  
Continua o appetite cheo engeita.

Mas soframo-la, em quanto hũa figura  
Não vemos, que mais viva represente  
D'aquella Musa antiga a boa soltura.

<sup>1</sup> Allude á escola trovadorista supplantada pela influencia da italiana, ou toscana, como então se chamava. Ferreira mostra aqui a sua predilecção pela segunda, e o seu desprezo pela primeira.

Esta deu gloria á Italiana gente :  
Nesta primeiro ardeo cá o bom Miranda :  
Vivam Lasso, e Boscão eternamente.

Já com suas Nimphas Phebo entre nós anda,  
Já a lira a nossas sombras encordoa,  
Responde o valle, e o bosque á sua voz branda.

Porque mais Mantua, e Esmyrna que Lisboa,  
Se o claro Sol seu lume nos não nega,  
Terá (se s'arte usar) mayor coroa?

Aja estudo, aja uso, não aja céga  
Ousadia, na fonte beberemos,  
Donde o doce liquor mil campos réga,

Porque, ó Simão, porque não ousaremos,  
O que tantos ousáram? em tanta mingua  
Té quando descuidados viviremos?

Deo-nos o Ceo spritos, não nos mingua  
Mais que mestre, e uso : Ferrara, ou Florença  
Quam rica teve em seu começo a lingua?

Geralmente foy dada boa licença  
As linguas : hūas ás outras se roubáram :  
Só o bom sprito faz a differença.

Quantos antes de Homero mal cantáram !  
Quanto tempo Sicilia, quanto Athenas,  
Que depois tal som déram, se caláram !

Não criou logo Roma as altas penas,  
Com que de boca em boca foy voando,  
Iguaes fazendo ás armas as Camenas.

E nós inda estaremos duvidando?  
E o vivo fogo, que se em nós levanta,  
A outra lingua, ah crueis, iremos dando?

Docemente suspira, doce canta  
A Portugueza Musa, filha, herdeira  
Da Grega, e da Latina, que assi espanta.

Vá sempre victoriosa a alta bandeira  
Ao som da nova lira, em paz, e em guerra,  
Vá Lusitania, se puder, primeira.

O raro sprito, que da baixa terra  
Ao Ceo voando vás aceso em gloria  
Longe do cégo vulgo, que sempre erra :

Acrescenta dos teus á clara historia  
Brandas Musas. Eu vejo o glorioso  
Grã Conde encommendar-te sua memoria.

Clarissimo Luis, rayo lumioso,  
Marte nas armas, Apollo entr'as Musas,  
Mas por ti, Simão, inda mais ditoso.

Ao som da lira, de que tam bem usas,  
Vay a verde Hera entretecendo o Louro,  
Que já honrou Mantua, Esmyrna, e Syracusas.

Em ti nos mostra Apollo o seu thesouro.

## AO CONDE DO REDONDO

D. FRANCISCO COUTINHO,  
REGEDOR.

## CARTA XI.

Illustre Conde, d'entre mil eleito  
Pera a sancta justiça ter inteira  
Igual a todos no constante peito;

Despois que de infleis a alta bandeira  
Mil vezes victoriosa recolheste  
Na boa estrella, do teu sangue herdeira,

Despois que a inveja com a fama venceste,  
E os claros nomes dos famosos Condes  
Não sey como inda mais esclareceste;

E quanto foges mais tua gloria, e a escondes,  
Mais aos olhos se mostra, e inda á tua fama  
Com mais verdade, da que diz, respondes;

Perdoa este furor meu, que me chama,  
E me leva apôs ti, como forçado  
A louvar, o que o Mundo louva, e ama.

Não foste sem divino sprito dado  
A este regimento : no Ceo escrito  
Está todo conselho bem fundado.

Fortaleza, e justiça estão no sprito;  
Serve o corpo sómente de instrumento,  
Quando obedece ao bom conceito, ou dito.

Primeiro julga, e escolhe o entendimento  
O que fugir, o que seguir se deve;  
Nasce a obra conforme ao pensamento.

Nem todo aquelle, que romper se atreve  
Pelo armado esquadrão, e agudas pontas,  
Dá boa fortaleza o nome teve.

Quantos mortos vamente ás suas mãos contas  
Mal prodigos das vidas! cégos de ira!  
Dá vagar á Razão, e lança contas.

Aquelle, que a mór gloria, e fama aspira,  
Cuida o perigo, e o fim tam duvidoso  
Da ventura, que a tantos a honra tira.

Tu vencedor, Francisco, o animoso  
Não julgas polas forças, e ousadia,  
Mas polo sprito de erro arreceoso.

Quem áquelle fermoso fim só guia,  
Que as claras obras dão, o corpo offrece  
Ousado onde perdê-lo he mór valia.

Manda a razão morrer, lédo obedece;  
Véda a razão morrer, conserva a vida,  
Donde o perigo á alma, e honra empece.

Está toda virtude em boa medida.  
Em tanto he justiça, e fortaleza,  
Em quanto a razão he obedecida.

O contrario he injuria, e he fraqueza.  
Só no vencer o vicio está a victoria,  
Que o Mundo mal conhece, e só Deos preza.

Mas depois nasce a tam fermosa historia,  
Que pera exemplo eterno ao Mundo dura,  
Dos que fazendo bem, deixão memoria.

Aquella tam escondida fermosura  
Da verdadeira gloria á só virtude  
Se mostra, e dá na propria sua figura.

Não ha falsa opinião, que a turve, ou mude,  
Do cégo vulgo, sempre em si constante  
Serve-se da doença, e da saude.

He fraca ant'ella a força do Alifante,  
E do bravo Lião a ira espantosa,  
E a ligeireza da Aguia mais voante.

Só hũa firme vontade, hũa animosa  
'Tenção de bem fazer a vence, e abraça,  
Esta he sua prizão rica, e fermosa.

Nesta só acha paz, amor, e graça.  
Esta ama, e louva, e honra, adora, e estima,  
Não vozes vãs da ociosa praça.

Ah quem me desse tam suave rima,  
Que podesse cantar a viva força  
Da virtude, que em toda alma s'imprima?

Que perigo, ou medo ha, que a vença, ou torça?  
Que espantos, que a espantem? que cadeas,  
Que não quebre? que nós, que não destorça?

As claras agoas, que das limpas vêas  
Correm, campos regando, enchendo rios,  
Flores aos prados dando, ouro ás arêas,

Correndo vão seu curso por seus fios  
Direitos té o mar, alli descansam,  
Vencendo no caminho mil desvios.

Hũas seguindo as outras nunca cansam,  
A fonte sempre viva, sempre mana,  
E ao caminhante a ardente sede amansam.

Que exemplo dão á natureza humana,  
Que exemplo a terra, o mar, o ar, e o fogo,  
Que tudo ao Mundo serve, e a ninguem dana!

Communica-se o bem, não espera rogo.  
Não ha onde elle está necessidade.  
Amor he seu prazer, amor seu jogo.

Aborrece a mentira, ama a verdade.  
Não tem imigo, todos são parentes,  
Quantos veste hũa mesma humanidade.

Não tem unhas, nem pontas, nem mãos dentes,  
Todo he simpreza sam, e bom desejo.  
Todo mãos liberaes, e diligentes.

Tal te temos, bom Conde, tal te vejo,  
Sprito generoso, inteiro, e forte,  
Livre de odio, d'amor, de medo, e pejo.

Pois te chamou nossa ditosa sorte  
Das armas á justiça, outra coroa  
Espera, qual não gaste inveja, ou morte.

Favorecem os Ceos a tenção boa,  
Dos homês mal, mas de Deos bem julgada;  
Vence a verdade, vence, e fala, e soa;

E vem té dos imigos ser louvada.

---

## A VASCO DA SYLVEIRA.

CARTA XII<sup>1</sup>.

Poeta queres ser, e ser letrado?  
(Diz hum roim, e ás vezes dous, e tres)  
Poeta, e Senador grave chamado?

Que mór Chymera? que novo entremes?  
Como s'entende o texto co soneto?  
Como, em quanto tercetas, as leys vês?

Nesta contenda, neste duro reto  
Que farey, ó bom Vasco da Sylveira?  
A teu grave juizo me someto.

Não he esta, não temas, a primeira  
Guerra, que padeceo hum sprito raro.  
Vay, rompe, vence, alçada tua bandeira.

<sup>1</sup> Torna-se recommendavel esta carta pela energica resposta que n'ella dá Ferreira aos homens positivos d'essa época que censuravão-lhe por cultivar a poesia sendo magistrado.

Nas mesmas Musas acharás emparo :  
Achá-lo-ás em spritos generosos,  
A quem o bom saber sempre foy charo.

Largos sejam teus dias, gloriosos,  
Claro Sylveira, eu em mim não conheço  
Tam raros doês, nem fados tam ditosos.

Ser chamado Poeta não mereço.  
Poeta seja Maro, e seja Homero,  
E seja o meu Horacio, a quem obedeço.

Mas aja hum barbaro, hum inculto, e fero  
Merecida reposta, aja vergonha,  
Em quanto eu suas cores dar-lhe quero.

A Aranha da boa flor faz má peçonha.  
O estamago danado em mal converte  
Qualquer que nelle bom liquor se ponha.

Quem nega que a malicia não soverte  
O bom juizo? e que a ignorancia céga  
Faz que nunca a verdade bem se acerte?

Tal he ó baixo sprito, e máo, que néga  
Ajudar o bom ingenho a boa doutrina,  
Quanto elle em mais estudos bons s'emprega.

Esta alma, que he dos Ceos cá peregrina,  
Que dom mór recebeo, que a razão clara,  
Por quem se faz tam alta, e tam divina?

A qual razão, se Deos não inspirára  
Outra mór luz em nós do Ceo influyda,  
Por quem sua escuridão se alumiára,

Quam céga, e escura fora nossa vida!  
Quam incertos passos, os que cá andamos,  
E a estrada do Ceo quam mal seguida!

Nós dos antigos troncos somos ramos,  
Que secáram, perdendo sua virtude,  
Que de hum divino tronco já cobramos.

Perdeo-se a vida, perdeo-se a saúde  
Com a luz natural, veo outra nova  
Luz do alto Ceo, que nunca em nós se muda.

Esta, como mais clara, fez mór próva  
No natural ingenho, e rudes artes,  
Em que outro mór misterio se renova.

Cessáram Joves, e cessáram Martes,  
Apareceo o Ceo claro, e fermoso,  
Fermoso o Mundo em todas suas partes.

Pois se naquelle tempo perigoso  
Assi escuro, assi triste, assi confuso  
Não era o bom saber tam desditoso :

Louvava-se o bom ocio, e o bom uso,  
Louvavam-se as boas artes; e o Tyranno  
Avaro a hum bom ingenho era profuso,

Donde nos veo tal perigo, e engano  
Em tempo, em que mayor luz esclarece?  
Donde tanta malicia? tanto dano?

Como? o saber o ingenho assi escurece,  
Que, por saber mais artes, menos sabe?  
Como? o saber tanto a si mesmo empece?

Tam barbara razão não coube, ou cabe  
Senão em rude sprito ao bem imigo,  
A quem o saber mesmo tam mal sabe.

Olha o medo, senhor, olha o perigo,  
Em que hum sprito raro, e bom se cria,  
Que nem louvor lhe dão, nem acha abrigo!

Escuro, e triste foy aquelle dia,  
Que ao saber, e ingenho hũ juiz foy dado,  
Que nunca ao claro Sol olhos abria.

Não obrigam estrellas, não ha fado;  
Mas quem negará as claras influencias,  
De que o inferior Mundo he governado?

A vontade governa as consciencias:  
Eu assi o digo: em minhas mãos minh'alma;  
Deixemos sombras vans, vans apparencias.

Mas hora o Mundo he todo fogo, e calma,  
Hora regelo, e frio, e tem mudanças  
Certas; mas delle terá certa a palma

Quem só no Ceoti ver suas esperanças.

## A FRANCISCO DE SA' DE MENEZES.

## CARTA XIII.

Sofrera-se melhor hũa Elegia  
Branda d'Amor de ti tam bem cantado,  
Quando FILIS tua doce frauta ouvia.

Mas fuja-se de Amor o vão cuidado.  
Cantem de Amor, Francisco, os ociosos,  
Que inda o sprito não tem mais levantado.

Ah que esses fogos todos espantosos,  
Que pintaes, gente a vosso prazer dada,  
Vós mesmos mostraes bem ser fabulosos.

Outro fogo he, o em que arde hũa magoada  
Alma, que s'acha só, onde se reparte  
A honra com balança, e mão errada.

Quem sofrerá que leve a melhor parte,  
Que se deve á razão, a diligencia?  
E que Mercurio vença a Apollo, e Marte?

Tantas vezes provada a paciencia  
Não desesperará desta justiça?  
E não trará mal quieta a sam consciencia?

Aquelle alto furor, que move, e atença .  
Hum grande sprito, e o ergue a claros feitos,  
Quem o derriba mais, que hũa injustiça?

Fez-nos nossa fraqueza em fim sogeitos  
As esperanças de honra, e premio justo :  
Tenha a honra, Senhor, juizes direitos.

O titulo de Magno, Pio, Augusto  
Nem a todos se dava, nem o herdou  
No Mundo algum Tyranno cruel, e injusto.

Cada hum teve o nome, que ganhou  
Por sua morte, a vida he lisongeira,  
Mas nunca o vulgo nisto s'enganou.

Dá-se a coroa no fim da carreira.  
E ha inda de vir publico hum dia  
De publica justiça, e verdadeira.

Alli o repartidor, que repartia  
Custosas honras, e vidas de tantos,  
Medido será assi, como media.

Alli dos mal roubados, justos prantos,  
Alli dos bons spritos mal julgados,  
A juizes crueis farám espantos.

Porque não julgam letras os letrados?  
Bons a bondade? e porque os Cavalleiros  
De Cavalleiros não serem julgados?

Conselhem no que entendem os Conselheyros :  
E dos que entendem, quem melhor entende ;  
Julgue cad'hum em su'arte os companheiros.

Esta he a justa ordem, que comprende  
A boa parte da philosophia ,  
De que o bom regimento inda depende.

Assi fica vencida a tyrannia ,  
(Não s'erre a cada hum seu proprio nome)  
Assi florece a sancta Monarchia.

Não se cegue o bom Rey, não escolha, ou tome  
Acaso, ou a montão; vença a verdade,  
Sogigue a inveja, e a malicia dome.

O sancta paz ! ó sancta liberdade !  
O doce jugo do bom Rey prudente,  
Que guarda esta justiça, esta igualdade !

Menos se scandaliza, e menos sente  
Negarem-lhe o que he seu hum raro sprito,  
Que vê-lo dar a outrem cegamente.

Sobe aos Ceos logo hum lastimoso grito,  
Que alta justiça pede, alta vingança.  
E fica logo lá o castigo escrito.

Não aja erro, ou engano na balança.  
Dar-se-am seus nomes a cad'hum devidos,  
Seu premio aos bons livros, e á boa lança.

Descobrir-se-am por si rostos fingidos,  
E mil titulos falsos, que roubando!  
Estam os premios d'outros merecidos.

S'o fim do bom governo he ir conservando  
Na Republica paz, e paz nos vem  
De ir a justiça a todos igualando.

A todos o Sol nasce, todos tem  
Nelle sua parte igual; porque no Rey  
Não terám sua parte igual tambem?

Porque, pois commum he a todos a ley,  
Ha na justiça tanta differença,  
Que inda premio me dão polo que errey?

Tenha, Senhor, a justa dor licença.  
Que queres tu que faça hum livre peito,  
Que não sabe fazer co tempo avença<sup>1</sup>?

Assi estará cativo, assi sogeito,  
Que té do entendimento seu se guarde,  
Que não julgue quem vay torto, ou direito?

<sup>1</sup> Pacto, convenção.

Quem não diz, fogo, fogo, se a casa arde?  
Mas fique tudo a Deos, que vê bem tudo,  
E sempre dá o remedio ou cedo, ou tarde.

Entre tanto he melhor ser cego, e mudo.



# DOS EPITAPHIOS.

---

A ELREY D. AFONSO ANRIQUES.

## EPITAPHIO I.

Primeiro Afonso sou, filho de Anrique,  
Entr'armas, ante imigos Rey alçado,  
Testemunha será o campo d'Ourique,  
Onde vi a JESU Crucificado.

Esta alta gloria a meus herdeiros fique  
Por mór que o Reyno por mi só ganhado,  
Que a cruz, e as armas lhes deixey divinas  
Pera vencerem sempre em cinco Quinas.

---

A ELREY D. DINIS<sup>1</sup>.

## EPITAPHIO II.

Quem he este de insignias differentes  
Cetro, e picão, e livro, e espada, e arado?  
Este foy paz de Reys, e amor das gentes,  
Grande Dinis, Rey nunca assaz louvado.

Outros foram nũa só cousa excellentes :  
Este com todas nobreceo seu estado.  
Regeo, edificou, lavrou, venceo,  
Honrou as Musas, poetou, e leo.

<sup>1</sup> Este epitaphio é considerado como o melhor de todos pela sua concisão e valentia de phrase.

## A ELREY D. JOAM I.

## EPITAPHIO III.

Soberba sepultura, alta grandeza  
Vês com espanto : lê a grande historia;  
Lido seu nome, dirás que he baixeza  
O que antes tinhas por heroica gloria.

Este he o Rey, que com sua fortaleza  
Estes Reynos ganhou, e a boa memoria.  
Foy gloria immortal dos Lusitanos,  
Pranto, e terror fatal dos Africanos <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Allude á tomada de Ceuta por D. João I, começo da gloria portugueza na Africa.

## AO IFFANTE D. PEDRO

REGENTE.

## EPITAPHIO IV.

Filho segundo delRey João primeiro,  
Tio, e sogro delRey Afonso Quinto,  
Vês-me em premio do amor tão verdadeiro,  
De pó cuberto, do meu sangue tinto.

D'ingratos morto, e em morte prisioneiro,  
Lê minha triste historia, que não minto.  
A fama dá de mim fé verdadeira,  
Do injusto, e cruel odio Alferrobeira <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Sitio proximo de Lisboa onde foi vencido e morto o infante D. Pedro, que fôra regente do reino na menoridade de D. Affonso V, seu sobrinho e genro.

## AO MESMO.

## EPITAPHIO V.

Passa, amigo, não saibas a ventura  
Cruel, que a hũ triste Iffante aconteeço,  
A quem inda a piadosa sepultura  
Por lagrymas de tantos se vendeo.

Meus ossos estiveram em prisão dura,  
Té que meu neto, e vingador nasceo;  
Contra mim se quebráram sangue, e leys.  
Aqui estou filho, sogro, e pay de Reys.

---

## A ELREY D. JOAM II,

## EPITAPHIO VI.

Aqui está o corpo sancto do Rey sancto,  
Cujosprito no Mundo não cabia.  
Amor dos bons, dos máos terror, e espanto,  
A cujo nome Africa tremia.

Não lhe deixou a morte cruel ver quanto  
Novamente do Mundo descobria.  
Hora que já nos Ceos reyna, e repousa,  
Confessa o Mundo ser-lhe pouca cousa.

---

## A ELREY D. MANOEL.

## EPITAPHIO VII.

Quem não sabe a ventura, e sorte estranha  
De Manoel em tudo tam ditoso,  
Que Principe jurado foy d'Hespanha  
D'ambas casas do Sol Rey glorioso<sup>1</sup>?

Aqui em conhecimento de tamanha  
Fortuna, alçou a Deos tropheo famoso.  
Do sancto Rey João seu primo herdeiro,  
E pay do pio Rey Dom João terceiro.

<sup>1</sup> Allude ao acto das côrtes de Toledo que em 1498 reconhecêrão a D. Manoel como herdeiro da vasta monarchia hespanhola, em razão do seu casamento com D. Isabel, filha dos reis catholicos Fernando e Isabel.

## AO PRINCIPE D. JOAM.

## EPITAPHIO. VIII.

Em paz, e em guerra hũa esperança grande  
Principe João, filho de João terceiro,  
De Carlos genro, a que outro igual Deos mande,  
Despojo de Joanna, e amor primeiro;

Dor, que o tempo, nem ella quer que abrande,  
Dos tristes pays, e Rey unico herdeiro,  
Cobre esta pedra moço em flor cortado,  
Que mais podéra dar do que tem dado

---

## A ELREY D. JOAM III.

## EPITAPHIO IX.

A paz, a mansidão, a alta bondade,  
Em que o Reyno viveo tão docemente,  
Em quanto em guerra, em quanto em crueldade  
A sancta Igreja ardia, e Christam gente :

A piadosa liberalidade,  
Que todo Mundo enchia até Oriente  
Aqui estão co bom Rey, pay verdadeiro  
Da Religião, e letras João terceiro.

---

**A D. VASCO COUTINHO****CONDE DE BORBA.****EPITAPHIO X.**

Aqui o grã Capitão , e illustre Conde  
De Borba , leal Dom Vasco os pos enterra.  
O valeroso sprito lá está , onde  
Ganhou seu alto assento em sancta guerra :

A fama ao claro nome não responde  
Igual , nem ao serviço os Reys da terra.  
Leal contra seu sangue ; em armas forte,  
Nunca vencido , e vencedor da morte.

---

## AO GRANDE AFONSO D'ALBUQUERQUE.

## EPITAPHIO XI.

Vejo Alexandre, Cesar, Scipião;  
Quem he, o que em meo delles resplandece?  
Afonso d'Albuquerque, a quem elles dão  
Cada hum seu lugar, que bem merece.

As grandezas de todos nelle estão;  
Quem os tres nunca vio, nelle os conhece.  
Tam liberal, tam casto, tam clemente,  
Triumphador glorioso do Oriente.

---

## A ANTONIO DE SA' DE MENEZES.

## EPITAPHIO XII.

Donas quem sois? Sciencia, Honra, Bondade.  
E que fazeis? aqui nos enterramos.  
Quem vos enterra? amor, e saudade.  
De quem? d'Antonio, com que nos criamos.

Té quando? té que o Douro, e sua Cidade  
Tenha outro abrigo, onde nos metamos.  
Inda o pay vive, e vivirá o irmão;  
Hay, nós choramos, porque mortaes são.

---

A JOAM CAMINHA,  
E D. PHILIPPA DE SOUSA  
SUA MOLHER,  
AMBOS MORTOS, E ENTERRADOS NUM DIA.

EPITAPHIO XIII.

Não passes, Caminhante; hum pouco espera :  
Duas almas, que em nó sancto Deos juntou,  
Das quaes o amor hũa alma só fizera,  
Juntas no mesmo amor Deos as chamou.

Cada hum sua vida pola d'outro déra.  
Hũ d'outro a morte não vio, nem chourou,  
O almas sanctas, bemaventuradas,  
Nunca na vida, nem morte apartadas !

---

## A DIOGO DE BETANCOR.

### EPITAPHIO XIV.

Aqui jaz Betancor, chorou-o a morte ;  
Chorou-o a morte, e suspirou-o a vida ;  
Antes lhe deu eterna vida a morte ,  
Antes s'elle devia a eterna vida.

Começo de sua vida foy a morte.  
E nunca morte foy sua sancta vida.  
A morte deixa a terra, a vida á fama.  
O sprito ao Ceo, que taes spritos chama.

---

## A D. ANGELA DE NORONHA.

## EPITAPHIO XV.

Aqui d'hũa part'o Douro, d'outra o Lima  
Angela choram, seu prazer, e gloria.  
Ella nos Ceos triumpha, e lá de cima  
Mostrando a palma está de sua victoria.

Seja cantado sempre em prosa, e em rima  
Seu nome, seu sprito, sua memoria.  
Não choreis Nimphas, não choreis Amores;  
Offerecei-lhe aqui versos, e flores.

---

## A' MESMA.

## EPITAPHIO XVI.

Aqui as Graças , Virtude , e Fermosura ,  
Arte , Saber, Grandeza , e Cortesia  
Angela choram , que de sombra escura  
Morte cobrio tanto antes de seu dia.

Ay falsas esperanças da ventura !  
Quanto áquelle alto sprito se devia !  
Mais não lhe era igual paga a baixa terra ,  
Que indignamente em si seu corpo encerra.

---

## A DONA ANNA DE TOAR.

## EPITAPHIO XVII.

Aquella em vida morta na vontade,  
No ponto que a sancta alma desatou,  
Vestida já de nova claridade,  
Pondo aqui o mortal véo, aos Ceos voou.

Innocente Dona Anna, irmam d'Andrade,  
Filha dos pays, que juntos Deos chamou,  
Sanctos pays, sancta filha, sangue 'sancto!  
Louva a Deos, Caminhante, deixa o pranto.

---

A MARIA PIMENTEL <sup>1</sup>.

## EPITAPHIO XVIII.

Quem jaz aqui? hum corpo, em que vivia  
Hũa alma sempre d'elle saudosa.  
Que nome? e de que sangue? era Maria,  
Dos claros Pimenteis planta ditosa.

Que bens possuyo cá? nella se via  
Igual corpo fermoso á alma fermosa.  
Quem perdeu tanto bem? O Mundo, e hum triste,  
Que em vão suspira, em vão aos Ceos resiste.

<sup>1</sup> Este epitaphio e o seguinte são dedicados a D. Maria Pimentel, mulher do poeta, e á qual consagrou muitos dos seus sonetos. Era senhora de raras virtudes e peregrina beldade.

---

## A' MESMA.

## EPITAPHIO XIX.

Que choras? cres que he isso sepultura?  
He thesouro de amor, e sanctidade;  
Revolve a pedra : vês que fermosura?  
Vês que novos sinaes de claridade?

Esta he inda de fóra a vam pintura  
Do sprito nunca visto em outra idade.  
Julga pois, Caminhante, qual seria  
Em tal corpo a sancta alma de Maria.

---



# CASTRO.

TRAGEDIA.

PESSOAS DA TRAGEDIA:

CASTRO.

AMA.

CHORO DAS MOÇAS DE  
COIMBRA.

INFANTE D. PEDRO.

SECRETARIO SEU.

ELREY D. AFONSO IV.

PERO COELHO.

DIOGO LOPES PACHECO.

MESSAGEIRO.

---

## ACTO I.

CASTRO, AMA, CHORO.

CASTRO.

Colhey, colhey alegres,  
Donzellas minhas, mil cheirosas flores.  
Tecey frescas capellas  
De lyrios, e de rosas; coroay todas  
As douradas cabeças.  
Espirem suaves cheiros,  
De que s'encha este ar todo.  
Soem doces tangeres, doces cantos.  
Honray o claro dia,  
Meu dia tam ditoso! a minha gloria  
Com brandas liras, com suaves vozes.

CASTRO.

AMA.

Que novas festas , novos cantos pedes?

CASTRO.

Ama, na criação ama, no amor mãy,  
Ajuda-m'ao prazer.

AMA.

Novos extremos vejo.

Nas palavras prazer, agoa nos olhos.  
Quem te faz juntamente leda, e triste?

CASTRO.

Triste não pôde estar, quem vês alegre.

AMA.

Mistura ás vezes a fortuna tudo.

CASTRO.

Riso, prazer, brandura n'alma tenho.

AMA.

Lagrymas sinaes são da má fortuna.

CASTRO.

Tambem da boa fortuna companheiras.

AMA.

A dor são naturaes.

CASTRO.

E ao prazer doces.

AMA.

Que força de prazer tas traz<sup>1</sup> aos olhos?

<sup>1</sup> Já por vezes temos notado o nenhum cuidado que os nossos classicos empregavão afim de evitarem os cacophatons, e sons desagradaveis ao ouvido. N'este ultimo caso está o *tas traz*.

CASTRO.

Vejo meu bem seguro, que receava.

AMA.

Que novo caso foy? que bem te veo?  
Porque me tens suspensa?  
Abre-me já, Senhora, essa alma tua.  
O mal s'abrandá, o bem contando-o cresce.

CASTRO.

O Ama, amanheceo-me hum alvo dia.  
Dia de meu descanso. Sofre hum pouco  
Repetir de mais alto a minha historia,  
Em quanto o sprito lêdo co a lembrança  
De seu temor, de que já está seguro,  
Ajunta ao mal passado o bem presente.  
Daquelle grande Afonso forte, e sancto  
Por poderosa mão de Deos alçado  
Entre armas, ant' inimigos o Real cetro  
Do grande Portugal, que inda está tinto  
De sangue de infieis por seu bom braço,  
Por legitima herança rege, e manda  
O bom velho glorioso da victoria,  
E nome do Salado, Afonso Quarto,  
Dos Reys de Portugal setimo em ordem,  
Filho do grande Dinis, de Isabel sancta,  
Ambos já no alto Ceo claras estrellas.  
Cuja alta casa, e acrecentado Imperio  
Pelos grandes avós, espera alegre  
Seu desejado herdeiro o Iffante Pedro,

Meu doce amor, minha esperança, e honra.  
Sabes como, em saindo dos teus braços  
Ama, na viva flor da minha idade,  
(Ou fosse fado seu, ou estrella minha)  
Cos olhos lhe acendi no peito fogo,  
Fogo, que sempre ardeo, e inda arde agora  
Na primeira viveza inteiro, e puro.  
Por mim lhe aborreciam altos estados.  
Por mim os nomes de Princezas grandes,  
Por tam grande me avia nos seus olhos.  
Hum tempo duro, mas em fim forçado  
Deu a Costança <sup>1</sup> a mão, Costança aquella  
Por tantas armas, e furor trazida,  
Já quasi do seu fado triste agouro :  
Deu a Costança a mão, mas a alma livre,  
Amor, desejo, e fé me guardou sempre.  
Quantas vezes quizera honestamente  
Podê-la dar a mim ! quantas mais vezes  
S'arrependeo depois de se ver prezo !  
Não lhe apagou o amor a nova esposa ;  
Não o tam festejado nascimento  
Do desejado parto : antes mais vivo  
Co tempo, e co desejo ardia o fogo.  
Que fará ? se o encobre, então mais queima.  
Descobrí-lo nam quer, nem lhe he honesto.  
Mas quem o fogo guardará no seo ?  
Quem esconderá amor, que em seus sinaes

<sup>1</sup> Dizemos hoje Constancia, tanto no sentido de firmeza, como para designar nome proprio de mulher.

A pezar da vontade se descobre?  
Nos olhos, e no rosto chamejava.  
Nos meus olhos os seus o descobriam.  
Suspira, e geme, e chora a alma cativa  
Forçada da brandura, e doce força,  
Sogeita ao cruel jugo, que pezado  
A seu desejo sacudir deseja.  
Não pôde, não convem : a furia cresce.  
Lavra a doce peçonha nas entranhas.  
Os homês foge, foge a luz, e o dia.  
Só passeia, só fala, triste cuidã.  
Castro na boca, Castro n'alma, Castro  
Em toda parte tem ante si presente.  
Elle á mulher cuidado, eu odio, e ira.  
Arde o peito a Costança em furor novo.  
Nem me ousam descobrir, nem vedar nada.  
D'antiga Casa Castro em toda Hespanha,  
Já dantes do Real cetro deste Reyno  
Por grande conhecida, inda meu sangue  
Do Real sangue seu tinha grã parte.  
Mas inda á natureza dobram força,  
Arte ajuntando, e manha : elRey ao neto  
Por madrinha me dá, comadre ao filho.

AMA.

Cegos, que quanto mais vedam, mais chamam.  
Cresce co a força Amor : e o que á vontade  
Se faz mais impossivel, mais deseja.

CASTRO.

Em fim, fortuna, que me já chamava

Esta gloria tam grande, quebra o nó  
 Daquelle jugo a meu amor contrario.  
 Leva ante tempo a morte a Ifante triste.  
 Herdo eu mais livremente o amor constante,  
 Que a mim se entregou todo, e todo vive  
 Na minh'alma, onde está seguro, e firme,  
 Já com doces penhores confirmado.  
 Mas o sprito inquieto cos clamores  
 Do povo, e rogos graves, que trabalham  
 Apartar est'amor, quebrar sua força,  
 Me traziam medrosa réceando  
 A volta da fortuna, que hora amiga  
 Hora imiga cruel alça, e derriba;  
 Que sempre do mór bem, mór mal promette  
 Falsa, inconstante, cega, varia, e forte.  
 Lograva como a medo os meus amores.  
 Criava o grande amor desconfança:  
 E a consciencia errada sempre teme.

AMA.

Quem te segurou já? quem novo sprito  
 Te deu aos temores?

CASTRO.

O meu medo.

AMA.

Contrarias cousas falas.

CASTRO.

O medo ousa

As vezes mais que o esforço: tomo os filhos

Co as lagrymas nos olhos , rosto branco ,  
A lingua quasi muda , em choro solta  
Ant'elle assi começo : meu Senhor,  
Soam-me as crueis vozes deste povo ,  
Vejo delRey a força , e imperio grave  
Armado contra mim , contra a constancia ,  
Que em meu amor tégora tens mostrado.  
Não receo , Senhor, que a fé tam firme  
Queiras quebrar a quem tua alma déste ;  
Mas receo a fortuna que mais possa  
Com seu furor, que tu com teu amor brando.  
Por estes minhas lagrymas, por esta  
Mão tua, que em sinal de fé me déste,  
Pelos doces amores, doce fruto,  
Que delles tens diante, se me debes  
Amor igual ao meu ; ou se algũ'hora  
Fui a teus olhos vista alegre, e doce,  
Me segures, me guardes, me conserves  
Contra os duros mandados de teu pay,  
Contra importunas vozes dos que podem  
Mudar acaso teu constante peito.  
Ou quando minha estrella, e cruel genio  
Te puder arrancar dest'alma minha,  
Com teu armado braço envolta em sangue  
M'arranques deste corpo, que não veja  
Tam triste dia, tam cruel mudança ;  
Eu tomarey por doce a minha morte :  
Por piadoso amor, tal crueldade.

AMA.

Moveste-me a alma, e os olhos.

CASTRO.

Assi disse. Elle então lançando os braços

Estreitamente em mim, mudado todo

Em vão trabalha de encobrir a mágoa

De meu temor, e lagrymas. E póde

O Dona Ines, me diz, póde teu peito

Conceber tal receo? aquelle dia

Primeiro, que te vi, não mostrou logo

Que esta minh'alma á tua só se deve?

Por ti a vida me he doce, por ti espero

Acrecentar imperios : sem ti o Mundo

Duro deserto me pareceria.

Não poderá fortuna, não os homês,

Não estrellas, não fados, não planetas

Apartar-me de ti por arte, ou força.

Nesta tua mão te ponho firme, e fixa

Minh'alma; por Iffante te nomeo,

Do meu amor Senhora, e do alto estado,

Que me espera, e teu nome me faz doce.

O grande movedor dos Ceos, e terras

Invoco, e chamo aqui : o alto Ceo m'ouça,

E meu intento sancto approve, e cumpra.

AMA.

Entendo o teu prazer, as tuas lagrymas.

Tambem de prazer choro : tam contraria

Nos he sempre a alegria, que inda toma

Lagrymas emprestadas á tristeza.

CASTRO.

Já não temo fortuna, já segura,  
E léda vivirey.

AMA.

No Real sprito  
Não se deve esperar leve mudança.  
Ajuda tua estrella co bom siso.  
Muitas vezes a culpa empece ao fado.  
Prudencia, e bom conselho o bem conserva :  
A soberba o destrue <sup>1</sup>, e em grã mal muda.

CASTRO.

Rege tu, ama minha, este meu peito.  
O subito prazer engana, e erra.

AMA.

Encobre teu segredo.

CASTRO.

N'alma o tenho.

AMA.

Deos to conserve.

CASTRO.

Humilde aos Ceos o peço.

<sup>1</sup> Conjugando regularmente o verbo *destruir* dizem os antigos *destrue*. Hoje porém fazendo-o irregular dizemos *destroe*.

## IFFANTE, CHORO.

## IFFANTE.

Poderoso Senhor, grã pay do Mundo,  
Cujo poder immenso, altas grandezas  
Cantam os Ceos, a terra, os elementos,  
A cujo aceno treme a redondeza,  
A cujo querer nada he impossivel,  
Fortalece meu peito, arma-me todo  
De paciencia igual á dura afronta.  
Sossega os alvoroços deste povo,  
A furia de meu pay, que em vão trabalha  
Arrancar-me minh'alma donde vive.  
Sou humano, Senhor : tentações grandes  
Vencem animos fortes.

Ferve o sangue, arde o peito, cresce-me ira  
Contra quem me persegue : tu me amansa.  
Não poderey sofrer, não poderey  
A dura pertinacia, o cruel odio,  
Que ao meu doce amor mostram.  
Vence a dor a razão : vence Amor força.  
Tu conserva, alto Deos, a prometida  
Fé, a quem já de lá dar-ma mandaste.  
Tudo de ti procede : sem ti nada  
Se move cá na terra. Quem entende  
Teus meos, e teus fins, e teus segredos?  
Quantas vezes mal he, o que bem parece!

Quantas vezes o mal causa bens grandes!  
Quanto tempo soffreste o grande Afonso  
No nome de Bolonha celebrado,  
Que novas torres ajuntou ás Quinas,  
Dura força fazendo ao matrimonio,  
Contr'as divinas leys, çontra as humanas!  
Quem então não chorava a crueldade  
Contra o primeiro amor? e quem calava  
A dura pertinacia do segundo?  
Mas tu querias dar ao Mundo o grande,  
Forte, prudente, e sancto, hum só Dinis  
Paz, e concordia entre altos Reys, que Reynos  
Deu, e tirou; em armas claro, e em letras.  
Eu de seu sangue, de seu estado herdeiro,  
Porque do meu amor tam mal julgado  
Nam esperarey grandezas? velas-ey,  
Velas-ey de ti, Castro; vive leda,  
Vive segura, lança os medos fóra,  
Que antes morte, que vida sem ti quero.

## CHORO.

Não he desculpa ao mal, outro mal grande.  
Quam danoso he no Mundo hum máo exemplo!  
Mas não póde assi ser a Razão cega,  
Que o que reprende em outro, em si o aprove.  
Cada hum levar-se deixa da vontade.

## SECRETARIO, IFFANTE, CHORO.

## SECRETARIO.

Quem ajuntar poder com agoa o fogo,  
 Quem misturar co dia a noite escura,  
 E quem o máo peccado com a virtude,  
 Este no amor ajuntará razão,  
 Este em falsa lisonja a lealdade.  
 Hum o amor não sofre, outro a virtude.  
 E eu destes ambos venho agora armado.  
 Não sey se poderey vencer com elles.  
 S'algum sprito bom me quizesse hora  
 Ajudar lá dos Ceos, e aqui acabasse  
 Esta vida; que fim mais glorioso  
 Que polos Ceos deixár a baixa terra,  
 Antes que por temor honra, e verdade?  
 Aquelle he que lá vejo pensativo;  
 Deos m'inspire que diga sem temor.  
 Conflança ha mister, e animo livre  
 Quem quizer resistir ao máo proposito  
 Do Principe, em que está determinado.  
 Mas deixar de o fazer he vil fraqueza.

## IFFANTE.

Que dirás, Secretario, a tam grã força  
 Como querem fazer a esta minh'alma?

SECRETARIO.

Senhor, mas antes querem dar-ta livre  
Donde está tam forçada, e tam cativa.

IFFANTE.

Arrancam-me as entranhas, que me querem?  
Esta gente que quer, que assi me mata?

SECRETARIO.

Querem-te só, e procuram-te tua honra.  
E quebrar daqui as asas á fortuna  
Que contra ti não tenha nunca forças.

IFFANTE.

Mas antes lhas vão dando quanto podem,  
Procurando apartar-me donde vivo.

SECRETARIO.

Se te visses, Senhor, verte-yas morto :  
Verte-yas cégo, em quanto homem não vive  
Com su'alma própria, póde a tal ser vida?

IFFANTE.

Tambem tu me persegues? tambem vens  
Afiado cortar-me estas raizes,  
Que no meu peito já tam firmes tenho?

SECRETARIO.

Piadosa obra faz ao que está prezo  
Quem as prisoões lhe corta, e as más cadeas?  
Oh clarissimo Iffante, meu Senhor,  
Muito ha que me conheces, teus segredos  
De mim com razão sempre confiaste.  
Nunca te descobri as zombarias,  
Nunca descobrirey o menor delles.

D'hũa parte me tens por Secretario ,  
 Mas d'outra me has de ter por Conselheiro.  
 Comprirey eu contigo , e co que devo :  
 Então venha tua ira , que eu não quero  
 Melhor morte , que aquella , que de infamia  
 Livrar a vida , e a alma de perigo.  
 Não vês , Senhor , que o Sol , se escurecesse ,  
 Quanto cobre , e descobre , ficaria  
 Tam triste , e escuro , como agora claro ?  
 Pois tal he o bom Principe : Sol nosso ,  
 Com cuja luz nos vemos , e seguimos  
 A justiça , que aos Ceos nos vay levando .  
 Se s'esta em ti perder , onde a acharemos ?  
 Quem a virtude seguirá , quem honra ?  
 Abateres-te assi de Principe alto  
 A pensamentos baixos , que s'estrancam  
 Nos homês baixos , parecer te pôde  
 Grandeza de ti digna ? e do que debes  
 A este estado tam alto , que te espera ?

IFFANTE.

Quem tam livre te faz , e tam ousado ?

SECRETARIO.

Amor , e lealdade esta ousadia  
 Me dão : dá-ma a Razão , que tem tal força ,  
 Que inda que se não siga , não se nega .  
 Lá dentro em ti te vejo estar sentindo  
 Em teu animo Real , e generoso  
 Quasi huma reverencia , a que te move ,  
 Inda que com desgosto , a sam verdade .

Não me queres ouvir, mas bem me julgas.  
Move-te o zelo honesto, a fé tam pura.  
Deixa-te reprender de quem bem t'ama,  
Que ou te aproveita, ou quer aproveitar-te.  
Não recebas enganos de quem teme,  
Ou deseja, ou espera, á custa tua,  
De tua honra, e dos teus, que a tantos mata.  
Louvas tu, ou alguém louvará aquelle,  
Que podendo illustrar a gloria antiga  
De seus passados com mór honra, e fama,  
Não sómente o não faz, mas escurece  
Daquella luz antiga o claro rayo?

IFFANTE.

Mas antes não viver merecia esse,  
Antes não ser nascido : que a Aguia vemos  
Os filhos engeitar, que ao Sol não olham.

SECRETARIO.

E que dirás, que julgarás daquelle,  
Que em vez de se armar bem contr'a fortuna,  
Causas anda buscando de a ter sempre  
Contraria a sua vida, e seu estado?

IFFANTE.

Quem não teme a fortuna, e não procura  
De contr'ella se armar, tê-la-a imiga,  
Que aos que se lhe mais dão, sempre persegue.

SECRETARIO.

Julgaste-te a ti mesmo.

IFFANTE.

Em que? ou como?

## SECRETARIO.

Aquelle claro sangue, aquelle nome  
Heroico, tam alto, e em todo o Mundo  
Honrado, e conhecido dos Reys grandes,  
De cujo tronco vens, não fica escuro  
Misturado com outro differente  
Dos que foram nascidos, e criados  
Pera humildes soffrerem teu Real jugo,  
Obedecendo ao Imperio, e aos acenos?  
Despois disto não vês o grã desprezo,  
Em que serás aos teus? o grã perigo  
Em que pões este Reyno, co a soberba  
De poucos, que ergues tanto, e tanto podem  
Com teu favor, que mostram já desprezo  
A quem devem mostrar acatamento?  
Que cousa mais destrue o Rey, e Reyno?  
Que cousa cria mór desprezo, e odio  
Que vê-lo sogeitar-se a cousas baixas?  
Que vê-lo ser mandado de seus vicios?  
Com que rosto, Senhor, darás castigo  
Aos que assi cõmmetterem, o que commettes?  
Como conservarás a obediencia  
Sancta devida aos pays, pois tu a negas  
Aos teus no que te pedem justamente?  
Memoria deixarás de máo exemplo  
A teus filhos : darás licença larga  
A Reys, que isto souberem : ao Mundo causa  
D'escurecer teu nome pera sempre.  
De hum mal vê quantos males nascem logo :

Todos sobre ti caem : Senhor, vê-te.  
 Conhece-te melhor : entra em ti mesmo.  
 Verás então o porque te importunam,  
 O que te pede elRey, o que teu povo.

## CHORO.

Conselheiro fiel , ousado, e forte  
 Feriste co a razão a alma, que dura  
 Os olhos em vão cerra.

## IFFANTE.

Eu não sou, nem fuy nunca qual me julgas,  
 Ou qual me julgaes todos. Outros olhos  
 Diferentes dos vossos são os meus,  
 Com que me vejo; e vejo que o que faço,  
 Não he tamanho mal, como vós vedes.  
 Eu não faço erro algum : sigo o que o sprito  
 Me diz, e me revela, a quem eu creio.  
 Cos Principes tem Deos outros segredos,  
 Que vós não alcançaes, e como cégos  
 Nos juizos erraes de seus mysterios.  
 Olhay esta molher, vede o que ha nella.  
 D'hum sangue nos formou a natureza :  
 Real he, de Reys vem, de Reys he digna.  
 Do Mundo quizera eu ser só Monarcha,  
 Monarcha de mil Mundos, pera todos  
 Debaixo dos pés pôr, de quem tanto amo.  
 Muy baixa me parece esta coroa  
 Pera aquella cabeça. Olha o que mando :  
 Tu jámais me não fales em tal cousa.  
 Meus duros pàys não curem de cansar-me ;

Porque nem posso nisso obedecer-lhes,  
 Nem em o não fazer desobedeço.  
 Arranquem-me a vontade deste peito,  
 Arranquem-me do peito est'alma minha<sup>1</sup>,  
 Entam acabarám o que começam.  
 Não cuidem que me posso apartar donde  
 Estou todo, onde vivo : que primeiro  
 A terra subirá onde os Ceos andam,  
 O mar abraçará os Ceos, e terra,  
 O fogo será frio, o Sol escuro,  
 A Lua dará dia, e todo Mundo  
 Andará ao contrario de sua ordem  
 Que eu ó Castro, te deixe, ou nisso cuide.  
 Dey-te alma, dey-te fé, guardá-la-ey firme.  
 Conflo isto de ti, não mo descubras.

SECRETARIO.

Oh Senhor, que me matas ! Deos quiserá  
 Que nunca merecêra honra tamanha.  
 Pois me põem em perigo de deshonra.  
 Seguir tua vontade, he destruir-te,  
 Destruir este Reyno, e teu pay triste :  
 Quereres-te apartar della he impossivel.

IFFANTE.

Sigue<sup>2</sup> minha razão, minha vontade.

SECRETARIO.

Não te vejo razão, vejo vontade.

<sup>1</sup> Este cacophaton tão censurado em Camões n'um dos seus mais bellos sonetos era commum aos poetas quinhentistas.

<sup>2</sup> Está *segue* por *segue*.

IFFANTE.

Sigue a vontade, que forçar não podes.

SECRETARIO.

Manda-me o que te devo que a não siga.

IFFANTE.

Queres mandar teu Principe?

SECRETARIO.

Mas sirvo.

IFFANTE.

Obedece ao que quero.

SECRETARIO.

Manda o justo.

IFFANTE.

Deos só me julga.

SECRETARIO.

E a razão te obriga.

IFFANTE.

Livre á de ser hum Principe.

SECRETARIO.

Cativo

He, quem de si se vence.

IFFANTE.

Inda importunas?

SECRETARIO.

Se te não conselhar, meus são teus erros.

IFFANTE.

Eu te livrarey delles.

## SECRETARIO.

A Deos temo.

Tu no corpo só podes, elle n'alma.  
 Eu aconselhar-te posso, forçar não.  
 Testemunha me he Deos : e tu tambem.  
 Amor em ti só reyna, amor te manda  
 Peçonha doce d'alma, d'honra, e vida.  
 Mas porque te não movem tantos choros  
 Da Rainha tua mãy? os tantos rogos  
 D'elRey teu pay? os tam leaes conselhos  
 De quantos a teus pés estão lançados,  
 Pedindo-te piedade deste Reyno,  
 Que ameaçado está assi da fortuna?  
 Não te declararás por honra tua,  
 E prova pera o Mundo, que t'infama  
 Com nome de peccado pertinaz?  
 Eu choro de assi ver hũa mulher fraca  
 Mais forte contra ti, que quantas forças  
 De Deos, do Mundo estão por ti tirando.

## IFFANTE.

O perseguição forte, ó odio estranho!  
 O duros fados todos conjurados  
 Cos Ceos, e com as estrellas a perder-me!  
 Que me quereis? que sem razão vos faço  
 Homês d'entranhas féras, e danadas,  
 Em ter igual amor a quem mo tem?  
 A quem he tam devido? quem o Mundo  
 Todo merece ter, e inda he pequeno?  
 Homês, que procuraes meu mal, e morte,

Vede bem o que eu vejo : que alto imperio  
 Daquelle Real rosto não será  
 Honrado, e acrecentado? aquelle rosto,  
 Que tanto aborreceis, que Mundos pede !  
 Que estados, que grandezas, que triumphos !  
 Em corpo tam fermoso a fermosa alma  
 Tam sancta, tam honesta, casta, e pura  
 Que tacha podeis dar? ou que virtudes,  
 Que graças das mais raras, e excellentes  
 Não achareis em tudo, quanto mostra?  
 Póde ser mais crú odio, e mais injusto?  
 Póde ser mór inveja, e mais sem causa?

CHORO.

O quam perigoso he qualquer principio  
 De mal, que hum só descuido póde tanto,  
 Que traz hum animo alto a tal baixeza!

IFFANTE.

Para onde fugirey, porque me deixem?

SECRETARIO.

De ti ás<sup>1</sup> de fugir, por teu remedio.

IFFANTE.

Não me valerá já ver que não posso?

SECRETARIO.

Tu mesmo te puzeste em tal fraqueza.

IFFANTE.

Não quero, nem desejo arrepender-me.

<sup>1</sup> Está ás por *has*, causando amphibologia.

CASTRO.

SECRETARIO.

Accrescentas o erro co a vontade.

IFFANTE.

S'he erro, como dizes, não ouve<sup>1</sup> outros?

SECRETARIO.

Ouve, mas todavia foram erros.

IFFANTE.

Desculpem-me outros Reys, e Emperadores.

SECRETARIO:

Como o farám, pois a si não pudéram?

IFFANTE.

Não me persigas mais.

SECRETARIO.

O mal persigo.

IFFANTE.

Hum Principe de hum Reyno tam cativo  
 A de ser, que não faça o que costuma  
 Qualquer do povo seu.

SECRETARIO.

Hum Principe antes

A de ter seu sprito tam alçado  
 Da terra, que della erga o pensamento  
 Ao baixo povo seu, pera que o siga.  
 Sprito á de ser puro : hum ouro limpo,  
 Sem fézes, e sem liga : exemplo claro  
 De fortaleza, mansidão, e justiça.

<sup>1</sup> A falta do *h* origina outro equívoco que só o sentido póde resolver.

## IFFANTE.

Vay-te diante mim, fuge minha ira<sup>1</sup>.

## SECRETARIO.

Quem governará hũa vontade livre,  
Que outro Senhor não tem, senão a si mesma?

## CHORO I.

Quando Amor nasceo,  
Nasceo ao Mundo vida,  
Claros rayos ao Sol, luz ás estrellas.  
O Ceo resplandeceo,  
E de sua luz vencida  
A escuridão mostrou as cousas bellas.  
Aquella, que subida  
Está na terceira esphéra,  
Do bravo mar nascida  
Amor ao Mundo dá, doce amor géra.

Por amor s'orna a terra  
D'agoas, e de verdura,  
As arvores dá folhas, cor ás flores.  
Em doce paz a guerra,  
A dureza em brandura,  
E mil odios converte em mil amores.  
Quantas vjdas a dura  
Morte desfaz, renova :

<sup>1</sup> Expressão obsoleta substituida por *foge da minha ira*.

A alma dormente sonha  
 Em seu engano, e tece doces teas.  
 Foge a casta vergonha.  
 Foge a constancia forte.  
 Entra tristeza, e morte  
 Debaixo da brandura,  
 Que a razão mata, o coração endure.

Quem a ferrada maça  
 Ao grande Alcides toma?  
 E quer que assi aos pés jaça<sup>1</sup>.  
 Da moça, feito moça, quem liões doma?  
 Quem da espantosa caça  
 Os despojos famosos  
 Lhe converte em mimosos  
 Trajos de Dama, e o uso  
 Das duras mãos lhe põem no brando fuso

Jupiter transformado  
 Em tam varias figuras,  
 Deixando desprezado  
 O Ceo, quam baixo, o mostram mil pinturas!  
 Poderosas branduras,  
 Que assi as almas convertem  
 No que amam! assi sovertem  
 Por manha a grande alteza  
 Do sprito, que s'enterra em vil fraqueza!

<sup>1</sup> O verbo *jazer* fazia outr'ora *jaça* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, que agora dizemos *jaz*.

De que outro fogo ardia  
Dos Teucros a alta gloria?  
De que deixou historia  
Tam triste ao Mundo Hespanha a forte, e pia?  
Amor cego vencia.  
Amor cruel matava.  
Hum moço triumphava  
De tanto sangue, e vidas  
Por hum vão appetite mal vendidas.

Ditoso, ó quam ditoso!  
Quem o seu peito armou  
Contra o rayo furioso:  
Ou em alçando as chammas o apagou!  
Poucos, que Deos amou,  
Dos Ceos tanto alcançaram.  
E mil, e mil choráram  
Do vão contentamento  
Ao cego Iffante seu rependimento.

## ACTO II.

ELREY D. AFONSO IV, PERO COELHO, DOIGO LOPES  
PACHECO, CONSELHEIROS.

REY.

Oh cetro rico, a quem te não conhece,  
Como és fermoso, e bello! e quem soubesse  
Bem quam differente és do que promettes,  
Neste chão que te achasse, quereria  
Pisar-te antes cos pés, que levantar-te.  
Não louvo, os que se louvam por imperios  
A ferro, sangue, e fogo destruirem,  
O seu proprio estendendo : mas aquelles  
(O grandeza espantosa, e animo livre!)  
Que tendo-os muito grandes, os deixáram.  
Mór alteza, e mór animo he as grandezas  
Desprezar, que aceitar : e mais seguro  
A si cada hum reger, que o Mundo todo.  
O resplandor deste ouro nos engana.

E he terra em fim, e terra a mais pesada.  
De hũa alta fortaleza estamos sempre  
Postos por atalayas á fortuna :  
Por escudos do povo, offerecidos  
A receber seus golpes; não fazê-lo  
He usar mal do cetro, e bem fazê-lo  
He não ter vida mais segura, e certa,  
Que quanto estes perigos nos promettem.

## CONSELHEIRO.

Gloriosos perigos, e trabalhos,  
Oh bemaventurados, pois te sobem  
Da coroa da terra a que nos Ceos  
Mais rica, mais gloriosa te darám.

## PACHECO.

Trabalho mais que estado tem os Reys,  
Os bons Reys, que não amam assi seus vicios,  
Como as obrigações de se mostrarem  
Contra si mais izentos, e mais fortes  
Que o povo baixo, que anda só apòs elles.  
E tal Rey como tu, Senhor, he Rey.  
Não te peze de o ser, que virá tempo,  
Que te ajam mais inveja a esses trabalhos  
Sofridos com paciencia, e bem regidos,  
Que a victorias famosas com grã perda  
De homês, e de riquezas mal ganhadas.  
Isto faz os Reys grandes, dignos sempre  
De memoria immortal; sofrer trabalhos  
Polo publico bem, quebrar a força  
Do sangue, e proprio amor; fazer-se exemplo

De todo bem ao povo, atalhar prestes  
 O mal em seu começo, antes que empeça.  
 Depois nem forças bastam, nem conselho.  
 Atalhando a este mal, que t'assi agora  
 Tam trabalhado traz, ficarás livre,  
 Rindo-te da fortuna, e de seus medos.

REY.

Vence o mal ao remedio. Vejo o Ifante  
 De todo contra mim determinado,  
 Duro a meus rogos, mais duro aos mandados.  
 Que estrella foy aquella tam escura?  
 Que máo signo, ou que fado, ou que planeta?

PACHECO.

Em quanto ha occasião, dura o peccado :  
 Tirando-lha, ey-lo livre.

REY.

Forte cousa  
 Endurecer-se assi aquella vontade!

PACHECO.

Endureça-se a tua com justiça.

REY.

Duro remedio! quanto melhor fora  
 Amor, e obediencia! meus peccados  
 Quam gravemente sobre mim cahiram!

CONSELHEIRO.

Senhor, pera que he mais? moura <sup>1</sup> esta dama.

<sup>1</sup> Temos por vezes advertido aos leitores menos lidos nos classicos, que o verbo *morrer* fazia antigamente *moura* no presente do conjunctivo terceira pessoa do singular.

REY.

Que moura todavia?

PACHECO.

Senhor moura

Por salvação do povo.

REY.

Não he crueza

Matar quem não tem culpa?

CONSELHEIRO.

Muitos podes

Mandar matar sem culpa, mas com causa.

REY.

Com que cor, com que causa esta matamos?

PACHECO.

Não basta que em sua morte só se atalham  
Os males, que sua vida nos promette?

REY.

Ella que culpa tem?

PACHECO.

Dá occasião.

REY.

Oh que ella não a dá, o Ifante a toma.

Que ley ha, que a condene, ou que justiça?

CONSELHEIRO.

O bem commum, Senhor, tem taes larguezas  
Com que justifica obras duvidosas.

REY.

Assi que assentaes nisto?

CASTRO.

CONSELHEIRO.

Nisto : moura.

PACHECO.

Moura.

REY.

Hũa innocente?

CONSELHEIRO.

Que nos mata!

REY.

Não averá outro meo?

PACHECO.

Não o temos.

REY.

Metê-la-ey num Mosteiro.

CONSELHEIRO.

Ey-lo queimado..

REY.

Mandá-la-ey deste Reyno.

CONSELHEIRO.

O amor voa.

Este fogo, Senhor não morre logo.

Quanto lhe mais resistes, mais s'acende.

Contra Amor que lugar darás seguro?

REY.

Matá-la he cruel meo, e riguroso.

PACHECO.

Não vês, não ouves quantas vezès morrem

Muitos, que o não merecem? Deos o quer

Polo bem, que se segue.

REY.

Deos o faça,  
Cuja vontade he ley, e a minha não.

PACHECO.

Essa licença tem tambem os Reys,  
Que em seu lugar estão.

REY.

Antes não tem  
Licença pera mais, que quanto pede  
A razão, e justiça : a mais licença  
He barbara crueza de infieis.

PACHECO.

Pois que dirás daquelles, que a seus proprios  
Filhos, e a seu amor não perdoáram  
Polo exemplo commum, e bem do povo?

REY.

Aos que o bem fizeram, hey inveja.  
Os outros nem os louvo, nem os sigo.

CONSELHEIRO.

Inda que ouvesse excessos, todavia  
Mais males atalháram, dos que deram.

REY.

Não se ha de fazer mal por quantos bens  
Se possam dahi seguir.

CONSELHEIRO.

Nem bem nenhum,  
De que se sigam males.

CASTRO.

REY.

Mal parece

Matar hũa innocente.

PACHECO.

Não he mal :

Que a causa o justifica.

REY.

Antes Deos quer

Que se perdoe hum máo, que hum bom padeça.

CONSELHEIRO.

O bem geral quer Deos que mais s'estime,  
 Que o bem particular. Nas circumstancias  
 Se salvam, ou se perdem as obras todas.

REY.

Enganão-se os juizos muitas vezes.

CONSELHEIRO.

Os dos Reys bem fundados Deos inspira.

REY.

Ey medo de deixar nome de injusto.

CONSELHEIRO.

De justo o deixarás, pois te conselhas  
 Cos juizos dos teus leaes prudentes.

PACHECO.

Vês, poderoso Rey, vês cos teus olhos  
 A peçonha cruel, que vay lavrando  
 Gerada deste amor cego : vês quanto  
 A soberba, e desprezo destes homês  
 Contra ti, e contra todos vay crescendo.  
 S'em tua vida nos tememos tanto,

Que faremos depois de tua morte?  
Por dar saude ao corpo, qualquer membro  
Que apodrece, se corta, e pelo são,  
Porque o são não corrompa. Este teu corpo,  
De que tu és cabeça, está em perigo  
Por esta mulher só : corta-lh'a vida,  
Atalha esta peçonha, tê-lo-ás salvo.  
Medico, Senhor, és desta República.  
O poder, que tem o Medico num corpo,  
Tens tu sobre nós todos : usa delle.  
Se te parece em parte isto crueza,  
Não he crueza aquella, mas justiça,  
Quando de cruel animo não nasce.  
Tua tenção não pecca, em si se salva.  
A aspereza dest'obra he medicina,  
Com que s'atalham as mortes, que adiante  
Muitos he que por força te mereçam.  
A clemencia por certo he grã virtude,  
E digna mais dos Rêys, que outras virtudes,  
Polo perigo grande, que ha na ira,  
Em quem tam livremente assi a executa :  
Mas com esta o rigor he necessario,  
Por não vir em desprezo tal virtude.  
Este he o que se chamou severidade,  
De que tantos exemplos nós deixáram  
Os famosos Romanos em paz, e guerra.  
Estas columnas ambas são tam fortes,  
Que bemaventurado este teu Reyno,  
Que nellas por ti só está tam fundado.

De tal modo, Senhor, ás de usar dellas,  
 Que hũa vá sempre d'outra acompanhada.  
 Exemplos tens mostrado de clemencia,  
 Mostra agora, que he bem, severidade.

REY.

A parte, que me cabe deste feito,  
 Eu a ponho em vós toda, como aquelles,  
 Que sem odio, e temor sois obrigados  
 Aquillo conselhar-me, que he só justo,  
 Mais serviço de Deos, e bem do povo.  
 Vós-outros sois meus olhos, que eu não vejo.  
 Vós sois minhas orelhas, que eu não ouço.  
 Minha tenção me leve, ella me salve.  
 O engano se he vosso, em vós só caya.

PACHEGO.

Sobre nós descarrega esse teu pezo.

CONSELHEIRO.

Eu tomo minha parte, ou tomo todo.  
 Almas, e honras temos : estas âmbas  
 A ti, Senhor, se devem, a ti as damos.  
 Estas sós te conselham, que bem vês  
 Quam grande mal he nosso, o que fazemos.  
 Aventuramos vidas, e fazendas,  
 Que em odio de teu filho ficam sempre,  
 Sob cujos pés ficamos, e em cuja ira.  
 Mas percamo-nos nós, percamos vidas;  
 Soframos crueis mortes; nossos filhos  
 Fiquem orfaões de nós, e desherdados;  
 A furia de teu filho nos persiga.

Antes que esse tal medo em nós mais possa,  
Que o que a virtude manda, e te devemos.

REY.

Ivos apparelhar, que em vós me salvo.  
Senhor <sup>1</sup>, que estás nos Ceos, e vês as almas,  
Que cuidam, que propõem, que determinam;  
Alumia minh'alma, não se cegue  
No perigo, em que está : não sey que siga.  
Entre medo, e conselho fico agora :  
Matar injustamente he grã crueza.  
Socorrer a mal público he piedade.  
D'hũa parte receo, mas d'outra ousou.  
Oh filho meu que queres destruir-me !  
Ha dó desta velhice tam cansada :  
Muda essa pertinacia em bom conselho.  
Não dês occasião pera que eu fique  
Julgado mal na terra, e condenado  
Ant'aquelle grã Juiz, que está nos Ceos.  
O vida felicissima, a que vive  
O pobre lavrador só no seu campo,  
Seguro da fortuna, e descansado,  
Livre destes desastres, que cá reynam !  
Ninguem menos he Rey, que quem tem Reyno.  
Ah que não he isto estado, he cativoiro  
De muitos desejado, mas mal crido.  
Huma servidão pomposa, hum grã trabalho  
Escondido sob nome de descanso.

<sup>1</sup> E' admiravel pela energia e elevados pensamentos esta invocação que o poeta pôz na boca de Affonso IV.

Aquelle he Rey sómente, que assi vive  
(Inda que cá seu nome nunca s'ouça)  
Que de medo, e desejo, e d'esperança  
Livre passa seus dias. O bons dias !  
Com que eu todos meus annos tam cansados  
Trocára alegremente. Temo os homês,  
Com outros dissimulo : outros não posso  
Castigar, ou não ousa. Hum Rey não ousa.  
Tambem teme seu povo : tambem sofre.  
Tambem suspira, e geme, e dissimula.  
Não sou Rey, sou cativo : e tam cativo  
Como quem nunca tem vontade livre.  
Salvo-me no conselho dos que creio,  
Que me serão leaes : isto me salve,  
Senhor, contigo : ou tu me mostra cedo  
Remedio mais seguro, com que viva  
Conforme a este alto estado, que me déste.  
E me livra algum tempo antes que moura,  
De tanta obrigaçam, pera que possa  
Conhecer-me melhor, e a ti voar  
Com mais ligeiras asas do que póde  
Hũa alma carregada de tal pezo.

## CHORO.

Quanto mais livre, quanto mais seguro  
He aquelle estado, que de si contente  
Não se levanta mais que quanto póde  
Fugir miserias !

Tristes pobrezaas ninguem as deseje.  
 Cegas riquezas ninguem as procure.  
 Num meo honesto está a felicidade  
 Dos Ceos, e terra.

Reys poderosos, Principes, Monarchas  
 Sobre nós pondes vossos pés, pisay-nos.  
 Mas sobre vós está sempre a fortuna.  
 Nós livres della.

Nos altos muros soam mais os ventos.  
 As mais crescidas arvores derribam.  
 As mais inchadas vellas no mar rompem  
 Caem móres torres.

Pompas, e ventos, titulos inchados  
 Não dão descanso, nem mais doce sono.  
 Antes mais cansam, antes em mais medo  
 Poem, e perigo.

Como se volvem no grã mar as ondas,  
 Assi se volvem estes peitos cheos.  
 E nunca fartos, nunca satisfeitos,  
 Nunca seguros.

S'eu me pudesse á minha vontade  
 Formar meus fados, mais não quereria  
 Que meammente segurar a vida  
 Co necessario

Quem mais deseja, muitas vezes s'acha  
Triste, enganado : poucas vezes dorme,  
Temendo o fogo, ventos, ares, sombras,  
Temendo os 'homês.

Rey poderoso, tu porque desejas  
Nunca ter Reyno? porque essa coroa  
Chamas pesada? polo peso d'alma,  
Que te carrega.

Quám poucas vezes vimos  
Tardar a grã justiça,  
Que não decesse sobre  
Aquelles livres filhos,  
Que contra a natural  
Obrigaçã, e ley  
Negáram obediencia  
Aquelles, que os geráram !

Peccado torpe, e feo  
Ante Deos, ant'os homês.  
Mais pera Hyrcanos Tigres,  
Mais pera Liões bravos,  
Que razão não conhecem,  
Que pera quem só della,  
E per'ella he formado.

Aquelle amor tam grande  
Dos pays, com que te criam

Co sangue do seu peito,  
Que fereza ha tamanha,  
Que tal brutalidade,  
Que contr'elle te mova?

Rey Dom Afonso, Rey,  
Lembra-te de ti mesmo.  
Aquelles erros feos,  
Com que tu perseguiste  
Teu pay tam cruamente,  
Lhe dão de ti vingança  
Por outro tu teu filho,  
Que te desobedece.

Viram-se as Reaes Quinas  
Polo mesmo Deos dadas  
Aquelle Rey primeiro,  
De que herdaste esse nome  
Com esse cetro rico,  
Levantadas por ti,  
Não contra cinco Reys,  
Com cujo sangue as ouve,  
Mas contra elRey teu pay,  
Mas contra teus vassallos.

Viram-se as Reaes Quinas  
Cruéis contra si mesmas  
Em bravo fogo acesas  
Contr'hũa parte, e outra,

De que tam cruelmente  
Corria hum mesmo sangue!

Quantas vezes a sancta  
Raynha tua mãy  
Se metteo nesse fogo  
Por te salvar a vida?  
Por ella era apagado.  
Por ti tornava arder.  
Agora ardes nestoutro.  
Justiça de Deos grande!

---

## ACTO III.

---

CASTRO, AMA.

CASTRO.

Nunca mais tarde pera mim que agora  
Amanheceo. O' Sol claro, e fermoso  
Como alegras os olhos, que esta noite  
Cuidáram não te ver! ó noite triste!  
O noite escura quam comprida foste!  
Como cansaste est'alma em sombras vãs!  
Em medos me trouxestes taes, que cria  
Que alli se me acabava o meu amor,  
Alli a saudade da minh'alma,  
Que me ficava cá : e vós meus filhos,  
Meus filhos tam fermosos, em que eu vejo  
Aquelle rosto, e olhos do pay vosso,

De mim ficaveis cá deseparados.  
 Oh sonho triste, que assi me asombraste!  
 Tremo ind'agora, tremo. Deos afaste  
 De nós tam triste agouro. Deos o mude  
 Em mais ditoso fado, em melhor dia.  
 Crescereis vós primeiro, filhos meus,  
 Que choraes de me ver estar-vos chorando;  
 Meus filhos tam pequenos! ay meus filhos,  
 Quem em vida vos ama, e teme tanto,  
 Na morte que fará? mas vivireis,  
 Crescereis vós primeiro, que véja eu  
 Que pisaes este campo, em que nascestes,  
 Em fermosos ginetes arrayados,  
 Quaes vosso pay vos guarda, com que o Rio  
 Passeis a nado a ver esta mãy vossa:  
 Com que canseis as féras; e os imigos  
 Vos temam de tam longe, que não ousem  
 Nomear-vos sómente. Entam me venham  
 Buscar meus fados: venha aquelle dia  
 Que me está esperando: em vossos olhos  
 Ficarei eu, meus filhos: vossa vida  
 Tomarei eu por vida em minha morte.

AMA.

Que choros, e que gritos; Senhora, eram  
 Os que t'ouvi esta noite?

CASTRO.

O ama minha,  
 Vi a morte esta noite crua, e fera.

AMA.

Entre sonhos t'ouvi chorar tam alto,  
Que de medo, e d'espanto fiquei fria.

CASTRO.

Ind'agora mính'alma s'entristece  
Asombrada dos medos, em que estive.  
Cansada de cuidar na saudade,  
Que sempre leva, e deixa aquí o Iffante,  
Adormeci tam triste, que a tristeza  
Me fez tomar o sono mais pesado  
Do que nunca me lembra que tivesse.  
Então sonhei que estando eu só num bosque  
Escuro, e triste, de huma sombra negra  
Cuberto todo, ouvia ao longe huns brados  
De féras espantosas, cujo medo  
M'arrepiaava toda, e me impidia  
A lingua, e os pés; eu co'alma quasi morta  
Sem me mover, meus filhos abraçava.  
Nisto hum bravo Lião a mim se vinha  
Co acatadura féra, e logo manso  
Pera tras se tornava : mas em s'indo,  
Não sey donde sahiam huns bravos Lobos,  
Que remetendo a mim com suas unhas  
Os peitos me rasgavam. Então alçava  
Vozes aos Ceos, chamava meu Senhor,  
Ouvia-me, e tardava : e eu morria  
Com tanta saudade, que ind'agora  
Parece que a cá tenho : e est'alma triste  
Se m'arrancava tam forçadamente,

Como quem ante tempo assi deixava  
 Seu lugar, e deixava pera sempre  
 (Que este na minha morte era o mór mal)  
 A doce vista de quem me ama tanto.

AMA.

Hay, e como estaria essa tu'alma  
 Tam morta ! Deos te guarde. Mas ás vezes .  
 O pensamento triste traz visoões  
 Escuras, e medonhas : do cuidado,  
 Com que, Senhora, andaste, e adormeceste,  
 Se te representáram esses medos.

CASTRO.

Chóro daquella dor, daquella mágoa,  
 Que ao meu Ifante déra a minha morte.

AMA.

Pera que chóras sonhos?

CASTRO.

Não sey que hey :

Não sey que peso he este, que cá tenho  
 Assi no coração, que me carrega.  
 Soya ser, que quando só ficava,  
 Como agora me vejo, em meu senhor  
 Eram todos meus sonhos tam alegres,  
 Que desejava a noite, pera nella  
 Me lograr dos enganos, que com elle  
 Se me representavam; alli o via,  
 Alli cria que o tinha, e que falava  
 Comigo, e eu com elle : e muitas vezes  
 Muitas palavras, que elle em se partindo

Me dizia chorando, alli chorando  
 Mas tornava a dizer, e eu o detinha  
 Apertado em meus braços, senão quando  
 Acórdava abraçada só comigo.  
 Aquelles meus enganos me sostinham  
 Das noites pera os dias. E esta noite  
 Perdia estes enganos com a vida.

AMA.

Outro dia verás, que te amanheça  
 Mais claro, e mais ditoso : em que a coroa  
 Que t'espera, terás sobr'esses teus  
 Cabellos d'ouro. Alegra-te entre tanto.  
 Deixa vãs sombras, deixa tristes medos.

CASTRO.

Não sey que est'alma vê, que tanto teme.

AMA.

A imaginação he perigosa.

CASTRO.

Que fará quem não póde fugir della?

AMA.

Cuidar no bem, lança a tristeza fóra.

CASTRO.

Faze-me o bem seguro, que eu não vejo.

AMA.

Porque temes o mal, de que estás livre?

CASTRO.

Porque temo perder o bem, que espero.

AMA.

Temer de longe o mal, he mal dobrado.

CASTRO.

Como estará alma leda em culpa sua?  
 Julgam-me mal os homês, e a Deos temo.

AMA.

Dos secretos, Senhora, que parecem  
 Ao Mundo (que os não vê, e do de fóra  
 Julga sómente) feos, mãos, e torpes,  
 Basta a só consciencia, basta tanto,  
 Que com esta áde ter Deos toda a conta.  
 Esta, Senhora, he boa prova d'alma.  
 Pois esta está segura no teu peito.  
 Se peccado ouve já, já está purgado  
 Com esse animo firme, com que já ambos  
 Estaes confederados sanctamente.  
 O tempo Deos trará com mór seguro  
 Do que vos este dá, pera mais claro  
 O Mundo conhecer quam grã perigo  
 He as almas julgar, que só Deos vê.  
 Entre tanto contente espera, e vive.  
 Vive, pera que viva quem tanto ama  
 Esta tua vida, em que toda está a sua.

CASTRO.

Nunca o tanto meus olhos dèsejaram.  
 Nunca meu pensamento o imaginou  
 De mim tam esquecido. Deos o guarde.  
 Deos te guarde, senhor, que me parece  
 Que algum mal te detem : algum mal grande.  
 Arranca-se a minh'alma de mim mesma,  
 Parece que voar quer onde estás.

Parece que lhe foges, que me deixas.  
Ah pensamentos tristes, pensamentos  
Escuros, carregados! yvos, yvos.

AMA.

Ah não te agoures mal! que melhor fado  
O teu será, Senhora; quem tristeza  
De sua vontade chama, mal a póde  
Lançar de si, que ás vezes n'alegria  
Entra tam furiosa, que a destrue.  
Olha pera estes teus doces penhores  
Tam seguros, e certos desse amor,  
De que forão gerados: em seus olhos  
Alegria hora esses teus, que assi desfazes  
Com essas crueis lagrimas; não chores.  
Danas esse teu rosto tam fermoso  
Filha, com tantas lagrimas: não chores:  
Não offendas teus olhos: ah não vejam  
Nelles sinaes tamanhos de tristeza  
Aquelles, cuja gloria he vêr-te alegre.  
Olha as agoas do Rio como correm  
Pera onde está tam saudosamente.  
De lá te vê, Senhora; ellas lhe lembram  
Este aposento seu, ou da su'alma.  
Estes campos fermosos, que parecem  
Debaixo deste Ceo dourado, e bello,  
Quem os verá, que logo não se alegre?  
Ouve a musica doce, com que sempre  
Te vem a receber os passarinhos  
Por cima destas arvores fermosas.

Cuida, Senhora, de logreres isto.  
 Em algum tempo com dobrado gosto,  
 Segura da fortuna, e de seus medos,  
 Senhora do teu bem, e desta terra.

CHORO, CASTRO, AMA.

CHORO.

Tristes novas, crueis,  
 Novas mortaes te trago, Dona Ines.  
 Ah coitada de ti, ah triste, triste!  
 Que não mereces tu a cruel morte,  
 Que assi te vem buscar.

AMA.

Que dizes? fala.

CHORO.

Não posso. Choro.

CASTRO.

De que chóras?

CHORO.

Vejo

Esse rosto, esses olhos, essa...

CASTRO.

Triste

De mim, triste! que mal? que mal tamanho  
 He esse, que me trazes?

CHORO.

He tua morte.

CASTRO.

He morto o meu Senhor? o meu Infante?

CHORO.

Ambos morrereis cedo.

CASTRO.

O novas tristes!

Matam-me o meu amor? porque mo matam?

CHORO.

Porque te mataram : por ti só vive.

Por ti morrerá logo.

AMA.

Deos não queira

Tal mal, tal desventura.

CHORO.

Vem muy perto.

Nam te tardará muito, poem-te em salvo.

Fuge coitada, fuge, que já soam

As duras ferraduras, que te trazem

Correndo a morte triste. Gente armada

Correndo vem, Senhora, em busca tua.

ElRey te vem buscar determinado

D'em ti vingar sua furia. Vê se podes

Salvar tambem teus filhos, não lh'emeça

Parte de teus máos fados.

CASTRO.

O coitada

Só, triste, perseguida! háy meu senhor

Onde estás; que não vens? elRey me busca?

CASTRO.

CHORO.

ElRey.

CASTRO.

Porqué me mata?

CHORO.

Rey cruel!

Cruéis os que o movèram a tal crueza!  
 Por ti vem perguntando. Esses teus peitos  
 Vem só buscar, pera com duro ferro  
 Serem furiosamente traspassados.

AMA.

Cumpriram-se teus sonhos.

CASTRO.

Sonhos tristes!

Sonhos cruéis! porque tam verdadeiros  
 Me quizeste sayr? ó sprito meu!  
 Como não creste mais o mal tamanho  
 Que crias, e sabias? Ama, fuge.  
 Fuge desta ira grande, que nos busca.  
 Eu fico, fico só, mas innocente.  
 Não quero mais ajudas, venha a morte:  
 Moura eu, mas innocente. Vós meus filhos  
 Vivireis cá por mim: meus tam pequenos,  
 Que cruelmente vem tirar de mim.  
 Soccorra-me só Deos, e soccorrei-me  
 Vós moças de Coimbra. Homês, que vedes  
 Esta innocencia minha, soccorrei-me.  
 Meus filhos não choreis: eu por vós choro.

Logray-vos desta mãy, desta mãy triste,  
Em quanto a tendes viva. E vós amigas  
Cercay-me em roda todas, e poçendo,  
Defendey-me da morte, que me busca.

## CHORO.

Teme teus erros, mocidade cega.  
Fuge a ti mesma, logra-te do tempo,  
Que assi te deixa correndo, e voando  
Com suas asas.

O quanto huma hora, quanto hum só momento  
Breve algũ'hora quererás de balde!  
Poupa o presente, guarda-o, enthesoura-o,  
Telo-ás seguro.

Todo ouro, e prata, pedras preciosas,  
A que correndo vão todos perdidos,  
Por agoa, e fogo, não temendo a morte  
Cavar nas veas,

Nunca poderám, nunca poderám  
Comprar hum ponto deste tempo livre,  
Que assi atras deixa Principes, Senhores,  
Como os mais baixos.

Igual a todos, igualmente foge.  
Não valem forças, não val gentileza.  
Por tudo passa, tudo calca, e pisa.  
Ninguem ó força.

Com sua fouce, cruel vay cortando  
Vidas a moços, trabalhos a velhos.  
Só boa fama, só virtude casta  
Pode mais que elle.

Esta se salva sómente em si mesma.  
Esta o sprito segue, sempre vive.  
Esta seguindo vencerás o tempo  
Rir-te-ás da morte.

Vive pois, vive, mocidade cega,  
Vive co tempo, delle te enriquece.  
Delle só t'arma contr'aquelle dia  
Do grande aperto.

Apos amor vem morte,  
Ou da vida, ou da honra,  
E d'alma juntamente,  
Que em noite escura poem,  
Sem ver, o claro dia  
Da razão, que lhe diz  
Os males, e perigos,  
Em que este amor acaba.  
O Principe tam cego!

O Principe tam duro!  
Que cerraste os teus olhos  
Aquelles bons conse!hos,  
Que cerraste as orelhas

Aquelles bons avisos.  
Tu dormes, ou passeas,  
E pelos campos vem  
Do Mondego correndo  
A cruel morte em busca  
Da tua doce vida,  
Do teu amor tam doce.

Cruel morte, que vens  
Buscar esta innocente,  
Ha piadade, e mágoa  
Dos seus fermosos olhos,  
Do seu fermoso rosto,  
Não desates hum nó  
Tam firme, com que dous  
Corações ajuntou  
Amor tam estreitamente.

Cruenza farás grande  
Partir huns olhos d'outros;  
Hũa alma assi d'outr'alma :  
E derramar o sangue,  
O sangue tam fermoso  
Do seu fermoso corpo.  
Doante aquelles peitos  
De marfim, ou de neve.

Doante aquellas faces  
De lyrios, e de rosas,

Que já perdem sua cor  
Pola falta do sangue,  
Que no coração junto  
Lhes tens frio, e coalhado  
Com medo do teu nome.

Aquella alva garganta  
De cristal, ou de prata,  
Que sostem a cabeça  
Tam alva, e tam dourada,  
Porque cortar a queres  
Com golpe tam cruel?  
E derramar nos ares  
Aquelle sprito digno  
Do corpo em que vivia,

Ha piedade, e mágoa  
De tanta fermosura,  
Daquelle triste Iffante,  
E destes seus penhores.  
Deten-te, em quanto chega,  
Deten-te, em quanto tarda.  
Corre, ó Iffante, corre :  
Soccorre ao teu amor.  
Hay tardas ! saberás  
Como o Amor sempre acaba.

---

## ACTO IV.

PACHECO, ELREY, CHORO, CASTRO, COELHO.

PACHECO.

A presteza em tal caso, he bom seguro,  
E piedade, Senhor, será crueza.  
Cerra os olhos a lagrimas, e mágoas,  
Que te podem mover dessa constancia.

REY.

Esta he, que a mim se vem : ó rosto digno  
De mais ditosos fados !

CHORO.

Eis a morte  
Vem. Vay-te entregar a ella : vay depressa,  
Terás que chorar menos.

CASTRO.

Vou amigas ;  
 Acompanhay-me vós , amigas minhas,  
 Ajuday-me a pedir misericordia.  
 Choray o desemparo destes filhos  
 Tam tenros, e innocentes. Filhos tristes,  
 Vedes aqui o pay de vosso pay.  
 Eis aqui vosso avô , nosso senhor ;  
 Beijai-lhe a mão, pedi-lhe piedade  
 De vós , desta mãy vossa , cuja vida  
 Vos vem , filhos , roubar.

CHORO.

Quem póde ver-te  
 Que não chóre , e s'abrande?

CASTRO.

Meu senhor ,  
 Esta he a mãy de teus netos. Estes são  
 Filhos daquelle filho , que tanto amas.  
 Esta he aquella coitada molher fraca ,  
 Contra quem vens armado de crueza.  
 Aqui me tens. Bastava teu mandado  
 Pera eu segura , e livre t'esperar ,  
 Em ti , e em minh'innocencia confiada.  
 Escusaras , Senhor, todo este estrondo  
 D'armas , e Cavalleiros ; que não foge,  
 Nem se teme a innocencia da justiça.  
 E quando meus peccados me acusáram,  
 A ti fora buscar : a ti tomára  
 Por vida em minha morte : agora vejo

Que tu me vens buscar. Beijo estas mãos  
Reaes tam piadósas : pois quiseste  
Por ti vir-te informar de minhas culpas.  
Conhece-mas , Senhor, como bom Rey,  
Como clemente, e justo, e como pay  
De teus vassallos todos , a quem nunca  
Negaste piedade com justiça.  
Que vês em mim, Senhor? que vês em quem  
Em tuas mãos se mete tam segura?  
Que furia, que ira esta he , com que me buscas?  
Mais contra imigos vens , que cruelmente  
T'andassem tuas terras destruindo  
A ferro, e fogo. Eu tremo, Senhor, tremo  
De me ver ante ti, como me vejo.  
Mulher, moça , innocente, serva tua,  
Tam só, sem por mim ter quem me defenda.  
Que a lingua não s'atreve , o sprito treme  
Ante tua presença ; porém possam  
Estes moços , teus netos defender-me.  
Elles falem por mim, elles sós ouve :  
Mas não te falarám , Senhor, com lingua ,  
Que inda não podem : falam-te co as almas ,  
Com suas idades tenras, com seu sangue ,  
Que he teu, te falarám : seu desemparo  
T'está pedindo vida : não lha negues.  
Teus netos são , que nunca téqui viste :  
E vê-los em tal tempo, que lhes tolhes  
A gloria, e o prazer, qu'em seus spritos  
Lhe está Deos revelando de te verem.

REY.

Tristes foram teus fados, Dona Ines,  
Triste ventura a tua.

CASTRO.

Antes ditosa

Senhor, pois que me vejo ante teus olhos  
Em tempo tam estreito : poem-nos hora,  
Como nos outros soes, nesta coitada.  
Enche-os de piedade com justiça.  
Vens-me, senhor, matar? porque me matas?

REY.

Teus peccados te matam : cuida nelles.

CASTRO.

Peccados meus! ao menos contra ti  
Nenhum, meu Rey, me accusa. Contra Deos  
Me podem accusar muitos : mas elle ouve  
As vozes d'alma triste, em que lhe pede  
Piedade. O Deos justo, Deos benigno,  
Que não mata, podendo com justiça,  
Mas dá tempo de vida, espera tempo  
Só pera perdoar : assi o fazes,  
Assi o fizeste sempre : pois não mudes  
Agora contra mim teu bom costume.

REY.

Tua morte m'estam outras muitas vidas  
Pedindo com clamores.

PACHECO.

Foge o tempo.

CASTRO.

Oh triste, triste! meu senhor não me ouves?  
Socega tua furia, não a sigas.  
Nunca aconselhou bem : nunca deu tempo  
De remedio a algum mal a ira. Sempre  
Traz arrependimento sem remedio.  
Ouve minha razão, minh'innocencia.  
Culpa he, senhor, guardar amor constante  
A quem mo tem? se por amor me matas,  
Que farás ao imigo? amey teu filho,  
Não o matey. Amor amor merece;  
Estas são minhas culpas : estas queres  
Com morte castigar? em que a mereço?

PACHEGO.

Dona Ines, contra ti he a sentença dada.  
Despide<sup>1</sup> essa tu'alma desse corpo  
Em bom estado, e seja prestesmente  
Não tenhas que chorar mais, que só a morte.

CASTRO.

O meus amigos, porque não tirais  
ElRey de ira tamanha? a vós me vou,  
Em vós busco soccorro : ajuday-me hora  
Pedir-lhe piedade. O Cavalleiros  
Que as tristes promettestes defender,  
Defendei-me, que mouro injustamente.  
Se me vós não defendeis, vós me matais.

<sup>1</sup> Obsoleto e substituído por *despede*.

Por mágoa dessas lagrimas te rogo  
Que este tempo, que tens, inda que estreito,  
Tomes pera remedio da tu'alma.  
O que elRey em ti faz, faz com justiça.  
Nós o trazemos cá, não com tenção  
De sermos em ti crus : mais de salvarmos  
Este Reyno, que pede esta tua morte.  
Que nunca, ó Deos quisera que tal meo  
Nos fora necessario. A elRey perdoa,  
Que crueza não faz : se a nós fazemos  
Por ti ante o grã Deos será pedida  
Vingança justa, se te não parece  
Que perdão merecemos nas tenções,  
Com que elRey conselhamos. O ditosa,  
Dona Ines, tua morte! pois só nella  
Se ganha hũa geral vida a todo Reyno.  
Bem vês por tua causa como estava,  
Além desse peccado, em que te tinha  
O Iffante forçada (que assi o cremos)  
Mas pois pera remedio he necessario  
A morte sua, ou tua, he necessario  
Que tu sofras a tua com paciencia,  
Que isso te ficará por mayor gloria  
Que aquella, que esperavas cá do Mundo.  
E quanto mais injusta te parece,  
Tanto mais justa gloria lá terás,  
Onde tudo se paga por medida.  
Nós, que a teu parecer mal te matamos,

Não viviremos muito : lá nos tens  
 Antes de muito tempo ant'esse trono  
 Do grã Juiz , onde daremos conta  
 Do mal , que te fazemos. Não ouviste  
 Já das Romãs , e Gregas com que esforço  
 Morrêram muitas só por gloria sua?  
 Morre pois , Castro , morre de vontade ,  
 Pois não póde deixar de ser tua morte.

CASTRO.

Triste pratica , triste ! crú conselho  
 Me dás. Quem o ouvira? mas pois já mouro,  
 Ouve-me Rey senhor : ouve primeiro  
 A derradeira voz dest'alma triste.  
 Co estes teus pés me abraço , que não fujo.  
 Aqui me tens segura.

REY.

Que me queres?

CASTRO.

Que te posso querer, que tu não vejas?  
 Pergunta-te a ti mesmo o que me fazes.  
 A causa , que te move a tal rigor.  
 Dou tua consciencia em minha prova.  
 S'os olhos de teu filho s'enganáram  
 Com o que víram em mim, que culpa tenho?  
 Paguei-lhe aquelle amor com outro amor,  
 Fraqueza costumada em todo estado.  
 Se contra Deos pequei , contra ti não.  
 Não soube defender-me , dei-me toda.  
 Não a imigos teus , não a traidores ,

A que alguns teus segredos descobrisse  
Confiados a mim, mas a teu filho  
Príncipe deste Reyno. Vê que forças  
Podia eu ter contra tamanhas forças.  
Não cuidava, senhor, que t'offendia.  
Defenderas-mo tu, e obedecêra.  
Inda que o grand'amor nunca se força :  
Igualmente foy sempre entre nós ambos :  
Igualmente trocámos nossas almas.  
Esta que te hora fala, he de teu filho.  
Em mim matas a elle : elle pede  
Vida par'estes filhos concebidos  
Em tanto amor. Não vês como parecem  
Aquelle filho teu? Senhor meu, matas  
Todos, a mim matando : todos morrem  
Não sinto já, nem choro minha morte,  
Inda que injustamente assi me busca,  
Inda que estes meus dias assi corta  
Na sua flor indigna de tal golpe :  
Mas sinjo aquella morte triste, e dura  
Pera ti, e pera o Reyno, que tam certa  
Vejo naquelle amor, que esta me causa.  
Não vivirá teu filho, dá-lhe vida  
Senhor, dando-ma a mim : que eu me irey logo  
Onde nunca appareça ; mas levando  
Estes penhores seus, que não conhecem  
Outros mimos, e tetas <sup>1</sup> senão estas,

<sup>1</sup> Esta expressão, que seria hoje muito impropria, era n'esse tempo mui usual e decente.

Que cortar-lh'ora queres ; hay meus filhos  
Choray, pedi justiça aos altos Ceos.  
Pedi misericordia a vosso avô  
Contra vós tam cruel, meus innocentes.  
Ficareis cá sem mim, sem vosso pay,  
Que não poderá ver-vos, sem me ver.  
Abraçay-me, meus filhos, abraçay-me.  
Despedi-vos dos peitos, que mamastes.  
Estes sós foram sempre : já vós deixam.  
Ah já vos desempara esta mãy vossa.  
Que achará vosso pay, quando vier?  
Achar-vos-á tam sós, sem vossa mãy :  
Não verá quem buscava : verá cheas  
As casas, e paredes de meu sangue.  
Ah vejo-te morrer, senhor, por mim.  
Meu senhor, já que eu mouro, vive tu.  
Isto te peço, e rogo : vive, vive.  
Empara estes teus filhos, que tant'amas.  
E pague minha morte seus desastres,  
Se alguns os esperavam. Rey senhor  
Pois podes socorrer a tantos males,  
Soccorre-me, perdoa-me. Não posso  
Falar mais. Não me mates, não me mates.  
Senhor não to mereço.

REY.

O mulher forte!

Venceste-me, abrandaste-me. Eu te deixo.  
Vive, em quanto Deos quer.

CHORO.

Rey piadoso

Vive tu, pois perdoas : moura aquelle,  
Que sua dura tenção leva a diante.

PACHECO, REY, COELHO.

PACHECO.

Oh Senhor, que nos matás! que fraqueza  
Essa he indigna de ti? de hum real peito?  
Vence-te huma mulher, e estranhas tanto  
Vencer assi teu filho? que já agora  
Terá desculpa honesta, não te esqueças  
Da tenção tam fundada, que te trouxe.

REY.

Não póde o meu sprito consentir  
Em crueza tamanha.

PACHECO.

Mór crueza |

Fazes agora ao Reyno : agora fazes  
O que faz a pouca agoa em grande fogo.  
Agora mais s'acende, arderá mais  
O fogo de teu filho. A que vieste?  
A pôr em mór perigo teu estado?

REY.

Vejo aquella innocente, chora-m'alma.

COELHO.

O animo Real tam firme, e forte

A de ser no que faz, que nunca possa  
 Debaixo do Ceo nada pervertê-lo.  
 A justiça, Senhor, pinta-se armada  
 D'espada aguda, contra cujos fios  
 Não possa aver brandura, nem dureza.  
 Cada hum destes extremos he grã vicio  
 Em quem he pay commum de todo hum Reyno.  
 Depois da conta feita, e razões claras,  
 Depois de taes conselhos em que viste  
 Quam necessaria era esta tua vinda,  
 Quam necessario o effeito, a que vieste,  
 Se muda assi, senhor, tam levemente  
 Por lagrymas teu animo constante?  
 Antes não commettêras, nem cuidáras  
 Commetter isto, porque não vieras  
 Acrescentar o mal, que agora vejo  
 Que fica já de todo sem remedio.

REY.

Não vejo culpa, que mereça pena.

PACHECO.

Inda hoje a viste, quem ta esconde agora?

REY.

Mais quero perdoar, que ser injusto.

COELHO:

Injusto he quem perdoa a pena justa.

REY.

Peque antes ness'estremo, que em crueza.

COELHO.

Não se consente o Rey peccar em nada.

REY.

Sou homem.

GOELHO.

Porém Rey.

REY.

O Rey perdoa.

PACHECO.

Nem sempre perdoar he piadade.

REY.

Eu vejo hũa innocente, mãy de hũs filhos  
De meu filho, que mato juntamente.

COELHO.

Mas dás vida a teu filho, salvas-lh'alma,  
Pacíficas teu Reyno : a ti seguras.  
Restitues-nos honra , paz , descanso.  
Destrues a traidores ; cortas quanto  
Sobre ti, e teu neto se tecia.  
Offensas, senhor, públicas não querem  
Perdão, mas rigor grande. Daqui pende  
Ou remedio d'hum Reyno, ou quéda certa.  
Abre os olhos ás causas necessarias,  
Que te mostramos sempre , e que tu vias  
Cuida no que emprendeste, e no que deixas.  
O odio de teu filho contra ti,  
Contra nós tal será , como qual fora,  
Fazendo-se, o que deixas por fazer.  
A ti ficam seus filhos, ama-os, honra-os.  
Assi lh'amansarás grã parte da ira.  
Senhor, por teu estado te pedimos :

Polo amor do teu povo, com que t'ama,  
Polo com que sabemos que nos amas :  
Por mais vida, e mais honra de teu filho,  
Principe nosso : e por aquelle seu  
Fernando unico herdeiro, cuja vida  
Te está pedindo justamente a morte  
Desta mulher, em fim por honra tua,  
Pola constancia firme, com que sempre  
Acudiste ós remedios, e á justiça,  
Que a não deixes agora : que te movam  
Mais estas razões fortes, que essa mágoa  
Injusta, que depois chorarás mais,  
Perdendo esta occasião, que Deos te mostra.

REY.

Eu não mando, nem vedo. Deos o julgue.  
Vós-outros o fazei, se vos parece  
Justiça, assi matar quem não tem culpa.

COELHO.

Essa licença basta : a tenção nossa  
Nos salvará cos homês, e com Deos.

CHORO.

Em fim venceo a ira, cruel imiga  
De todo bom conselho. Ah quanto podem  
Palavras, e razões em peito brando!  
Eu vejo teu sprito combatido  
De mil ondas, ó Rey. Bom he teu zelo :  
O conselho leal : cruel a obra.

REY.

Por crueza julgais o que he justiça?

CHORO.

Cruenza a chamará tod'outra idade.

REY.

Minh'alma innocente he , conselho sigo.

CHORO.

Deos te julgue. Eu não ousou. Porém temo.

REY.

Que temes?

CHORO.

Este sangue , que aos Ceos brada.

Não culpamos a ti : nem desculpamos  
 As descortezes mãos de teus Ministros  
 Constantes no conselho, crús na obra.  
 Ay vêz que crueldade? ó nunca visto  
 Mais innocente sangue ! e como soffres  
 O Rey tal injustiça? ouves os brados  
 Da innocente moça? ouves os chóros  
 Dos innocentes filhos? triste Iffante  
 Alli passam tu'alma teus vassallos ,  
 De teu sangue os crueis tingem seus ferros.

REY.

Afronta-se minha alma. O quem pudéra  
 Desfazer o que he feito !

CHORO.

Já morreo Dona Ines, matou-a Amor;  
 Amor cruel ! se tu tiveras olhos ,  
 Tambem morrêras logo. O dura morte  
 Como ousaste matar aquella vida ?

Mas não mataste : melhor vida , e nome  
Lhe déste do que cá tinha na terra.

Este seu corpo só gastará a terra ,  
Por quem estará chorando sempre o Amor ,  
Honrando-se sómente do seu nome.  
Mas quem a quizer ver com outros olhos ,  
Outro nome , outra gloria , outra honra , e vida  
Lhe achará , contra a qual não pôde a morte.

Aquelles matas tu sómente , ó morte ,  
Cujo nome s'esquece ; e a quem na terra  
Fica de todo sepultada a vida.  
Mas esta vivirá , em quanto o Amor  
Entr'os homês reynar , e sempre os olhos  
De todos a verám com melhor nome.

Real amor lhe dará Real nome.  
O que coroa lhe aparelha a morte !  
Despois que lhe cerrou os claros olhos  
Indignos d'ante tempo irem á terra ,  
Sem quem só fica , e desarmado Amor ;  
Sem quem quam triste , Iffante , a tua vida !

Tu és o que morreste , aquella vida  
Era tua ; já agora aquella nome  
Que tam doce te fez sempre o Amor ,  
Triste to tem tornado a cruel morte.  
Chorando a andarám sempre na terra  
Té que nos Ceos a vejam esses teus olhos.

Nem averá já nunca no Mundo olhos,  
Que não chorem de mágoa de hũa vida  
Assi cortada em flor. E quem a terra  
For ver, em que estiver escrito o nome  
Della, dirá : Aqui está chorando a morte  
De mágoa do que fez , aqui o Amor.

Amor quanto perdestes nũs sós olhos ,  
Que debaixo da terra poz a morte,  
Tanto elles mais terám de vida , e nome.

## SAFICOS.

Choremos todos a Tragedia triste ,  
Que esta crua morte deixará no Mundo.  
Já aquelle sprito, que tambem vivia  
Em ti, ó Castro, vay aos Ceos voando.  
Já aquelle sangue purpureo, innocente  
Forçadamente desempara os membros,  
A que elle dava aquella cor, e graça,  
Que a natureza mais perfeitamente  
Formar pudéra nesta, ou outra idade.  
Assi a região, que vê nascer o Sol,  
Como a região, onde o Sol se esconde,  
Assi aquella, que ao fervente Cancro,  
Como aquell'outra, que á fria mór Ursa  
Estão sogeitas, esta mágoa chorem.  
Jaz a coitada no seu sangue envolta  
Aos pés dos filhos, pera quem fugia,  
Não lhe valeram, que não tinham forças

Pera tomarem os agudos ferros,  
Com que seus peitos tam irosamente  
Traspassar viam aquelles cruéis.  
O mãos tam duras, ó corações duros,  
Como pudestes fazer tal crueza?  
Outras mãos venham, que vo-las arranquem  
Com mór crueza.

Que duros Getas, mas que Liões, que Ussos<sup>1</sup>  
Não amansára tam fermoso rosto?  
Que ira tam brava não tornára branda  
Hũa só mágoa de tam doce boca?  
Que mãos tão cruas não atáram logo  
Aquelles crespos seus ricos cabellos?  
Aquelles olhos em que pedras duras  
Não imprimíram brandura? ó que mágoa!  
O que crueza tam féra, e tam bruta!  
Moça innocente por amor só morta:  
Com gente armada, como forte imigo.  
Tu, Deos, que o viste, ouve o clamor justo  
D'aquelle sangue, que t'está pedindo  
Crua vingança.

<sup>1</sup> Usavão os antigos indifferentemente d'estes dous vocabulos —  
*usso* e *urso*.

---

## ACTO V.

IFFANTE, MESSAGEIRO.

IFFANTE.

Outro Ceo, outro Sol me parece este  
Differente daquelle, que lá deixo  
Donde parti, mais claro, e mais fermoso.  
Onde não resplandecem os dous claros  
Olhos da minha luz, tudo he escuro.  
Aquelle he só meu Sol, a minha estrella,  
Mais clara, mais fermosa, mais luzente  
Que Venus, quando mais clara se mostra.  
Daquelles olhos s'alumia a terra ;  
Em que sombra não ha, nem nuvem escura.  
Tudo alli he tam claro, que té a noite  
Me parece mais dia, que este dia.  
A terra alli s'alegra, e reverdece  
D'outras flores mais frescas, e melhores.  
O Ceo se ri, e se doura differente  
Do que neste Orisonte se me mostra.  
O soberbo Mondego com tal vista

Parece que ao grã mar vay fazer guerra.  
D'outros ares respira alli a gente, !  
Que fazem immortaes os que lá vivem.  
O Castro, Castro, meu amor constante !  
Quem me de ti tirar, tire-me a vida.  
Minh'alma lá ma tens, tenho cá a tua.  
Morrendo hũa destas vidas, ambas morrem.  
E avemos de morrer? póde vir tempo  
Que ambos nos não vejamos? nem eu possa,  
Indo buscar-te, ó Castro, achar-te lá?  
Nem achar os teus olhos tam fermosos,  
De que os meus tomam luz, e tomam vida?  
Não posso cuidar nisto, sem os olhos  
Mostrarem a saudade, que me fazem  
Tam tristes pensamentos. Viviremos  
Muitos annos, e muitos : viviremos  
Sempre ambos nest'amor tam doce, e puro  
Raynha te verey deste meu Reyno,  
D'outra nova coroa coroada  
Differente de quantas coroáram  
Ou de homês, ou mulheres as cabeças.  
Então serão meus olhos satisfeitos :  
Então se fartará da gloria sua  
Est'alma, que anda morta de desejos.

## MESSAGEIRO.

O triste nova, triste messageiro<sup>1</sup>  
Tens ante ti, senhor.

<sup>1</sup> Obsoleto ; diz-se hoje *mensageiro*.

CASTRO.

IFFANTE.

Que novas trazes?

MESSAGEIRO.

Novas crueis; cruel sou contra ti,  
 Pois m'atrevi trazê-las. Mas primeiro  
 Socega teu sprito : e nelle finge  
 A môr desventura , que te agora  
 Podia acontecer : que grã remedio  
 He ter o sprito armado á má fortuna.

IFFANTE.

Tens-me suspenso. Conta : que acrescentas  
 O mal com a tardança.

MESSAGEIRO.

He morta Dona Ines , que tanto amavas.

IFFANTE.

O Deos , ó Ceos ! que contas ? que me dizes?

MESSAGEIRO.

De morte tam cruel , que he nova mágoa  
 Contar-ta : não me atrevo.

IFFANTE.

He morta?

MESSAGEIRO.

Si.

IFFANTE.

Quem ma matou?

MESSAGEIRO.

Teu pay, com gente armada  
 Foy hoje salteá-la. A innocente,  
 Que tam segura estava , não fugio.

Não lhe valeo o amor, com que te amava.  
Não teus filhos, com quem se defendia.  
Não aquella innocencia, e piedade,  
Com que pedio perdão aos pés lançada  
D'elRey teu pay, que teve tanta força  
Que lho deu já chorando. Mas aquelles  
Cruéis Ministros seus, e Conselheiros  
Contr'aquelle perdão tam merecido  
Arrancando as espadas se vão a ella  
Traspassando-lh'os peitos cruelmente;  
Abraçada cos filhos a matáram,  
Que inda ficáram tintos do seu sangue.

## IFFANTE.

Que direy? que farey? que clamarey?  
O fortuna! ó crueza! ó mal tamanho!  
O minha Dona Ines, ó alma minha  
Morta m'es tu? morte ouve tam ousada  
Que contra ti pudesse? ouço-o, e vivo?  
Eu vivo, e tu és morta? ó morte crua!  
Morte céga mataste minha vida,  
E não me vejo morto? abra-se a terra.  
Sorva-me num momento : rompa-s'alma,  
Aparte-se de hum corpo tam pezado,  
Que ma detem por força.  
Ah minha Dona Ines, ah, ah minh'alma!  
Amor meu, meu desejo, meu cuidado,  
Minh'esperança só, minh'alegria  
Mataram-te? mataram-te? tua alma  
Innocente, fermosa, humilde, e sancta

Deixou já seu lugar? ah de teu sangue  
 S'enchêram as espadas? de teu sangue?  
 Que espadas tam crueis, que crueis maõs?  
 Ah como se movêram contra ti?  
 Como tiveram forças, como flos  
 Aquelles duros ferros contra ti?  
 Como tal consentiste Rey cruel?  
 Imigo meu, não pay, imigo meu!  
 Porque assi me mataste? ó Lioês bravos!  
 O Tygres, ó serpentes! que tal sede  
 Tinheis deste meu sangue, porque causa  
 Vós não vinheis em mim fartar vossa ira?  
 Matareis-me, e vivêra. Homês crueis  
 Porque não me matastes? meus imigos,  
 Se mal vos merecia, em mim vingareis  
 Esse mal todo. Aquella ovelha mansa  
 Innocente, fermosa, simples, casta  
 Que mal vos merecia? mas quizestes  
 Como imigos crueis buscar-me a morte  
 Não da vida, mas d'alma. O Ceos, que vistes  
 Tamanha crueldade, como logo  
 Não cahistes? O montes de Coimbra  
 Como não sovertestes taes Ministros?  
 Como não treme a terra, e s'abre toda?  
 Como sustenta em si tam grã crueza?

## MESSAGEIRO.

Senhor, pera chorar fica assaz tempo :  
 Mas lagrymas que fazem contr'a morte?

Vay ver aquelle corpo, vay fazer-lhe  
As honras, que lhe debes.

IFFANTE.

Tristes honras!

Outras honras, senhora, te guardava :  
Outras se te deviam. O triste, triste !  
Enganado, nascido em cruel signo,  
Quem m'enganou? ah cego que não cria  
Aquellas ameaças ! mas quem crêra

Que tal podia ser?

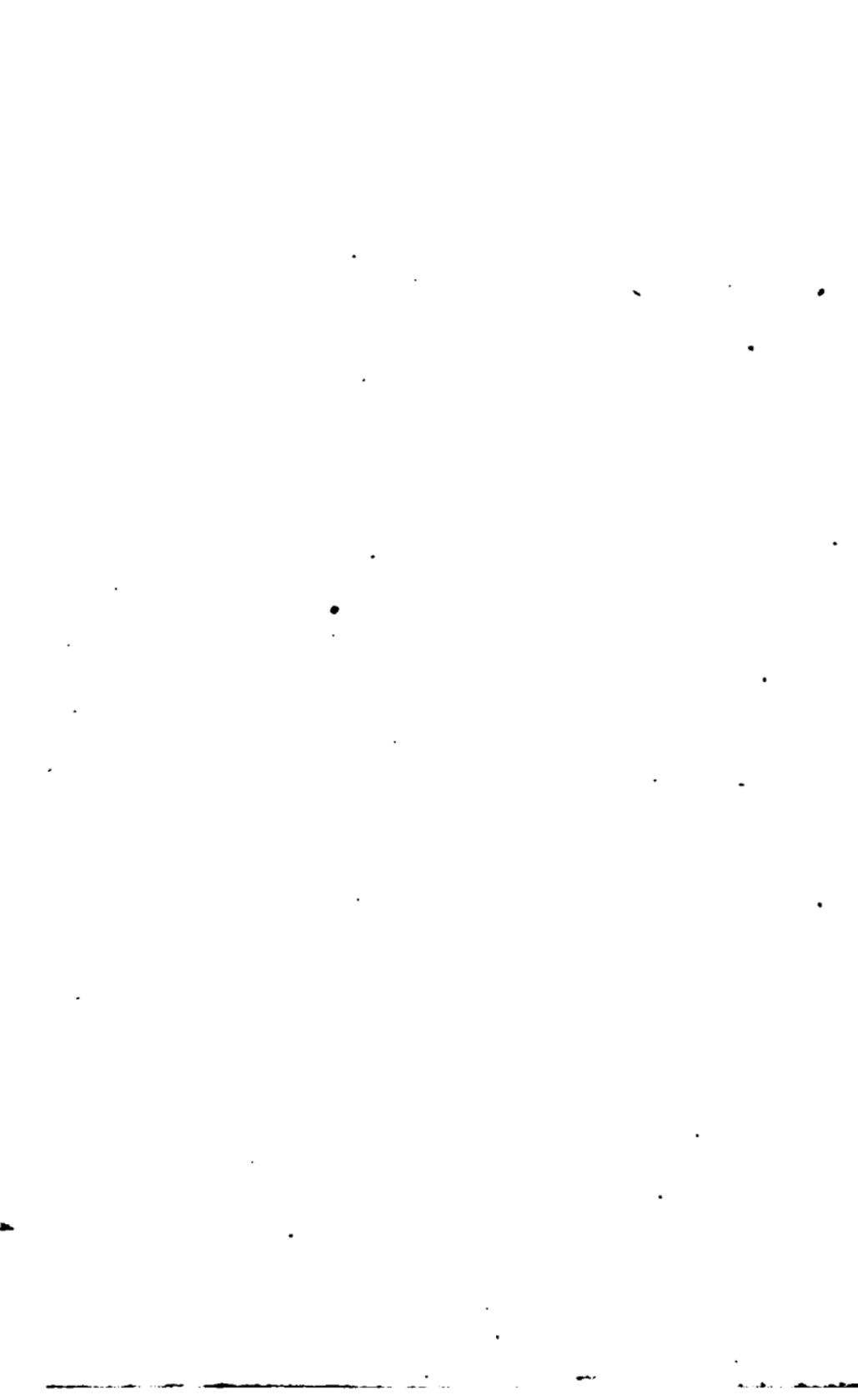
Como poderei ver aquelles olhos  
Cerrados pera sempre? como aquelles  
Cabellos já não de ouro, mas de sangue?  
Aquellas mãos tam frias, e tam negras,  
Que antes via tam alvas, e fermosas?  
Aquelles brancos peitos traspassados  
De golpes tam crueis? aquelle corpo,  
Quê tantas vezes tive nos meus braços  
Vivo, e fermoso, como morto agora,  
E frio o posso ver? hay como aquelles  
Penhores seus tam sós? ó pay cruel !  
Tu não me vias nelles? meu amor  
Já me não ouves? já não te ey de ver?  
Já te não posso achar em toda a terra?  
Chorem meu mal comigo quantos m'ouvem.  
Chorem as pedras duras, pois nos homês  
S'achou tanta crueza. E tu Coimbra  
Cubre-te <sup>1</sup> de tristeza pera sempre.

<sup>1</sup> Está *cubre-te* por *cobre-te*, como agora dizemos.

Não se ria em ti nunca, nem s'ouça  
Senão prantos, e lagrymas : em sangue  
Se converta aquella agoa do Mondego.  
As arvores se sequeem, e as flores.  
Ajudem-me pedir aos Ceos justiça  
Deste meu mal tamanho.  
Eu te matey, senhora, eu te matey.  
Com morte te paguei o teu amor.  
Mas eu me matarey mais cruelmente  
Do que te a ti matáram, senão vingo  
Com novas crueldades tua morte.  
Par'isto me dá Deos sómente vida.  
Abra eu com minhas mãos aquelles peitos.  
Arranque delles hūs corações feros,  
Que tal crueza ousáram : entam acabe.  
Eu te perseguirey, Rey meu imigo.  
Lavrará muito cedo bravo fogo  
Nos teus, na tua terra, destruidos  
Verão os teus amigos, outros mortos,  
De cujo sangue s'encherão os campos,  
De cujo sangue correrão os rios,  
Em vingança daquelle : ou tu me mata,  
Ou fuge da minh'ira, que já agora  
Te não conhecerá por pay. Imigo  
Me chamo teu, imigo teu me chama.  
Não m'es pay, não sou filho, imigo sou.  
Tu, senhora, estás lá nos Ceos, eu fico  
Em quanto te vingar : logo lá voo.  
Tu serás cá Rainha, como foras.

Teus filhos, só por teus serão Iffantes.  
Teu innocente corpo será posto  
Em estado Real : o teu amor  
M'acompanhará sempre, té que deixe  
O meu corpo co teu; e lá vá est'alma  
Descansar com a tua pera sempre.

FIM DOS VERSOS DO DOUTOR ANTONIO FERRFIRA.



# COMEDIA DE BRISTO

FEITA PELO DOUTOR

ANTONIO FERREIRA

AO PRINCIPE DOM JOAM.

---

Nacer esta Comedia pera serviço de V. A. foy pera mim tamanho milagre, que depois de visto, ainda o não acabo de crer. Porque sendo a primeira causa de homem tam mancebo, feita por só seu desfadamento em certos dias de ferias, e ainda esses furtados ao estudo, quem crerá, que como cousa pera isso de dias ordenada, e de Author grave composta, fosse por seu serviço nesta Universidade recebida, e publicada, onde pouco antes se virão outras, que a todas as dos antigos ou levam, ou não dam ventagem. Salvo-me na força, que me foy feita nos bons juizos de homens de muitas letras, que consentíram nella, a que o meu foy necessario obedecer, que tambem es-

cusam estoutra ousadia de a offerer a V. A., a que peço que a receba por sua, pois por esta Universidade, com igual consentimento de todos, lhe foy offerècida, e por ser em seu serviço mereceo ser bem julgada.

---

## PROLOGO.

---

Bem sey que entre tantos juizos não faltaram aquellas differenças que a natureza tão variamente repartio com todos, nos rostos, nas proporções, nas falas, e nas letras. Porque poucas vezes se vio em tres cabeças hum si, ou hum não, ou hum duvido. Por isto não estranharei o rir deste, o murmurar daquelle, o praguejar daqueloutro. Com estes ainda se podia passar; mas ha hi huns colericos tam arrebatados, que como acham huma cousa fóra de seu gosto, não querem sofrer as outras, tão cegos na razão, que lhes não lembra, que são os gostos diversos, e o que a elles não apraz, póde aprazer a outros. Com estes taes me não ponho em juizo, sómente sou aqui vindo pera outros a que a natureza deu as condições manças, os juizos livres, as tenções bem inclinadas. Estes julguem se he vicio 'querer cada hum seguir com suas forças as cousas que bem parecem, principalmente esta, que antigamente foy tida em tanta conta. E pola qual aquelle Livio Andronico Romam antiquissimo, alcançou famoso nome pera sempre; não falo nos que o seguiram desde então até agora em Italia, pois em nossos dias vemos neste Reyno a honra, e o louvor

de quem novamente a trouxe<sup>1</sup> a elle, com tanta differença de todos os Antigos, quanta he a dos mesmos tempos. Porque quem negará, que na pureza de sua lingua, na arte da composição, naquella estylo tão comico, no decóro das pessoas, na invenção, na gravidade, na graça, no artificio, não possa triumphar de todos? Hora sendo a cousa em si tão boa, seguida de varões prudentes, authorizada pela antiguidade dos tempos, e agora finalmente vista, e approvada com igual consentimento, e espanto nesta terra, não sey quem com boa razão terá a mal quem a quizer seguir, e mais com tão boa guia. Verdade he, que requiere idade, juizo, e experiencia (o que por ventura se não achará em todos) mas nem por isso se deve reprehender, querer cada hum com o trabalho anticipar o tempo. Contentar a todos ninguem o alcançou, muitos se contentáram com aprazer a muitos. O Author tomará por grande honra satisfazer a poucos.

A Comedia he mixta, a mór parte della motoria, fundada nos acontecimentos do Mundo, que communmente correm. Primeiramente virá aqui ter hum mancebo chamado Lionardo, que seguindo secretamente huns amores perdidos, que o trazem perdido, vindo saber como o seu pay quer casar, vem mettido em agonia. Outro seu amigo o aconselha, que vença com razão seu appetite. Mas como já tenha nelle criado raizes, não aproveita razão, nem conselho. E porque delles, e dos outros comprehendereis mais o argumento, favorecei com silencio, pera que melhor julgueis.

<sup>1</sup> Os quinhentistas fazião em *trouve* o preterito do verbo trazer, que ora fazemos em *trouxe*.

# COMEDIA DE BRISTO

---

## PESSOAS DA COMEDIA.

LIONARDO, mancebo.	MONTALVÃO, soldado.
ALEXANDRE, mancebo.	PILARTE, moço.
ROBERTO, velho.	CORNELIA, mãy.
CALIDONIO, velho.	CAMILIA, filha.
BRISTO, alcoviteiro <sup>1</sup> .	LICISCA, mulher solteira.
PINERFO, moço.	PINDARO, pay.
ANNIBAL, cavalleiro de Rhodes.	ARNOLFO, seu filho.

---

## ACTO I.

---

### SCENA I.

LIONARDO, ALEXANDRE.

LIONARDO. Nisto vejo amigo meu Alexandre, que a agoa, e o fogo podem os homens escusar, a amizade não. Porque se te não tivera pera communicação de meus males, como pudéra com elles.

ALEXANDRE. Verdadeiramente eu os sinto como

<sup>1</sup> Esta palavra, que soa tão desagradavelmente aos nossos ouvidos, era empregada pelos antigos nas mais graves composições e perante as maiores personagens.

meus, e muitos inconvenientes grandes, que dahi nascem; não sei porque não queres olhar por ti?

LIONARDO. Não posso, que estou a mil nós atado.

ALEXANDRE. Todos os quebrarás com a razão, que he mais forte, se a quizeres conhecer.

LIONARDO. Que farei? que me aconselhas?

ALEXANDRE. Que te hei eu de aconselhar, pois tu não estás pera conselho.

LIONARDO. Já que minha ventura foi essa, necessario he seguila. O amor não consente força.

ALEXANDRE. Dahi bem sabes quão honrado ficas, e teu pai tão contente, peza-me pelo perigo, em que pôs a ti, e a elle.

LIONARDO. Não sei se me vá daqui; mas como o poderey eu acabar comigo?

ALEXANDRE. Póde ser se o fizesses, que o tempo, e o esquecimento te curassem; porque em quanto estiveres a par de fogo, sempre te queimarás.

LIONARDO. Enganas-te, que este fogo não se apaga com agoa, nem com ausencia, antes ella he o que mais accende.

ALEXANDRE. Bebe logo algum vaso, toma algum remedio de esquecimento.

LIONARDO. Nem a isso me dá o amor licença.

ALEXANDRE. Pois eu não sinto que te mais diga, choro tua pena, doe-me tua perdição, Deos te desembarace o juizo pera te remediares.

LIONARDO. Que direy a meu pay? que escusa lhe darey, com que me não sinta?

ALEXANDRE. Que és ainda moço, que te não queres sogeitar tam cedo.

LIONARDO. Bem me aconselhas.

ALEXANDRE. Eu tambem (se me fallarem nisso) com a mesma escusa dilatarey o negocio, póde ser que entretanto algum desastre te mude a vontade.

LIONARDO. Quanto a mi (pera te dizer verdade) não me parece ora o peccado tão feo.

ALEXANDRE. Porque trazes os olhos cegos.

LIONARDO. Esta moça he fermosa, e boa filha, honesta, sezuda, recolhida. A mãy tem fama de virtuosa, e de viverem honestamente.

ALEXANDRE. Bom he isso tudo, quando não vem sãa.

LIONARDO. Emende-se huma cousa por outra. Se he pobre, tem outro melhor dote, que he fermosura, e virtude.

ALEXANDRE. Vay hora dizer isso a teu pay.

LIONARDO. Tambem elle deu sua cabeçada, não he muito dar eu a minha.

ALEXANDRE. Os erros alheos hão-se de olhar pera se fugirem, e não pera se imitarem.

LIONARDO. E mais tudo vem de Deos. Não posso eu fogir do que me está ordenado.

ALEXANDRE. Essa razão he de Lutheró, não sey se te valerá.

LIONARDO. Se me não valer, não sey que lhe faça. Meu pay se se agastar, desagastar-se-ha, se morrer ahi me fica tudo.

ALEXANDRE. E não te magoará muito seres tu causa de sua morte?

LIONARDO. Mas se Deos quiz que fosse o casamento livre, porque me estranhará elle usar eu de minha liberdade?

ALEXANDRE. Porque não he fundada em virtude,

mas em appetite, que o casamento pôde ser livre, virtuoso, e muito honrado.

LIONARDO. Tambem Deos quer que se faça uma obra de Misericordia.

ALEXANDRE. E tu por essa razão o fazes? pois affirmo-te, que nunca te esta leve ao paraizo.

LIONARDO. Se quizesse bem, não me dirias isso.

ALEXANDRE. Quero-to logo a ti, e por isso to digo, andas cego, não vês, nem entendes, guar-te de arrependimentos sem cura, que doem muito.

LIONARDO. Ora meu Alexandre, peço-te que me encubras como sempre atéqui fizeste.

ALEXANDRE. E eu pela amizade, que entre nós ha, te rogo, que não faças de ti nada sem primeiro me dares conta.

¶ LIONARDO. Não he necessario pedires-me tu isso, pois eu te busquey sempre pera meus segredos.

ALEXANDRE. Onde te vás agora?

LIONARDO. Esta he a minha hora, não a queria perder.

ALEXANDRE. Quanto peor he perderes-te a ti.

## SCENA II.

ALEXANDRE SO.

Quem deo tamanha força ao amor? como alcançou tamanho poder nos corações dos homens, que os cega, que os aleija, que os ata de pés, e mãos, e os traz apôs si, como encantados, porque (deixando os antigos de que lemos grandes cousas) pelo que agora vemos nos

presentes, quem se não espantará de ver andar homens perdidos após seus appetites, tão mettidos nelles, e tão esquecidos de si mesmos, que he vergonha, e piedade? E o pior he, que além de os amor cegar pera não verem seus erros, faz-lhes parecer o Mundo cego, e daqui vem cairem em tamanhas cegueiras, como cada dia vemos. Eu me ponho a cuidar ás vezes, de que vem sogeitar-se hum homem tanto, e acho, que não he amor tão poderoso, que possa entrar com quem lhe fechar a porta. Mas ha hi huns delicados, huns doces, derretidos, ociosos, escusados, com quem elle póde muito. Quanto eu vivo tão contente de me ver livre, que me rio de todolos contentamentos destes. Os meus amores são de tres dias, se me não succede bem, mudo-me a outros. Como, bebo, e rio, durmo meu sono em cheo, converso com meus amigos, jogo, tanjo, passeio, com isto me desenfado. Entregar a liberdade, he rija cousa. Que vedes aqui Lionardo meu amigo, que sendo filho de Roberto, homem muito rico, e muito honrado, Cidadão desta Cidade, e dos principaes, não tendo mais que este, e huma filha, ordenando de o casar com minha irmã, e a mi com a sua : huma rapariga chamada Camilia, a quem se foy affeiçoar, pobre, orfaã, filha de huma viuva, que não tem mais que quanto ganhão pela agulha, o tem da maneira que vedes, que nem lhe lembra quem he, o muito que perde, o perigo, em que põe seu pay, que he velho cançado, a vergonha do Mundo, o desgosto de seus parentes, tudo esquece, tudo despreza, não ha já conselho, nem remedio, que com elle possa. Eu quero-lhe bem, como irmãos, porque desde minino nos creámos ambos,

ambos aprendemos, e ambos sempre conversámos, hey dó delle, reprehendo-o, conselho-o, parece que então o atijo mais, o melhor remedio he deixá-lo á natureza. Como sentio hoje em casa que se falava no casamento, veyo-se logo a mi todo desfigurado, frio, e morto, que polo amor de Deos o aconselhasse em tamanha afronta : trabalhei com boas razões de o trazer á razão, está tão fóra della, que a não conhece, hey medo que se acabe de perder de todo. Moça fermosa, elle afeiçoado, e favorecido, a conversação estreita, o conhecimento antigo, seguro está o negocio, a primeira vista, e o contrato acabado, e pera mais ajuda anda em mãos de Bristo, hum alcoviteiro, que revolve toda esta terra, day-o por feito de todo. Coitado do velho desque o souber. Tenho eu pera mi, que não he pera reprehender muito hum mancebo ser jogador, revoltoso, dado a mulheres, porque são peccados de mocidade, porque os mais passam. Casar-se sem licença de seu pay, me parece rija cousa. E eu tudo a meus filhos sofreria, senão isto, porque alli principalmente parece, que se nega aquella obrigação da obediencia natural. Lionardo he fóra de todos estes vicios, e de muitos outros, que se agora costumão, tem boas manhas<sup>1</sup>, boa condição, discreto, sezudo, conversavel, amigo de seus amigos, se não quanto algum tanto he determinado, mas isto não he tacha<sup>2</sup>, que lhe o tempo, e a idade não mudem, se lhe assi mudassem a tenção, que tão firme tem em seu dano. Estes amores o tem feito doudo, triste, so-

<sup>1</sup> Os antigos tomavão a palavra manha como synonyma de prenda, dote, qualidade.

<sup>2</sup> Defeito.

litario, desconversavel, fóra de toda a conclusão. Trabalhei por vezes de lhe ver bem a dama, nunca pude, agora vou espreitar seus passos. Mas he este Roberto seu pay.

## SCENA III.

ROBERTO, ALEXANDRE, CALIDONIO.

ROBERTO. Vou-me em busca de Calidonio pedir-lhe a reposta do que praticámos, queira Deos fazer-nos nella tão conformes, como sempre atéqui fomos. Oh Alexandre, acharey teu pay em casa?

ALEXANDRE. Ha já pedaço que say della, mas creio que devagar ficava.

ROBERTO. Só, ou acompanhado?

ALEXANDRE. Só o deixei eu.

ROBERTO. Ora Deos vá contigo, que lá me vou.

ALEXANDRE. Quem pudesse dizer o que sabe; mas o velho he testo<sup>1</sup>, mataria o filho logo, e depois a si. Em quanto o mal não he mais, Deos o póde curar. Entre tanto bom he esperar bem. Minha mãy me contará o que passarem ambos.

ROBERTO. Folgo de ver aquelle moço, a quem hey de dar o meu; e quanto o mais vejo, melhor me parece. Bom filho, sezudo, manso, amigo de seu pay, da honra, e da virtude, oh quam bem parecem os bons filhos, e quam mal os que o não são, que vejo por aqui andar huns perdidos, vadios, esfolacaras,

<sup>1</sup> Resoluto.

que deshonrão a si, e aos pays. Porque não haverá entre os Christãos, o que havia antigamente entre os Gentios? Dous homens, que elles chamavão Censores, graves, antigos, prudentes, que têm cargo de emendar os máos costumes, castigar os mancebos viciosos, reprehendê-los, e ensiná-los. Oh que costume aquelle tanto pera seguir; mas danou-se o Mundo de maneira, que o não póde já receber, todolos bons costumes se perdem, toda a virtude se desacostuma. Os vicios, e as maldades vivem, e crescem. Sinal he isto, que vem nosso fim perto. Quem ouve dizer daquelles Lacedemonios a diligencia que têm em crear seus filhos em virtude, que dirá de nossa negligencia? Entre as boas doutrinas que lhe davão, principalmente era, que acatassem muito aos velhos, que os honrassem, e lhes dessem lugar onde quer que estivessem. Doutrina por certo santa, e boa. Agora os nossos mancebos usão tão mal della, que nenhuma cousa desestimão tanto. Estes taes nunca os vós vereis chegar a esta idade. Os pays, que taes filhos tem, e os não afogão, merecião padecer a pena de seus erros. E assi se fazia antigamente, porque em vez de crearem homens pera a Republica, crião bestas feras pera sua destruição. Calidonio sahe de casa, quero-me ir a elle.

CALIDONIO. Se aqui vier ter Roberto?

ROBERTO. Aqui o tens.

CALIDONIO. Oh Roberto, Deos venha contigo, agora hia a tua casa.

ROBERTO. E eu venho em tua busca.

CALIDONIO. Queres que subamos?

ROBERTO. Mas passeemos hum pouco, se mandares.

CALIDONIO. Bom he pera a saude.

ROBERTO. Eu Calidonio tornei a cuidar no que tenho tocado, e quanto mais cuido, melhor me parece.

CALIDONIO. Tambem eu cuidei assaz nisso, e ainda esta noite o pratiquei com minha mulher na cama.

ROBERTO. Como? E estes segredos confias tu se não de ti mesmo?

CALIDONIO. Estranhas dar parte delles a minha mulher?

ROBERTO. Antes me espanto muito, porque ás mulheres não se ha de descobrir mais, que o que tem necessidade de seu consentimento.

CALIDONIO. E não queres, havendo eu de casar meus filhos, que tambem são seus, que o saiba ella?

ROBERTO. Não, antes da cousa feita, pois não está em sua mão fazê-lo, nem desfazê-lo, queres apostar que o sabem já teus filhos?

CALIDONIO. Isso não ousaria ella, que eu tambem sou agastado.

ROBERTO. Eu grande bem quero a minha mulher, mas cousas semelhantes nunca lhas descubro, senão em seu tempo, e sey que me póde conselhar.

CALIDONIO. Se eu errey, perdoa-me. Quantas são as tenções dos homens.

ROBERTO. Assi que digo, por muitas razões acho que vem isto igual a ambas as partes, como cousa ordenada por Deos, primeiramente o conhecimento antigo, e boa amizade, que sempre entre nós houve.

CALIDONIO. Que eu tenho bem experimentada.

ROBERTO. Depois disso a conversação destes moços

de tamaninos<sup>1</sup>, o amor que se tem ambos como irmãos, que folgo muitas vezes de os ver tão amigos, e tão bons companheiros.

CALIDONIO. Se se lhes a elles apegassem as outras nossas condições, como tomárão essa.

ROBERTO. Quanteu<sup>2</sup> não vejo em algum delles manhas deshonestas doutros mancebos, porque já teu filho sempre de moço teve cousas de homem, hum sizo, e hum repouso de que muitos velhos podem ter inveja.

CALIDONIO. Eu não te quero gabar o teu, que tu sabes bem o que tens nelle.

ROBERTO. Basta que nesta parte não temos de que nos queixar. Ora a honestidade, e recolhimento de nossas filhas, todo o Mundo o sabe.

CALIDONIO. Que he a principal parte no bom dote.

ROBERTO. Antes este só ordenou, e recebeu aquelle grande legislador na sua República.

CALIDONIO. Vemos nós logo muitos, que andão buscando dobrões, e não tem conta com mais.

ROBERTO. Esses taes casão com o dinheiro, e dahi adous dias ficão sem elle, e sem honra, quem busca virtude, Deos o ajuda.

CALIDONIO. Bofé Roberto, essa val já tão pouco, que ainda que se ache, não ha quem a queira.

ROBERTO. Porque não serve senão das portas a dentro, se a mostras fóra, rin-se de ti.

CALIDONIO. Mais seguro está quem acha tudo junto.

ROBERTO. A isso te hia, porque louvado Deos, tu

<sup>1</sup> Desde pequeninos.

<sup>2</sup> Enquanto eu,

bem sabes o que eu tenho, e o que espero de herdar por parte de minha mulher, daquella velha sua tia.

CALIDONIO. Nunca te tenhas a essas esperanças, que são muito duvidosas.

ROBERTO. Esta hey eu por certa, e por segura, porque ella fez seu testamento, e entregou-mo na minha mão.

CALIDONIO. Assi póde fazer outro, e revogar esse, e mais não faltará hum malsim <sup>1</sup>, que te saya de través, que ou a sobornaste, ou lho fizeste fazer por força, ou estando fóra de seu juizo, e mil achaques<sup>2</sup> outros costumados.

ROBERTO. E parece-te a ti, que não saberia eu fazer com sizo cousa, que me tanto releva <sup>3</sup>?

CALIDONIO. Eu não digo que tu o não farias, mas o que te podem fazer, que eu fiquei tão escaldado do meu foro, que depois de gastar na demanda mais do que valia, vendi-o logo, só pelo aborrecimento que me deixou.

ROBERTO. He verdade que se fazem muitas bulras, mas tambem assi me podem vir demandar quanta fazenda tenho.

CALIDONIO. E tu duvidas disso?

ROBERTO. Pois digo-te eu, que antes largava <sup>4</sup> tudo, que andar por audiencias.

CALIDONIO. Sohia ser, que se havia por injuria andar homem em demanda.

<sup>1</sup> Accusador, denunciante.

<sup>2</sup> Defeitos.

<sup>3</sup> Importa.

<sup>4</sup> Está aqui largava, por largára ou largaria, erro ainda hoje muito commum.

ROBERTO. Agora té os Reys, e os Senhores andão mettidos nellas.

CALIDONIO. Por isso os Letrados são tantos.

ROBERTO. Vivem, e reynão.

CALIDONIO. As nossas custas.

ROBERTO. Póde ser, se Catão fora neste nosso tempo, que tambem os não recebêra, como aos Physicos. Mas se os homens quizessem viver conforme á razão, e á natureza, assi se escusarião as leys dos Gregos, e dos Romãos como as purgas, e invenções perigosas da Medicina. Já que nossa malicia não quer isso, bem me está aver leys, e aver Letrados, se se todos somettem sem ás leys.

CALIDONIO. Por isso se comparão ellas a teas d'aranha.

ROBERTO. E o que me mais espanta, que mais leys tem estes feito de suas opiniões dez vezes das que achárão feitas.

CALIDONIO. E ainda essas mudanças de tantas maneiras, que as não conheceria agora quem as fez.

ROBERTO. Quantas mais leys mais bulras, mais roubos, mais malicias.

CALIDONIO. Assi diz o rifão Italiano.

ROBERTO. Mas tornando á pratica, creio que quanto ao dote não estamos diferentes. Ora nos estados tu bem me conheces, e bem conheceste meu pay, e meus passados.

CALIDONIO. E tu os meus.

ROBERTO. Que sempre se ajudárão huns dos outros.

CALIDONIO. Dahi nos ficou a nós nossa amizade.

ROBERTO. Pois bem entendes quanto faz a igualdade no casamento.

**CALIDONIO.** Dito foi a hum grande sabio. Casa com igual.

**ROBERTO.** Além disso, nossas filhas não são tão fermosas que fação ciumes, nem tão feas que não contentem. Antes tem aquelle parecer meão, a que hum Romam chamou muy bem fermosura de casada.

**CALIDONIO.** Bem vejo, que em isso tudo estamos conformes.

**ROBERTO.** Em que achas tú logo a differença?

**CALIDONIO.** Nas idades.

**ROBERTO.** Como?

**CALIDONIO.** Que estes moços são ainda muito moços.

**ROBERTO.** Pera este Mayo que vem faz o meu 22 annos.

**CALIDONIO.** E tu não sabes que mandavão os antigos, que o homem fosse de 35, e a mulher de 18, pera que os filhos nascessem mais robustos, e com menos debilitação dos pays?

**ROBERTO.** Isso era no tempo, que os homens vivião cem annos, quem agora chega aos 60 já não presta.

**CALIDONIO.** Todavia, sogeitar assi huns moços tão cedo a tamanha carga, não me parece bem feito, porque ainda tambem o tempo não acabou de descubrir nelles o que póde estar encuberto.

**ROBERTO.** Dizem lá, que de pequenino verás, elles sempre atéqui forão bons, daqui por diante o sizo, e a idade os fará melhores.

**CALIDONIO.** O matrimonio requiere idade perfeita, prudencia, e conselho pera saber tratar a mulher, grangear a fazenda, ensinar os filhos, e mandar a casa.

**ROBERTO.** Não me parecia a mi grande inconve-

niente esse; mas se assi queres, não se perde nada fazermos entretanto nossos concertos.

CALIDONIO. Esse era o meu conselho, e assi o determinei com minha mulher. Por tanto ajuntemonos, quando tu quizeres, e concertaremos tudo.

ROBERTO. Falas á minha vontade, e eu espero em Deos amigo meu Calidonio, que estes moços nos hão de fazer mui contentes.

CALIDONIO. Assi queira Deos.

ROBERTO. Ora eu me vou, Deos fique contigo.

CALIDONIO. Não te vás, jantarás do que ouver, e da boa vontade, que he a melhor iguaria.

ROBERTO. Eu to agradeço. Este contentamento me farta, e me mantem.

CALIDONIO. Vay as boas horas.

#### SCENA IV.

#### CALIDONIO SO.

O quanto devem os filhos aos pays; nem sem causa lhes davão os antigos poder de os matarem, pois os pays se matão por lhes dar a vida, por os pôr em honra, com tantas fadigas, com tantos trabalhos, e suores. Mas qual he o filho, que conheça isto, e que trabalhe de dar hum contentamento ao pay em pago de tantos desgostos passados por amor delle? Porque deixando o trabalho da criação, seus choros, suas meninices, que ás vezes enfadão, e canção, as travessuras da mocidade, os sobresaltos, que com elles tendes cada hora, com que se pòdem pagar? ora desque

são homens, as brigas, as doudices, os jogos, as mulheres. Verdadeiramente muito deve a Deos, a quem elle deo filhos manços, e obedientes, porque estes são os que descansão os trabalhos da vida, e os que consolão a tristeza da morte. Contente morre hum homem, quando cuida que deixa cá no Mundo hum bom filho em conservação de sua memoria, que lhe reze pela alma, que visite sua sepultura, com que aquelles ossos, e aquella terra parece que se consolão. Eu entre as muitas mercês, que Deos me fez, esta hei por principal. Deo-me hum filho, e huma filha conformes a meus desejos. A moça he boa filha, honesta, sezuda, devota, e que toma toda boa doutrina minha, e de sua mãy. O moço manço, e repousado, como diz Roberto, fóra das condições, e tratos dos outros mancebos, em quem sempre conheci huma vergonha, huma mansidão, huma obediencia, que maleja seu acatamento, seus olhos no chão, de tamanino, qe não tinha idade, nem saber pera entender aquillo. Tudo vay na boa inclinação. Por isso receo muito de os empregar mal, que estes casamentos são muito perigosos, e acertar hum bom acerto, he cousa. que poucas vezes acontece. Des que me Roberto falou nisto, não como, não durmo, nem socego. Mas deitadas bem todas as contas, acho que se lembrou Deos de minhas orações. Este he bom homem, afazendado<sup>1</sup>, dos principaes da terra, os filhos tambem sahem a elle. Determinado tenho de nos concertarmos, senão quanto me parece grande inconveniente esperar pela herança da outra, que está mais sã, e

<sup>1</sup> Os classicos tomavão a palavra *afazendado* como equivalente á de rico, abastado, etc.

mais rija, e mais moça que ellas. Perigosa cousa he pôr a esperança na morte alhea, por isso quiz dilatar o casamento, porque o tempo em diante me ensine o que heyde fazer. Bom he ter homem na tormenta huma taboa a que se pegar, e mais agora que o mar anda tão revolto. Lá vem meu filho, quero mandar pôr a meza.

## SCENA V.

ALEXANDRE SO.

Digo-vos, que não culpo Lionardo em seus estremos, antes me espanto de o ver com tanto sizo. Vês Camilia, que me pareceo a mais fermosa cousa, que meus olhos vírão, he vento o que se diz, já agora não culparei quem fizer qualquer desmancho por ella. Não parece senão que a fermosura, assi como representa mais aquella semelhança de Deos, assi tem huma força natural, com que afeiçoa os olhos, e as vontades. E por isso lhe chamou o Grego, reyno sem vassallos, todavia o mais seguro he guardar-se homem destes encontros. Porque já eu começo sentir em mi humas differenças, que não entendo. Deos me guarde do laço de Lionardo. Vou-me jantar, não espere meu pai por mi.

---

## ACTO II.

## SCENA I.

PINERFO, BRISTO.

PINERFO. Olha que te não esqueça.

BRISTO. Mano <sup>1</sup> queres-me tu mais que isso?

PINERFO. Bem sabes que não empregas mal teu trabalho.

BRISTO. Antes te eu ora digo, que são as mercês muitas.

PINERFO. Pelo tempo em diante as acharás maiores.

BRISTO. Pera quem deixa de fazer o que lhe releva, e de ganhar sua vida, onde póde ter mais proveito.

PINERFO. E tu tens outro officio, ou beneficio?

BRISTO. Bom está o rato, que não tem mais que hum buraco. Este he o de que eu faço menos conta.

PINERFO. Quaes são os outros por vida de Bristo?

BRISTO. Assi queres que te descubra meus segredos, e mais na praça?

<sup>1</sup> Os antigos davão á palavra *mano*, além da acceção commum de irmão, tambem a de amigo, querido, estimado, etc.

**PINERFO.** Por tão palreiro me tens que to vá logo apregoar?

**BRISTO.** Vai enganar o diabo. Bem disse o outro, não te fies de rapazes.

**PINERFO.** Pera ser tão livre, folgára de ser como tu es.

**BRISTO.** Pois de que te vem a ti querereres saber o que te não releva?

**PINERFO.** Mas de que te vem a ti encubrires-te assi tanto?

**BRISTO.** Que dizes?

**PINERFO.** Que atégora não tens que te queixar de Annibal.

**BRISTO.** Si bofé, a todo o Mundo eu faço inveja com as suas dadivas. Não vedes como estou rico, e honrado.

**PINERFO.** Boas duas cousas querias. Andas logo gordo, e farto.

**BRISTO.** Tenho-me eu com outros, que me vestião, e calçavão como huma dama. E além disso os banquetes, e os jantares, que me enfastiavão, pois não tinha eu então tanto trabalho, nem elles tanta renda.

**PINERFO.** Hum dia destes lhe hão de vir humas poucas de dobras. Alli tens então bom salto.

**BRISTO.** Quantos annos ha que tu, e elle me ameaçais com isso?

**PINERFO.** O que tarda não se perde.

**BRISTO.** Tanto que póde tardar, que fique pera meus herdeiros.

**PINERFO.** Forte diabo he este, que nunca se farta.

**BRISTO.** Esse teu senhor cuida que eu sou Camalião, que me hey de manter com vento?

PINERFO. Queres trocar esses teus ventos polo meu pão?

BRISTO. Não vou nunca a casa de nenhum homem honrado, que por huma cantiga só, que lhe cante ao meu adufe<sup>1</sup>, não venha com hum no papo, outro no sacco.

PINERFO. Pera que he ser mais Rey.

BRISTO. Pois que cuidas? parecer-te-ha ora que zombo?

PINERFO. E como te creo, que vós-outros sois os que estorvais as obras pias. Mas pera tão boa renda, não trazes grande apparato?

BRISTO. Huy como és moço? sou eu por ventura, como estes parvos ventosos, que querem cubrir o Ceo com huma joeira? Não me deo minha mãy esse conselho?

PINERFO. Pois qual? Por vida tua que me ensines.

BRISTO. Enthesourar, e guardar, e depois quebrar o mealheiro.

PINERFO. Então?

BRISTO. Prouvera a Deos que o tivera eu já cheo: tu me viras mudado em dous dias.

PINERFO. Que avias de fazer?

BRISTO. Essas contas guardo eu pera mi só, és tu por ventura meu padre espiritual<sup>2</sup>?

PINERFO. Não has vergonha de ganhares tua vida tão torpemente?

BRISTO. Mor torpeza, e mor vergonha he furtar,

<sup>1</sup> Pandeiro.  
Confessor.

queres que te diga, eu não o roubo a Deos, nem ao pobre.

PINERFO. Deos o sabe.

BRISTO. Outros averá, que o ganhem peor que eu.

PINERFO. Com esses te consola.

BRISTO. Não o furto á dizima, nem á siza, Deos he o que mo dá, e meu trabalho.

PINERFO. Mas o diabo.

BRISTO. Não hajas medo que me venha nunca o Corregedor a casa, que se queixe o pobre que o esfolei, que lhe roubei sua justiça, que dei sua fazenda a outrem a poder de peitas.

PINERFO. Essas contas enganão muitos, que querem desculpar seus erros com os alheos.

BRISTO. Não te entendo.

PINERFO. Digo que com tudo isso, eu não te queria fazer na pele.

BRISTO. Bem, e quantas vezes me viste tu neste Mundo prender, ou açoutar?

PINERFO. Poucas a falar verdade.

BRISTO. Huy pelo enxoval que assi me honra, prometto de o dizer a teu amo.

PINERFO. Vá huma por outra, e fiquemos amigos.

BRISTO. Encommendo-te eu aos imigos<sup>1</sup>.

PINERFO. Ora.

BRISTO. Tirte<sup>2</sup> lá, que não hei hoje lá dir.

PINERFO. Não farás.

BRISTO. Se não se for por teu mal.

<sup>1</sup> Esta contracção de inimigo, hoje só usada no verso, era então frequente na prosa.

<sup>2</sup> Tira-te.

PINERFO. E quando vás tu lá por nosso bem. Todavia ficas nisto? não me quer fallar. Sabes mais que todo Mundo. Vedes aqui como se gastão muitas vezes os bens da Igreja, as comendas da cavalleria com alcoviteiros, com chocarreiros, com cães, com dados. Digo-vos que quero antes servir, e morrer de fome, que tomar tamanhas obrigações ás costas, porque por derradeiro tão farto hey de ir á cova como elles, e no outro Mundo tenho a pousada mais certa.

## SCENA II.

BRISTO SO.

Dizem lá, que melhor he huma arte, que hum Reyno, porque o Reyno póde-to tirar a fortuna, a arte sempre anda contigo, qualquer terra a cria, e a sustenta. Coitado de mi senão tomára este officio, máos caês me comêrão, elle me veste, e me mantem, onde quer que for, segura tenho a pousada. O Mundo anda agora tal, què se não póde viver d'outra maneira. Tenho provado quantos officios deo Deos, com nenhum me achey tão bem, como com este. Ando de terra em terra, como cigano, fazendo meus pousos, onde me não conhecem em dous dias sou conhecido de todos. A primeira cousa que faço como <sup>1</sup> chego, he saber o trato todo da terra, quantas putarias <sup>2</sup> tem,

<sup>1</sup> Apenas.

<sup>2</sup> Estranhámos que um homem tão sisudo, como por certo era o Dr. Ferreira, usasse d'esta expressão, que, já em seu tempo, tinha obsceno sentido.

quantos covis, quantas alcoviteiras, quaes são as moças fermosas, os mancebos doudos, qual joga, qual gasta, qual he de mulheres, metto-me com elles, e com ellas, digo-lhes trinta chocarrices, que me vem á boca, todos me conhecem logo, todos se me afeiçoão. Não ha nenhum que não folgue mais de me convidar com o jantar, que dar huma esmola a hum pobre. Ao primeiro dia sei toda a Cidade, não fica rua, travessa, beco, nem recanto, e ponho minhas balizas, porque não erre. A primeira visitaçào he a casa das lavrandeiras<sup>1</sup>, metto-me com aquellas moças, como moça, gabo-as de fermosas, d'alvas, de bons olhos, ensino-lhes mézinhas pera os cabellos, agoas pera o earão, mostro-lhes meus lavores, meus lenços, minhas cadanetas, de huma visitaçào só fico por companheira, ás velhas chamo moças, ás moças meninas, ás fermosas Anjos, todas trabalho de contentar, porque se dem comigo; os mancebos todos são meus fermosos, meus namorados, meus manos, minhas rosinhas. Hum me dá o gravi<sup>2</sup>, outro a camiza, outro o sayo<sup>3</sup>, e o dinheiro. Assi ganho minha vida o melhor que posso, em quanto o Mundo crear parvos, não ajaes dó de mi. Este he o mais certo ganho, e mais sem trabalho. Todavia andar com o olho sobre o ombro, que estes meus tratos ás vezes tratão-me mal. Fiquey tão escalado de hum latego, que ainda me doem as costas, por isso apalpo primeiro o váo, que me metta nelle.

• Não me vereis nunca por casa de homens velhos ca-

<sup>1</sup> Bordadeiras.

<sup>2</sup> Coifa de retroz com lavores de fio de ouro.

<sup>3</sup> Especie de casacão usado pelos cavalleiros.

sados, arreigados na terra, que me podem pôr no pelourinho por qualquer suspeita. Todos meus passos são seguros, gato escaldado d'agoa fria á medo, não me colhem a mi mais no brete <sup>1</sup>, como sinto a bolsa chea, dou hum voo pera a outra parte. Então sou tão matreiro, que quantas terras ando, tantos nomes tomo. Aqui me chamo Bristo, acolá Ilario, porque me não sigão, que eu por onde quer que ando sempre deixo rasto. E elles chamão-me fanchono, marinello <sup>2</sup>, mas eu engordo ás suas custas, e por derradeiro dou-lhes tres fígas. Nesta Cidade me foi a mi melhor que nunca, por causa desta Camilia, que alvoroça toda a terra. Mais de vinte mancebos andão apôs ella, e todos pégão comigo, porque me vem lá ter entrada, que eu conheço-a de menina, e a mãy, e o pay, que era hum homem muito honrado, Deos lhe aja parte na alma, que já me livrou do poder da justiça. Chamava-se Pindaro, desejoso casar esta filha honradamente, a que elle queria mais que aos seus olhos, foi-se a essa India, que he peor que as covas de Salamanca, por hum ficão sete : coitado, tendo seu movel feito, e vindo-se com elle, e com outro filho, que levou consigo, deu a tormenta nelles, não parecêrão mais, dous annos ha que os tem por mortos. A coutadinha da moça, que he huma santinha, fermosa como hum Anjo, colo de garça, toda bem estreada, ficou assi orfaã, e desemparada em poder de sua mãy, he piedade ver a pobreza, com que vivem, todo dia, e toda a noite lavar, e coser, que me espanto como

<sup>1</sup> Armadilha, laço.

<sup>2</sup> Estes dous vocabulos, tomados hoje em máo sentido, significão outr'ora homem molle, effeminado.

tem já mãos, e olhos : mal aja a fortuna, que tanto desemparo causa. Mas Deos nunca desempara quem se a elle encommenda. Anda aqui hum cavalleiro de Rhodes chamado Annibal, velho, velhancão, que parece destes Reys antigos das tapeçarias velhas, doudarrão, gastador, mal assombrado, barba de mouro, que as quiz manter o melhor que pode. A obra boa he se fora pelo amor de Deos, mas sua tenção he do diabo. Mette-se-lhe em cabeça que a ade aver por manceba. Trago-o enganado á mil dias, eu faço meu proveito, e guardo a honra da moça. Dessa renda, que lhe Deos dá, faz elle três quinhões, hum pera mi, outro que elle cuida que he pera ellas, que tambem me fica, o terceiro, e mais pequeno pera sua casa. Nunca al<sup>1</sup> vistes, senão o dos pobres dalo o diabo. E com quanto reparte tambem comigo, sempre me mostro descontente, que estas são minhas artes, a quantos me falam nella, ou em outras, a todos faço bom rosto, todos grangeo, todos roubo sem hum saber parte do outro, e cada hum delles cuida que a tem nas unhas. Hum mancebo só anda aqui chamado Lionardo com quem trato toda a verdade, porque he bom filho, e conheço nelle boa tenção pera a moça, que eu queria ver muito bem casada polas boas obras, que já recebi de seu pai, ella tambem he perdida por elle, mandou-me em sua busca, eyo<sup>2</sup> de chegar a conclusão, se seria tão ditoso que o achasse. Lá vejo vir Annibal, quero-me esconder delle.

<sup>1</sup> Outra cousa.

<sup>2</sup> Tenho-o.

## SCENA III.

ANNIBAL, PINERFO.

ANNIBAL. Que te disse esse fanchono?

PINERFO. Não sei, não o entendo. Tem-lo posto em mui máo foro <sup>1</sup>.

ANNIBAL. De que maneira?

PINERFO. Parece-me que quer que lhe enchão de cada vez a bolsa, e a barriga.

ANNIBAL. Não joguete elle comigo <sup>2</sup>.

PINERFO. Mas porque pões tu tua honra na mão deste, que não tem ley com Deos, nem verdade com os homens?

ANNIBAL. Ainda atéqui o não colhi em nenhuma, a primeira pagará por todas.

PINERFO. Não hey por bom concelho fazer essa experiencia, que o velhaco he tão trincado, que fará seu fardem <sup>3</sup> sem o ninguem sentir.

ANNIBAL. Não ousará elle isso comigo, que eu não sou homem de palha.

PINERFO. He tão máo, que hey medo que nos engane.

ANNIBAL. Nunca me ninguem enganou em mancebo, menos me enganará em velho.

<sup>1</sup> Uso, costume.

<sup>2</sup> Isto é, não zombe elle comigo.

<sup>3</sup> Fardel, trouxa.

PINERFO. Hey por mui roim sinal andar-se sempre escondendo.

ANNIBAL. Estes são diabos, querem-te dar a entender que tem outros negocios pera te encarecerem mais o teu. Mas onde o deixaste tu? pera onde te disse que hia?

PINERFO. Nunca mo quiz dizer.

ANNIBAL. Que razão te deo? com que se escusou?

PINERFO. Com nada. Tudo forão queixumes de seus trabalhos, e tua escaceza.

ANNIBAL. Assi lhe vay? Ora não mais, eu me lhe darey a conhecer.

PINERFO. Quem não ha medo ao diabo, queres que o aja de ti?

ANNIBAL. E eu não sou peor que todos os diabos, agora me conheces tu?

PINERFO. Digo senhor que he muita verdade, cuidei que era arrebatado.

ANNIBAL. Não sabes que nunca me ninguem anojou hum tamanino, que o menor castigo não fosse perder a vida?

PINERFO. Pois porque sofres a este tanto?

ANNIBAL. Porque o homem prudente primeiro ha de andar ás boas que ás más, que este he hum dos bons preceitos da cavalleria.

PINERFO. Esse guarda tu com os Cavalleiros, e não com os fanchonos.

ANNIBAL. Em toda a parte parece bem o sizo, e a prudencia; mas não se engane elle comigo, guarde-se de minha ira, que a ninguem perdoa, e com ninguem sabe usar de comprimentos.

PINERFO. O Deos, que sofres este, e suas doudices!

ANNIBAL. Por outro tal fiz eu já cruezas, que soá-rão, vai-te per hi em sua busca, dize-lhe que o fico aqui esperando, então venha-me elle com escusas.

PINERFO. Hi <sup>1</sup> lá em busca do vento, onde hey de achar hum bargante <sup>2</sup>, que não tem hum covil certo, e se te furta diante dos olhos?

ANNIBAL. He pouco conhecido nesta terra.

PINERFO. Se o não achar logo, deixá-lo-hey?

ANNIBAL. Faze toda a diligencia com que me vá hoje a casa.

PINERFO. Prometto se o acho de fazer com que lá não torne.

ANNIBAL. Não sey como vivo, e como não arre-bento. Paciencia. Mas quem poderá com tanto? Não tenho vida de homem com esta moça. Perco-me por ella a olhos vistos, e hey-medo que me achem hum dia morto, e matar-me-hão amores, não me podendo nunca matar espadas, nem bombardas. He por demais aquelle rapaz, vay de mámente, nem o ha de buscar, nem o ha de achar, então vivey lá. Ha de estar minha vida pendendo das mãos de Bristo? quamanhas <sup>3</sup> mudanças faz o tempo, e idade. Quam fora eu quando estava em Rhodes de sofrer o que agora soffro. Muitas vezes me espanto de me ver assi tão mudado, que eu mesmo me desconheço. Por qual-quer cousa matava, queimava, destruia, fazia cousas de todolos diabos. Não havia cem homens, que na força de minha cólera me tivessem rosto meya

<sup>1</sup> Ide.

<sup>2</sup> Desavergonhado.

<sup>3</sup> Quão grandes.

hora. Todos assombrava, todos tremião, onde quer que meu nome soava, fazia espanto, e assi era chamado o segundo Annibal. E sendo sempre dado a estes appetites da carne, nunca nenhum me custou tanto como este. Nunca me vi tão perdido, e tão namorado da vontade, a mor parte de meu sizo perdi com esta moça, dou-lhe quanto tenho, ainda-que atéqui aproveitou pouco, folgo de se ella lograr do meu. Já póde ser senão tivera este impedimento da ordem, que me casára com ella, e fizera huma boa obra por salvação de minha alma. Mas pois não póde ser, tambem Deos se contentará destoutra. Casala-hei honradamente, pois tenho bem por onde, se ella não quizer ser parvoa <sup>1</sup>, e se entregar em minhas mãos, quando não, toda a perda será sua.

#### SCENA IV.

MONTALVÃO, ANNIBAL.

MONTALVÃO. Já nunca pude ter hum bom acerto com este, parece cousa feita a cinte <sup>2</sup>.

ANNIBAL. Qua <sup>3</sup> vem Montalvão meu soldado.

MONTALVÃO. Cuidei que lhe escapasse homem, e furtasse esta tarde pera meus negocios.

ANNIBAL. Este he todolos diabos, folgo com elle, porque o vejo de bons espiritos.

<sup>1</sup> Tola.

<sup>2</sup> De proposito.

<sup>3</sup> Aqui.

**MONTALVÃO.** Hade estar menencoreo, com feros o amansarei.

**ANNIBAL.** Ainda me não vio.

**MONTALVÃO.** Ha dias que ando dezejoso de achar com quem peleje, he grande enfadamento ser hum homem tão pacifico.

**ANNIBAL.** Não he menos daquillo, tomai-vos lá com elle.

**MONTALVÃO.** Por isso folgava em Rhodes, cada dia avia mortes, e desafios. Esta gente he toda morta.

**ANNIBAL.** Aquillo são espiritos meus. Olhai que faz a conversação.

**MONTALVÃO.** Des quanto ha que aqui ando, não vi hum arruido. Antes de hum par de dias eu me mostrarei a estes.

**ANNIBAL.** Quero-o chamar. Montalvão?

**MONTALVÃO.** Quem me chama? Oh senhor, não te vi sair de casa.

**ANNIBAL.** De que te vinhas queixando agora?

**MONTALVÃO.** Dir-to-hei. Vinha estranhando comigo quão poucas revoltas vejo nesta terra.

**ANNIBAL.** E peza-te disso?

**MONTALVÃO.** Bem sabes que me criei com sangue de homens, onde não ouço armas, e golpes, cobre-se-me o coração.

**ANNIBAL.** Bom vinhas tu agora pera qualquer cousa.

**MONTALVÃO.** Queres-me dar licença que espanque hum par destes escudeiros por meu desenfadamento?

**ANNIBAL.** Essa licença pide<sup>1</sup> tu á justiça.

<sup>1</sup> Pede.

MONTALVÃO. De ti só hei medo. A justiça pouco me póde empecer.

ANNIBAL. E donde te veyo agora isso á cabeça?

MONTALVÃO. Mas donde te vem perguntas-me tu isso? Parece que me não conheces. Não te lembra, quantas vezes me livraste em Rhodes do baraço, e do cutello.

ANNIBAL. Ahi podia eu muito, aqui não posso nada.

MONTALVÃO. Porque tu queres, em tua mão está levatares-te com a terra.

ANNIBAL. Quando isso fosse não me faria tredor<sup>2</sup> por tão pouca cousa.

MONTALVÃO. Do pouco se vem ao muito. Começa tu hum vez, que nós despovoaremos o Reyno.

ANNIBAL. Ora eu vou caindo no que dizes, não se enxergão aqui homens.

MONTALVÃO. Perã próva disso heide andar com quantos achar ás bofetadas.

ANNIBAL. Parecem azados pera se calarem com ellas, e demandar-te a injuria.

MONTALVÃO. Então te digo eu que se elles salvavão<sup>1</sup>, não me escaparião na India.

ANNIBAL. Porque?

MONTALVÃO. Porque não posso sofrer homem covarde. Tu me puzeste neste costume.

ANNIBAL. Todos querias que fossem como eu. Então pera que prestava?

<sup>1</sup> Traidor.

<sup>2</sup> E' um solecismo em que cahirão alguns classicos. A boa syntaxe quer que se diga — *se elles se salvassem*.

**MONTALVÃO.** Pera o que elles prestarião, se fossem como ti.

**ANNIBAL.** Que dizes?

**MONTALVÃO.** Que vejo passar certos mancebos por aquella rua, desejo de me desfadar com elles.

**ANNIBAL.** Não cures de scandalizar a gente, isso fique pera a guerra.

**MONTALVÃO.** Mata-me logo, e morrerei honrado.

**ANNIBAL.** Porque?

**MONTALVÃO.** Porque hey medo que mate a paz.

**ANNIBAL.** Ha, ha, ha.

**MONTALVÃO.** Dei-lhe no goto. Bem sabes que a natureza do homem he viver com aquillo só com que se criou.

**ANNIBAL.** Es diabolico. Mas que honra podes ganhar com esta gente tão misera?

**MONTALVÃO.** Eu não o hei pola honra. Bem me basta o que tenho em ser teu, e te servir, mas por fartar a vontade.

**ANNIBAL.** Oh Rhodes, Rhodes.

**MONTALVÃO.** Ah, ah, já me ha enveja, elle começará com as suas.

**ANNIBAL.** Lembra-te aquelle dia?

**MONTALVÃO.** O do diluvio do sangue?

**ANNIBAL.** Já nunca perderá esse nome.

**MONTALVÃO.** Queres que se esqueção cousas tuas?

**ANNIBAL.** Não me parece que podia fazer mais hum homem contra tantos.

**MONTALVÃO.** Eu que o vi o não creio.

**ANNIBAL.** Tomarem-me desarmado, e elles carregados de ferro.

**MONTALVÃO.** E creio ainda que te faltava a espada.

ANNIBAL. Si. Mas eu de huma punhada lancei hum no chão, e levei-lhe a sua.

MONTALVÃO. Então te deu o outro o golpe no hombro.

ANNIBAL. Essa só ferida creio que levei dahi.

MONTALVÃO. E fui <sup>1</sup> tal, que ta curei eu com huma estopada. Choro cada vez que me lembra.

ANNIBAL. Ora o outro Valenciano, que jugava de totalas armas se lhe valerão comigo.

MONTALVÃO. Não parecia senão que andavas encantado.

ANNIBAL. Huma coirinha danta só trazia.

MONTALVÃO. Nunca déste ferida, que curasse fisico <sup>2</sup>, e de quantas apanhaste (se te lembra) sempre ficaste vivo.

ANNIBAL. Que dirás a isso?

MONTALVÃO. Que tuas carnes não consentem ferro. Que perda foi, não te achares naquelle cerco.

ANNIBAL. Tinha Deos ordenado de se perder.

MONTALVÃO. O primeiro sinal foi faltares tu então.

ANNIBAL. Já póde ser, que ou se não perdêra, ou se sustentára mais tempo; porque hum homem destro nos ardis da guerra, bem sabeis que val mais que todo o exercito.

MONTALVÃO. Nunca me esquecerá aquelle dito teu, que mais era pera temer hum exercito de ovelhas, quando tinham por Capitão hum Leão, que de Leões, se os capitaneava ovelha.

ANNIBAL. Mas bem se podia dizer de mi, que li-

<sup>1</sup> Estáfui por foi.

<sup>2</sup> Os medicos e cirurgiões erão n'esse tempo chamados physicos.

vrei de hum grande trabalho o povo Turquisco, como o primeiro Annibal disse polo Romaõ quando morria.

**MONTALVÃO.** Ora nunca vi cousa trazida a tão bom proposito.

**ANNIBAL.** Já pôde ser, que se diria lá isso. Não duvides tu muito.

**MONTALVÃO.** Eu me espanto, como te desacostumaste tanto das armas.

**ANNIBAL.** He hum modo de penitencia que agora faço, em pago de minhas travessuras.

**MONTALVÃO.** Não sei como podes acabar isso contigo.

**ANNIBAL.** Porque vejo que tanto se ganha em sofrer, como em vingar. E mais grão fortaleza he vender-se hum homem a si mesmo.

**MONTALVÃO.** E mais quem todos vencia, que tu não dizes.

**ANNIBAL.** Mas huma minina vence-me.

**MONTALVÃO.** Essas forças são da carne, que he o mais forte imigo que temos. Não te espantes disso.

**ANNIBAL.** Não sei que remedio tenha.

**MONTALVÃO.** Queres que ta traga eu hoje a casa?

**ANNIBAL.** Já te disse que minha determinação era viver em paz, quem ma quebrar terá guerra.

**MONTALVÃO.** Pois ha de haver no Mundo Annibal Cavalleiro de Rhodes, conhecido, e nomeado entre Christãos, e Turcos andar assi sogeito a miserias dos outros homens?

**ANNIBAL.** São mudanças da fortuna, que no meu tempo, bem sabes tu, que quer fosse casada, quer solteira, ou donzella, ou enterrada, não era neces-

sario mais que saber-se, que entendia eu nisso, pera o pay, ou o marido ma trazerem a casa acamada <sup>1</sup>.

MONTALVÃO. Quando me lembra isso fico pasmado, olho pera ti, e parece-me que não és esse.

ANNIBAL. Já me aconteceu sobre teima (olha que cousas faz a mocidade) saltar com huns dez, que se tinham por lubis homens, e tomar-lhes huma Turca, que até li se podia dizer fermosa, e rendendo-os a todos sem eu receber ferida, os fiz vir por escudeiros diante della até ma deixarem em casa. Que te parece?

MONTALVÃO. Agora queres que me espante de cousas tuas.

ANNIBAL. Estas crão as minhas travessuras. Depois cancei, abrandei, sou já tão mansarrão como vês, que me deixo sogeitar de hum marinello, e não o enforco, e cumpro meu appetite a pezar do Mundo todo.

MONTALVÃO. Como, não te tem elle já negociado tudo?

ANNIBAL. Antes me parece que quer brincar comigo. Mandei-o hoje chamar, não quiz vir. Agcra he lá Pinerfo em sua busca.

MONTALVÃO. Póde ser que descarregarei eu nesse marinello o appetite da furia com que ando.

ANNIBAL. Não faças, vejamos primeiro com que vem.

MONTALVÃO. Cumpre-lhe-ha elle trazer-ta a casa, ou hum lobo vivo.

ANNIBAL. Não poderá mais por ventura, que a

<sup>1</sup> Deitada, posta na cama.

moça he virtuosa, cuida que o que lhe eu dou he por esmola, e dizem-me que tem grande esperanza nos acertos de Deos.

**MONTALVÃO.** E que melhor acerto póde ter ella que este? não val mais ser tua manceba, que mulher de nenhum homem?

**ANNIBAL.** Isso não entende ella, nem á quem lho diga.

**MONTALVÃO.** Ora me deixa com Bristo, que eu lhe prégaréi hum pouco.

**ANNIBAL.** Pois assi he, fica por aqui esperando, que ou elle, ou Pinerfo não devem tardar muito.

**MONTALVÃO.** Vay embora, que eu terei cuidado.

**ANNIBAL.** Hate por bem com elle, não o escandalizes.

**MONTALVÃO.** Descança.

## SCENA V.

### MONTALVÃO SO.

Vedes alli hum homem, que nunca vi, nem conheci senão desque entrei nesta terra. Tive tão boa manha com elle, que lhe metti em cabeça, que o servíra em Rhodes huns dias. De maneira, que ainda que lhe agora jure o contrario, já me não crerá. Terra foy, onde nunca puz os pés. Toda minha vida fuy belinguim em Roma, matey lá hum Clerigo, acolhi-me a este couto. A alma não sey que tal anda, a vida queria segurar, mór medo hey á forca, que ao diabo. Quiz-me Deos bem, que vim topár com este doudo,

metti-lhe mil mentiras em cabeça com pouco trabalho, des que me informey de sua arte, dou com elle hum dia em sua casa, estando jugando com outros, (que foy grande acerto) lanço-me a seus pés, começo-o de abraçar, como se o sempre conhecêra, elle na verdade á primeira ficou confuso, mas des que me ouvio falar em Rhodes nos Cavalleiros, nos Turcos, e dizer mil façanhas que fizera, de que eu soube que se elle gabava muito, abraçou-me, conheceo-me, agazalhou-me, tem-me como hum Rey. Eu sou o que mando a elle, e a casa toda, he homem de boa renda, vam, gastador, denodado, cabeça de ferro, que com quanto não hei medo ao diabo, assombro-me com elle. O serviço que lhe faço he fallar-lhe á vontade, gabar-lhe quanto faz, rir-me quando ri, crer-lhe quanto diz, mentir-lhe isso que posso, se chora, choro, se canta, bailo, se brada, grito, e só com isto o contento. Conto-lhe cousas, que elle nunca ouvio, nem fez, desafios que teve, batalhas que venceo, mil perigos de que me livrou, e tudo cuida que he si. Se não de quando em quando me diz, que lhe não lembra. Então me vejo em aperto. Mas começo-me a rir delle, e dizer, que huma moça tem poder de lhe trovar o juizo, e a memoria. Quando isto não basta, juro-lho por quantos juramentos me ensina o diabo. Assi que por huma via, ou por outra, tudo lhe faço crer. Ajudou-me a mi muito a conversação, que tive huns dias com hum soldado que se lá achou, que me deo alguma informação da terra, e me contou cousas deste, que fazia doudamente, mas sayam-lhe tão bem, que espantava a todos. Eu com huma verdade encubro dez mentiras, e tenho tal arte, que ponho em lembrança as

mais assinadas cousas, que me conta. Torno-lhas a contar dahi a huns dias tão naturalmente, como se lhas eu víra fazer pelos meus olhos. Mas a graça he, que ainda algumas destas me diz, que lhe não lembrão. Este hey eu por mayor aperto, porque estou estalando com rizo, quando me não posso ter, digolhe que me lembrou huma graça sua. Que quereis mais? Aconteceo-me já hilo espreitar huma noite á sua camera, e vê-lo andar passeando só ás escuras, contando-se a si mesmo mil mentiras impossivéis. Como entrou, como veyo, quantos matou, que golpes deo, que de todo em todo cuidey que era doudo. E com isto arrenegava, descreia, bradava, como se andava <sup>1</sup> mettido em todo o furor das armas, quando veyo pola manhã, não se lembrava de nada. Eu tambem, porque lhe sey a condição, faço-me com elle hum Hercules, onde quer que o vejo, tudo são feros, e cruezas; se homem não usar destes ardis, como quereis que viva. Bem parvo he aquelle, que se fla agora em virtudes, não achais por ellas quem vos fle hum pucaro de agoa. Todo sizo he dizer bem do mal, sofrer, dissimular, lisongear, mentir onde he necessario, que ás vezes he gram prudencia. Eu desta maneira tenho vida de Rey, por muy pouco preço, outros haverá que a comprão mais caro, e não lhe rende tanto. Mas que faço eu aqui? Quero-me ir a negociar meus negocios. Os de Annibal durmão por agora, este alcoviteiro creyo que o traz enganado, tem-no roubado de quanto tem, mas isto são artes do diabo, faz estes taes seus despenseiros, porque nem com

<sup>1</sup> Dá-se aqui a mesma desconcordancia citada do preterito imperfeito do indicativo em lugar do do conjunctivo.

seus bens fação bem, nem os empreguem senão em seus ministros. E assi sustenta a mór parte do Mundo em seu serviço, que tambem eu lhe devo meu quinhão. Não sey quem vejo lá vir, em quanto Bristo não vem, quero dar hum passeio pela praça, se o perder, perco bem pouco nisso.

## SCENA VI.

LIONARDO SO.

Cada vez que vejo Camilia, me parece que nunca a vi. Assi a estranhão os meus olhos, assi a desconhecem, cada vez vem nella cousas novas, que os espantão, e me matão, quem haverá qué a não estranhe de todas as outras? Quem negará, que se quiz a natureza esmerar nella mais que em todas? Alli não ha cores, não ha agoas, não ha louçainhas, tudo he seu, tudo natural, nenhuma cousa emprestada. Não sey como posso acabar comigo partir-me de sua vista, quanto mais me detenho em a olhar, tanto mais acho nella que ver. Aquelle só espaço que a vejo, me parece que todo o outro tempo não vivo. Trago atravessados na alma aquelles olhos saudosos, que me lançou em me vendo. Parvo de mi, quem me engana? Quem me tolhe tamanho contentamento? Se Alexandre sentisse a força, e a delicadeza do amor, se soubesse entender aquella perfeição de Camilia, aquella sizo, aquella repouso, aquella gravidade, aquella graça, e viveza dos seus olhos, hum despejo tão honesto, hum rir tão se-zudo, hum não sey que, que eu cá entendo, certo he,

que teria em pouco perder-me por ella. Mas se eu não mouro, antes de muitos dias fartarei esta vontade. Quem me isto tiver a mal, não quero que lhe pareça bem nenhuma cousa minha. Meu pay, pois tambem errou, dissimule com meu erro. Aquelle exemplo, com que se elle escusava, que com a virtude se havia de casar, e não com dote, com esse mesmo me escuse. Vou-me em busca de Bristo, dar-lhe conta desta tenção, que não sofrem o amor, e os desejos tamanha tardança. Mas he elle aquelle que lá vem? Aquelle he, que grande acerto foy este. Quero-o esperar aqui.

## SCENA VII.

BRISTO, PILARTE, LIONARDO.

BRISTO. Que dizes?

PILARTE. Que te não arreponderás de teu trabalho.

BRISTO. Eu te direy. Não ha rocha tão ingreme, e tão aspera, por onde não trepe hum asno carregado de ouro.

PILARTE. Quando Alexandre o não fizer bem contigo, não o faças tu bem com elle.

LIONARDO. Aquelle he Pilarte, moço de Colidonio. Que negocios tem com este?

BRISTO. O principal que eu queria, que não fossem isso palavras.

PILARTE. Como palavras?

BRISTO. Esta moça he muito ferrosa, e muito honrada, e por sua pessoa merece muito.

PILARTE. Tu te verás com elle, e conhecerás melhor sua tenção.

BRISTO. Não cuides tu, que sou eu tão parvo, que me ande mettendo em perigos.

PILARTE. Pois he necessario que o não saiba Lionardo.

BRISTO. De mi pódes tu estar seguro, que me releva.

LIONARDO. Os tratos deste não podem crer.

PILARTE. Ora fica-te embora, que eu me vou com essas novas.

BRISTO. Forte Camilia he esta, que tantos embicão nella. Huma moça fermosa he hum visco de ociosos. Mas cayão embora, que eu os depenarei. Com quem se elles tomão! Agora novamente embicou nella Alexandre, que he unha, e carne com Lionardo. Por isso pintão ao amor criança, que não tem mais respeito que ao que pede.

LIONARDO. Que milagre he este, nunca o eu vi tão repousado.

BRISTO. Segundo me Pilarte disse, bom ganho tenho nelle, eu o saberei grangear. Sabeis vós como me eu hey com elles? como esses procuradores, que por menos justiça que tendes, sempre dizem, que vos sobeja. Ao dar da sentença fostes mofino. Eu casarei Lionardo, depois não faltará hum achaque, e quando não, os pés me porão em salvo. Não ajaes medo que me tomem á cosso<sup>1</sup>. Irey hoje ter com Anibal, dir-lhe-hey hum par de mentiras, e pagar-mas ha, de huns, e doutros farey meu alforge. Mas pri-

<sup>1</sup> A corso.

meiro me releva fallar com Lionardo, e por me segurar, conselhar-lhe-hey que se guarde de Alexandre.

LIONARDO. Bristo, Bristo.

BRISTO. Que doudo he este, que assi barrega <sup>1</sup>?

LIONARDO. Bristo.

BRISTO. Vejo quem buscava. Ay meu Lionardo, aqui estavas tu?

LIONARDO. Aqui estou á mil horas esperando por ti.

BRISTO. Mais ha, que eu ando em tua busca.

LIONARDO. Quem te cresse isso.

BRISTO. Por vida daquelle Anjinho, e da minha, e mais da tua, que eu mais estimo.

LIONARDO. Viste-a hoje?

BRISTO. E quando a deixo eu de ver.

LIONARDO. Que tal estava?

BRISTO. Huma rozinha de Mayo, não parecião os seus olhos, senão duas estrellas do Norte.

LIONARDO. Que praticaste oom ella?

BRISTO. Pera isso te buscava.

LIONARDO. Aqui me tens, que mē queres?

BRISTO. Ouve-me, e sabe-lo-ás.

LIONARDO. Dize o que quizeres.

BRISTO. Eu meu Lionardo, sempre esperei de ti, o que me promettia tua bondade, e o que conheci sempre na boa tenção, com que me metteste em teus amores.

LIONARDO. A que preposito?

BRISTO. Não te apresses, que eu to direy. Esta confiança, que eude ti tenho, me deo ousadia pera dar palavra a Camilia do teu consentimento, que

<sup>1</sup> Berra.

não he bem que vossas vontades tão conformes es-tem esperando algum desastre, que as desfaça. Pareceo-me, que pois eu já tenho feito quanto tu que-rias, estava em razão fazeres tu tambem o que comigo ficaste. Já debes ter bem conhecido, quão boa filha he, quão virtuosa, quão honesta, o amor que te tem, afóra aquella fermosura, que lhe Deos deo, tão differente de todas.

LIONARDO. Não quero que digas mais. Mas antes que te responda, quero saber, que he o que de mi sentes.

BRISTO. Que eide sentir de ti, senão que sairás ao bom sangue de teus avós, em que nunça se achou mentira, nem falsidade, e que empararás huma orfaã engeitada da fortuna, e não dos dotes do corpo, e da alma, que a todos os outros fazem ventagem.

LIONARDO. E não attentas tu, que devo eu isso a mi mesmo, aos meus olhos, e a minha alma? Ah quantas lagrymas chorei? Ah quantos passeos dei? Ah quantos trabalhos me tem custado? Como posso cometter contra mi mesmo huma ingratição tamanha? Dize-me por tua vida, não era pera reprehender mais esta crueldade, que comigo usasse, que cometter isto sem licença de meu pay?

BRISTO. Assi como o entendes, assi o faze; porque ainda que teu pay seja muito rico, as riquezas não enriquecem, senão o contentamento. Tudo o mais he grão miseria, e pobreza. Antes quero ser pobre contente, que Rey descontente. A paixão durar-lhe-ha dous diás, por derradeiro tu és seu filho, elle teu pay, e velho, e não tem outro senão a ti. Não he tão fraco o amor da natureza, que de todo em todo se quebre.

LIONARDO. Pois que fará o meu , que he tão rijo.

BRISTO. Além disso, tomas mulher conforme a tua vontade, que assi quer Deos, e assi o manda. Por tanto, se te determinas, dá-me palavra certa, concerta o dia, pera que se ellas apercebão, que eu em pagã do trabalho que nisso tive, não quero mais que o contentamento, que daqui me cabe.

LIONARDO. Prouvera a Deos, meu amigo Bristo, que pudéra eu fazer o que desejo, que teus passos não forão mal galardoados. Mas se alguma hora lançaste mão de alguma esperança.

BRISTO. Cala-te por tua vida, com te eu ver com ella em braços muito manos, e muito amigos me contentaria, quanta festa te hey de fazer aquella primeira noite.

LIONARDO. Agora acabo de crer, que se ha Deos por servido disto, porque eu pera nenhuma outra cousa te buscava. E porque quanto mais te detenho, mor mal me faço. Póde-lhes dizer, que pera Domingo á noite me tem lá. E em sinal disto, leva este Reliquario, onde andão huns poucos de seus cabellos.

BRISTO. Deos me faça tão bemaventurado, como me fizeste com estas novas, deixa-me, rogo-te, levar antes que moura.

LIONARDO. E mais lhe darás por amor de mi este abraço.

BRISTO. E hum beijinho na face em sinal de posse. Mas quero-te dizer, o que me esquecia já com o alvoroço, pelo que te releva, conselho-te Lionardo, que não fies isto senão de ti só. Antes dá a entender, que és já de todo mudado, que eu tenho visto muitos enganos nestes negocios, de quem-te menos temes, esse

te engana, de quem mais confias, te trinca a sedella. Não digo isto, porque saiba alguma cousa, mas pelo que a experiencia me tem ensinado. Estamos em tempo, em que se não ha de crer mais que em só Deos, bem me entendes.

LIONARDO. Muito bem. Eu te agradeço o concelho, assi o farei, fico tão alvoraçado de prazer, que me parece que não hei de chegar a tamanho contentamento. Qual ha de ser aquelle dia, que te hey eu de ter minha Camilia nos meus braços. Oh Senhor Deos, deixay-me chegar a isto, e depois matay-me. Que doudo he este, que cá vem. Já o conheço, bem tem a quem sair.

### SCENA VIII.

MONTALVÃO, BRISTO.

MONTALVÃO. Agora vi hum arroido na praça, foi grande acerto achar-me nelle, que salvei as vidas a mais de 25 homens, ainda que eu zombo com Anibal, sou pera mais do que ninguem cuida. Não ha homem que menos estime a vida, fiz maravilhas, e finezas, de que a gente fica pasmada.

BRISTO. Jesu me guarde das horas mingoadas, e dos desastres do diabo.

MONTALVÃO. He este Bristo? A bom tempo vem.

BRISTO. Como os desastres estão apparelhados a totalas horas, por isso dizem, que andão os espiritos máos derramados pelos ares.

MONTALVÃO. De que se benze o diabo?

BRISTO. Indo por casa de Cornelia pedir-lhe as alviças, vi atravessar aquelle Soldado de Annibal tão enfiado, que me fez medo, assombra-me como o diabo, cada vez que o vejo.

MONTALVÃO. Eu farei que o digas com verdade.

BRISTO. Dou volta atrás, vinha hum doudo correndo num cavallo á redea solta, encontrou comigo, lança-me no chão, mais de huma hora grande estive sem folegò,

MONTALVÃO. Que perdêras hum, ainda te ficavão seis.

BRISTO. Se me não acudirão logo, pareceo-me que morrêra. Valeo-me huma oração, que sempre trago comigo, que me minha mãy deixou de muita virtude.

MONTALVÃO. Dessa que ella tinha.

BRISTO. Quantos estorvos se armão contra huma virtude, antes que lá chegue, hei de ver minha morte.

MONTALVÃO. Quero-me chegar, antes que se me acolha.

BRISTO. Huy por mi, e pola minha vida, vedes-me outra vez na boca do lobo.

MONTALVÃO. Faz que me não vê, ey-o <sup>1</sup> despantar, porque me tema.

BRISTO. Mor medo hey deste, que de hum algoz.

MONTALVÃO. Segurdo eu agora ando danado, pouca cousa bastava pera destruir o Mundo.

BRISTO. Hay minha mãy, que assi me assombraste.

MONTALVÃO. Sou eu diabo, ou como?

<sup>1</sup> Hei de o.

BRISTO. Tomaste-me tão de supito, que hum Anjo me fizera medo.

MONTALVÃO. Que presteza. Ora bem conheces tu Annibal Cavalleiro de Rhodes?

BRISTO. Porque me perguntas isso?

MONTALVÃO. Conheces Montalvão seu Soldado?

BRISTO. Não te entendo.

MONTALVÃO. Responde-me tu ao que te eu digo?

BRISTO. Hay mãy amiga, e tu não sabes se te conheço eu?

MONTALVÃO. Pois porque zombas delle, e me não temes?

BRISTO. Eu não zombo delle, nem tenho que temer de ti. Fiz-te per ventura algum mal?

MONTALVÃO. Bem certo he que não, pois estás vivo.

BRISTO. De que te queixas logo?

MONTALVÃO. Que quer dizer, mandar hoje em tua busca, e não teres de ver com isso.

BRISTO. Eu nunca costumo ir senão com nova certa. E mais, esse vosso rapaz he hum grande mentiroso.

MONTALVÃO. Roim escusa he essa. Parece-me que avemos de entrar por outra via. Tu téqui foste bema-venturado, guar-te<sup>1</sup> de me caíres nas unhas.

BRISTO. Eu que te fiz? que me has de fazer?

MONTALVÃO. Nunca prometto nada, ao dar sou mais largo, que Alexandre.

BRISTO. Essas larguezas guarda tu pera quem quizeres.

<sup>1</sup> Guarda-te.

MONTALVÃO. Per qualquer cousa arranco logo as unhas, e esfolo a cara.

BRISTO. Jesu de Nazaré. Isso fazem os ladrões saltadores.

MONTALVÃO. Quando me mostro piedoso, sangro todalas veas do corpo.

BRISTO. Encommendo-me a Deos, e aos seus Santos.

MONTALVÃO. Já me teme, pera este bastão palavras, mas eu já com ellas espantei outros.

BRISTO. Quanto a Annibal, não pude lá ir, porque ando em seu serviço.

MONTALVÃO. E quem tens tu pera esta parte, que lhe releve?

BRISTO. Ando logo em serviço de Camilia, de que lhe a elle não peza. Estou tremendo como a verga. De medo não sey o que digo.

MONTALVÃO. E quando determinas de dar fim a esta obra?

BRISTO. E tu cuidas, que he isto obra dempreitada? Bom eras pera andar de amores.

MONTALVÃO. Enculcar-me-hias alguns se os quizesse?

BRISTO. Trinta mil.

MONTALVÃO. Olha que não zombo?

BRISTO. E queres que zombe contigo.

MONTALVÃO. Pois que dizes?

BRISTO. Zomba tu embora, mais já póde ser que te não pezasse. Se pudesse ora armar este.

MONTALVÃO. E quem ha qui que me mereça.

BRISTO. Tu querias casamento?

MONTALVÃO. Com huma moça donzella, fermosa, honrada, e rica me contentaria.

BRISTO. Não to crerei, se mo não jurares.

MONTALVÃO. Pois ainda eu cuido, que me abaxey muito.

BRISTO. Bofé Montalvão, se se tu quizeses dar comigo, bem nos entenderíamos ambos.

MONTALVÃO. De que maneira?

BRISTO. Isso te direy eu entre mi, e ti, se quizeres.

MONTALVÃO. Estou em me metter com este, hey medo que me engane. Não ousará que me conhece. Que farias por tua vida?

BRISTO. Queres tu que fallemos nisso?

MONTALVÃO. Quero.

BRISTO. Ora vem-te a minha casa, que he lugar seguro.

MONTALVÃO. Vou.

BRISTO. Vem embora, que eu te amansarei.

MONTALVÃO. Tu vê o que fazes, que más fadas tens comigo.

## ACTO III.

## SCENA I.

ALEXANDRE SO.

Que novidades são estas tão estranhas pera mi? Que novos alvoroços sinto comigo? Que bicho he este que come? Que imigo tão forte, que me persegue? Quem trago cá dentro em mi, que me alancea? Que guerra he esta tão crua? Que aventura? Ou que encantamento? Sinto-me ferir, não vejo quem me fere. De todas as partes me cercão; e ninguem acho com armas, e o pior, que não as tenho pera me defender, nem mãos pera as tomar, nem desejos, ou lembrança de fogir. Se he este o amor? Se estes são os seus sinaes; como pôde ser? Não sou eu Alexandre? não sou eu livre? Não me conhecem todos? Não me ouvirão zombar sempre de homens perdidos? Hay coitado de mim, que já nam sou esse, já sou outro todo differente do que dantes era, já o amor tem em mi mais parte, que eu em mi mesmo. Este he o

imigo novo que me mata, este me persegue, este me roe o coração, e as entranhas com seus dentes. Agora se vingá de minhas soberbas, de minhas palavras ociosas, e de todo aquelle tempo atraz, que me deixou viver como queria. Des que mostrou aos meus olhos aquelles olhos de Camilia, aquelle seu parecer estranho, e desacostumado, pouco, e pouco me trocou a vontade de todo, e ma sojugou de maneira, que não tenho já nella parte alguma. Quem se poderá livrar dos acontecimentos do Mundo? Bem dizão os Antigos, que ninguem antes da morte era bemaventurado. Quam pouco ha, que vivia contente, e livre. Vedes-me agora mais cativo, que nenhum cativo, mais triste que todos os tristes, mais perdido, que nenhum homem perdido. Como? e tanto póde o amor? Assi troco as vontades dos homens. Por certo não creio eu, que com os outros póde tanto como comigo, pois me trocou a minha, que tão differente era de todas, de tal maneira me mudou, que eu mesmo me desconheço. Não me lembrá já Lionardo, senão pera lhe aver inveja, todo o tempo atraz hey por perdido, todo o que vivi por morte, já me desdigo de quanto disse, já conheço meu erro, já confesso, que não he homem o que o amor não conhece. Mas que farei, coitado de mi, que remedio buscarei, ir-me-hei por ventura conselhar com Lionardo, a quem faço huma traição tamanha, a quem dantes reprehendia tão asperamente? Eu tomarei pera mi algum de quantos concelhos lhe dava. Irei cometter Camilia, que está perdida por elle? Ou esperarei em Bristo, que he o secretario de ambos. Oh fortuna, em que te mereci tamanhos males? mas

já póde ser, que me tinha Deos guardado este acerto, tudo vem de sua mão. Muitas cousas, que parecem desastres, se mudão em boas venturas. Assi como me eu affeiçoei a Camilia, vivendo dantes tão livre, assi ella se me podia affeiçoar. Assi como eu esqueci Lionardo, e sua amizade, assi ella o esqueceria, e algum amor se lho tinha. Quem confiou nunca em vontade de mulher. Saya como sair, que já hei de provar minha ventura. Bristo não tem lealdade com ninguem, o amor muito menos, com rogos, com promessas, e com dadivas o porei da minha parte. Por derradeiro, eu devo mais a mi mesmo, que a ninguem. Vou saber de Pilarte o que passou com elle. Mas eilo que sahe com meu pay de casa. Em grandes praticas vem, elle mas contará. Quero-me ir entretanto ver com Bristo.

## SCENA II.

CALIDONIO, PILARTE.

CALIDONIO. Dize-me a verdade, pois que me fio de ti?

PILARTE. E tu não sabes, que nunca me achaste em mentira?

CALIDONIO. Vejo-o dontem pera cá tão demudado, que me dá em que cuidar, dantes sempre o via ledo, prazenteiro, rir, e folgar.

PILARTE. Sempre queres, que os homens tragão hum rosto, como dizião os Philosophos insensiveis.

**CALIDONIO.** Mas de que vem a hum moço tristezas, e pensamentos? Da casa que tem que manter, ou das filhas que cazar, ou de que?

**PILARTE.** Costuma-se agora a malenconia<sup>1</sup> na mocidade. De que vês tu tantas moças doentes de coração.

**CALIDONIO.** Nunca tu isso verás a Briolanja.

**PILARTE.** Porque será sua compreição outra.

**CALIDONIO.** Mas porque he a minha outra? Bom está o pay, que deixa criar á filha agastamentos.

**PILARTE.** Ora queres que te diga eu a verdade?

**CALIDONIO.** Antes me farás prazer.

**PILARTE.** Com condição que o não saiba elle, porque mo defendeo.

**CALIDONIO.** Eu te seguro disso.

**PILARTE.** Mas que me dá a mi que lho digas. Isto he por ventura cousa de que elle aja vergonha, ou tu descontentamento. Antes me parece, que te obriga a mais amor, porque quem he tão bom amigo dos amigos, melhor o será de seu pay.

**CALIDONIO.** Não te entendo.

**PILARTE.** Teu filho, como sabes, foy sempre tão encolhido, que nunca te pedio hum ceutil.

**CALIDONIO.** He verdade.

**PILARTE.** Antes pera as cousas necessarias tomava sempre sua mãe por terceira.

**CALIDONIO.** Não por elle conhecer nunca em mi desamor, ou esquaceza.

**PILARTE.** Por isso lhe devês tu mais, porque o

<sup>1</sup> Melancolia, dizemos hoje.

filho, que com branduras se não dana, menos o faria com durezas.

CALIDONIO. Estás enganado, que tudo vem da natureza, ha hi huns Santos, que se querem por bem, outros por mal. Esta experiencia vemos na cera, que com agoa endurece, e com o fogo amolece.

PILARTE. Não me negarás logo, que mais firme he a obediencia do amor, que do temor.

CALIDONIO. Dizes bem. E por isso os pays avião de trabalhar, se pudesse ser, de tratar antes os filhos com amor, e bom rosto, que com carranças, e asperezas, resalvando sempre o castigo necessario.

PILARTE. Esse bom rosto, que tu sempre mostraste a Alexandre, o fez tão vergonhoso, que nem agora ousa de te levantar os olhos.

CALIDONIO. Isso me allivia mais que tudo. Mas porque me não dizes, de que vem este seu sentimento?

PILARTE. Não mais, que de não poder soccorrer a hum seu amigo em huma necessidade.

CALIDONIO. Como?

PILARTE. Mandou-lhe pedir emprestados quatro cruzados, acha-se elle por afrontado em não poder fazer esta obra de amizade, a quem lhe fez já outras muitas.

CALIDONIO. Isso he verdade.

PILARTE. Eu não sey, mais que quanto me elle disse.

CALIDONIO. Não me parece isso causa pera tanto sentimento.

PILARTE. Encrespou-se.

CALIDONIO. Que pois elle está em poder de seu pay,

e não tem mais que quanto lhe elle quer dar, tem justa causa pera se escusar a esse homem.

PILARTE. Essas proprias palavras lhe disse eu. Respondeo-me, que como se avia de presumir d'elle, que não tendo tu outro filho, tivesse tão pouco poder sobre teu dinheiro. E que pera isso erão os amigos, pera se ajudarem huns dos outros.

CALIDONIO. Tem razão. Mas no que he justo, e possível.

PILARTE. Nem isso me ficou no tinteiro. Disse-me, que sentia muito, tendo outros dinheiros pera beber, e tafular, não o ter elle pera huma obra tão honesta. E ainda soltou outra palavra, que te eu não quero dizer.

CALIDONIO. Que? por tua vida?

PILARTE. São cousas de moços.

CALIDONIO. Ora dize-mo?

PILARTE. Que jurava, e promettia de se metter hum dia em huma armada, e dar consigo, onde outros tão bons como elle vão ter, e tornão ricos, e honrados, e não viver em tua casa com tanta miseria.

CALIDONIO. Que lhe disseste a isso?

PILARTE. Que lhe avia de dizer, comecei-me rir d'elle, e chamar-lhe moço, que não sabia conhecer quanto te devia.

CALIDONIO. Quanta differença vay do amor do pay ao filho.

PILARTE. Atarraquey-o.

CALIDONIO. Por qualquer palavrinha que lhe dizeis por seu ensino, pelo mais pequeno appetite, que lhe

não compris, logo vos querem mal, logo vos engeitão; logo se desejão onde os não vejais.

PILARTE. Metti-o em confusão, quero-o deixar cuidar, veremos em que fica.

CALIDONIO. Por isso se disse, que o amor naturalmente mais dece do que sobe. Pois que determina? Em que assentou?

PILARTE. Passaria essa vergonha, porque não he nelle querer-to aver por engano, como outros fazem, ou pedi-lo emprestado, porque o ha por baixeza.

CALIDONIO. Ora pois, assi he, Pilarte, como me tu dizes.

PILARTE. Andar.

CALIDONIO. Eu sou contente de lhe dar esse dinheiro.

PILARTE. Zombas?

CALIDONIO. Não zombo. Antes entendo o que faço. Não quero dar azo a meu filho, que se metta em dúvidas, com que me deseje a morte.

PILARTE. Certo, Calidonio, que te louvo esse conselho.

CALIDONIO. Mas não queria que o soubesse elle.

PILARTE. Porque razão?

CALIDONIO. Porque lhe não dê occasião pera se desenvolver comigo.

PILARTE. Grande sizo he esse.

CALIDONIO. A principal cousa, que o bom filho ha de ter, he a reverencia, e o acatamento. E o pay não ha de dar azo, pera que lho perca. Isto te lembre a ti pera quando te Deos dér filhos.

PILARTE. E como me lembrará, que hum bom con-

señho he melhor que toda a riqueza. Mas que direi a Alexandre?

CALIDONIO. Que os ouveste dalgum teu amigo.

PILARTE. E quem tenho eu aqui, que me possa fazer esta boa obra?

CALIDONIO. Mette-lhe logo em cabeça, que passou por aqui hum parente teu, e que tos deu, ou outra qualquer mentira, que te bem pareça.

PILARTE. Achaste tu o mestre dellas. Mas eu o farey assi.

CALIDONIO. Ora vai-te a casa, dize a minha mulher que tos dê, e por sinal que lhe disse, que hia a casa de Roberto. Todavia, tu ficarás obrigado a mos tornares á mão.

PILARTE. Essa obrigação não quero eu aceitar. Porque ha hi huns amigos, que pedem emprestado pera sempre.

CALIDONIO. Ora eu confio de ti, que os arrecadarás.

PILARTE. Folgo de me teres nessa conta, e não erras.

CALIDONIO. Rogo-te, Pilarte, que me olhes por esse moço, reprehende-o, conselha-o, descubre-me<sup>1</sup> sempre seus segredos.

PILARTE. Dias ha, que eu tenho esse cuidado.

CALIDONIO. Vay-te, que eu vou onde te disse, se hy não ha mais, não tenho de que temer. Antes folgo de ver tão boa inclinação neste moço. A mi sae elle naquillo, que sempre costumei fazer mais por hum amigo, que por mi mesmo. Folguei de Pilarte mo descobrir. Mais val aventurar o dinheiro, que o filho,

<sup>1</sup> Descobre-me.

a necessidade he mestre da malicia, não quero que lhe ensine alguma. Não he tão pouco furtao o corpo aos azos.

## SCENA III.

## PILARTE SO.

Como se enganão os pays com os filhos, huns os céga o amor, outros a desconfiança. Mas isto não nace, senão de os elles julgarem por si mesmos. O pay, que em sua mocidade foy travesso, jogador<sup>1</sup>, revoltoso, assi cuida que he o filho. Não bajais vós medo, que estes tão ligeiramente crerão a minha mentira. Calidonio como sempre foi manço, pacifico, de pouco trafego, assi julga agora o filho. E na verdade tem razão, que Alexandre nunca descobrio o fio, senão agora. Nunca quizesseis ver bons principios a vossos filhos, porque vem a mudar todas as penas, e fazer-se aves de rapina. O que de moço começa ser travesso, quando vem a ser homem está já enfadado. O que o não foy té li, começa-o ser no tempo de mais perigo. Todolos que virdes em pequenos santos, ou he final de viverem pouco, ou de virem ser diabos. Eu o vejo por muitos, e agora por Alexandre, que sendo dantes hum frade, e mais que frade, de dous dias pera cá se começou desenvolver, de maneira que me espanta, que elle sempre se fiou de mi, não me sabe ter nada encuberto. Affeição-

<sup>1</sup> Jogador é mais etymologico.

no seus peccados a esta Camilia, rindo-se antes mais de seus apaixonados, que do mesmo Bristo apôs que andão. Então que cuidais? Desque estes huma vez caê, feito he, toda aquella liberdade primeira se converte em outro tanto cativo. Anda o coitado tão morto, que não dura, nem socega, acha a vida estranha, vê-se sem dinheiro, que he a mór ajuda nestes casos, teme seu pay, que ainda hoje começou a tentar nelle. Mas a mi succedeo-me bem a mintira, porque lho desculpei, e cacei aquelles cruzadinhos pera começo de paga. Mas elles não de ser tão bem empregados, como se elle soube empregar, que este alcoviteiro, assi como me disse que enganava Lionardo, assi o ha de enganar. Prouvesse a Deos que fosse assi, que de melhor vontade o peitaria, porque he grande mal perder-se assi hum mancebo, em que o pay quer edificar toda sua obra. Coitados dos pays, que suão, e trabalhão, e por derradeiro enthesourão pera sua morte. Eu com o amor que lhe tenho, não sei senão seguir-lhe a vontade, prometti-lhe de o ajudar em tudo. Agora que temos o mais necessario, tornarey a apertar com Bristo. Lá vejo vir Montalvão soldado de Annibal, em cuja casa tem muita entrada, quero-lhe perguntar por elle.

#### SCENA IV.

MONTALVÃO, PILARTE.

MONTALVÃO. Venho espantado dos tratos deste diabo de Bristo, não cuidei que fosse pera tanto.

PILARTE. Que par.

MONTALVÃO. Tinha pera mi, que ninguem era mais roim que eu. Este me fez parecer hum capucho.

PILARTE. Nem mais nem menos.

MONTALVÃO. Levou-me a sua casa, que he huma boca do inferno, negra, escura, mal assombrada, mettida debaixo do chão, que ao meyo dia não ou-sareis de entrar nella sem candea.

PILARTE. Por mais seguro ateria eu hi o sinal da Cruz.

MONTALVÃO. Alli se recolhem todas as aves tristes, e omiziadas, todolos cães, e gatos, he huma arca de Noé.

PILARTE. E tu o corvo, e elle a pombinha.

MONTALVÃO. Desque se fiou de mi, cousas me contou, segredos me descubrio, que ainda agora me tem confuso.

PILARTE. Assaz he o mal, quando se o diabo espanta.

MONTALVÃO. Finalmente, ficamos concertados sobre a pelle de Annibal.

PILARTE. Esperai assi.

MONTALVÃO. Que o comesse-mos, que o roesse-mos.

PILARTE. Que taes cães lhe chegão.

MONTALVÃO. Que o trouxesse-mos enganado, porque por derradeiro se repartiria o ganho.

PILARTE. De tal consistorio tal conselho; mas não sois vós-outros sós, ainda achareis companheiros.

MONTALVÃO. Taes razões me deu, taes promessas me fez, que me venceo.

PILARTE. Se fora pera huma virtude, não bastára S. Paulo.

**MONTALVÃO.** E pera firmeza disto prometteo-me huma moça donzella.

**PILARTE.** Donzella. Se lhe ninguem chegou afora elle.

**MONTALVÃO.** Eu assi como não tenho lei com ninguem (he aparvoice, já se não costuma) assi não espero que a tenha este comigo. Tive tão boa manha; que lhe furtei este reliquario sem mo sentir.

**PILARTE.** O diabo enganará estes.

**MONTALVÃO.** Se o achar em mentira, tenho bom penhor pelo meu. Afóra a pendenza<sup>1</sup> que elle não ha de ir buscar a Roma.

**PILARTE.** Bem se póde aqui dizer : A hum roim, roim, e meyo.

**MONTALVÃO.** A malicia he agora o mais certo mantimento, que nesta vida temos.

**PILARTE.** Aquelle dito ná boca doutrem val hum Reyno.

**MONTALVÃO.** Estes frades com andar descalços, vestidos em seus sacos, atadcs com cordas, com todos seus jejuns, e disciplinas, matinas, e orações, sempre os vereis mortos de fome com seus alforges ás costas.

**PILARTE.** Antes pera encher estas queixadas folgára eu só de ser frade.

**MONTALVÃO.** Por isso hei por mais seguro estoutra vida. Por derradeiro, á hora da morte qualquer Sacerdote he Papa.

**PILARTE.** Coitado de ti, e dos que fazem essas contas.

**MONTALVÃO.** Quem he aquelle?

<sup>1</sup> Penitencia.

PILARTE. Já me vio.

MONTALVÃO. Sou perdido, he certo que me ouviu esse velhaco.

PILARTE. Deos te salve.

MONTALVÃO. Venhas embora, á muito que estás aqui?

PILARTE. Rio-se, ainda agora chego; mas porque o perguntas?

MONTALVÃO. Por nada. Ditoso fui.

PILARTE. Sempre te sei cerrado a banda. Pois mo não queres dizer, não to quero perguntar. Saber-mehas dizer de Bristo?

MONTALVÃO. A que proposito?

PILARTE. Como te enganas. Digo se o viste? Porque o vejo ir ás vezes a casa de teu amo.

MONTALVÃO. Pois eu trago-o comigo na bolça?

PILARTE. Ora fazei-vos parvo. Não o podias topar por esta rua?

MONTALVÃO. Queres que andem os meus olhos tão rasteiros?

PILARTE. Estou pera arrebentar.

MONTALVÃO. Queres tu mais de mi?

PILARTE. Nem tanto ainda.

MONTALVÃO. Pois vay-te embora, que eu não ando ocioso.

PILARTE. Temeo-se de mi, hey-o de mexericar<sup>1</sup> com Bristo, mas quero ir primeiro arrecadar o dinheiro, antes que se o velho arrependa.

<sup>1</sup> Intrigar.

## SCENA V.

BRISTO, MONTALVÃO.

BRISTO. Não póde ser, senão que morreo hoje neste dia algum excommungado, ou casou algum frade, que tantos desastres me acontecêrão nelle.

MONTALVÃO. Apôs mi vem. Não sey onde me esconda.

BRISTO. Aquelle reliquario de Lionardo não sei se o perdi, ou se mo tomárão. Parece-vos que são estas boas danças, em que me o diabo mette?

MONTALVÃO. Já hei de ver em que assenta.

BRISTO. Desque se aquelle diabo foi de minha casa.

MONTALVÃO. Avante.

BRISTO. Veyo dar comigo Alexandre, que me deteve atégora, e me fez perder o tento do que me mais relevava. Não sei onde o perdi, nem onde o puz. Venho outra vez correr quantos caminhos andei.

MONTALVÃO. Aquelle me parece bom concelho.

BRISTO. Ora que me matem, se mo não levou aquelle ladravaz<sup>1</sup> de Montalvão.

MONTALVÃO. Já me eu espantava, quero-me ora acolher com o meu ganho.

BRISTO. Pela benção de Deos, que não foi outra cousa. E vou-me eu fiar daquelle, que toda sua vida andou a roubar, e esfolar. Se assi he, tenho máo re-

<sup>1</sup> Augmentativo de ladrão em linguagem chula.

medio, dirá que faço delle ladrão. Todavia por me segurar, não hei de deixar de dar huma volta por aqui. Quando o não achar, o melhor concelho he falar com Brusia, aquella velha benzedeira minha amiga, que sabe huma boa devação<sup>1</sup> pera as cousas perdidas. Ainda bem a não faz, quando lhas trazem a casa. Eide apertar com ella, que ma ensine.

## SCENA VI.

PINERFO, ANNIBAL, MONTALVÃO, BRISTO.

PINERFO. Bristo, Bristo.

ANNIBAL. Negociado vai.

BRISTO. Não me deixarão estes ociosos.

PINERFO. Marinello.

BRISTO. Mantido ás vossas custas?

ANNIBAL. Assi lhe vay.

PINERFO. Que te digo eu, não faças conta deste, que he o vivo diabo.

ANNIBAL. Não cuido que me conheceo.

PINERFO. Mas por isso não acudio, nem olhou.

ANNIBAL. Deixa-me com o cargo, não se póde ter tanto sizo.

PINERFO. Jesu, que he aquillo, vejo vir Montalvão com a espada nua todo enfiado.

MONTALVÃO. A verdade he, não ter homem com-

<sup>1</sup> Dize-se agora devocão, com melhor etymologia.

primentos com ninguem. Arrancar da espada, metter-lha pola barriga.

ANNIBAL. Chama-o.

PINERFO. Montalvão.

MONTALVÃO. Mas eu vos prometto que o ferre da minha marca.

ANNIBAL. Montalvão. Tu vay-te pera casa.

MONTALVÃO. Valerão-lhe a elle os padrinhos, que se fora em outra parte, eu o desfizera aos dentes.

ANNIBAL. Que menencoria he essa?

MONTALVÃO. São rapazes.

ANNIBAL. Que foi, que te aconteceu?

MONTALVÃO. Não conheces hum filho de Roberto nosso Cidadão<sup>1</sup>?

ANNIBAL. Que te fez?

MONTALVÃO. Encontrámo-nos á porta de Cornelia, enfingio de me perguntar, porque andava por alli.

ANNIBAL. Que dizes?

MONTALVÃO. Isto que ouves.

ANNIBAL. Aquelle rapaz?

MONTALVÃO. Esse rapaz.

ANNIBAL. Que sabe que és tu meu?

MONTALVÃO. Que sabe que sou eu teu.

ANNIBAL. Ousou de te levantar os olhos, ou ha aqui homem, que a tã se atreva?

MONTALVÃO. Elle levará o pago. Mas parece que fez hoje a mãy alguma devação por elle.

ANNIBAL. Que lhe fizeste?

MONTALVÃO. Enviava-me já a elle, se me não bradárão de cima.

<sup>1</sup> Nosso conterraneo.

ANNIBAL. Quem te bradou?

MONTALVÃO. Cornelia, que pelo amor de Deos não fizesse estrondos á sua porta.

ANNIBAL. E pareceo hi Camilia?

MONTALVÃO. Querias que a visse? fiquei com a grande furia com os olhos no Ceo, escumando mais de huma hora.

ANNIBAL. Ora vivei neste Mundo, onde os rapazes se levantão contra vós.

MONTALVÃO. Isso só me fez arrenegar desta terra mais de dez vèzes.

ANNIBAL. He cousa pera se os homens fazerem Elches <sup>1</sup>. Em quantas terras andei, não me lembra que outra tal me acontecesse.

MONTALVÃO. O rapaz todavia rapou-me o reliquario.

ANNIBAL. Não sei se ordenou Deos, ou o diabo não me achar eu ahí.

MONTALVÃO. E pera que? salvo pera escolheres a morte que lhe daria.

ANNIBAL. Ah Deos, que me dás paciencia pera não destruir o Mundo.

MONTALVÃO. Essas tuas paciencias te danão muito, se te a ti temêrão nesta terra, mais honra catárão <sup>2</sup> aos teus.

ANNIBAL. Sabes porque me retenho? Porque des-  
que começar, heyde pôr o fogo aos campos.

MONTALVÃO. Eu não sei que assi o costumás?

ANNIBAL. Não sou desses, desde me começo atear,

<sup>1</sup> Renegados.

<sup>2</sup> Guardárão, ou guardarião.

sou hum fogo de alcatrão, não me apagarão com toda a agoa do mar.

**MONTALVÃO.** Por isso melhor he não começares.

**ANNIBAL.** Com isto espantei huma vez huns poucos de Mouros, que não ousarão de nos correr por huns dias.

**MONTALVÃO.** Bem me lembra.

**ANNIBAL.** Isto era em Arzilla, antes que eu fosse a Rhodes.

**MONTALVÃO.** Acolheo-me. E em Rhodes não queimaste tu duas galléz ao longo da costa?

**ANNIBAL.** Hi hias tu, ou como?

**MONTALVÃO.** Antes te digo, que por minha causa mataste o Capitão dellas, que se te pezava ao ouro.

**ANNIBAL.** Ora muitas cousas te lembrão, que me a mi esquecem.

**MONTALVÃO.** Esta he huma das minhas. Não era isto cousa pera te assi esquecer. Não sei porque deixaste este Reyno, e te desterraste tão longe?

**ANNIBAL.** Porque cá não estimão os homens, senão sabem ler por Bartolo<sup>1</sup>.

**MONTALVÃO.** E mais não acharias cousas conformes a teus espiritos.

**ANNIBAL.** Tambem essa foi alguma cousa.

**MONTALVÃO.** Que grão festa te farião esses cavalleiros de Rhodes, quando entraste.

**ANNIBAL.** Ainda me não conhecião; mas eu como cheguei, por me dar a conhecer, arrepelei não sei quantos, depois quizerão-se vingar em desafio, e eu acabei de me vingar delles.

<sup>1</sup> Famoso jurisconsulto cujas opiniões erão então muito seguidas.

**MONTALVÃO.** Ousaste fazer tão grã feito em terra alhea.

**ANNIBAL.** Isso foi o que espantou toda a gente. E o grã Mestre me levou então a sua casa acompanhado de todolos outros.

**MONTALVÃO.** Assi alcançaste em pouco tempo huma das honradas comendas da ordem.

**ANNIBAL.** Grandes partidos me fazião, mas por serem fóra do Reyno, não quiz aceitar nenhum. Bem sabes quanto devemos á nossa natureza.

**MONTALVÃO.** Ella he a que te deve, que tu honra-la, e ella deshonra-te.

**ANNIBAL.** Não me tornes lembrar isso, que me farás fazer o que não queria.

**MONTALVÃO.** Deixa-me tu a mi, que eu me saberei vingar. Em quanto este braço for vivo, não ajas medo que vá pedir outro emprestado.

**ANNIBAL.** O mal he que he com rapazes.

**MONTALVÃO.** Pois estes taes castigá-los como rapazes, porque matá-los he honra que não merecem.

**ANNIBAL.** E queres que ande eu por ayo dos villãos ruins?

**MONTALVÃO.** Meu conselho he não te dares por achado nisso; porque se os erros se hão de castigar conforme a pessoa que se offende, bem vez o alvo-roço em que porás toda a terra.

**ANNIBAL.** Parece-me isso bem. Porque eu, como te digo, não me sei nunca temperar, quando estiver birrento, lembre-te de me fugires diaute, porque nem meu pay então conhecerei.

**MONTALVÃO.** Dias ha que te eu sey a condição.

ANNIBAL. Ora de huma cousa me gabavão muito em Rhodes.

MONTALVÃO. De huma dizes?

ANNIBAL. De huma especialmente entre todas.

MONTALVÃO. De seres incansavel.

ANNIBAL. Além dessa, de ter huma ferocidade brava no rosto, e nas palavras, com que fazia tanto medo, como com as armas.

MONTALVÃO. Então dizem lá, que não cuidão dous hum cuidado. Isso me tiraste da boca, pois ainda te esquece outra excellencia grande.

ANNIBAL. Qual?

MONTALVÃO. Os teus carteis de desafio.

ANNIBAL. Bem apontas.

MONTALVÃO. Não ha homem que assi os note.

ANNIBAL. Nunca ahi se fazia desafio, que se não viessem a mi.

MONTALVÃO. He muita verdade. Não sei onde achas tanta diversidade de palavras furiosas.

ANNIBAL. Nunca desafiei homem nenhum, que vendo o meu cartel, se não rendesse.

MONTALVÃO. Que fizera se te vira as obras.

ANNIBAL. Quando me lembra isto, estou pera me enforçar.

MONTALVÃO. Tal inspiração te viesse, e fizesses-me teu herdeiro.

ANNIBAL. Que me vejo aqui como me vejo, e em poder de Bristo, que tem poder pera zombar de mi.

MONTALVÃO. Com a menencia me não lembrava. Eu estive hoje com elle, e me deu muy grandes novas.

ANNIBAL. Porque me não vay a casa?

**MONTALVÃO.** Lá traz humas occupações justas, que o escusão.

**ANNIBAL.** Que te disse?

**MONTALVÃO.** São cousas, que se não podem dizer na rua.

**ANNIBAL.** Recolhamo-nos logo, que vem lá gente, e desejo de as ouvir.

## SCENA VII.

CALIDONIO, BRISTO, LIONARDO.

**CALIDONIO.** Venho descontente de casa de Roberto, estando ambos ordenando nossos concertos, nos vierão dizer a grão pressa, que andava Lionardo ás cutiladas com hum rafiãz <sup>1</sup>, que aqui anda, fomos lá, achámos a rua revolta, e ninguem que nos soubesse dizer o sobre que fora. Senão quanto dizião todos, que o víram por alli passear todolos dias, e algumas noites. Logo me doeo o cabello. Alli mora huma moça fermosa, segundo me parece, de longe vem o negocio. Roberto he apaixonado, sentio tanto esta travessura, que tive trabalho em o amansar; mas com quanto eu dissimulei, tambem sinto meu quinhão. Necessario he que vigie, que deite minhas enculcas, pera que depois me não arrependa sem tempo. Vou a casa, póde ser que Alexandre me informará mais do caso. Mas he este Lionardo? este he,

<sup>1</sup> Augmentativo de rufião, medianoiro de amores illicitos.

mal me parece a companhia, e o segredo em que vem. Hei-os de espreitar daqui.

BRISTO. Quanto folgo de me vingares desse ladraz, que assi me queimou hoje o sangue.

LIONARDO. Ainda me eu hei de acabar de vingar delle.

BRISTO. Foy grande acerto achare-lo <sup>1</sup> assi com o furto nas mãos.

LIONARDO. De huma legoa lho conheci.

BRISTO. He certo que hão de estar mortas, cuidando que ficaste morto.

LIONARDO. Hoje me verão vivo, e são.

CALIDONIO. Não os entendo bem, algo <sup>2</sup> he.

LIONARDO. Não ha de aver tanto poder na fortuna, que me desvie este contentamento.

BRISTO. Em fim, o que ha de ser ha de ser, e de meu conselho melhor he cedo que tarde, quanto te mais adiantares, mais te lograrás do tempo.

LIONARDO. Que negocios tens tu com Alexandre, que te vi hoje com elle?

BRISTO. Falou-te elle mais em teus amores?

CALIDONIO. Em Alexandre falam. Tambem elle anda na volta?

LIONARDO. Falou.

BRISTO. Que lhe disseste?

LIONARDO. Tomei teu concelho, fiz-me mais frio que nunca.

BRISTO. Se te tornar a falar nisso, mostra-te des-

<sup>1</sup> Achar-lo dizemos hoje com mais euphonia.

<sup>2</sup> Alguma cousa.

contente de mi. Dá-lhe a entender, que atégora te trouxe enganado, pera que te melhor crea.

LIONARDO. Não saberei eu, porque me dizes isso?

BRISTO. Eu to direi em seu tempo, não te fies de ninguem.

LIONARDO. Este dia me ha de parecer hum anno.

BRISTO. Parecer-te-ha logo a noite hum momento.

LIONARDO. Ora eu vou-me a casa desculpar-me a meu pay com alguma mentira, que certo he que o aja de saber, tu entretanto vai-as ver, que eu terei cuidado.

CALIDONIO. Deos me troue agora aqui. Este moço anda perdido, e cuido que o remedio está nas mãos de Deos. Medo hei que se lhe apegasse a Alexandre seu quinhão. Necessario he que fale com Roberto, e lhe dê conta do caso, pera que por falta de diligencia se não acabe de perder de todo, elles forão-se sem me sentirem. Vou-me a casa tirar devassa.

## ACTO IV.

## SCENA I.

CORNELIA, CAMILIA.

CORNELIA. Guarde-o ora Deos de algum desastre, que ainda o coração me está saltando de medo.

CAMILIA. De que se armou o arroido?

CORNELIA. Não o viste tu?

CAMILIA. Não.

CORNELIA. Vinha de qua de cima hum soldado doudo muito recachado<sup>1</sup>, toparão-se ambos, não sei que ouverão, que lhe lançou Lionardo huma mão ao pescoço, e outra á espada.

CAMILIA. Ferio-se algum delles?

CORNELIA. Quiz Deos que acodio gente, mas o soldado ficou arrepelado, e injuriado.

CAMILIA. Hey medo que nação dahi algumas revoltas.

<sup>1</sup> Levantado, arrogante.

CORNELIA. Livre-o Deos dellas.

CAMILIA. Bristo nos dirá sobre que foy, e como passárão ambos.

CORNELIA. Folgo eu muito de tu não pareceres então. E se me cres ou me amas, rogo-te filha, que sempre te prezes de muito recolhida, e de muito assentada. Bem vês quão mal parece nas moças o alvoroço, e desassocego. Teus olhos misurados, e recolhidos, teu rir temperado, tuas falas poucas, e certas, e onde forem necessarias. E por cima de tudo ás de ter tanto poder sobre ti mesma, que nem por mais folias que ouças, ou brados, ou arroidos te bulas, ou te movas donde estás.

CAMILIA. Eu assi o faço, e o farei sempre, porque tambem minha condição me diz isso.

CORNELIA. Dá graças a nosso Senhor, que ta deo tão boa. Porque verás muitas, que ainda que sejam ricas, e fermosas, são tão bolicosas, e alvoroçadas, que tudó querem ver, e de tudo dar fé. A boa filha, que estima a honra, e a virtude á de quebrar os pés, e os olhos, há-se de prezar mais de sua honestidade, que de peças, nem thesouros, e mais quem os não tem, mal peccado.

CAMILIA. Em verdade mãy, que me aborrecem tanto huns despejos<sup>1</sup> que vejo em mulheres, que só por aquillo, se fora homem, não casára com ellas.

CORNELIA. O despejo, filha, não he máo, se he honesto, e temperado. Porque nem a moça ha de ser estatua, nem diabrete. Todalas cousas tem seu meyo. Não me contentão nada humas fermosuras mortas

<sup>1</sup> Desembaraços.

que vejo, nem outras tão vivas, que parece que estão acenando aos homens. Tu, filha, antre estes dous extremos (como te sempre digo) toma hum meyo, pera que não erres.

**CAMILIA.** Assi como hi ha essas, assi tambem averá alguns doudos a que bem pareção.

**CORNELIA.** Bem disseste doudos, e mais no tempo de agora. Perdoe Deos a teu pay, que me dizia muitas vezes, que o principal dote, que o vencêra a casar comigo, fora meu sizo, e recolhimento.

**CAMILIA.** Segundo nos Bristo diz, dessa mesma opinião he Lionardo.

**CORNELIA.** Se quizesse ora Deos chegá-lo a isto, antes que eu morresse.

**CAMILIA.** Eu espero que seja mui cedo, porque assi o sinto nelle, e Bristo mo affirma.

**CORNELIA.** Faça Deos o que for seu serviço, elle te honre, e te ampare, pois a fortuna te desemparou. E tu, filha, isso lhe pide em tuas orações, a elle só toma por teu casamenteiro, e ao Bemaventurado S. Nicolao, pay das orfãs desemparadas.

**CAMILIA.** Muito folguey com aquella devação que nos ensináram.

**CORNELIA.** Diz que por ella fez já muitos milagres, reza-a tu com muita devação.

**CAMILIA.** Assi o faço.

**CORNELIA.** Por derradeiro, filha, de cima vem tudo. Quem per si tem Deos, tem todo bem, e toda a riqueza. Parece-me que vejo vir Bristo lá no fundo da rua, pera cá vem. Grisca, vay-lhe abrir aquella porta.

## SCENA II.

BRISTO SÓ.

Agora me não queixo de minhas mofnas, pois se mudão todas em boas venturas. Bem se disse, que ninguem julgue a tarde pela manhã. Hoje me vi em tamanhas tremuras, que me dei por morto, agora estou tão seguro, que não hei medo á fortuna. Fuy a casa de Annibal, metti-lhe em cabeça, que tinha concertado com Camilia, que esta noite o iria ver, fica tão doudo, que ey medo que perca o sizo, ainda que elle pouco tem que perder, mal peccado. A Camilia, que lhe eu ey de levar, á de ser huma moça de minha confraria, que lhe ha de fazer crer que he ellá. O coitado nunca a vio bem, mais perdido anda pela fama, que pelos seus olhos. E eu esta mesma noite a hei de deitar na cama com Lionardo, que assi o concertámos. Montalvão com lhe perdoar o furto, fica tão contente, que me prometteo de me ajudar em tudo. Mas eu não me hey de ter ás suas costas. Já tenho minhas contas feitas, porque não sei tambem que fim terão estas danças. Alexandre per huma parte, Roberto per outra não me hão de poupar a vida, a verdade he roubar, e fugir. Vou-me a casa de Cornelia, que tardo muito. Ou lá, aberta está sempre esta porta, parece que me conhece.

## SCENA III.

PILARTE, ALEXANDRE.

PILARTE. Não pôde ser mór desastre no Mundo.

ALEXANDRE. São cousas que ás vezes acontecem.

PILARTE. Teu pay veria enfiado <sup>1</sup>?

ALEXANDRE. Tomou-me, fechou-me numa camara, sem querer que minha mãy lá entrasse, e descobri-me o negocio de como o achára com Bristo, e o que lhe ouvira.

PILARTE. Hum perdido, que pelas ruas vay semeando seus segredos, sem se precatar de quem o pôde ouvir.

ALEXANDRE. Rogou-me, ameaçou-me, e conjurou-me, e que lhe dissesse a verdade sopena <sup>2</sup> de sua bênção. Não pude al fazer, disse-lhe o que sabia.

PILARTE. Hey medo que lhe ficasse de ti alguma suspeita.

ALEXANDRE. Dê que? elle não ouviu a Bristo cousa que me prejudicasse. Eu tambem disse-lhe, quanto sempre trabalhára com Lionardo de o desviar de seu erro.

PILARTE. Agora he em casa de Roberto.

ALEXANDRE. Pera lá creo eu que elle hia.

PILARTE. Pois que determinas?

<sup>1</sup> Enfiado.

<sup>2</sup> Contracção de sob pena.

ALEXANDRE. Mas tu que me aconselhas?

PILARTE. Bofé Alexandre, farias bem de tomar meu concelho. Bristo enganou-nos, Camilia não te conhece, Lionardo dá-o por casado, tu não tens remedio. Meu parecer era, que pois se Deos quiz lembrar de ti, sejas em conhecimento desta mercê tamanha, e ponhas diante dos olhos a vergonha de Lionardo, e a ira de seu pay.

ALEXANDRE. Bem vejo tudo isso; mas que farey que o amor me não deixa?

PILARTE. Se te não deixa, que o deixes tu. Em quanto te eu vi remedio, ajudei-te, sabe Deos com que vontade, agora que o não ha, que queres que faça?

ALEXANDRE. Oh Pilarte meu amigo, não sabes onde chega entregar a affeição, quem a sempre teve livre.

PILARTE. Tambem eu já quiz, bem, e fuy namorado. E por ventura perdi mais em meus amores, do que tu ganhavas nos teus. Deu-me Deos estamago, e fizo pera esquecer tudo. Ora não o esquecerás tu, pois tanto te releva.

ALEXANDRE. Oh Camilia, oh minha Camilia?

PILARTE. Alexandre, peço-te por amor de Deos, e pelo que deves a tua honra, e ao amor que te teu pay tem, que te não percas, que não descubras de ti ao Mundo o que té agora está encuberto, pois nisso não ganhas mais, que infamia com os homens, perda tua, e aborrecimento com teu pay.

ALEXANDRE. Prouvera a Deos que me favorecêra a fortuna, que eu puzera o rosto a todos esses encontros.

PILARTE. Não te lembra quam feo te parecia o erro de Lionardo, quantas vezes lho reprehendias?

ALEXANDRE. Então trazia eu ainda os olhos cegos.

PILARTE. E agora os trazes claros.

ALEXANDRE. Então não tinha eu ainda visto aquelles olhos de Camilia, que me abríram os meus.

PILARTE. Oh coitado de mi, que farey a este moço? hey dó d'elle, hey dó de mi, hey dó de seu pay, e de sua honra:

ALEXANDRE. Oh Lionardo bemaventurado, pois pera ti só se guardou hum bem tamanho.

PILARTE. Oh Lionardo malaventurado, pois naceste pera deshorrar a ti, e teus parentes. Dize-me por tua vida, que ganhavas com huma rapariga, pobre, orfã, seguida de quantos perdidos ha na terra? que huma hora per outra havia de lançar mão de huma esmolla pera seu mantimento, ás custas do que Deos sabe?

ALEXANDRE. Não me digas isso, que todo o Mundo diz bem della, todos a tem por fermosa, por virtuosa, e por boa filha.

PILARTE. Digo que seja assi. Todas essas calidades tem tua irmã. E se lhe teu pay não déra bom dote, não concertára Roberto o casamento de seu filho.

ALEXANDRE. Arrenego destes dotes, que ás vezes são dores.

PILARTE. Arrenego destes amores, que sempre são dolores.

ALEXANDRE. Que melhor dote quero eu, que amor, e contentamento?

PILARTE. Como isso he ainda de moço? E não sabes tu, que os mal casados são os namorados? quem

se vence por appetite, aos dous dias se enfada, quem casa por razão, este he o que ganha. Mas vós outros, manos meus, não tendes conta com mais, que com olhinhos, e com geitinhos, que á primeira noite aborrecem. Então presta muito arreponderdes-vos.

ALEXANDRE. Oh que meu pay não me quer tão pouco bem, que se não amansára logo.

PILARTE. Antes te digo, que não durára mais, que em quanto o não soubera. Bem sabes, que hum nojo<sup>1</sup> mata mais que huma peçonha.

ALEXANDRE. Como se isto fosse cousa, que se nunca vio no Mundo.

PILARTE. Não te vás per hi. Não ha peccado tão novo, que se não fizesse já, mas por isso não deixa de ser mais grave.

ALEXANDRE. Antes o costume faz estes erros menores.

PILARTE. Enganas-te, que per hi se veyo destruir o Mundo.

ALEXANDRE. De maneira, que por força me queres tirar do que eu tanto gosto?

PILARTE. Deita tu todalas contas, verás o que achas. Roberto não ha de querer ver seu filho, vê-lo fóra de casa perdido, desemparado, a mãe carpida, a revolta no povo, que o hão de praguejar de madraço, parvo, que se foy emburilhar<sup>2</sup> com huma moça sem pay. Já me entendes? Então que cuidas? Toda sua perda ha de ser teu proveito, que o

<sup>1</sup> A palavra nojo deve ser aqui tomada na accepção de sentimento, pezar.

<sup>2</sup> Esta locução equivale a casar mal.

pay por o mais magoar, ha-te de querer dar quanto tem com sua filha. A teu pay não falecerá genro. Se quizeres ter sizo, aproveitar-te-has, senão não sei que te mais diga.

ALEXANDRE. Por tão certo tens tu ser Lionardo já casado?

PILARTE. E tu não o vez? Aposto-te, que ou o he já, ou que não escape doje.

ALEXANDRE. Pois hei de sofrer eu, que hum fancho se vá assi rindo de mi?

PILARTE. Rindo, ou como? Espero eu de lhe fazer amargar os bocados, que comeo á nossa custa, e quantos passos perdidos dei apôs elle, ainda que dos quatro cruzados hum só lhe dei. Os mais tenho aqui pera o que tu quizeres.

ALEXANDRE. Quem m'è desse tomá-lo em parte, onde me vingasse da esperança falsa, em que téqui me trouve.

PILARTE. Deixa-me tu a mi, que eu lhe correrei a çapateta<sup>1</sup>, não ha covil que não saiba, pois arrenegaria de seu pay, e da senhora sua mãy, se com esta me escapasse.

ALEXANDRE. Por tua vida armemos-lhe huma silada?

PILARTE. Velhaco, marinello, engana meninos.

ALEXANDRE. E homens podes dizer.

PILARTE. Que á mil dias que me traz apôs si quebrando calçadas. Eu prometto que o pagues a onzena<sup>2</sup>.

ALEXANDRE. Quem he este que cá vem correndo?

<sup>1</sup> Isto é, que lhe tomarei contas.

<sup>2</sup> Usura.

Santa Maria, Lionardo he. Pressa vai lá, vamo-nos, não nos tope aqui.

PILARTE. Bom sinal he este do que te disse. Em fim, conselho de amigo val hum Reyno.

## SCENA IV.

LIONARDO SO.

Como a rapaz, como a moço, já erão á som grande pera arrepelões. Enviava-se a mi aos cabellos, pois arrenegaria eu do parvo velho, se me hoje não fizesse a vontade. Mando-o eu raivar, que Camilia ha de ser minha mulher, e outra não. Camilia lhe ha de erdar sua fazenda, e por derradeiro hei-lhe de dar dez couces sobre a cova. Ah pezar de mi co velho repetinado<sup>1</sup>, ouvera-me de matar se me não acolhêra. Se eu acho Alexandre em descuberto, eu lhe perguntarei onde se costuma fazer tamanha treição aos amigos. Bem me dizia a mi Bristo, que me não fiasse delle, rapaz, tredor, e falso, eu viverei comigo daqui por diante, e alguem me haverá medo.

## SCENA V.

ROBERTO, CALIDONIO, PILARTE.

ROBERTO. Ah cão de mi, que se me foi, que a vida lhe ouvera de tirar.

<sup>1</sup> Insolente.

**CALIDONIO.** Roberto tem sizo, olha o que fazes.

**ROBERTO.** Hum filho do diabo, que nunca o eu fiz, nem Deos mo deu.

**CALIDONIO.** Socega ora, não te entregues tanto a ira.

**ROBERTO.** Oh Calidonio, porque me não deixavas, viras o exemplo, que dava aos pays, e aos filhos.

**CALIDONIO.** Não cuidei que eras tão arrebatado. Deixa a furia pera teus imigos.

**ROBERTO.** Não tenho eu agora outro mayor neste Mundo, magoado estou, porque me fugio.

**CALIDONIO.** Quam perigosa cousa he amor, e cólera.

**ROBERTO.** Pois não me ha de escapar onde quer que estiver. Tudo hei de correr, e de buscar, e essas más que mo enganarão, eu as porey por terra.

**CALIDONIO.** Antes de mea ora te ás de arrepender do que tens feito.

**ROBERTO.** Fizera-o eu, e arrependera-me.

**CALIDONIO.** Fizeste mal de não tomares meu concelho. Se tomaras esse moço por bem, e com huma reprehensão de pay mansamente, e por bons meynos, não póde ser que sua vergonha, e teus bons concelhos não pudérão com elle mais, que seu appetite, e assi per ventura se remedeára o negocio.

**ROBERTO.** Que remedio póde haver em cousa tão perdida?

**CALIDONIO.** Quanta já agora pouca lhe vejo eu. Do que até qui fez lhe dou culpa, do que mais fizer, tu a tens.

**ROBERTO.** Como eu vivia enganado, cuidando que tinha filho, e que tinha herdeiro, e elle tornou-se-me

imigo, e solapadamente me roubava quanto tinha pera putas, e alcoviteiros<sup>1</sup>.

**PILARTE.** Não deixarei de ir espreitar o q̃ se cá passa em casa de Roberto, por quanto ha no Mundo. Alexandre fez-lhe Deos bem, que tomou meu conce-lho. Temos ordenado de tomarmos este fanchono ás mãos, hey-o de seguir todalas noites por estas ruas, até que alguma açerte.

**ROBERTO.** Malaventurado he o homem, que deseja filhos, quanto déra eu agora pelos não ter, pois em minha velhice avia de aver tanto nojo de hum só, que me dêrão meus peccados.

**CALIDONIO.** Roberto, não te agastes. A paixão nunca remediou nada. Por derradeiro, a ty fazes mal, a elle nenhum bem..

**PILARTE.** Grão revolta vai cá.

**ROBERTO.** Não me faria ora Deos tamanha mercê, que lá por onde vai topasse a morte com elle.

**CALIDONIO.** Guarde-o Deos, isso has de dizer.

**ROBERTO.** Si, o filho que nega o sangue de seu pay, e o deshonra, pera que he vivo?

**PILARTE.** Se Alexandre isto ouvira.

**ROBERTO.** Não se engane elle comigo, que eu não sou como outros parvos, que esmorecem logo de nojo. Agora me hei de curar, e de poupar, e gastar quanto tenho em levar muito boa vida.

**PILARTE.** Em seu sizo está o velho, mas tudo aquillo são feros.

<sup>1</sup> Releva recordar aos leitores que as comedias de Ferreira nunca foram representadas diante de familias honestas por causa da obscenidade de algumas expressões, como as que acabamos de ler.

**CALIDONIO.** Farás tu já muy bem, e esse he meu conselho, quanto mais, que ainda o mal póde ter remedio, se lhe logo acudirmos.

**ROBERTO.** O que eu daqui mais sinto, he a vergonha do Mundo, e a conta, em que me tu podes ter, vendo-me crear em casa huma besta fera; mas em emenda disso, chama cá Alexandre teu filho, com que te Deos fez tão bemaventurado, e dar-lhe-hey minha filha, e toda minha fazenda.

**PILARTE.** Vede ora se me enganava eu muito. Tudo aquillo he nossa perda.

**CALIDONIO.** Não cuides tu Roberto, que por meu interesse queira eu prejudicar a teu filho.

**ROBERTO.** Não lhe chames meu filho, que não o he, nem nunca o foy.

**CALIDONIO.** O concerto que temos feito (se tu quizeres) irá por diante, com tanto que se elle emende, que eu não creio que esté <sup>1</sup> já casado. E quando não, reparte tua fazenda com tua filha, e deixa-lhe seu quinhão, porque depois te não arrependas.

**PILARTE.** Não ouvís nosso amo? como he amigo de seu proveito? Em fim, faz bem, aquella he a verdade.

**ROBERTO.** Folgára agora de ter hum Reyno pera to dar todo.

**CALIDONIO.** Estás apaixonado, espera que se te abaxe a colera, e conformar-te-ás com a razão.

**ROBERTO.** Digo, que des daqui pera todo sempre o engeito de filho, e o hey por desherdado de toda minha fazenda até a valia do mais pequeno ceutil. E se

<sup>1</sup> Esteja.

sua mãy não fizer outro tanto, não ha de viver em meu poder dous dias.

PILARTE. Ainda achará quem a agasalhe, danado está o velho.

ROBERTO. E entre tanto, porque me não esqueça, quero-me ir ao Corregedor dar huma querella dessas boas senhoras, que mo enganarão, e fazer esfolar este alcoviteiro vivo, que se anda aqui creando á custa de minha fazenda.

CALIDONIO. Não hade amansar oje. Vou-me apòs elle, não faça alguma doudice.

PILARTE. Nunca vi velho tão quente do miolo, parece-me se topára o filho, que o comêra aos dentes. Se Calidonio ora soubesse o perigo, em que o seu andou. Por derradeiro, a verdade he viver livre, e não estar sogeito a estas miserias. Eu não sei se me engano; mas pera mi tenho, que já que homem nasce pera caminhar por esta estrada trabalhosa, he bem mal aconselhado em tomar ás costas outra carga além da sua. São tão comprados, e tão amargados huns meyos gostos de hum bem casado, que quando já chegão não se gostão. Que fará os dos mal casados? Torno-me a Alexandre, que ficou esperando por mi.

## SCENA VI.

PINERFO, PILARTE.

PINERFO. Não crerei isto até que o não veja; e quando o vir, hei de crer que he pela arte do diabo. Huma moça muito virtuosa, muito fermosa, filha de

hum homem muito honrado (segundo dizem) á de ter hum marinello poder de a enfeitiçar assi!

PILARTE. Vieste Pinerfo sempre por esta rua direita?

PINERFO. Si. Porque o perguntas?

PILARTE. Não sey se conheces o filho de meu-senhor?

PINERFO. Quem, Alexandre?

PILARTE. Esse mesmo. Viste-o por ventura ficar passeando lá em cima na primeira travessa á mão direita?

PINERFO. Não attentei por isso, que levo o cuidado em outra parte.

PILARTE. Não serão amores?

PINERFO. Mas amores de cea. Saber-me-has dizer onde acharei mea dúzia de perdizes?

PILARTE. Pera oje?

PINERFO. Pera esta noite.

PILARTE. Como, ha lá oje festa em casa?

PINERFO. Mal o sabes ainda. Ves aqui hum cruzado, que se me deu sómente pera caça.

PILARTE. Serão alguns ospedes?

PINERFO. Ou ospedes, ou ospedas avemos nós oje de ter (como dizem) bona xira<sup>1</sup>.

PILARTE. Teu senhor foi sempre grande homem de feros, e de banquetes. Se te enculcar o que buscas, não partirás comigo?

PINERFO. E mais dar-te-hei bom ganho, que a mi não me tomão conta.

PILARTE. Ora vay-te por aqui abaixo, no fundo da rua em virando pera a mão esquerda está hum tra-

<sup>1</sup> Locução chula cor.espondente a *bom pagode*.

vessa estreita, toma por ella acima, virás dar num beco, onde se faz hum terreirinho.

PINERFO. Bem te entendo.

PILARTE. Na derradeira casa do canto, que tem hum grande pedra á porta, pousa huma mulher gorda, que chamão a Brava dalcunha. Esta te dará toda a caça que quizeres.

PINERFO. Deos te avie sempre, que assi me aviaeste agora. Pois sabes quanto vai nisto? Que me prometêrão hum vestido se as trouxesse.

PILARTE. Não me dirás que gente he essa?

PINERFO. Pera que te hey de negar a verdade? leva esta noite Bristo a meu amo huma moça, por quem anda perdido á mil annos.

PILARTE. Quem por tua vida?

PINERFO. Quem eu não creio, nem tu crerás.

PILARTE. Por vida de quem, mo dize?

PINERFO. Não to ey de dizer, até que a não veja em casa.

PILARTE. E todo este gasto he pera ella?

PINERFO. Isto he o menos, tem banquete pera hum Principe.

PILARTE. E a que oras te parece que virá?

PINERFO. Bem tarde, quando já todos jouverem<sup>1</sup>.

PILARTE. Ora não te quero deter, que se faz noite.

PINERFO. Fica-te embora.

PILARTE. Como o diabo sabe bem ordenar as cousas de proveito. Parece-vos que pudéra eu topar com este em outro melhor tempo, necessario he que vi-giemos esta noite, porque nos não escape Bristo.

<sup>1</sup> Repensarem.

## SCENA VII.

BRISTO, LICISGA, ALEXANDRE, PILARTE, ANNIBAL,  
MONTALVÃO.

BRISTO. Não de balde dizem, enfeitai o cepo. Se té agora visses, espantar-te-hias.

LICISGA. Se eu tão bem pareço como me os vestidos armão, por tua vida que fujaamos.

BRISTO. Eu que te conheço, te estou estranhando.

LICISGA. Estes fazem as ricas fermosas, que não seus olhos bellos.

BRISTO. Dizes verdade mana, mocinhas conheço eu, que com o terço disto as terião por Anjos.

LICISGA. Não cuidava eu que Camilia era tão galante.

BRISTO. Pois não he isto nada. Se a viras agora da maneira que a eu deixey com Lionardo, parecera-te huma Princeza.

LICISGA. Espanto-me eu, que o dinheiro não he tão basto.

BRISTO. Estes vestidos forão da mãy, quando era moça. Quando morreo o pay polos nella.

LICISGA. Quanto eu nunca a vi senão muito honesta.

BRISTO. Assi o foy ella, e assi se tratou sempre desde que o pay he na India, e depois com o dó fitou nesse costume. Mas digo-te eu, que o que ella tem em vestidos, quizera eu pera hum par de annos.

LICISCA. Foy muito, em todas suas necessidades não os venderem.

BRISTO. Nunca falta a mercê de Deos, agora fica em poder de quem a manterá com muita honra.

LICISCA. Si, mas o pay?

BRISTO. Nunca essas pelepas durão até a morte. A moça he tal, he tão bem estreada<sup>1</sup>, que fará delles o que quizer.

LICISCA. E em casa da mãy se fez o casamento?

BRISTO. Agora embora. Não se lhe entende a ella tão pouco. Como lhe eu levei as novas, foy-se logo com a filha a casa de huma sua parenta, e alli a vestio, e enfeitou, e perante tres testemunhas muito honradas se recebêrão.

LICISCA. Deixe-os Deos lograr por muitos annos.

BRISTO. Não lhe ajas tu inveja por esta noite.

LICISCA. Bofé, se estes vestidos forão meus, que me não trocára por ella.

BRISTO. Aperta-te muito esse colete?

LICISCA. Muito bom vem. Faz-me os peitos mais pequenos.

BRISTO. Grande acerto foi teres os cabellos louros.

LICISCA. Ainda eu não trocarey os meus cabellos, nem os meus olhos pelos de Camilia, nem doutra mais pintada que ella.

BRISTO. Não digas isso Licisca, tem aquella moça huns olhos de Anjo. Pois se lhe visses a garganta, e os peitos, assi mulher como és, não te poderias ter, que lhos não comesses.

LICISCA. O que me a mi mais contenta della, he a

<sup>1</sup> Bem parecida, formosa.

cintura, que me vai esta sua cota <sup>1</sup> quebrando os quadris.

BRISTO. Se te lá agastares muito, tudo he largar hum colchete.

LICISCA. Ainda me não conheces, já eu fuy mais gorda do que agora sou, e pera contrafazer huma menina de onze annos, fuy vestida nos seus vestidos.

BRISTO. Eu por isso te busquei, mas agora verey pera quanto és.

LICISCA. Não he esta a primeira.

BRISTO. Ey medo que te pejes <sup>2</sup> muito de te conhecerem.

LICISCA. Antes essa he grande ajuda. Cuidará que o faço de medrosa, ou de pejada.

BRISTO. Pois no que te tu has de fundar, mais he na vergonha. Teus olhos no chão, e de quando em quando polos nelle com geitinho namorado, e em elle vindo cos seus, torná-los a abaixar muito vergonhosa.

LICISCA. Não sei se te disse já huma manha que tenho, que tu verias em poucas.

BRISTO. Que janda <sup>3</sup>?

LICISCA. No bulir de huma pestana me torno tão corada como hum lacre.

BRISTO. Como fazes isso?

LICISCA. Com reter hum pouco o folego, e embri-dar assi a barba sobre o peito <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Saia antiga que correspondia aos modernos colletes.

<sup>2</sup> Envergonhes.

<sup>3</sup> Qual?

<sup>4</sup> Encostar o queixo no peito.

BRISTO. Ainda eu essa mestria não sabia.

LICISCA. Pois pera chorar não tenho necessidade que me espanquem.

BRISTO. Quem me desse estar espreitando como te negavas.

LICISCA. Porque?

BRISTO. Porque ao longe parecerás melhor.

LICISCA. Antes me a mi dizem, que ao perto sou mais fermosa.

BRISTO. Enganas-te.

LICISCA. Por vida minha Bristo, que ainda oje mo jurou hum homem.

BRISTO. Se te dissera a verdade não o crêras, esse seria de huns, em cujo Reyno correm sempre palavras por moeda. Nunca te fieis desses enganos; mas sabes tu o que tens? hum assento nesse rosto, que quando estás sezuda, pareces huma Condessa.

LICISCA. Muitos me disserão já isso. Ora vamos que he tarde.

BRISTO. Que pressa tens da cea, boa noite faz. Deos seja comnosco, concerta bem esse rebusso, não te caya.

LICISCA. Vamos pelo mais escuso.

ALEXANDRE. Se nos sentirão em casa?

PILARTE. Não, segundo me parece.

ALEXANDRE. Daremos por aqui huma revolta<sup>1</sup>, que a noite he escura, e azada pera desastres.

LICISCA. Vamos per cá, que sinto lá vir gente.

BRISTO. Péga-te a mi, que eu te levarei por lugar seguro.

<sup>1</sup> Um passeio.

PILARTE. Escuta assi.

ALEXANDRE. Que he isso?

BRISTO. Estas são as proprias horas, como ha de estar cá o coitado alvoraçado.

PILARTE. Que me matem se aquelle não he Bristo.

ALEXANDRE. Tardámos inuito. Não são estas as suas horas?

PILARTE. Antes nenhuma outras. Vem-te por aqui conhecê-lo-emos.

LICISCA. Após nós vem não sei quem.

BRISTO. Quem he, passe embora. Não vai aqui quem deva nada á justiça.

ALEXANDRE. Ah dum fanchono, puto, feiticeiro, que a mi debes tu a vida.

BRISTO. Jesu seja comigo. Homem, que mal te fiz?

PILARTE. Tu não fales, nem boquejes, se queres poupar a vida.

BRISTO. Ah que delRey.

ALEXANDRE. Azado te parècia eu pera zombares de mi?

LICISCA. Justiça, justiça, ah que da justiça.

ALEXANDRE. Não tenhas de ver com brados, dá-lhe, não o poupes.

BRISTO. A y, ay.

ALEXANDRE. Tapa-lhe essa boca, afoga-o.

BRISTO. Que me matão.

ALEXANDRE. Pararás por mi, e por outros.

PILARTE. Vamo-nos, que acode gente.

ALEXANDRE. Quem me déra tomar aquella puta, que vay gritando.

PILARTE. Cansou-me o velhaco, mas mais cansado fica elle. Estas lhe lembrarão por huns dias.

BRISTO. Vizinhos desta rua, que me ouvís, sede-me testemunhas, como indo por aqui a estas horas, sem páo, e sem pedra, em paz, e em salvo, saltarão comigo aquelles dous homens, que alli vão, que eu bem conheço, e me espancárão, e ferirão, sem lhes eu fazer mal nenhum.

ANNIBAL. Não me enganava eu, aquelle he Bristo.

MONTALVÃO. Quem avia de cuidar, que tão perto da tua porta se atrevesse ninguem a tanto?

BRISTO. Velhacos, ladrões, vadios, que não tem outro officio, senão andar cuidando de dia o que hão de fazer de noite.

ANNIBAL. Abaixa essa chuça. Cerca-os por lá, não nos fujão.

BRISTO. Todo me rompêrão, todo me pizárão, nem hum só osso me deixarão são no corpo.

MONTALVÃO. Ah pezar de meu pay, que tua mansidão he causa desta deshonra.

BRISTO. Licisca? Huy por mi se se me foi Licisca. Acolheo-se, já estoutra he peor, coitado, que farei agora.

ANNIBAL. Bristo, que cousa he esta? quaes são os rapazes, que indo tu pera minha casa, ousárão de te afrontar?

BRISTO. Ay senhor, não sey como me achas vivo.

ANNIBAL. Dize-mo, não chores, antes que os innocentes paguem pelos culpados.

BRISTO. Não sei quem são, nem por onde forão. Vindo por aqui tão seguro, como quem não tem feito cousa per que se tema, saltarão comigo, fizerão-me tal, qual me achas.

**MONTALVÃO.** Agora os não culpo, pois se souberão guardar de ti. Parece que de lá lhes metteste medo.

**ANNIBAL.** Vinha mais alguém contigo?

**BRISTO.** Vinha quem tu sabes.

**MONTALVÃO.** Malvado. Mas quem eu sey.

**BRISTO.** E com a revolta perdi o tento della. Não sey pera onde foy, que isto sinto já mais que minha mofina<sup>1</sup>.

**MONTALVÃO.** Delicado feito.

**ANNIBAL.** Oh Mundo, oh fortuna! Tamanha injuria se fez nunca a nenhum homem.

**BRISTO.** Parece-me a mi, que a senti ir gritando lá pera baixo. Já pôde ser, que iria ter a tua casa.

**MONTALVÃO.** Nunca o diabo a lá leve, ficará a cea por nossa.

**ANNIBAL.** Porque não foy isto de dia, que mór diluvio ouvera de fazer, que o de Rhodes. Montalvão, onde te foste?

**MONTALVÃO.** Vi-te tão bravo, que te ouve medo.

**ANNIBAL.** Agora te dou licença pera todas as cruezas.

**MONTALVÃO.** Que presta, pois não ha em que se fação.

**ANNIBAL.** Daqui faço voto solemne, de nenhum homem que esta noite achar, deixar com vida.

**MONTALVÃO.** Mas de meu concelho, já que se nos forão, encubramos o negocio por honra desta moça. E á manhã deixa-me, que eu tos descobrirei.

**ANNIBAL.** Nunca o diabo armou tamanho desastre, vamo-nos a casa, se a lá não acho, não me ha de ficar casa em toda a Cidade.

<sup>1</sup> Desgraça.

## ACTO V.

## SCENA I.

PINDARO, ARNOLFO.

PINDARO. Quem averá agora aqui que nos conheça, ou quem se não espantará de nos ver, pois passa de dous annos que nos tem por mortos?

ARNOLFO. Conheço eu logo muy bem esta terra em que nasci, e em que me criei, louvores a nosso Senhor, que nos tornou a ella.

PINDARO. Coitadinhas de tua mãe, e irmãa, que assi estarão ora aqui tristes, desemperadas, cubertas de dó, de miseria, e de pobreza.

ARNOLFO. Já os trabalhos são passados, assi nossos como seus, agora virá o descanso, e o contentamento.

PINDARO. Assi são as cousas deste Mundo. Arnolfo, filho, se hi não ouvesse mal, não averia bem, senão passasse-mos per trabalhos, não conheceria-mos o descanso; bemaventurado aquelle que soube passar por tudo.

ARNOLFO. Esses seremos nós logo, pois desde daqui saímos, toda nossa vida foi morte.

PINDARO. Vês aqui filho, que cousa he ser pay, e ter filhos? Eu com qualquer cousa me contentára, vós outros me desterrastes tão longe, á tantos annos, que indo mancebo torno velho. Verdade he, que as saudades de minha mulher, de minha filha, e de minha casa me fizerão branco ante tempo, que os trabalhos todos os lá tem, e os paixão.

ARNOLFO. Seria bom, senhor, que tivesse-mos algum meo com que ellas soubessem nossa vinda antes que nos vissem, porque hum prazer tão supito, e tão pouco esperado, ás vezes se converte em nojo.

PINDARO. Dizes muito bem, e eu assi o trazia cuidado; mas onde iremos buscar quem nos conheça?

ARNOLFO. Aqui perto me lembra a mi, que soia morar huma minha tia, que me convidava sempre quando ya a sua casa.

PINDARO. Artusa prima de tua mãy, muy virtuosa pessoa, se ella he viva, não será seu contentamento pouco. Mas muito estimára eu saber onde minha mulher pousa, e ir-mo-la espreitar, pera ver aquelle desamparo virtuoso com que vivem.

ARNOLFO. Não queiras ver tamanha piedade, bem sabes já o que de cá te escrevião os amigos.

PINDARO. Oh minha mulher, minha amiga, que agora sinto eu vossas saudades mais que nunca, quão certo he, que de todos esses ninguem a conhece já.

ARNOLFO. Acho muitas novidades nesta terra, cujas serão estas casas grandes, que tão bem parecem.

PINDARO. Não te espantes, em pouco tempo faz o tempo muitas mudanças. Os que aqui deixaste me-

ninos, vê-los-has homens, os mancebos velhos, os velhos soterrados, que esta he a nossa roda por onde andamos. Conheces por ventura este velho, que cá vem? lembra-te delle?

ARNOLFO. Não.

PINDARO. Segundo me dá o ar, este he Calidonio, que eu deixei mancebo, casado de pouco.

ARNOLFO. Póde ser que te não conheça elle logo?

PINDARO. Não sei, a amizade não era tão pouca, para lhe eu não lembrar, mais com tudo, este he, que eu o conheço.

## SCENA II.

CALIDONIO, PINDARO, ARNOLFO.

CALIDONIO. Camanhos<sup>1</sup> desarranjos causa a ira, e a pertinacia. Vedes Roberto agora com o filho perdido, que nem o acha, nem novas delle. Foi-se-lhe a manencoria, entrou a saudade nelle de maneira, que se não levantou oje, a mulher mea morta, medo ey que lhe custem caro seus feros<sup>2</sup>.

PINDARO. Como passa per nós o tempo. Espantado estou de ver este homem tão branco.

CALIDONIO. Eu, porque ouve dó delles, gastei toda esta manhã com Alexandre em lho buscarmos, cada hum por sua parte. Tenho pera mi, que se acolheo com a moça, porque as pousadas estão fechadas, e

<sup>1</sup> Está camanhos por tamanhos.

<sup>2</sup> Bravatas, ameaças.

não ha na vizinhança quem nos saiba dar novas delles.

ARNOLFO. Falemos-lhe, que elle nos guiará.

PINDARO. Deixay-o chegar, que perá cá vem.

CALIDONIO. A moça ainda oje soube, que era filha de Pindaro nosso cidadão, que morreo na India, muito bom homem, e meu amigo. Mas que presta, pois não tem nada, e se creou sempre em poder da mãe, não sei de qual delles he pera aver mór dor.

PINDARO. De quanta gente por aqui passa, ainda ninguem conheci senão estes.

CALIDONIO. Todo o homem prudente ha de pôr diante dos olhos o que pôde acontecer. Que remedio tivera eu agora pera recobrar a filha, e a fazenda, se ambas juntamente tivera entregues? Quantas cautélas se requerem pera a vida deste Mundo. Que homens são estes, que cá vem? parecem estrangeiros.

PINDARO. Eide ver se me conhece. Deos te salve, senhor honrado.

CALIDONIO. Assi o faça a ti tambem. Eu vi já este homem, se me não engano.

PINDARO. Não és tu Calidonio, filho de Alexandre, que foi muito tempo guarda mór desta Cidade?

CALIDONIO. Si, que he o que mandas?

PINDARO. Bem me parecia a mi, que te conhecia. Folgo de te ver, louvores a Deos, vivo, e são, posto que muito mudado do que te deixei.

CALIDONIO. Donde me conheces?

PINDARO. Daqui.

CALIDONIO. Estou enleado contigo, parece-me tambem, que te vi já, não me lembra aonde.

PINDARO. Não he muito, que o tempo, e a idade te fação desconhecer-me, mas já aqui vivi alguns dias.

CALIDONIO. Por certo, que me tens confuso, e muito mais em te ouvir isso.

PINDARO. Saber-me-ás dizer, onde pousa aqui huma mulher viuva chamada Cornelia?

CALIDONIO. Santa Maria, que assi me alvoraçaste. Se seu marido fora vivo, eu jurára que eras elle.

PINDARO. Assi o pôdes jurar sem peccado.

CALIDONIO. Como. Tu és Pindaro?

PINDARO. Eu, não te benzas, que vivo venho, louvores a Deos.

CALIDONIO. Tu és Pindaro, nosso Cidadão, que dous annos á que temos por morto?

PINDARO. Eu Calidonio, sou teu amigo Pindaro, que nosso Senhor trouve a esta terra milagrosamente.

CALIDONIO. Não o posso crer.

PINDARO. Este he Arnolfo meu filho, que daqui levei em idade de sete annos.

CALIDONIO. Ora verdadeiramente tu és. Ainda agora te conheci. Não deixarei de te abraçar, ainda que não queiras. Parece-me que sonho isto.

PINDARO. Sabe Deos camanhos dezejos trazia de ver a ti, e a todos meus amigos.

CALIDONIO. Tambem ey de abraçar teu filho. Benza-te Deos, filho, que assi vens feito homem.

ARNOLFO. Nessa conta me pôdes ter pera tudo o que mandares.

CALIDONIO. Oh senhor Deos, quamanhos são teus mysterios! Se soubesses ora, meu amigo Pindaro, quanto folgo com a tua vinda, espantar-te-hias.

PINDARO. Eu to creio certamente, e to mereço, pela boa vontade que te sempre tive.

CALIDONIO. Ora bem, que milagre foy este tamanho, que assi me tem pasmado?

PINDARO. São cousas de nosso Senhor. Passa de dous annos, e vay em tres, que partimos da India. Deu a tormenta comnosco, por nossos peccados, lançou-nos em terras estranhas, onde ouveramos de perder as vidas, e as fazendas.

CALIDONIO. Assi vos tivemos nós cá a todos por perdidos.

PINDARO. Fez-nos Deos depois tamanha mercê, que nos trouxe a este Reyno, saõs, e salvos, e não com muita perda, segundo forão os desastres.

CALIDONIO. Elle seja louvado pera sempre. Eu não te quero perguntar como vens, pois te vejo vivo.

PINDARO. Bem sey eu, que te não pezára nada de meu bem, que he, louvores a Deos, mais do que mereci.

CALIDONIO. Tu tens muita rezão de vires deseioso de ver tua mulher, e filha, e ellas muito mais de te verem. Mas porque as não espantes, vem-te a minha casa, descansarás, e far-lho-hão saber.

PINDARO. Deos te aguardeça<sup>1</sup> esse amor, e gaza-lhado. Eu trabalharei, que o não percas.

CALIDONIO. Espanta-me teu filho, que o meu Alexandre não he mais moço que elle, e vem (benza-o Deos) que parece seu pay.

ARNOLFO. São trabalhos, senhor, do mar, e de terras estranhas.

<sup>1</sup> Agradeça.

CALIDONIO. Por certo, que nesses quizera eu antes ver criado meu filho, que nos mimos de sua mãe. Peza-me não estar agora aqui, pera ir logo visitar Cornelia. Mas eis aqui vem Pilarte, irmo-ha chamar.

## SCENA III.

PILARTE, CALIDONIO, PINDARO, PINERFO.

PILARTE. Agora me vem a mi cor de rir, do desastre de Bristo. Quem me déra saber o que mais passou.

CALIDONIO. Pilarte.

PILARTE. Quem me chama?

CALIDONIO. Vem cá.

PILARTE. Nosso amo he, quem são os outros?

CALIDONIO. Vai-te a casa de Roberto, muito correndo, chama-me Alexandre, que lá ha de estar.

PINDARO. He esse Roberto nosso amigo antigo, com que nos criámos todos?

CALIDONIO. Esse, que não folgará ora pouco com tua vinda.

PINDARO. Agora devo mais a Deos, pois ainda acho vivos os meus amigos.

CALIDONIO. Ora vamo-nos daqui, que não queria que te ninguem conhecesse, primeiro que tua mulher.

PILARTE. Não me lembra, que visse nunca aquelles homens, nem creio que Alexandre os conhecerá.

PINERFO. Que pressa he essa?

PILARTE. O Pinerfo.

PINERFO. Onde vas?

PILARTE. A hum negocio, mas primeiro eide saber de ti, quem era aquella dama dontem?

PINERFO. Dá-o diabo. Todo o gasto foi perdido.

PILARTE. Como assi?

PINERFO. Trazendo-a Bristo comsigo (o que eu não posso acabar de crer) saltarão com elle huns bargantes, que lha tomárão; e o espancárão.

PILARTE. Por tua vida.

PINERFO. Quiz-nos Deos bem, toda a cea foy nossa. Annibal andou toda a noite correndo a Cidade, feito Mouro arrenegado do mar, e da terra. O fanchono foy-se por hy além, não sabemos parte delle, por onde eu suspeito, que tudo foy mentira.

PILARTE. Muito me contas. Mas todavia, quem era a senhora?

PINERFO. Huma moça muito fermosa, filha de huma viuva muito honrada, que aqui mora.

PILARTE. Como se chama?

PINERFO. Camilia.

PILARTE. Que me dizes?

PINERFO. Mas eu não o crerei, em que mo prégue<sup>1</sup> Dom Paulo.

PILARTE. Ay, ay.

PINERFO. Que hás?

PILARTE. Que graça tamanha.

PINERFO. De que te ris?

PILARTE. Deixa-me rir por tua vida.

PINERFO. Que he isso?

<sup>1</sup> Ainda que me prégue.

PILARTE. Ay que me afogo.

PINERFO. Zombas, ou que fazes?

PILARTE. Agora me não quero espantar de nada, pois esse fanchoño teve poder pera tanto.

PINERFO. Em que?

PILARTE. Em que? em roubar teu amo tégora, e per derradeiro zombar delle tão publicamente.

PINERFO. Sempre eu isso pera mi tive.

PILARTE. Pois não sabes como passa? Essa moça desdontem está casada com Lionardo, filho de Roberto.

PINERFO. Isso he certo?

PILARTE. Dar-te-hia o pay boa alviçara, e não fosse assi.

PINERFO. Como o sabes?

PILARTE. Basta áffirmar-to eu, o boitado do velho jaz em cama pera morrer de nojo.

PINERFO. Como póde ser. Que nos fomos esta noite, e oje pela manhã a casa della, e achámo-la fechada.

PILARTE. Como sesudas querias que estivessem hi aguardando o impeto de Roberto, e os terremotos, e bravuras de teu amo. Forão-se a casa de huma parenta sua, que ainda agora o soube de huma pessoa de casa, que mo disse em segredo.

PINERFO. Quem me dizia a mi, que tudo o deste marinello erão bulras, ou ladroices. Digo-te eu, se o meu amo sabe, que á mister cachorrinhos<sup>1</sup>. Mas eu não heide deixar de lho dizer, e hade ser logo, porque te não detenha.

<sup>1</sup> Allude ao costume que tinham os antigos de applicarem cachorrinhos á nuca dos doudos.

PILARTE. Fazes bem, que eu vou depressa. Mas eis cá vem Alexandre, que me tirará della.

## SCENA IV.

ALEXANDRE, PILARTE.

ALEXANDRE. Per derradeiro, o mór bem deste Mundo he cumprir homem seus desejos.

PILARTE. Junto daquillo está, que mór bem he não desejar, senão o que he licito. Oh Alexandre, tiraste-me de hum trabalho, agora ya eu em tua busca.

ALEXANDRE. Pera que?

PILARTE. Vem a casa, sabelo-has.

ALEXANDRE. Que negocios serãõ esses?

PILARTE. Chegãrão agora a teu pay huns hospedes, que eu não conheço, quer (parece) que te vejão.

ALEXANDRE. Sabes novas de Lionardo?

PILARTE. Sey.

ALEXANDRE. Que taes?

PILARTE. Que está com sua mulher.

ALEXANDRE. Com Camilia?

PILARTE. Com Camilia.

ALEXANDRE. Quem queres, que lhe não aja inveja?

PILARTE. Ainda lhe a este ficãrão fezes. Si, se o casamento fora só por estes tres dias.

ALEXANDRE. Oh, que val mais huma ora de contentamento, que mil annos de desgosto.

PILARTE. Hy verás tu, quanta mercê te Deos fez, que queres que faça o coitado, com a mulher, e sogra

ás costas, escornado<sup>1</sup> do pay, e dos parentes, de que as ha de manter? onde o ha de ir buscar? que vida ha de ter? Tu não deitas estas contas?

ALEXANDRE. Deos que os ajuntou, lhes dará com que vivão.

PILARTE. Espera tu por esses milagres.

ALEXANDRE. O caso he, eu mais quizera agora ser Lionardo com todas as paixões de seu pay, que Alexandre com os mimos do meu.

PILARTE. Olha o que falas, não te colha Deos em soberba. Dá ao demo esse amor cêgo, que te cêga, abre os olhos, conhece teu bem. Não te lembre Lionardo, nem Camilia, senão pera haveres dó delles, que tu verás este gostozinho de appetite convertido em lagrymas de arrependimento. Deixa-os estar embora, que no suor de seus rostos viviráo. Vamos, que tardamos muito.

ALEXANDRE. Tu vês aquelle doudo, como vem enfiado.

PILARTE. Por vida tua, que lhe fuçamos, que vem danado, contar-te-ey de que, e consolar-te-ás.

## SCENA V.

ANNIBAL, MONTALVÃO.

ANNIBAL. Tamanha injuria como esta hey de sofrer eu, Montalvão? Antes morte. Seria isso paciencia de cornudo. Se não faço cousas, que soem em todo o Mundo.

<sup>1</sup> Maltratado, perseguido.

**MONTALVÃO.** Pasmado estou de hum fanchono se atrever contigo tanto, não o posso crer.

**ANNIBAL.** Vem-te por aqui, que me não ha de escapar no Ceo, nem na terra.

**MONTALVÃO.** Nem no Inferno.

**ANNIBAL.** Onde o achar, hí o hey de deixar posto num páo á vista de todos.

**MONTALVÃO.** Outrem te tem a ti mór culpa.

**ANNIBAL.** Quem?

**MONTALVÃO.** Quem se casou com ella. -

**ANNIBAL.** E quanto cuidas tu, que ha de durar este casamento?

**MONTALVÃO.** Já elle pera minha condição dura muito.

**ANNIBAL.** Dá-me tu, que o possa eu logo achar?

**MONTALVÃO.** Descubri-lo-ha o diabo. Se elle sabe o que te tem feito, como queres que pareça?

**ANNIBAL.** Todolos diabos me enganarão, e me trouverão a esta terra, que sendo em todas as outras honrado, amado, e temido de grandes, e de pequenos, aqui me vejo de todos desprezado, e abatido.

**MONTALVÃO.** Bem te dizia eu, que tudo vay no foro, em que se os homens põe.

**ANNIBAL.** A la fé, si.

**MONTALVÃO.** Se tu aqui entráras com soga<sup>1</sup>, e cutélo, como fazias em outras partes, ninguem te levantára os olhos.

**ANNIBAL.** Dizes verdade, eu tenho a culpa.

**MONTALVÃO.** Ás vezes he necessaria a cólera, e necessario seguí-la.

<sup>1</sup> Baraço, corda.

ANNIBAL. Não, eu virarei a folha, e emendarei o passado.

MONTALVÃO. No presente temos nós bem que fazer, e ey medo que não façamos nada.

ANNIBAL. Como nada, quando os não achasse, queimar-lhe-hia as casas, e a fazenda.

MONTALVÃO. Que lhe fizeras por tua vida, se o aqui tiveras?

ANNIBAL. A quem, ó Bristo?

MONTALVÃO. Não falo nesse. Vergonha tua seria çu-jares as mãos nelle, deixa-o pera as minhas. Mas a Lionardo digo?

ANNIBAL. Esse rapaz, e a rapariga, porque não soube conhecer o bem, que lhe Deos fazia, hum ao outro os ouvera de fazer comer aos dentes.

MONTALVÃO. E se elles não quizerão?

ANNIBAL. Comera-os eu cos meus.

MONTALVÃO. Ambos?

ANNIBAL. E ficára ainda faminto.

MONTALVÃO. Boa sepultura lhes davas. Mas hey medo arrebertasses?

ANNIBAL. Riste, e gracejas. Bom tempo he este pera graças. Deixa-as pera quando eu estiver gracioso.

MONTALVÃO. Isto não são graças, mas raivas, que eu tenho de tua deshonra, que mais a sinto do que cuidas. E pera saberes se he assi, faze o que te disser.

ANNIBAL. Que?

MONTALVÃO. Parece-me que te dou bom concelho.

ANNIBAL. Espritasse <sup>1</sup> ora Deos em ti.

<sup>1</sup> Inspirasse-te Deos. O verbo espiritar, hoje obsoleto, é de grande energia e excellente derivação.

**MONTALVÃO.** Se te parecer bem, sigue-o. Se não recebe a vontade.

**ANNIBAL.** Dize?

**MONTALVÃO.** Este moço, em quanto souber que és vivo, escusado he buscarmo-lo.

**ANNIBAL.** Assi me parece.

**MONTALVÃO.** Senão, se te elle não teme.

**ANNIBAL.** Avante.

**MONTALVÃO.** Dissimulemos com o negocio.

**ANNIBAL.** De que maneira?

**MONTALVÃO.** Eu to direi, faze-te morto, e quando virmos bom tempo, resurgirás pera lhe dares a morte.

**ANNIBAL.** E como se fará isso?

**MONTALVÃO.** Muito bem. Vay-te á tua comenda.

**ANNIBAL.** Ouço.

**MONTALVÃO.** Viste-me de dó.

**ANNIBAL.** Entendo.

**MONTALVÃO.** E eu virei cá pregoar as novas.

**ANNIBAL.** Deixa-me cuidar hum pouco.

**MONTALVÃO.** Este he o melhor remedio que vejo. O tempo, e o negocio não sofrem outro.

**ANNIBAL.** Si. Mas minha tenção era não prolongar a vingança, que mo não sofre o estamago.

**MONTALVÃO.** E eu por encurtar to digo. Que te parece? Assentas nisto?

**ANNIBAL.** Que hey de fazer, pois não tenho outro remedio?

**MONTALVÃO.** Que farey? Quanto Bristo, da manhã por diante, onde quer que o vires, benze-te delle.

**ANNIBAL.** Mas rogo-te, que mo tragas perante mi, porque gostarêi muito de o ver morrer.

**MONTALVÃO.** Ora vay-te pera casa, dissimula fortemente, e deixa-me com o cargo.

**ANNIBAL.** Se me isto fazes, hey-te de fazer meu herdeiro.

## SCENA VI.

## MONTALVÃO.

Vede se he isto cousa, pera fazer arrebenatar de riso os homens, e as pedras. Não sei como pude dissimular tanto. Nunca tal graça aconteceo no Mundo. Eu por huma parte hey dé deste coitado, que não seja mais, que pelo pão que lhe como. D'outra parte, quando o vejo tão doudo, que quereis que faça? Folgo de o aticar pera o ver birrento, aindaque ás vezes he muito perigoso, mas nunca o eu vi tão acezo como hoje. Des que lhe Pinerfo foy com aquellas novas, cousas disse em casa, que se não póde crer. Senão pegáramos d'elle, sahia já como hum doudo com a espada nua, pera matar quantos achasse por essas ruas, sem lhe lembrar vida, nem honra, quiz Deos que o desviei disso, agora com este meu conselho amançou mais. Não vedes que graça? Que o que lhe eu dizia zombando, metteo-se-lhe em cabeça, que me dá a mi? Per derradeiro, tudo me cae em casa, escusarei brigas, e perigos, darey com elle nessa sua comenda, entregar-me-hey do que puder, e irey ganhar minha vida. Quem terra muda, muda ventura. Calejado vou que farte, não ha mal que possa comigo; e quando a fortuna tanto mal me fizesse, ainda presta-

rei pera chocarreiro de hum Príncipe, que he o melhor officio, que se agora usa. Mas á mister mais sizo que todos. E elles cuidão, que anda em doudos. Vede vós qual he mais doudice? Que festa he esta, que eu ouço? Que novidade he esta? Se endoudeceo este com as pancadas? Já hey de saber o que he.

## SCENA VII.

BRISTO, MONTALVÃO.

BRISTO. Não se espante ninguem de me ver tão doudo, que o dia he de prazer, e de festa.

MONTALVÃO. Este vos digo eu que vive, todo o mais he vento.

BRISTO. Quamanhos são os milagres de Deos, que em hum momento a tristeza de muitos tempos muda em alegria, a pobreza em riqueza, a fortuna em prosperidade.

MONTALVÃO. E tuas lagrymas em riso.

BRISTO. Não aja ninguem, que se não alegre comigo. Alegrai-vos todos, folgai, festejai, não se veja oje senão alegria, e festa.

MONTALVÃO. Bristo, que cousa he esta? donde veo agora o adufe?

BRISTO. O Montalvão, quanto folgo de te achar.

MONTALVÃO. Mais folgára Annibal de achar a ti. Mas a que Sancto vay isto?

BRISTO. A hum Sancto, que me livrará das mãos

deste diabo. Já passou o tempo, que eu morria de seus medos.

MONTALVÃO. E porque não agora?

BRISTO. Porque já tenho por mi na terrã senhor, pay, e defensor. De que me vês tu tão alegre?

MONTALVÃO. Hum anno ha que to pergunto.

BRISTO. Pois sabe, que Pindaro, pay de Camilia, que todos tinhamos por morto, chegou agora vivo, e são.

MONTALVÃO. Am?

BRISTO. E seu filho comsigo, muito ricos ambos, e muito prosperos.

MONTALVÃO. Zombas?

BRISTO. Eu tos mostrarei logo.

MONTALVÃO. Maravilhas me contas.

BRISTO. A nossa Camilia, que estava casada com Lionardo, está agora muito contente, e muito rica.

MONTALVÃO. Pasmado estou do que me dizes?

BRISTO. A mi que o sei, e que os vi, me parece sonho, estando nós oje muito escondidos em casa de Artusa, foy ter comnosco Alexandre com estas boas novas.

MONTALVÃO. Jesu, essas mulheres ficarião mortas.

BRISTO. Assi o não pudérão crer logo, mas desque o crêrão, cairão no chão, taes, que as davamos por defuntas.

MONTALVÃO. Nunca tamanho prazer aconteceo no Mundo.

BRISTO. Forão-se logo lá meas doudas.

MONTALVÃO. Onde?

BRISTO. A casa de Calidonio, que os agazalhou. An-

tes que se dahi partissem, se fizerão amizades com Roberto, que estava pera morrer de nojo. E pera que o prazer coubesse a todos, ordenárão-se casamentos de Alexandre com a irmã de Lionardo, e a irmã de Alexandre com Arnolfo, filho de Pindaro.

**MONTALVÃO.** Não sei que diga a isso, são cousas de Deos.

**BRISTO.** He agora lá o prazer, e o alvoroço, assi nos velhos, como nos moços, que não ha quem não folgue de os ver a todos.

**MONTALVÃO.** Coitado de Annibal, elle he o que leva o mal todo.

**BRISTO.** Se tu agora quizeres minha amizade, saberás quam boa te será sempre.

**MONTALVÃO.** Quem queres tu que a não tenha contigo, pois és tão ditoso, que tudo te sahe bem.

**BRISTO.** Ajudando-nos hum do outro, eu te seguro, que antes de hum anno sejamos Reys nesta terra.

**MONTALVÃO.** Digo que sou muy contente. Mas he necessario, que cumpra com Annibal, que está de caminho pera a sua comenda, como o lá puzer, logo sou contigo.

**BRISTO.** Sabe elle já parte do casamento?

**MONTALVÃO.** Está hum hereje sem ley, e sem alma.

**BRISTO.** Mettia-se-lhe em cabeça, que havia eu de deshonnar tão boa filha, e a que Deos tinha tanto bem guardado. Ensinar-se-ha pera outras.

**MONTALVÃO.** Dou-te quanto tenho, que os diabos do Inferno se não atreverão a tanto.

**BRISTO.** Se quizeres ter quinhão nas vodas, detem-te hum par de dias.

MONTALVÃO. Quando se fazem?

BRISTO. Logo este Domingo.

MONTALVÃO. Pera lá me guardo.

BRISTO. Ora vay consolar teu amo, que eu ando festejando este bom dia.

*Valete, et plaudite.*

FIM DA COMEDIA DE BRISTO.



# COMEDIA DO CIOSO

FEITA PELO DOUTOR

ANTONIO FERREIRA.

---

PESSOAS DA COMEDIA :

BROMIA, velha.	BERNARDO, mancebo Portuguez.
JULIO, marido de Livia.	OCTAVIO, mancebo Venezeano.
LIVIA, sua mulher.	FAUSTINA, cortezã.
ARDELIO, pagem.	PORCIA, matrona, mãy de Livia.
JANOTO, pagem.	VALERIO, velho Venezeano.
CLARETA, moça de casa.	INACIO, velho Portuguez.
CESAR, velho, pay de Livia.	

---

ACTO 1.

---

SCENA 1.

ENTRA LOGO BROMIA SO, E DIZ:

Ay, ay, homem que taes justiça faz, Jesu, como não entende a justiça nos ciosos, como nos doudos, que doudos ha, que não fazem tanto mal. Coitadinha de ti, Livia, minha filha, e minha senhora, que eu criei a estes peitos, pois que pera tão más fadas te criava, não ouvera de aver amor no Mundo, se do

amor, como elles dizem, vem a tanto mal; mas quanteu não sei como póde ser, nascer de amor obras de odio, e de crueza. Estes negros casamentos quem os acertára, bom pay, máo pay, ó máo pay, malaventurado casar, que estimasse mais o dinheiro, que tua filha, que podias tu esperar de hum doudo, criado sem pay, em tavernas, e em frascarias, mal ajão as suas riquezas, e os seus tratos, pois que tão mal nos tratarão. Que prestão as riquezas sem homem, que não seja melhor o homem sem ellas. Este ter, este não ter faz desfazer os casamentos, que as virtudes, e os vicios avião de fazer, e desfazer. Quantas vezes ouvi dizer a minha mãe, que Deos perdoe : Filha, no tempo que o ouro valer mais que as pessoas, mette-te numa cova; e eu assi o fizera, se pudéra acabar comigo de deixar só Livia, mas não posso, criey-a. Determino morrer com ella, que segundo a cousa vay, não tardará muito, que se não passa dia, nem noite, que o desastrado não estire a coitadinha no chão sem folego, tal, que parece que não fica já pera outras. Então não lhe ha de escapar ninguem em casa, que não sinta a sua ira.

## SCENA II.

MISCER JULIO (CIOSO), BROMIA.

**JULIO.** Veremos quem póde mais, se hey eu de viver comvosco, se vós comigo.

**BROMIA.** Hei-lo vem, coitada, cansou na mulher, e virá descansar em mim.

**JULIO.** Que he desta boa velha?

**BROMIA.** Que me queres?

**JULIO.** Que boa guarda? que boa ama?

**BROMIA.** Ay Julio.

**JULIO.** De quem me eu confio, sobre quem eu deixo minha honra muito segura.

**BROMIA.** Que te fiz, coitada de mi?

**JULIO.** Nada, zombo.

**BROMIA.** Que te fiz? que te fiz?

**JULIO.** Faço isto por meu passatempo.

**BROMIA.** Taes passatempos te dê Deos nesta idade, se a ella chegares, mas que nunca o elle queira.

**JULIO.** Ah pezar de mi, não hey eu de viver?

**BROMIA.** Vives mais do que mereces.

**JULIO.** Não hey eu de ter casa como os outros?

**BROMIA.** Sê tu como elles, cuja culpa.

**JULIO.** Não terey eu huma mulher como as outras?

**BROMIA.** Não terá ella como os outros.

**JULIO.** Que tem vergonha, e medo de seus maridos.

**BROMIA.** Que as tratão com amor, e honra.

**JULIO.** Que resmugas<sup>1</sup> tu estando?

**BROMIA.** Que tal marido lhe fosses tu, como te ella he mulher.

**JULIO.** Tal mulher me fosse ella, qual lhe eu sou marido.

**BROMIA.** Assi a mereces tu.

**JULIO.** Que he isso?

<sup>1</sup> Resmugar dizia-se outr'ora na mesma accepção que hoje dizemos resmungar, fallar entre dentes.

**BROMIA.** Que lhe achas, de que te queixas, porque a matas, e a mi com ella?

**JULIO.** Parece que sou páo, ou pedra.

**BROMIA.** Mas és peor que páo, e pedra.

**JULIO.** Assi zombão do que eu faço, assi fazem o que eu mando.

**BROMIA.** Ay Julio, quanto debes a Livia, e quam mal lho agradeces.

**JULIO.** Vou-me de casa, deixo as janellas fechadas, as frestas tapadas, as portas que se não abirão, requeiro, rogo, mando, e ameaço, que se não bula com ellas, até que eu tórne, que aproveita?

**BROMIA.** Vedes alli todos seus males.

**JULIO.** Torno, acho logo sinais, as janellas mal juntas, que parece que então as acabárão de cerrar, as frestas, que entra o Sol por ellas á vontade.

**BROMIA.** Avemos de viver sempre em trévas?

**JULIO.** Si.

**BROMIA.** Porque?

**JULIO.** Porque eu quero.

**BROMIA.** Basta.

**JULIO.** Não sou eu o Rey nesta casa, não guardaráo as leys que eu ponho?

**BROMIA.** E as outras assi vivem?

**JULIO.** As boas vivem assi.

**BROMIA.** Como te enganas.

**JULIO.** Os sesudos assi o fazem.

**BROMIA.** E pera que fez Deos o dia?

**JULIO.** Pera os homens.

**BROMIA.** E não pera as mulheres?

**JULIO.** Não, em sua casa baste-lhe huma candeia, que não nacêrão pera negociar fóra.

**BROMIA.** Essas leys lhe puzestes vós outros, que mulheres ha no Mundo, que governão seus maridos.

**JULIO.** Desses não quero eu ser, e isso he o que trabalho.

**BROMIA.** E se a tu deixas fechada num antresolho<sup>1</sup>, escuro, e sem fresta, e sem janella, que te temes das janellas?

**JULIO.** Oh velha parvoa, que não basta pera o Mundo a virtude secreta, mas não aver suspeita de maldadé.

**BROMIA.** De quantas janellas tu vês abertas por essas ruas, de todas tu suspeitas mal?

**JULIO.** De todas.

**BROMIA.** E das mulheres honradas, que vão, ou vem das Igrejas, e de visitações de suas amigas?

**JULIO.** Destas mais á duvida.

**BROMIA.** Que Juiz de virtudes.

**JULIO.** A quem dão mais licença do que convêm, mais quer do que he bem, e seus maridos, que lhe essa treladão, bem lho merecem.

**BROMIA.** Isso fazia teu pay.

**JULIO.** Não tinha elle mulher, a que fosse necessario mais guarda, que sua vontade.

**BROMIA.** Não tens tu mulher, de que ella, e todas as outras não possam aprender muita honra, e muita virtude, e honestidade?

**JULIO.** Bem o mostra.

**BROMIA.** Ainda mais dissimular tuas corolas<sup>2</sup>, so-

<sup>1</sup> Chamamos antresolho o espaço que medeia entre o chão e o sobrado, a que os antigos denominavão de antresolho.

<sup>2</sup> Está corola em vez de colera.

frer tão duro cativoiro, sem se aqueixar a Deos, nem ao Mundo?

**JULIO.** Não faça porque.

**BROMIA.** Que hum coração de pedra.

**JULIO.** Não se aqueixará.

**BROMIA.** Não poderá com tanto.

**JULIO.** Mulher, que a cinte quer infamar seu marido.

**BROMIA.** Tu infamas a ti, e a ella.

**JULIO.** Não hei eu de ouvir falar em cornudos, sem me vir cor ao rosto.

**BROMIA.** Máos dias, e negros, e poucos sejam os teus, e que culpa te tem ella nisso?

**JULIO.** Quero andar com meu rosto muito seguro, e muito confiado, e não me deixão.

**BROMIA.** Quem te não deixa?

**JULIO.** Meus peccados, que me forão cativar tão miseramente.

**BROMIA.** Delles te vinga, ou de ti, pois te casaste.

**JULIO.** Ora não mais, não sei se esperas, que faça meus esconjuros, como faço cada vez que sayo destas casas.

**BROMIA.** Dos quaes tens bem pouca necessidade.

**JULIO.** Mas pera que? eu tornarei então.

**BROMIA.** Tornar queiras, e não possas.

**JULIO.** Lembrou-me agora, que se me escusou aquella senhóra com a visitação de sua mãy, digo que não quero, que pay, nem mãy, nem irmão, nem parente, nem vizinho, nem amigo, nem amiga, nem compadre, nem comadre, nem Rey, nem Rainha, nem que venhão do Paraiso, entrem nesta casa.

**BROMIA.** Má ora venhão a casa do diabo.

**JULIO.** A boa ventura, que te venha bater á porta, não quero que lhe abras.

**BROMIA.** Dessa estás tu seguro, eu te prometto, que primeiro botarás a má ventura fóra.

**JULIO.** Não digão depois, veyo foão, mandou foão, forão a casa de foão.

**BROMIA.** Agora quero eu estar á razão contigo, não queres ter prestança, nem vizinhança, como se costuma antre gente?

**JULIO.** Não.

**BROMIA.** Não usarás do emprestimo, pera que o aches?

**JULIO.** Não, não.

**BROMIA.** Se nesta casa for necessario fogo, ou agoa, ou outra cousa, ou a vierem pedir de fóra, não queres?

**JULIO.** Não, digo que não quero esse fogo, e se em casa o houver, mata-o logo, porque não aja razão de o virem buscar. A agoa digão que fugio, pineira, joeira, gral, caldeira, e tudo mais, que as importunas vizinhas soem pedir, dize-lhe que o não ha hi, e que vierão os ladrões, e que o levárão.

**BROMIA.** E quem me crerá isso?

**JULIO.** Se to não crerem, que se enforquem, que não quero que em minha casa entre ninguem, sendo eu fóra. Ah pesar de meu pay, não me valerá a mi isto.

**BROMIA.** Mas direi, e apregoarei, que he esta casa excommungada, e que não communique com ella.

**JULIO.** Dize que he excommungada, e que morrem de péste nella. Dize, que andão nella todolos diabos, ou que está encantada, de maneira, que quem nella entra sem minha licença, logo morre.

**BROMIA.** Mas depois de tua morte eu te prometto, que elles o aguardem.

**JULIO.** Que dizes?

**BROMIA.** Que te não aqueixes do comer, que achares, pois sem agoa, e sem fogo o queres.

**JULIO.** Contentamento queria eu.

**BROMIA.** Bem creio eu, que vens tu de lá bem farto de banquetes, e a coitadinha de Livia não se farta de lagrymas.

**JULIO.** Desque ella for de tua idade, pôde ser que então sairá cá pera fóra.

**BROMIA.** Bom geito leva de chegar lá, e mais com tal esperança.

**JULIO.** Mór bem lhe quero eu de que tu cuidas.

**BROMIA.** As obras o dizem.

**JULIO.** Ora eu vou.

**BROMIA.** Em ora, que nunca tornes.

### SCENA III.

RECOLHE-SE. FICA JULIO SO.

Oh com que trabalhos sayo desta casa, o corpo anda pelas ruas, a alma cá fica espreitando as janellas, o porque hey mór inveja aos Reys, e Principes, porque são tão bemaventurados, que vem os homens aos negocios, e passatempos buscá-los a suas casas. Se me não fora por fazer costumes novos, fechára estas portas, aquellas janellas mandara-lhes deitar humas travessas. Mas antre tantos parvos, de força

he que o seja. Não guardarei eu meu thesouro, e minha honra, e minha fama, rim-se, e não vem os cégos quanta differença vay da mulher á bolsa, morrem sobre hum pouco de ouro, que se acha por esse chão, cavão-no, e escondem-no, e vigião-no, e tem-no em reliquias, e nem elles mesmos o tocão. E a mulher, que he o seu verdadeiro thesouro, deixão-no, desprezão-no, e offerecem-no aos ladrões, chama a hum destes confiado, e hum homem que he de espirito, que estima sua mulher, que he perdido por ella, e como de pouco experimentados no Mundo, vos vem a vós outros parvos estes enganós, quem anda, quem ouve, quem vê por terras estranhas, fará o que eu faço. Oh que boa mestra he a experiencia, por isso dizia o outro bem, que mais proveito recebião os sezudos dos parvos, que os parvos dos sezudos, os parvos me ensinarão, e não acho hum só, que queira aprender de mi. Deixai viver estes confiados, eu quero-me confiar de mi, e dos meus olhos, que não he ainda segura confiança, mas não ha outra. Minha mulher desde foy comigo á porta da Igreja, não sairá, senão pera a cova, quando eu primeiro morrer, e ella for tão ditosa, então levará boa vida, os meus filhos creerei que são meus, os alheos suas mãys o saibão. E não parece senão, que quanto me mais guardo, então a cinte vejo mais continuar por esta rua galantes, namorados, ociosos, más caras, invenções, arroidos de noite, asovios, brados, musicas, e por estroutras todas não. Onde estará o fumo sem fogo, onde estarão os olhos que se encubirão, mas a mi me parece certo melhor os de Faustina, se fosse eu em tão boa ora, que os visse, mas que presta, que desde

cazey, todas me fogem, todas me querem mal. Oh em que trabalho se mettem os homens, lembrar-me-á de que maneira ficão estas portas.

SCENA IV.

VAY-SE JULIO. ENTRA BROMIA, E LIVIA.

BROMIA. Ja lá vay o cazeiro, bem podeis sair.

LIVIA. Ay minha ama, minha amiga, que vida he esta? que cativeiro he este? quem me matou? quem me cativoq? quem me levou a terra de mouros?

BROMIA. Senhora, não choreis, que vos ouviráõ?

LIVIA. Que não chore, e isso me mandas tu.

BROMIA. Que presta, coitada de mi, pera que he chorar, o que com lagrymas se não póde remediar.

LIVIA. Desabafo com ellas, abre-me essas portas, que me quero ir gritando por toda a vizinhança, como huma douda.

BROMIA. Passo<sup>1</sup>, por amor de Deos, passo, que te ouviráõ.

LIVIA. Ouça, veja-me, acuda-me todo o Mundo.

BROMIA. Livia, sizo.

LIVIA. Quero ir ás ruas, e ás praças, clamar, e bradar, pedir justiça de mi, e de meu pay, e de quem me mata.

BROMIA. E de ti, de que?

LIVIA. Porque fuy tão má, e tão parvoa, que por obedecer a meu pay, deixey de me casar com Ber-

<sup>1</sup> Paciencia.

nardo, que me levava pera Portugal, sem querer de mi mais, que minha pessoa.

BROMIA. Não te arrependas, que melhor he a má vida na natureza, que a boa na alhea.

LIVIA. E a isto chamas tu vida?

BROMIA. Nunca ouviste, filha, que melhor he a má mocidade, que a boa velhice.

LIVIA. Velhice, mate-me Deos antes, que daqui me bula.

BROMIA. Guarde-te Deos de tal, minha filha.

LIVIA. Oh minha mocidade tão mal empregada. Oh meus cabellos douro tão maltratados.

BROMIA. Livia.

LIVIA. Oh minha Bromia, minha velha que me criaste, quão bem to pago.

BROMIA. Livia, filha.

LIVIA. Oh meu pay, que me vendeste, e não me casaste cruel, que em tal cativo me meteste.

BROMIA. Senhora, não te mates, não te aqueixes do que Deos faz, que quando te não precatares será contigo.

LIVIA. Bernardo, Bernardo, como te mereço isto?

BROMIA. Enganas-te com estes Portuguezes.

LIVIA. Este ao menos não me engana.

BROMIA. Já ouvi dizer, que sabião melhor fingir humas lagrymas, que nós mesmas.

LIVIA. Nos seus olhos via eu como as lançava, e elles me falavão a verdade, e elles me promettêrão o pera que eu não fuy.

BROMIA. E quem tolhia, que não tiveras lá a mesma vida sem mãy, que te déra outras chaves falsas pera teu folego.

LIVIA. De quem me tamanho bem queria, não se podia esperar isso.

BROMIA. Quanto elle mayor he, dizem elles, que môres estremos faz que estes.

LIVIA. Quem diz isso?

BROMIA. Teu marido, que do muito amor que te tem, diz que vem guardar-te tanto.

LIVIA. Tal lho tenham, e mostrem por onde quer que for, praza a Deos.

BROMIA. Tu estás aqui, e não sabes o que vay pelo Mundo, não deve de ser elle só, já ouvi contar doutros, e doutras.

LIVIA. Boa consolação me dás.

BROMIA. A quem tem os males sem cura, filha, não se dá outra.

LIVIA. Por isso eu não posso ter paciencia, coitada de mi, moça parvoa, enganada, onde pudéra eu ir que não vivêra, ou não morrêra.

BROMIA. Coitada de tua mãy, que tantas lagrymas lhe tem as tuas custado, que sempre refusou este negro casamento.

LIVIA. Conhecia este diabo, conhecia-o.

BROMIA. Parece que sinto bater á porta.

LIVIA. Ay, vê se he elle, que já tardava.

BROMIA. Fuge, que elle he.

LIVIA. Vem-me fechar, Bromia, antes que lhe abras. Oh morte, que vida he esta?

## SCENA V.

SAE-SE LIVIA. ENTRA JULIO, E BROMIA.

JULIO. Bromia.

BROMIA. Que mandas?

JULIO. Se aqui vier hum mancebo esquerdo Espanhol, ou recado seu, digão-lhe que não pouso aqui.

BROMIA. Afadigado vem.

JULIO. Ouves?

BROMIA. Como posso eu negar o que se póde saber da vizinhança?

JULIO. Tens razão, dize-lhe que sou fóra.

BROMIA. Da Cidade?

JULIO. Mas que me mandou chamar o Duque, isto he mais verisimil, ouves, em chegando me mandou chamar.

BROMIA. Que medos serão estes.

JULIO. Eu irme-ei a casa de Alberto, irei jogar este anel, que levava pera Faustina.

BROMIA. Irte-á lá buscar.

JULIO. Vá se quizer, ou lhe dize, que costume lá tardar muito.

BROMIA. Que torne á tarde.

JULIO. Não, má pascoa tenhas, não quero que me ache aqui, nem em outra parte.

BROMIA. Teme-se. E se aqui quizer esperar?

JULIO. Como esperar, onde ha de esperar?

BROMIA. Por essa rua pública, quem lho tolhe.

**JULIO.** Má velha, tu estás bebada, dize que não espere, que não quero.

**BROMIA.** Hei-lhe de dizer que te não espere, que não queres?

**JULIO.** Não digo assi, ha-me de deter, até que o outro venha.

**BROMIA.** Pois que dizes?

**JULIO.** A ti digo eu, que não quero que me espere, nem que cá entre, nem que sómente fale contigo.

**BROMIA.** Como lho tolherei eu?

**JULIO.** Tolhe-lhe logo a practica, e dize não he aqui, e fecha logo a janella.

**BROMIA.** E se tu não queres que fale comigo, como hey eu de falar com elle?

**JULIO.** Nunca vi velha tão pernostica, cuido que o faz a cinte, se lhe puderes deixar de falar, não lhe fales.

**BROMIA.** Jesus, que esconder de ladrões he este, se dizes mais?

**JULIO.** Não ha, nem sei se perguntará mais.

**BROMIA.** Se algo <sup>1</sup> deves á justiça, ella te descubra.

**JULIO.** Parece-vos que me veo bom alvitre, mancebo desposto, lustroso, gentil-homem, Espanhol, e creio ainda, que Portuguez, levay-o a vossa casa, mostray-o a vossa mulher, agazalhay-o de noite, e de dia. O bom de Benedito, o que costume<sup>o</sup> em Genoa <sup>2</sup>, cuida que sou eu obrigado a fazer cá; se elle he liberal de sua mulher, eu sou muito escasso da minha, encommende-me elle outras cousas de boa amizade, achar-me-á.

<sup>1</sup> Alguma cousa.

<sup>2</sup> Genova.

## ACTO II.

## SCENA I.

SAE-SE JULIO. ENTRA ARDELIO, JANOTO,  
E BROMIA.

ARDELIO. Não ha tal homem no Mundo, hum Alexandre, a mulher he pera ser senhora de Genoa, fermosa, reverenda, liberal, prazenteira.

JANOTO. Agora te creo, porque nestas cousas a mulher he o principal.

ARDELIO. Que mais nos agazalhava com seu rosto, que com iguarias, e mimos.

JANOTO. O homem queria eu na praça, e a mulher em casa.

ARDELIO. E tambem he já costumada a banquetes, Benedito, como digo, he grosso, e largo, não passa dias sem tres ou quatro homens.

JANOTO. Que taes queixadas trazes!

ARDELIO. Pois digo-te, que emmagreci na não.

JANOTO. De que mal se te enxerga.

ARDELIO. Assi de ensoado <sup>1</sup>, como de humas certas saudades, que lá ficão.

JANOTO. De quem está bem fóra de as ter de ti.

ARDELIO. Mas as alheas sinto eu mais que as minhas.

JANOTO. Avia de aver hum espelho público, onde se os homens vissem.

ARDELIO. E a que preposito?

JANOTO. Por escusar enganos, que estão em o Mundo.

ARDELIO. E pera que, se cada hum os tem em sua casa.

JANOTO. E se esses não falão verdade.

ARDELIO. Dá ao diabo esses amores velhos, que sempre reverdecem.

JANOTO. Como assi?

ARDELIO. Via lá fermosas, falava com fermosas, nenhuma achava, que merecesse o nome de fermosa, senão Livia. Quando lhe lembra seu pay, que á cinco annos que deixou de o ver.

JANOTO. Esqueça-lhe.

ARDELIO. E na verdade, posto que aquella terra seja bem abastada de bons olhos, e de boas graças, já vereis que cousa he Genoa, eu os não vi taes, quaes os ella tem.

JANOTO. Tinha, ouveras de dizer.

ARDELIO. Porque?

JANOTO. Porque já os não tem.

ARDELIO. Comó não tem?

JANOTO. Agora sabes, que não vê.

<sup>1</sup> Enjoado.

ARDELIO. Não vê?

JANOTO. Não vê Sol, nem Lua, nem terra, nem gente, chamas tu a isto vê?

ARDELIO. Jesu, que foy isso, cegou?

JANOTO. Arrancou-lhe os olhos seu marido.

ARDELIO. Arrancou-lhos!

JANOTO. Diz que lhe dava com elles má vida.

ARDELIO. Tal á no Mundo!

JANOTO. Espanta-me, como és boçal.

ARDELIO. Já te entendo, metes-me em confusão.

JANOTO. Desque a coitada casou, anda em rifão por toda a vizinhança.

ARDELIO. Moffina <sup>1</sup> moça.

JANOTO. Marido tão desagastado, que anda cêgo, chama aos outros cêgos.

ARDELIO. De maneira, que a matarão em vez de a casarem.

JANOTO. Mas não lhe fizerão ainda tão boa obra.

ARDELIO. Quem he elle, come se chama?

JANOTO. Micer Julio.

ARDELIO. Micer Julio?

JANOTO. Si

ARDELIO. Mercador?

JANOTO. Mercador.

ARDELIO. Onde mora?

JANOTO. Aqui junto de S. Marcos pera onde imos.

ARDELIO. Ora não mais, entendido he.

JANOTO. E porque dizes isso?

ARDELIO. Sabes tu onde nós hiamos?

JANOTO. A casa do teu hospede, me disseste.

<sup>1</sup> Desgraçada.

ARDELIO. Sabes quem he?

JANOTO. Como o hei eu de saber, se mo não dizes.

ARDELIO. O hospede que nós vinhamos buscar, a que te disse que demos a carta de Benedito pera nos agazalhar.

JANOTO. Si.

ARDELIO. He esse Micer Julio.

JANOTO. Certo.

ARDELIO. Senão se me tu mentes.

JANOTO. A que hospede negro vinhamos, e que negro hospede lhe vinha, bom acerto foi o do nosso encontro, parece-me que foreis á estalagem.

ARDELIO. Nós nos espantamos da maneira, que se tornou em lendo a carta.

JANOTO. Conhecia-vos elle?

ARDELIO. Nós ao menos não o conhecemos.

JANOTO. Como se escusou?

ARDELIO. Não se escusou, nem nos falou, fez que hia falar a hum homem, e nós quando nos precatámos, não o vimos.

JANOTO. Nem o has de achar.

ARDELIO. Cuidámos que chegava a casa dar recado.

JANOTO. Diria que o negassem, e fechar-sey-a a mil chaves.

ARDELIO. Como faz a sua mulher? todavia, chegemos lá.

JANOTO. Aqui me parece que he.

ARDELIO. Santa Maria, isto he mosteiro, e gente vive aqui.

JANOTO. Huma gente estranha, que não tem nunca dia, não ouviste já dizer, que a avia no Mundo.

ARDELIO. Eu bato.

BROMIA. Quem está ahí?

ARDELIO. Hum recado ao senhor Micer Julio<sup>1</sup>.

BROMIA. Não he cá.

ARDELIO. Não sae á janella.

JANOTO. Nunca, senão quando elle lá está, e ainda por regra.

ARDELIO. Chega á janella, quem quer que és.

BROMIA. Que mandas? Já te digo, que não está cá, mandou-o chamar o Duque.

ARDELIO. Bromia, não me conheces?

BROMIA. Ay Ardelio, donde vens?

ARDELIO. Já sei tudo, Deos sabe o que perdeo.

BROMIA. Teu senhor he vindo?

ARDELIO. Vindo, mas se tal soubera.

BROMIA. Forão peccados nossos. Vay-te, que te não posso mais falar.

ARDELIO. Tal se sofre entre Christãos, e não tomão hum doudo, e o degradão do Mundo fóra.

JANOTO. Nunca por aqui passa ninguem, que não chore a hum, e pragueje o outro.

ARDELIO. Ah moças parvoas, appetosas, cabecinhas de vento.

JANOTO. Que culpa tem.

ARDELIO. Não era meu senhor homem pera se ella aventurar com elle, mais que segurar-se com essoutro.

JANOTO. Parecia-lhe, que escolhia o mais seguro.

ARDELIO. Mas são mulheres os que as pedem, desprezão-nos, e os que as não estimão, pedem.

JANOTO. Creio eu, que forçado foy o negocio.

ARDELIO. E pay que tal faz.

<sup>1</sup> Redundancia : por isso que a palavra micer já significa senhor.

JANOTO. Bom homem he o pay, mas enganou-se como outros muitos.

ARDELIO. Bom homem parvo, faça-se frade, e não case filhas, se seu irmão fora.

JANOTO. Mofina foy nisso.

ARDELIO. E não tendo outro filho, nem filha.

JANOTO. Cegueiras deste Mundo.

ARDELIO. Vay-te pera casa, dá lá estas novas, que assi sem comer, nem beber, hei de correr toda a Cidade, até que o ache, e veja com que se desculpa, ao menos metelo-ey em afronta.

JANOTO. Farás bem, doudinha Clareta, que pressa que traz.

## SCENA II.

SAE-SE ARDELIO. ENTRA CLARETA, E JANOTO.

CLARETA. Janoto, minha rosa.

JANOTO. Clareta, meu cravo.

CLARETA. Ay, que venho sem folego.

JANOTO. Viste algum lobo?

CLARETA. E peor que lobo.

JANOTO. Como vens tão á pressa?

CLARETA. Deixa-me descansar, oh diabo, oh malaventurado.

JANOTO. Quem?

CLARETA. Quem me assi cançou.

JANOTO. Quem he?

CLARETA. Hia lá pera casa com hum recado de

Faustina, veyo dar comigo aquelle desestrado, que desque casou, parece chupado das carouchas<sup>1</sup>.

JANOTO. Não me dirás quem he?

CLARETA. Ay senhor, quão desmazelado se torna hum homem casado.

JANOTO. Parece-me que zombas?

CLARETA. Espera, que eu to direi.

JANOTO. Porque o não dizes?

CLARETA. Quem vio aquelle de antes, mancebo galante, gentil-homem, polido, penteado, mais enfeitado que huma dama, como o conhecêram agora, cujo, magro, a capa caída, por isso não casaria, se não com hum Principe.

JANOTO. Vou-me.

CLARETA. Vem cá, este demo, digo, de Julio, importunador de Faustina.

JANOTO. Que te fez? —

CLARETA. Queria me deter em tanta parôla, que lhe fogi, té que se enfadou de me seguir.

JANOTO. Que te dizia?

CLARETA. Mil juramentos, que saíra hoje de casa com hum anel de hum rubi muito fino, que trazia no dedo polegar pera lho dar.

JANOTO. Como te entendo, quem lho tolheo?

CLARETA. Diz, que ella, que se escondeo delle.

JANOTO. Requerimentos trazes.

CLARETA. Que requerimentos?

JANOTO. Dou-vos ao diabo todas, que tantos ardis sabeis.

<sup>1</sup> Bruchas.

CLARETA. Bem, Janoto, e isso suspeitas tu de Faustina pera Octavio?

JANOTO. Já não suspeito senão quanto vejo, perdoe-mê Deos.

CLARETA. Não sabes tu, que o seu amor pera com elle he odio cris<sup>1</sup> pera todos os outros.

JANOTO. Ao fim o veremos, antes quizera que lhe quizera mal.

CLARETA. Pois crê, que anda aquelle coitado perdido.

JANOTO. Deos o encaminhe.

CLARETA. Por Faustina digo.

JANOTO. Foi lá?

CLARETA. Que pergunta, tem-me defezo, que se lhe não virar o rosto, e cuspir, onde quer que o achar, que me não ha mais de ter em casa.

JANOTO. Queres tu, que te crea eu isso?

CLARETA. Como és mão.

JANOTO. Sou tanto teu amigo, que o farey por amor de ti.

CLARETA. Vós-outros sois os que desconcertais os estamagos.

JANOTO. Vós-outras sois as que os tornais a concertar muito bem.

CLARETA. Pois outro anda aqui bebendo os ventos.

JANOTO. Senão achares ainda outro, que me mates.

CLARETA. Conheces Raphael Patricio, mancebo, galante, liberal, que se desaveyo agora de Laura.

<sup>1</sup> Funesto.

JANOTO. O manquão <sup>1</sup>.

CLARETA. Morto chorando de noite, e de dia, como menino.

JANOTO. E Faustina tão dura, que a não amolentão essas lagrymas.

CLARETA. Mais chorou, e chora hoje em dia aquelle filho do mercador biscainho.

JANOTO. Finalmente, que negociação he a tua?

CLARETA. Mas já te digo, que nem o mesmo Duque poderá ter remedio.

JANOTO. Acaba, tudo creyo.

CLARETA. Não he por ser, parece que a encantou teu amo, que nunca tal vi, huma meya ora que o não vê, não dura, e a visitar o hia agora.

JANOTO. E mais.

CLARETA. Que mais?

JANOTO. Tem razão, dizem que de rosto a rosto.

CLARETA. Sabeis mais do necessario.

JANOTO. Tu vens diante fazer o campo franco.

CLARETA. Mas pera que vejas quão máo és, não quero lá ir, dize-lhe que me achaste no caminho.

JANOTO. Tudo isso.

CLARETA. Que diz Faustina, que a veja ainda hoje.

JANOTO. Tem hospedes, não sey se poderá.

CLARETA. Não zombes, que em verdade mo disse quasi chorando.

JANOTO. Eu tambem lhe direy quasi chorando. Não sey em que isto ha de ir parar, ella se entrega ao inferno, e ir-se-á coroar a Roma, se ella he a que eu cuido.

<sup>1</sup> Augmentativo de manco, falto de uma mão.

CLARETA. Nunca vi moço mais trincado<sup>1</sup>, que este Janoto, outras o farião a elle tão refochado, que fora se lhe dissera, que promettêra a Julio huma noite a furto de Octavio. Não he aquelle annel pera engeitar. Faustina não será tão parvoa, mas ella he perdida por estoutro, em tal hora o vio, com taes olhos o olhou, e tal graça lhe achou, que todos os outros acha feyos, desairosos, desengraçados, não sey quão bem o empregou. Eu por minha parte grangeo o que posso, não póde ser tão crû, que humas oras polas outras, não deixe huma pessa em casa. Que cousas somos tão parvoas, ora roubamos todo Mundo, ora nos deixamos roubar. Que velho he este, o sogro do outro triste, bofé assi velho, como elle he, antes o eu tomára, que o genro.

### SCENA III.

CESAR SO.

CESAR. Quem vê este Mundo, que se não espanta, e verdadeiramente olhando bem todas as cousas por Deos creadas, fazem directamente seu officio natural, senão o homem. Nós sós andamos fóra d'elle, ainda a razão entre nós tão cega, ou tão trocada, que a não vemos, ou quando nos parece, que a melhor seguimos, então della mais nos desviamos, não sohia de ser assi, sempre o dia derradeiro he pior. Naquelles

<sup>1</sup> Sagar.

tempos bemaventurados, quando eu naci (que bem se podião chamar douro) andava a cousa em sua ordem natural, os moços erão moços, os mancebos mancebos, os velhos velhos, agora tudo ao revés, os moços homens, os mancebos velhos, os velhos são moços. E quando eu com sessenta annos ás costas tão branco, tão calejado nas voltas deste Mundo, e com tanta experiencia de fortuna me ceguei, me enganei, me distrahi, que se póde dizer, senão que andamos desatinados, sem olhos, sem juizo, onde cuidei de casar huma só filha que tinha, alli a fiz viuva, onde cuidei de a honrar, a deshonrei, onde cuidei de a enriquecer, e descançar, a empobreci, e cativei. Oh pensamentos vãos, cegueiras deste Mundo, quem cuida que melhor vê, esse vai cégo. Á vida quem mais certas contas lança, esse céga, esse se engana, esse se perde. Que te farei minha filha, filha minha, que te farey, filha, em que os meus olhos se revião, em que as minhas cãs descançavão, como te tirarey de tamanho cativeiro, pragueja de mi, pide<sup>1</sup> de mi justiça a Deos, que eu te matei : velho parvo, não fora melhor que não tiveras tu mais do que eu pera ti busquei, e cavei, e ajuntei, entregar juntamente com a fazenda a quem destrue a ella, e mata a ti. Não déra eu agora quanto tenho, e quanto tinha por te vêr livre, por não vêr os escandalos da vizinhança, das justiçaes que em ti fazem, e os brados de tua mãy, e suas lagrymas, e seus arrependimentos magoados. Oh cobiça quanto pódes, nem nos dás descanço neste Mundo, nem a gloria no outro, nem

<sup>1</sup> Por pede.

sei que remedio tenha. Palavras boas, conselhos, admoestações, encravão-ão mais, por onde o levarei? Perdoe Deos a Micer Julio, que se elle vivêra, ou tu outro foras, ou não vivêras, e perdoe-me Deos, que me enganei com sua amizade, e com o nome de seu filho, quizerão meus peccados que assi fosse, mas porque sofrerei o que soffro, porque não vingarei minha honra, e minha filha, não ha qui justiça, não ha qui homens, tal se ha de consentir, vou-me em sua busca, hey de morrer eu tão magoado, não queira Deos, segundo o que achar nelle, assi o farei.

JULIO. Pera que tem virtude esta pedra de criar amor, onde o não ha. Ah mulheres, que nunca vos acenão, que não tomeis, e que me fie eu da minha.

CESAR. Mas hey-lo acolá vem .

JULIO. Se me aquella verdade fala, nunca annel vi melhor empregado.

CESAR. Que pensamentos serão aquelles, Deos os melhore.

JULIO. Com alvoroço não quiz ir a casa de Fabricio, nem o coração me dava esse vagar, quiz antes vir vêr, como recebêrão o hospede, não sey se chegaria já.

CESAR. Vou a elle, que outro caminho toma.

JULIO. Daqui estou seguro, e depois me virey segurar de toda a casa, mas heis outro demo.

CESAR. Julio, Deos te salve.

JULIO. Não póde homem fugir a fortunas. Deos te salve.

CESAR. Com que rosto, ah meus peccados.

JULIO. Vir-me-ha quebrar a cabeça, como costuma.

CESAR. Rogo-te Julio, que me queiras ouvir hum pouco repousadamente.

**JULIO.** Hum pouco te ouvirei, mas estou depressa.

**CESAR.** Sempre te acho com essas pressas.

**JULIO.** Parece-te que he de espirito ocioso.

**CESAR.** Fosse de tua honra.

**JULIO.** Bem entras pera te ouvir muito.

**CESAR.** Que he isso?

**JULIO.** Nada. Fiquei affigurado, cuidei que era o meu hospede.

**CESAR.** Socega, sempre andas como assombrado.

**JULIO.** Matar-me-hia, se viesse aqui dar comigo.

**CESAR.** Eu Julio, como já muitas vezes te disse.

**JULIO.** Bastavão as ditas.

**CESAR.** Por Christão, ainda que mais obrigações não ouvera, era obrigado, como tu a mi, a mostrar-te nos teus erros secretos, quanto mais nos públicos, que escandalizão ao Mundo, sopena de os fazer meus na culpa, e pena.

**JULIO.** Avante.

**CESAR.** Ora tendo-te eu por filho, como aquelle, a quem eu por dar minha filha a neguei a todos, como tu sabes, e tendo-te o amor que te tenho, que te parece que devo fazer?

**JULIO.** O que fazes avendo porque.

**CESAR.** Ainda mal, porque tanto porque ha, porque os teus olhos andão tão seguros, porque o não vem.

**JULIO.** Que hão de ver os meus olhos?

**CESAR.** O que vem os de todo o Mundo.

**JULIO.** Sempre me vens com huns casos de morte de homens.

**CESAR.** Mais graves forão teus erros.

**JULIO.** Muito grande bem me queres, cuido que me porás na forca.

CESAR. Não he mais grave matares tua mulher?

JULIO. Si.

CESAR. Pois, porque a matas tão sem causa?

JULIO. Mas porque me dizes isso tão sem causa?

CESAR. Diga-o a vizinhança, digão-no os que o ouvem, e o que eu vejo.

JULIO. E o que eu faço das minhas portas a dentro, ninguém o ouve, nem o sabe, se o tua filha não palra.

CESAR. Folego lhe dás tu pera isso, se o pensamento lhe pudéras tirar, também o fizeras.

JULIO. O que tu vês he.

CESAR. Quantas vezes to dixeste?

JULIO. Quantas vezes te respondi.

CESAR. Oh Julio.

JULIO. Oh Cesar.

CESAR. Quero dissimular.

JULIO. Sou mais moço que ti, entendo muito bem o que cumpre a minha honra, e tua.

CESAR. Como o entendes, ou em que?

JULIO. Tu não tens, senão pelo que presumes.

CESAR. Eu presumo o que vejo.

JULIO. E não pelo que verás adiante.

CESAR. Que he de vêr?

JULIO. O sizo, e o repouso, e a honestidade com que tua filha sairá da forja quando for tempo.

CESAR. E quando será esse tempo, se o já não for?

JULIO. Quando eu tiver razão de me fiar della.

CESAR. Se a tu não tens, ou tiveste até qui, não me parece que a terás nunca.

JULIO. Se a eu não hei de ter melhor do que até qui teve, não me parece que a terás nunca.

CESAR. Paciencia, de que casa foi ella, cuja filha he, onde se creou, pera te tu não honrares muito della em todo o Mundo.

JULIO. Eu não me deshonro atégora, mas seguro-me.

CESAR. Como te seguras?

JULIO. Tu és ainda daquelle bom tempo, quando jugavão as mulheres o Aleo<sup>1</sup> na praça.

CESAR. Por isso choro eu.

JULIO. Agora são outros tempos.

CESAR. Tu os fazes, que sempre os homens honrados honrão muito suas mulheres, e as tratão igualmente.

JULIO. E eu que deshonro a minha?

CESAR. No que cuidas que a mais honras.

JULIO. De que maneira?

CESAR. Em dares que falar della aos ociosos.

JULIO. Como se todos meus trabalhos, são segurar-lhe a fama contra a infamia.

CESAR. Tu verás como te enganas, não queres tu, que dos taes extremos presumão grandes cousas.

JULIO. Antes as presumão, que as affirmem.

CESAR. Eu não quero que as presumão, nem menos que as aja, não sabes quanto mais póde a opinião, que a verdade, e de que vês valerem tanto os rostos magros, e defumados, e tão pouco as faces lavadas, como Deos manda.

JULIO. E nós andamos ao costume.

CESAR. Se te esse valesse no outro Mundo, bem dizes.

<sup>1</sup> Vara grossa de jogar a bola.

**JULIO.** Ora dize-me, a quem doe mais minha honra a mi, ou a ti?

**CESAR.** Póde ser que a mi.

**JULIO.** Mais me és tu logo do que me eu sou.

**CESAR.** E como sou, e por isso me eu mato, e por isso soffro.

**JULIO.** Eu, louvores a Deos, não sou doudo, nem parvo, e contento-me muito de meu sizo.

**CESAR.** Essa mercê nos fez Deos, reparte-o de maneira, que cada hum se contenta.

**JULIO.** Sou pera ensinar todos os velhos, e moços, a viver com suas mulheres.

**CESAR.** Espera te ensinarem todos os moços a viver com tua mulher, bem não darás tu mais credito a estas cãs tanto tuas amigas, não te parece, que fuy eu mancebo, e que vi, e andei, e fiz, não sabes tu, que a amizade de teu pay me obriga a mi a estes confederamentos<sup>1</sup>.

**JULIO.** Obrigou-te a ti teu proveito.

**CESAR.** Bem se vê.

**JULIO.** Pois porque me enganaste, eu importuneite nunca?

**CESAR.** Tu me enganaste, tu me destruiste, tu me roubaste.

**JULIO.** E tu agastas-te?

**CESAR.** Não me agasto, que se me agastára, já estivera desagastado, mas lembra-me que tenho a culpa, e com isso me componho.

**JULIO.** Queres tu Cesar, que deixe eu andar tua filha

<sup>1</sup> Allianças de familia.

pelas praças, e pelos banqueiros, que me encerre eu em casa?

CESAR. Que extremos de bom sizo!

JULIO. Pois minha mulher, a pezar de todo o Mundo, hade viver a meu modo.

CESAR. Pois eu sou Micer Cesar, que ainda tenho nome, e vida, e em quanto a tiver, minha filha ha de ser outra.

JULIO. Ora não mais, isto vem della, a casa iremos.

CESAR. Se he livre, que viva livre, se he compa-  
nheira, que não seja escrava, e peor que escrava,  
pera que fez Deos a justiça no Mundo, senão pera  
bem dos bons, e mal dos máos.

JULIO. Es velho, não te respondo.

CESAR. Assi velho, se outras forças me não atalhá-  
rão as minhas, mas estamos na rua.

JULIO. Eu tenho mais poder sobre tua filha que ti,  
e heide fazer della o que quizer, preza, cativa, met-  
tida em ferros.

CESAR. Quebrado he o fio, folgo muito, porque me  
corria do que passava, minha filha virá pera minha  
casa antes de oito dias, se eu vivo.

JULIO. Isso ganharás tu com todos esses teus feros<sup>1</sup>,  
não ey eu de tapar a boca a este velho, que nunca me  
deixa, ando por me honrar, e tirar sua filha de infam-  
mia (como todo bom, e prudente deve fazer) não quer  
senão arrancar-me os olhos, não he já desses, ainda  
agora o acabey de conhecer, sempre até qui me falou  
por outro modo tão brando. A senhora sua filha lhe  
deu aquelle esforço, não me tentem ambos com al-

<sup>1</sup> Arogancias.

guma doudice, asinha <sup>1</sup> eu quebrarei o banco, e darei comigo em Chipre<sup>2</sup>. Velhos babosos, que tornão a engatinhar, não são já pera fazerem differença entre bem, e mal, e querem a pezar de todolos diabos, que tomeis seus conselhos. Isto me faz ainda desconfiar mais da filha de hum homem, que tanta liberdade deu a sua mulher. E se os córnos saísem pera fóra, quantos farião o que eu faço<sup>3</sup>.

## SCENA IV.

SAE-SE CESAR. ENTRA ARDELIO.

ARDELIO. Suado, e tressuado ando, e não no posso descobrir, pois não me ha de escapar.

JULIO. Que apressado he este?

ARDELIO. O melhor que tenho he, que elle não me conhece, nem me vio, e não me ha de fugir.

JULIO. Vou-me a casa, antes que dem comigo.

ARDELIO. He elle aquelle, que vay pera casa? aquelle he, ditoso fuy, aferro nelle antes que se me entre.

JULIO. Quem corre apôs mi?

ARDELIO. Oh senhor.

JULIO. Que mandas?

ARDELIO. A ti buscava.

JULIO. A mi, aqui me tens.

<sup>1</sup> Bem depressa.

<sup>2</sup> Julio refere-se á ilha de Chipre, ainda celebre na época em que se passa esta comedia.

<sup>3</sup> Expressão indecente e impropria da scena.

ARDELIO. Não és tu o senhor Micer Julio?

JULIO. Ássi me chamão, e cujo<sup>1</sup> és tu.

ARDELIO. Daquelle mancebo Espanhol, que lhe oje alou.

JULIO. Que sizo o meu, zombo contigo, não sou quem cuidas.

ARDELIO. Como não?

JULIO. Em afronta me vejo.

ARDELIO. Não te vi eu agora no porto?

JULIO. A mi?

ARDELIO. E te deu meu senhor huma carta.

JULIO. Que carta?

ARDELIO. Oh que graça.

JULIO. De que te ris?

ARDELIO. Não te deu huma carta de Genova?

JULIO. Quem?

ARDELIO. Bernardo Portuguez.

JULIO. Que Bernardo, que Portuguez?

ARDELIO. De teu amigo Benedito.

JULIO. Não sabes com quem falas, em toda minha vida fuy a Genova, sou perdido, se me não nego.

ARDELIO. Zombas?

JULIO. De quem eide zombar?

ARDELIO. Se foste a Genova, não o sey, mas Benedito nunca o viste?

JULIO. Que Benedito?

ARDELIO. Oh desavergonhamento de homem.

JULIO. Mancebo, vê se buscas alguém, que eu saiba, encaminhar-te-ei?

<sup>1</sup> Este erroneo emprego do relativo *cujo* era mui frequente nos antigos escriptores.

ARDELIO. A quem me has de encaminhar, se me negas quem busco.

JULIO. Quem buscas?

ARDELIO. A ti busco.

JULIO. Quem sou eu?

ARDELIO. Eu te queimarei o sangue, não es tu o senhor Micer Julio, Venezeano?

JULIO. Passo<sup>1</sup>, não brades.

ARDELIO. Quem pousa aqui nestas casas?

JULIO. Que has, digo que não.

ARDELIO. Não pousas aqui?

JULIO. Como o sabes.

ARDELIO. Porque já aqui andei bem de dias, e te conheço.

JULIO. Como me conheces, se te eu nunca vi?

ARDELIO. Avia-te eu de vêr com os meus olhos, ou com os teus.

JULIO. Nunca me viste.

ARDELIO. Não me has assi de escapar, genro de Micer Cesar.

JULIO. Não grites.

ARDELIO. E casado com sua filha.

JULIO. Que farei?

ARDELIO. Amigo de Benedito.

JULIO. Tu és doudo?

ARDELIO. Aonde te vaz?

JULIO. Que me queres?

ARDELIO. Porque te negas. Se o has por Bernardo, já tem pousada.

JULIO. Vay ora buscar quem buscas, e deixa-me.

<sup>1</sup> Devagar.

ARDELIO. Achão-te a ti em dous lugares?

JULIO. Que desastre tamanho, estou corrido, não sey que faça.

ARDELIO. De maneira, que tu dizes, e affirmas, e confessas publicamente nesta rua, nesta rua publica, que não és Micer Julio.

JULIO. Digo que te não conheço, e que nunca te vi, e que não sei quem és.

ARDELIO. Verdadeiramente eu jurára que eras elle, mas quero-te antes crer, que aos meus olhos.

JULIO. Não te espantes, muitas vezes se enganão os olhos.

ARDELIO. Nunca vi leite mais semelhante a leite do que tu és com elle.

JULIO. Se eu fora, porque me negára?

ARDELIO. Tu o saberás, pois conhece-lo?

JULIO. Já o ouvi nomear.

ARDELIO. Não me parece, que póde aver mais ruim homem no Mundo.

JULIO. Não praguejes dos ausentes.

ARDELIO. Hey-me de vingar, por justiça o avião de lançar de Veneza, porque a infama.

JULIO. E porque?

ARDELIO. Micer Cesar, velho tão parvo, que sua filha lhe deu com elle.

JULIO. Fazes mal de falar mal dos homens de bem.

ARDELIO. Chamas a Julio homem de bem?

JULIO. Pera isso o buscavas?

ARDELIO. Não sey a quem chamáras homem de mal, tão coitado, e tão misero.

JULIO. Que te fez?

ARDELIO. Que foge aos homens, porque o vê nenhum homem.

JULIO. Coitado de mi, como me irey deste.

ARDELIO. Espanto-me, como esta nobre Cidade tal consente, mandem-lhe tomar a mulher, e dem-na a quem a merece.

JULIO. Mancebo, meu costume he não ouvir praguejar de quem o merece, quanto mais de quem o não merece.

ARDELIO. Não dizes tu, que o não conheces?

JULIO. Conheço-o por bom homem, e sezudo.

ARDELIO. Não o conheces.

JULIO. Como não?

ARDELIO. A hum cioso malaventurado, desconfiado, que martyriza a mulher de dia, e de noite, chamas bom, e sezudo?

JULIO. Já pôde ser, que o será mais que todos.

ARDELIO. Já pôde ser, que sua mulher tal não fora.

JULIO. Que fora?

ARDELIO. Deos o sabe, não vê o parvo, que o que se mais guarda, mais se deseja.

JULIO. Vay buscar quem te ouça, ondas se me vão, ondas se me vem, mas melhor he já dissimular até o cabo.

ARDELIO. Pois se o tu conheces, e o vires, dize-lhe, que Benedito lhe manda por aquelle seu amigo, de quem elle fugio, certas pessas.

JULIO. Pessas, que pessas?

ARDELIO. Que o busque quanto elle buscou, e lhas dará.

JULIO. Como as averei?

ARDELIO. Ainda que merecêra negar-lhas, como se lhe elle negou.

**JULIO.** Dize-me o que he pera lho saber dizer?

**ARDELIO.** Lá virá na carta.

**JULIO.** Fuy tão parvo, que a não acabei de ler.

**ARDELIO.** Mas ella foy escrita depressa, já póde ser, que as confiaria Benedito de meu amo.

**JULIO.** E elle não lhas dará?

**ARDELIO.** Onde, ou como, se o elle não vê, nem o acha.

**JULIO.** De homem de bem he dar boa conta das encomendas.

**ARDELIO.** Por amor de Benedito o fará elle, que aquelloutro outra cousa lhe merece.

**JULIO.** Desbocado és.

**ARDELIO.** Es-lhe tu alguma cousa?

**JULIO.** Amigo.

**ARDELIO.** Como és amigo de tal homem?

**JULIO.** Já me arrependo da dissimulação.

**ARDELIO.** Mato-o, ferve-lhe o sangue.

**JULIO.** Não folgará elle de saber isto?

**ARDELIO.** Assi to digo, pera que lho não digas, nem he bem, pois me confio de ti, não me dirás onde pousa?

**JULIO.** Queres que o descubra a seus imigos?

**ARDELIO.** Que imigos?

**JULIO.** Tu, e teu amo.

**ARDELIO.** Mal o sabes ainda.

**JULIO.** Quem o tão bem pragueja, não sey que bem lhe quererá.

**ARDELIO.** Quem quer que o tão bem pragueja, não sei que bem merece.

**JULIO.** Esse teu amo onde pousa?

**ARDELIO.** Não to quero dizer, busque-o.

JULIO. Ora, mas não.

ARDELIO. Está morto, não sabe que diga.

JULIO. Isto me parece melhor, elle não he agora aqui, pôde mandar o que quer, que he á casa de Fabricio Colonia, tão seguro como a sua.

ARDELIO. Bom recado he esse, quem se nega a si mesmo, melhor negará o mais. Se o elle em pessoa não receber perante testemunhas, e com estromento<sup>1</sup> publico, não faça conta de nada.

JULIO. E se Fabricio fizer tudo isso?

ARDELIO. Não sei que meu senhor quererá fazer, falem-lhe, e responderá.

JULIO. Tens razão.

ARDELIO. E porque te fuy algum tanto importuno, aconselho-te, que lhe não falem sem tabalião, e testemunhas presentes.

JULIO. Eu to agradeço, e pola amizade que com elle tenho, o negociarei.

ARDELIO. Não se detenha muito, que nós estamos de caminho.

JULIO. Logo será feito, que desastre tamanho, mas creio que lhe fiz crer, que não era eu. Vou-me a casa de Fabricio dar-lhe conta, porque se não perca o meu.

ARDELIO. Assi, assi cançarás, como eu cancei, e enganar-te-hão, como nos enganaste, com que parvo se tomava, mais raposas tenho mortas neste Mundo do que cuidas, he cousa isto pera se pôr em Comedia. Quem me déra, que nos ouvira Bernardo, porque me não ha de crer. Mas pois se elle foy, não hey de deixar de apalpar a porta á entrada, eu enxerguey

<sup>1</sup> Por instrumento, titulo.

lagrymas. na velha , póde ser que a má vista obrigue a algum desmancho. Livia nunca quiz mal a Bernardo, mas temeo-se de seu pay, razão tem agora pera se vingar. Todavia, melhor será seguí-lo hum pouco, a ver se torna do caminho, porque faça meu salto mais seguro, e tomarey este gosto por mantimento <sup>1</sup>.

## SCENA V.

ENTRA BERNARDO, E OCTAVIO.

BERNARDO. Tão cheos de Veneza andavão os meus olhos, que a cada passada a vião, e com isto descancavão, e agora de a verem, chorão, e canção.

OCTAVIO. Não te entregues a esses pensamentos, que elles se desfarão por si.

BERNARDO. Não sey, tão viva trago eu a alma em Livia, que em quanto viver a heide achar sempre nella.

OCTAVIO. Lembre-te que a tem morta, e morrerá tambem em ti.

BERNARDO. Mas isso he o que a faz em si mais viva, com essa mágoa não podem os meus olhos.

OCTAVIO. Está já tal, que te aborrecerá se a vires.

BERNARDO. Não póde ser, que com a sua alma andava eu de amores.

OCTAVIO. Com a sua alma?

BERNARDO. Espantas-te?

<sup>1</sup> Sustento, alimentação

OCTAVIO. Não queres que me espante damores tão novos?

BERNARDO. Pois crê, que o bom amor, e este he só dos homens.

OCTAVIO. Quanto eu não me namoro, senão de hum corpo bem feito, e de huns olhos graciosos.

BERNARDO. Isso não são amores, mas deleite de amor.

OCTAVIO. E tu que querias de sua alma?

BERNARDO. Honra, riqueza, contentamento.

OCTAVIO. Tudo isso vias nella?

BERNARDO. Tudo.

OCTAVIO. E como?

BERNARDO. Com os meus olhos nos seus, agora sabes que alli se vem as almas, e se falão.

OCTAVIO. Pouco te dará logo da prizão do corpo?

BERNARDO. Mas dá-me por ser corpo daquella alma.

OCTAVIO. Eu te dou de boamente todas as almas de quantas mulheres á no Mundo, e dá-me tu os seus corpos.

BERNARDO. Os teus pensamentos são diferentes dos meus.

OCTAVIO. Não sey ser tão espiritual.

BERNARDO. Claro está, que quem quer bem, não quer mal aos olhos, que o affeição, mas quem bem o sabe querer, o deleite põe a huma parte, e o verdadeiro contentamento a outra, que se isto não ouvesse, pouca firmeza me darias nos matrimonios.

OCTAVIO. Ainda tu queres mais poucas.

BERNARDO. E de que vem?

OCTAVIO. Tu o dizes.

BERNARDO. De lhe enfadarem os corpos, e aborre-

cerem as almas. E eu a Livia buscava mais honra, que appetite.

OCTAVIO. Quanto darias pola ver?

BERNARDO. E pera que?

OCTAVIO. Todavia.

BERNARDO. Pera que?

OCTAVIO. Partíras com esse gosto.

BERNARDO. Mas partirá como desgosto.

OCTAVIO. Ella se algum bem te quiz, ficaria magoada de seu erro.

BERNARDO. Por ambas essas razões a não veria.

OCTAVIO. Bem lhe queres.

BERNARDO. Vou-me, pera que lhe hey de lembrar, nem ella a mi, fique viva, descance, Deos lhe mude a sua má ventura em outra boa.

OCTAVIO. Passas por esta rua, como que se a não conheces.

BERNARDO. Não me lembrára, se mo não disseras.

OCTAVIO. Conheces essas janel'as?

BERNARDO. Oh casas, oh janellas, tão continuadas nos meus olhos, tão imaginadas na minha alma.

OCTAVIO. Finge que a vês, como sohas.

BERNARDO. Outra graça lhe achava eu certo, com outro alvoroço as via.

OCTAVIO. Tu cuidas que pousa ahi.

BERNARDO. Pois onde?

OCTAVIO. Vamo-nos avante, vês aqui o castello, em que a tua Livia está.

BERNARDO. Aqui?

OCTAVIO. Aqui.

BERNARDO. Aqui está Livia?

OCTAVIO. Aqui está.

**BERNARDO.** Tem estas casas pera trás alguns jardins, ou quintaes?

**OCTAVIO.** Tinha, e desfizerão-se.

**BERNARDO.** E porque?

**OCTAVIO.** E humas frestas, e janellas, que nellas cabião, taparão-se.

**BERNARDO.** Quero mal a toda esta vizinhança.

**OCTAVIO.** Que queres que fação?

**BERNARDO.** Como que fação, tal cousa costumais vós outros, antes as mulheres são aqui mais livres que os homens.

**OCTAVIO.** Na verdade, isto se estranha muito.

**BERNARDO.** Como se estranha, pois se sofre? Oh minha Livia, neste cativoiro estás tu, quão mal respondeo a fortuna aos teus merecimentos.

**OCTAVIO.** Tambem á hi mulheres, que sabes tu o que seu marido achou nella, se lhe enxergou algumas lagrymas, alguns suspiros, e alguns sinaes de desgosto, e arrependimento, que lhe desse causa a isto.

**BERNARDO.** Não á hi causa pera isto.

**OCTAVIO.** Desapaxonado és.

**BERNARDO.** Ou a mate, ou a sofrá.

**OCTAVIO.** Tambem esses são bons extremos.

**BERNARDO.** Não he melhor que dar-lhe peor vida, que a mesma morte.

**OCTAVIO.** Temer-se-á de algumas suspeitas.

**BERNARDO.** E não queres que todo o homem, principalmente os que casão com fermosas, desejadas de muitos, fação conta comsigo, que podia ella em algum tempo dezejar outro.

**OCTAVIO.** Que queres que faça dessa conta?

**BERNARDO.** Os de tão pouco saber, e tão baixos es-

piritos o farão; mas o homem prudente ha de ser tão confiado quando casa, que crendo dante mão ao que se póde presumir, pera que depois lhe não seja novo, confie que sua pessoa póde fazer esquecer tudo.

OCTAVIO. Quanto a mi, enfadar-me-hia muito cuidar, que aos olhos de minha mulher podião já outros parecer melhor, que os meus.

BERNARDO. Não tens razão.

OCTAVIO. Não?

BERNARDO. As mulheres são de páo, ou de pedra, não sentem, não gostão, não tem olhos, não se afeição.

OCTAVIO. Antes por mais fracas, e mais afeioadas não sofreria eu suspeita.

BERNARDO. Por isso sê tu tão discreto, que se nella conheces esta afeição tão viva, ou és tão desconfiado, que te póde dar má vida, a deixes, e busques outra.

OCTAVIO. Em amores me dás tu esse vagar.

BERNARDO. E queres se te elles cegão, e forção huma vontade livre, vingar-te em quem te não tem culpa.

OCTAVIO. Que remedio:

BERNARDO. Que com mimos, e branduras a afeições, e não com asperezas, e desconfianças.

OCTAVIO. Oh que a mulher, ou ama, ou avorrece.

BERNARDO. Si, mas antes que caya nestes extremos, passa por muitas obrigações, e a huma afeição de olhos sómente não os gera, de maneira que com seu marido a não perca.

OCTAVIO. Moína Livia, quem te prendeo.

BERNARDO. Ella estará mais rica, mas certo que estivera mais contente.

OCTAVIO. Todavia vejamo-la.

BERNARDO. Não póde ser, que por seu perigo o não tentaria.

OCTAVIO. Pera tudo ha hi remedio.

BERNARDO. Como se póde entrar fortaleza tão guardada?

OCTAVIO. Com a vontade.

BERNARDO. E de quem?

OCTAVIO. De Livia.

BERNARDO. Quam mal Julio crerá isso, que cuida que os olhos são os que peccão. E como a veremos?

OCTAVIO. Com te ver, ou saber de tua vinda.

BERNARDO. Espera assi.

OCTAVIO. Que he isso?

BERNARDO. He aquelle Ardelio, que de lá sae.

OCTAVIO. Ardelio he.

BERNARDO. Aquelle? Jesus, que cousa he esta?

ARDELIO. Oh fortuna cruel, e má, que sem razões são as tuas.

OCTAVIO. Chamemo-lo.

BERNARDO. Ardelio.

ARDELIO. Ah senhor.

OCTAVIO. Quem te metteo nessa casa?

ARDELIO. Mereço triumphar oje.

BERNARDO. De que?

ARDELIO. Se soubesses minhas aventuras.

BERNARDO. Dize por tua vida?

ARDELIO. Melhor será em casa, que eu não comi oje, e a historia quer vagar.

OCTAVIO. Tem razão.

BERNARDO. Vamos logo.

## ACTO III.

## SCENA I.

FAUSTINA, CLARETA.

FAUSTINA. A dias, que tanto á minha vontade me não lavei, e enfeitei como agora.

CLARETA. Se te o amor lava, e enfeita, não queres ser diferente do que dantes eras.

FAUSTINA. Dizes verdade, aos olhos sós de meu Octavio me enfeito.

CLARETA. Ditosos olhos, que poderãõ ser teus espelhos.

FAUSTINA. Ora olha Clareta por tua vida, se vês em mi algum desconcerto, não lhe queria parecer mal em nada.

CLARETA. Pois por não ser tão pechosa<sup>1</sup>, não seria namorada.

<sup>1</sup> Cuidadosa em parecer bem.

**FAUSTINA.** Namorada não, não sabes o que perdes. Bemaventuradas as casadas, que usam deste amor limpamente.

**CLARETA.** Deixa-o logo pera ellas, que tem sua vida segura; mas tu que vives do commum, porque te fazes particular a hum só?

**FAUSTINA.** Porque, parece-te mal?

**CLARETA.** Antes me espanto de ti, caíres em tamanho erro, queira Deos que não venhas cair na conta, a tempo que te não preste.

**FAUSTINA.** Como dizes isso?

**CLARETA.** Enganas-te Faustina, cuidando que o ás de ter sempre seguro, e certo, deixa-o enfadar, e verás.

**FAUSTINA.** Isso queres tu, que eu espere de quem me tanto amor mostra.

**CLARETA.** Ay, como és parvoa, não te lembra quando tu roubaste o outro com amores falsos, e lagrymas fingidas.

**FAUSTINA.** E a quê proposito?

**CLARETA.** Como não cuidarás agora, que as fingem tambem por ti.

**FAUSTINA.** A verdade he tão senhora, que logo o descobre.

**CLARETA.** Mais senhora he a mentira, que a lança fóra cada vez que quer. Eu não sei que tu achas a este Octavio.

**FAUSTINA.** Se o tu sentisses, não me culparias.

**CLARETA.** Que te não deva parecer melhor o rubi de Julio, e a cadea de Patricio.

**FAUSTINA.** O Clareta, que isso he ouro, que não farta a alma, o outro he seu mantimento.

CLARETA. Pois eu prometti-lhe a noite, e eyo de cumprir.

FAUSTINA. Não queria:

CLARETA. Que contas são as tuas Faustina, desprezares todos por este, quando te elle deixar, como terás os outros?

FAUSTINA. Elles me buscarão.

CLARETA. Nessa confiança vives, como se outra não ouvesse de taes olhos, e taes cabellos.

FAUSTINA. Encarecer-me eu tanto, me fará mais desejada.

CLARETA. Mas encareces-te tanto, que ey medo que te não vendas.

FAUSTINA. Nunca falece hum mais apetitoso, que pague pelos outros.

CLARETA. E queres perder tão bom bocado.

FAUSTINA. Mas queres, que faça essa treição a Octavio?

CLARETA. Ay mãy, e Octavio he teu marido, deixa-me, que eu darei maneira com que o não suspeite.

FAUSTINA. Lá te avem, olha o pégo onde, e em que me metes.

CLARETA. Mais perigoso será o da velhice pobre, coitadas de nós, senão somos como as formigas, que endovão no verão pera comer o inverno.

FAUSTINA. Está-me bem esta saya?

CLARETA. A graça he o que lustra, que o panno não.

FAUSTINA. Hum bom concerto muito affeição.

CLARETA. As fermosas, quanto mais chãs, mais fermosas.

FAUSTINA. Cheiro-te bem?

CLARETA. Não queria que cheirasses.

FAUSTINA. Porque?

CLARETA. Deixa isso a essas velhas desdentadas, que querem encobrir a velhice com affeites, então fazem lá humas mogenifadas de misturadas, de agoas, de oleos, e de cheiros, que com o suor, em vez de cheirar, fedem.

FAUSTINA. Se as velhas o fazem, que farão as moças.

CLARETA. A moça cheira muito bem, quando não cheira.

FAUSTINA. Que dizes logo a estes mancebos untados, e perfumados?

CLARETA. Merecião ser mulheres, homens, que taes cousas fazem, como os consentem os outros homens.

FAUSTINA. Quem te ensinou tanta cousa?

CLARETA. Quem tinha mais experiencia do Mundo que ti, aquella te digo eu, que vivia, e roubava, e enganava.

FAUSTINA. Assi o sohia eu de fazer.

CLARETA. Assi o faze, e Octavio enforque-se, casará hum dia destes, e tu ficarás viuva.

FAUSTINA. Não mo praguejes por tua vida.

CLARETA. Bem escusada fora agora lá esta ida.

FAUSTINA. Eu vou lá por meu gosto, e não pelo seu.

CLARETA. Por isso te estima elle tão pouco. Se queres bem, não o encubrirás?

FAUSTINA. Não posso.

CLARETA. Não podes?

FAUSTINA. Jesu como és crua.

CLARETA. Crê tu, que se eu fora a ti, outra fora.

FAUSTINA. Vamos por tua vida, que me canças com tua parola.

CLARETA. Não te venha mais cançar a fome, e a necessidade.

FAUSTINA. Bom marinheiro temos, e Deos o accrescentará.

CLARETA. Deos queres que o accrecente.

FAUSTINA. Que queres que diga?

CLARETA. Espera não sayas, parece que enxergo lá vir Octavio.

FAUSTINA. Vê pois se he elle?

CLARETA. Aquelle he, pera cá deve de vir.

## SCENA II.

### OCTAVIO SO.

Quam pouco sabe hum homem, em quanto he mancebo, quantos segredos tem o Mundo, que cá não crem. Parecia-me a mi, que todo o sizo estava em não crer nada, agora me parece, que está em crer já tudo. A quem crêra eu, ou quando, que huma mulher tal vida passasse, qual passa Livia, e tanto se enganasse hum homem como se engana Julio. Cousas nos contou Ardelio, cruezas, miserias, e vergonhas, que só de lhas ouvirmos, chorámos. E no meyo destas miserias, tal esforço em huma mulher, que não abafa, ou não se mata. E tem taes ardís, e artes, que a furto do marido, anda, come, pratica com quem quer, cuidando elle que a deixa como em cova. Parvo, porque não vês, nem entendes, que a malicia da mulher, quando quer, não abastão portas. Se eu caso,

eu não amostrarei nunca a minha mulher desconfiança, que eu por baixeza, e parvoice não culpo a coitada no que comette. Manda pedir a Bernardo com grandes rogos, e lagrymas, que a veja, pois seus peccados lhe estorvãrão tanto bem, mas o meyo não sey como he. Diz que hey eu de pedir a outra, que me quer mayor bem, que a si, que dê huma noite a Julio, pera elle cá ter entrada mais segura. Parece-vos que cabe em razão, cometter eu isto a Faustina? ou que será sem razão, em me não querer vêr nunca; mas que hey já de fazer, rogou-me, abraçou-me, chorou-me, venceo-me. Eu aventuro honra, ou perda dalguma cousa? perda he todavia aggravar huma vontade tanto minha, vergonha me ha de ser, mas a amizade então se vê, quando se em mór prèssa prova. Lá me vou, não sei com que palavras lho peça, revolta sinto cá em casa de Cesar.

## SCENA III.

PORCIA, MICER CESAR SEU MARIDO.

PORCIA. Pera que era isso, coitada de mi, foste lançar o azeite no fogo, com os concelhos, e rogos, se escandaliza, que faria com injurias, e ameaços.

CESAR. Levantou-se-me a cólera.

PORCIA. Mas levantaste-lha a elle, pera se ir fartar em minha filha, que he certo que a tem já morta.

CESAR. Quem queres que tenha tanta paciencia?

PORCIA. Quem tem necessidade della, agora te deixou ella mais que nunca.

**CESAR.** Agora, porque tambem me falou mais descortez, que nunca.

**PORCIA.** Sofrêra-lo, como fizeste sempre.

**CESAR.** Não pude, e espero que seja por melhor.

**PORCIA.** Melhor fora, e mais seguro dissimulares, e sem o elle saber, ires-te ao Senado chamar, e pedir, que te dessem tua filha.

**CESAR.** Assi o farey.

**PORCIA.** Ay Cesar, Cesar, que nunca me creste, riaste de minhas lagrymas, e zombavas de meus medos, os meus olhos, e o meu coração vião já o que agora chorão, e vem.

**CESAR.** He verdade, que eu me enganei, mas quem se não enganára.

**PORCIA.** Se me tu crêras, se me tu ouviras, não te enganaras, sempre zombaste dos meus conselhos, sempre fizeste tua vontade.

**CESAR.** O feito he feito, no mais atalharemos.

**PORCIA.** Atalhe-lho Deos, que elle só pôde, filha que eu sempre te profetizey este mal tamanho, e assi te entreguey a esse como a hum inimigo.

**CESAR.** Ah fortuna.

**PORCIA.** Não te aqueixes da fôrtauna, senão de ti só, que culpa tem ella a quem se entrega ao mal.

**CESAR.** Ora tudo terá remedio, eu venho sem folego, e tu queres-mo acabar de tirar.

**PORCIA.** Não queres que grite, e endoudeça, e que me mate, lembrando-me o que te sempre disse. Cesar, este mancebo creado sem pay, vive á sua vontade, sem deixar conversações doutros taes como elle, porque queres hora aventurar tua fazenda, e tua honra, porque queres hora por cobiça de mais dous

reis, perderes o que tens, e veres nojos em tua velhice, não te engane o seu trato, o seu dinheiro, que a somenos parte no homem he o dinheiro, e a riqueza. Quantas vezes clamey isto, quantas lagrymas chorey, quam mal me creste sempre.

**CESAR.** E eu porque o fiz? por ventura, era Livia mais tua filha, que minha: presumia eu, ou era bem que presumisse, que de Micer Julio meu amigo, tão bom homem, e tão sezudo, nacesse hum tal como esse.

**PORCIA.** Porque não presumias o que vias, e porque não perguntáras por sua vida, e tão semelhantes viste tu sempre os pays com os filhos.

**CESAR.** Pois que queres agora, queres que me mate?

**PORCIA.** Mas que não deixes matar tua filha.

**CESAR.** Forte mulher he esta, e eu que faço as consolações, que me ella dá, os conselhos, e os remedios.

**PORCIA.** E tu queres meus conselhos, nem quizeste-os nunca.

**CESAR.** E teus conselhos tem razão em nada, senão acertos, desastres, e appetites.

**PORCIA.** Bem o tens visto, dessa confiança te vem a ti teres-me em tão pouco.

**CESAR.** Parece que o quizerão meus peccados, que acertasses tu nisto, pera mór trabalho meu, e pera cada dia me tirares os olhos, e a alma.

**PORCIA.** A mi a tirára eu de boamente, se pudéra.

**CESAR.** Fizeras cá pouca falta.

**PORCIA.** Bem creyo eu, que a ti a faria eu menos,

pelo muito amor que me mostraste sempre, que nunca já huma hora me fizeste a vontade em nada.

**CESAR.** Prouvéra a Deos que fora assi, que outra vida tivera eu, e outra tenho. Parece-vos que se póde isto sofrer, se a filha tal he, não culpo o que faz o outro.

**PORCIA.** Coitada de mi, a mi se tornão todas as culpas; mas os homens que desprezão os conselhos de suas mulheres, caem nestes erros, como se ellas não tivessem razão como elles, então aos erros das coitadas não ha desculpas, os seus tem trinta mil. Minhas contas são boas, fazia-o por taes respeitos, quem havia de cuidar, se me isso a mi parecêra. Com isso paixão, e querem que as mulheres não tenham juizo, nem entendimento, e que não vejam o que vem, e que não entendão o que entendem.

#### SCENA IV.

**CESAR SO.**

Não pudéra eu viver neste Mundo sem mulher, e filhos, bemaventurados os que não casão, e malaventurados os que o desejão, que não sabem o bem que tem, e o mal que buscão. Em quanto hum homem vive, duas obrigações tem, huma do Mundo, e outra de Deos, destas ambas póde melhor usar sendo solteiro, que casado, póde conversar os homens mais soltamente, desenfadar-se com mais gosto, lograr-se da vida, de maneira que ganhe tambem a outra com

menos trabalho. Não sei quem nos céga, quem nos engana, parece que ordenou Deos este appetite nos homens, porque sem elle, mal se entregára ninguem a tamanho cativeiro, mal se conservára a geração humana, que não sem causa chamou o outro á mulher, mal necessario. Cuidais que vos hão de levar nada em conta. Se alguma ora acertão a ter razão, aveis-lhe de confessar, que sabem mais que vós. Se quereis ter vida, ou lha aveis de tirar, porque vos não matem. De dia, e de noite, na meza, e na cama, em casa, e fóra de casa nunca me deixa. Tu o fizeste, tu o quizeste, tal o tens. E não cuida que aquillo he o que mais doe, que o mèsmo engano meu. Não sei que farei áquelle doudo, eu vou fazer o que a mi convém. Que mancebo he este? já o eu aqui vi outrora, homem de bem parece. Não sey que he isto, que a todo o homem de bem ey agora inveja, a todo homem quizera antes ter entregue minha filha, com mais ainda do que tenho, e do que lhe dei, que quem a tem. Coitados de nós, que a mais certa cousa que temos, he o arrependimento. Mas de que vem? de se errarem os principios, donde se seguem os máos fins.

## SCENA V.

BERNARDO, ARDELIO.

BERNARDO. Por tua vida Ardelio, que me digas, que rosto te mostrou Livia, quando entraste?

ARDELIO. O que tinha.

**BERNARDO.** Não se lhe mudou já?

**ARDELIO.** Não avia ahi mudar, nem contrafazer; e se alguma mudança fez, foy de mais tristeza, e de mais lagrymas.

**BERNARDO.** Que te disse?

**ARDELIO.** Não te disse já?

**BERNARDO.** Dirias, mas eu não sey se te ouvi, não me lembra.

**ARDELIO.** Pera que perguntas logo, senão ouves, nem te lembra?

**BERNARDO.** Este gosto só me ficou, rogo-te que mo mostres.

**ARDELIO.** Eu não sabia que to avia de dizer tantas vezes como to disse, não o queiras mais saber.

**BERNARDO.** Que lhe disseste, vendo-a assi?

**ARDELIO.** O que se me offereceo.

**BERNARDO.** Que?

**ARDELIO.** Que, bofé que me não lembra.

**BERNARDO.** Oh lembre-te por tua vida.

**ARDELIO.** Que te parece a ty, que lhe eu diria?

**BERNARDO.** Muito havia que dizer.

**ARDELIO.** Desse muito lhe disse eu hum pouco.

**BERNARDO.** Que pouco?

**ARDELIO.** Oh que enfadamento este! três vezes lho contey já, e não o acabou de ouvir.

**BERNARDO.** Não mo queres dizer?

**ARDELIO.** Ouvilo-has tu?

**BERNARDO.** E eu porque o pergunto?

**ARDELIO.** Pera mo tornares a perguntar logo.

**BERNARDO.** Dize-mo, que eu to ouvirey.

**ARDELIO.** Ora lembre-te que to digo. Disse-lhe,

que agora veria, onde chegava hum engano, e hum arrependimento.

BERNARDO. E mais?

ARDELIO. Que mais.

BERNARDO. Vay por diante?

ARDELIO. E outras palavras conforme aos mesmos propositos.

BERNARDO. Quaes?

ARDELIO. Quaes tu mesmo lhe disseras.

BERNARDO. E ella?

ARDELIO. Nisto levanta os olhos aos Ceos, ou aos telhados (não queria nunca mentir em nada) chorando, e çaluçando, e torcendo as mãos.

BERNARDO. Dizendo?

ARDELIO. Nada, mas tornou-os a baixar, sem poder dizer palavra, com o grande impeto das lagrymas.

BERNARDO. Não choravas por tua vida?

ARDELIO. Esta he outra demanda, não.

BERNARDO. Não?

ARDELIO. Bofé não.

BERNARDO. Porque?

ARDELIO. Não pude, sou muito seco dos olhos, e todos por onde vimos, assi o somos.

BERNARDO. De que choráras logo?

ARDELIO. De nada. Verdade he, que desejei eu de chofar hum pouco por amor della, e de ti.

BERNARDO. Oh quanto folgára com isso, porque em ti conhecêra ella o meu amor, e a minha mágoa.

ARDELIO. Quanto se sem lagrymas são os amores secos, não me fez Deos per elles. Morreo meu pay, e minha mãy, e meus avós, e meus irmãos, e nunca

chorey, nem me parece que choraria, ainda que me visse morrer.

BERNARDO. Chorarias se tu bem quizesse.

ARDELIO. Antes por não chorar, hei de trabalhar por querer sempre mal.

BERNARDO. Gracioso estás, que em tamanha mágoa me fazes rir por força.

ARDELIO. Não he melhor, que chorar por vontade.

BERNARDO. Finalmente, em que ficaste?

ARDELIO. No que já sabes.

BERNARDO. Eu que sey?

ARDELIO. Cuido que me queres fazer chorar de raiva com tanta pergunta.

BERNARDO. Com que palavras to disse, com que geito, com que olhos?

ARDELIO. As palavras creyo eu, que erão Venezeanas, o geito me não lembra, nem os olhos.

BERNARDO. Parece-me que queres chocarrear assinte?

ARDELIO. Muitos outros chocarreiros verás assinte, e que por ventura ganhão mais com suas graças contrafeitas, que eu com as minhas naturaes.

BERNARDO. Assi que te disse, que me queria ver, e falar?

ARDELIO. E mais á noite, que he grã pessa.

BERNARDO. Como se não teme do marido?

ARDELIO. Porque lhe não quer bem.

BERNARDO. Tens razão.

ARDELIO. Cuidas tu que póde com a mulher, mais o medo que o amor.

BERNARDO. Nem com os homens tão pouco.

ARDELIO. Está a coitada, que não pede senão

morte, nem deseja outra cousa, e arreceará cometter nada.

**BERNARDO.** Se Octavio faz o que me prometteo, quem he mais ditoso que eu.

**ARDELIO.** Agora o saberás, que eylo sae.

**BERNARDO.** Que voltas me dá o coração, mande-me Deos ora algumas boas novas, mas a que se torna dentro?

### SCENA VI.

OCTAVIO, BERNARDO, ARDELIO.

**OCTAVIO.** Outra vez te prometto. Esse amor, e essas lagrymas, minha Faustina não me merecem enganarte. Peza-me sómente de teu desgosto, nem desconfes, que eu sou teu, e o serei sempre.

**BERNARDO.** Muito se detem.

**ARDELIO.** E sae afrontado.

**OCTAVIO.** Se tal soubera, rira-me de Bernardo, corrido venho do que passei com esta, tanto que lhe toquei no caso, deu-se por avorrecida de mi, e a mim por enfadado.

**BERNARDO.** Parece-me que o enxergo triste.

**OCTAVIO.** Lançou mãos aos cabelos; e aos toucados, chamando-se enganada, e fazendo extremos de humadouda; não cuidei que nestas mulheres se achasse amor tão inteiro.

**BERNARDO.** Não posso mais esperar.

**OCTAVIO.** Em fim, não fiz mais que anojár a ella, e

ella envergonhar a mi, que nem me deixou dizer, pera que lho pedia.

**BERNARDO.** Que novas trazes, que novas me dás, meu Octavio?

**OCTAVIO.** Não quiz Faustina.

**BERNARDO.** Não quiz?

**OCTAVIO.** Digo-te, que mais me quizera morto, que vêr-me na afronta, em que me vi com ella.

**BERNARDO.** Que farei logo?

**OCTAVIO.** Não te agastes, Julio he bargante<sup>1</sup>, não póde ser, que em quanto aqui estiveres, não acerte-mos huma noite.

**BERNARDO.** Oh que não naceo pera mi nenhum bom acerto.

**ARDELIO.** Ninguem entende essa senão eu.

**OCTAVIO.** Que entendes?

**ARDELIO.** Ella o mostrará cedo, tu vigia, e guar-te.

**BERNARDO.** Pois a fortuna se vingou em mi, no mais eu não o hey de estranhar, ao menos lograr-se Julio do que lhe ella deu, e a mi negou.

**OCTAVIO.** Este parece elle, que cá vem.

**ARDELIO.** Quem?

**OCTAVIO.** Julio.

**BERNARDO.** Este he.

**ARDELIO.** Não he.

**BERNARDO.** Não he este Julio?

**ARDELIO.** Não.

**OCTAVIO.** Como não?

**ARDELIO.** Quem o saberá melhor, elle, ou tu, he hum seu amigo, que lhe anda arrecadando as peggas.

<sup>1</sup> Devasso, libertino.

**BERNARDO.** Octavio, ha, ha, ha.

**ARDELIO.** De má graça vem, deixai-me com elle, e escondi-vos pera aqui, e riréis hum pouco.

### SCENA VII.

**JULIO, ARDELIO, OCTAVIO, BERNARDO.**

**JULIO.** Não sey quem diz, que hum mal he começo de hum bem; eu digo, que hum bem he começo de hum mal, e hum mal começo de muitos males.

**ARDELIO.** Bernardo, matemos este, que mata Livia, sós estamos, não ha testemunha.

**OCTAVIO.** Tal colerico ouvéra ahi, que tomára teu conselho.

**JULIO.** Dou ao diabo Benedito, dou ao diabo meu sogro, dou ao diabo aquelle rapagão, que zombou de mi, que assi todos me enfadárão, e cançárão.

**ARDELIO.** Dou ao diabo este Julio, amigo de Benedito, que o não posso descobrir oje.

**OCTAVIO.** Ha, ha, ha, he.

**ARDELIO.** Dou ao diabo aquelloutro seu amigo, com que oje faley, que o não vejo, nem parece.

**OCTAVIO.** Vales quanto ha no Mundo.

**JULIO.** Quem ouço eu?

**ARDELIO.** Vio-me, chego-me.

**JULIO.** Que farei, hei de sofrer, que se vingue este assi de mi.

**ARDELIO.** Oh amigo de Julio, tens já prestes?

**JULIO.** Que hei de ter prestes?

ARDELIO. Teu estormento, e tuas testemunhas.

JULIO. Tão pouca vergonha tens? Que ãora se mandára vir Julio donde está, pera arrecadar o vento.

ARDELIO. Que vento?

JULIO. Que peggas, ou que mentiras são as tuas?

ARDELIO. Julio, ou digo, amigo de Julio, se mal fallares, mal ouvirás.

JULIO. Fuy saber do Piloto da não de Genova, disse-me, que não trazia esse teu amo mais fato, que o de sua pessoa, e que o sabia em certo.

ARDELIO. Isso te disse?

JULIO. Perante trinta homens, que dirão o mesmo.

ARDELIO. Foste ditoso em o creres logo.

JULIO. Em que?

ARDELIO. Se apertáras com elle, caíras na verdade, que meu senhor polas salvar do frete, e dos direitos as escondeo, que as não visse elle.

BERNARDO. Que dirás a este.

OCTAVIO. He diabo, atarracou-o.

JULIO. Onde as tem?

ARDELIO. Não tens necessidade disso, virá Julio, e achalas-ha se as quizer, pois te tu enfadas de as negociar por elle.

JULIO. Perdoa-me, que cuidei que me enganáras.

ARDELIO. Não me espanto, porque, que amigos pôde ter esse?

JULIO. Mas por tua vida, já que me meti nisso, e tenho falado a Fabricio, e com tudo prestes, quando fuy á não, cuidey que era engano, que ordenes de maneira, com que lhe eu faça esta boa obra.

ARDELIO. Como te chamão?

JULIO. Pera que o perguntas?

ARDELIO. Não queres, que diga a meu amo com quem falei?

JULIO. Não he necessario, basta, que sou hum amigo de Julio, de que elle confiará tudo.

ARDELIO. Tirando a mulher.

JULIO. Ora te digo, que a mulher tambem.

ARDELIO. Não és tu logo seu amigo, mas és seu corpo, e sua alma?

JULIO. Assi sou sua alma, e elle he a minha.

ARDELIO. Muito ruim alma tens.

JULIO. Digo, porque antre os bons amigos ha huma só alma.

ARDELIO. Essa será boa, mas do amigo máo como esse, será tão má, que danará as outras.

JULIO. Tu não o conheces, e queres-lhe mal?

ARDELIO. Peor he conhecere-lo tu, e queres-lhe bem.

BERNARDO. Eu senão víra isto, não o crêra.

OCTAVIO. Nem o crerá ninguem a quem o contar.

JULIO. Ora eu me torno a negociar, póde ser que ainda oje se arrecadem.

ARDELIO. Vejo-te doutro cabo tão sollicito, que parece que tens nisto algum quinhão.

JULIO. Que melhor quinhão queres tu, que a boa amizade. O homem de bem ha tanto de folgar com o bem de seu amigo, como com o seu proprio, que outro dia fará elle por mi o mesmo.

ARDELIO. Mas cuido que o faz sempre. Em fim, lá t'avem, e se tardares, tu perderás esse gosto, e elle seu proveito. Meu senhor está de caminho, como te disse, tornalas-ha a mandar a Genova.

JULIO. Parece-me que hei de vir ainda a dar ao

diabo as peggas com tantos encarregos, já este dia assi ha de passar, o outro que vier Deos o melhore.

ARDELIO. Apeçonhento vay, que vos parece?

OCTAVIO. Coitada da mulher, e do sogro, que tão boa honra tem neste.

BERNARDO. Mas coitado de mi, a quem estimarão menos que a elle.

ARDELIO. Souberas tu tambem caçar, deque teve a prea<sup>1</sup> nas mãos tornou ao seu. Não he a condição cousa, que se tanto tempo encubra.

OCTAVIO. Andava aquelle velho tão cego, que o mal deste lhe parecia bem, agora algum bem, se o tiver, lhe parecerá outro tanto mal.

BERNARDO. Ora nós vamos, vigiemos esta noite.

ARDELIO. As vezes estão os acertos guardados a quem os busca.

## SCENA VIII.

FAUSTINA, CLARETA.

FAUSTINA. Ay Clareta, tal ha no Mundo, e taes são os homens.

CLARETA. Ay Faustina, que te dizia eu? aprenderás ás tuas custas, pois não quizeste as alheas.

FAUSTINA. Somos tão coitadas, e tão parvoas, que os queremos, e desejamos.

CLARETA. Agora saberás, que o amor tanto se estima, quam caro se vende.

<sup>1</sup> Presa.

FAUSTINA. Oh que não he isso amor, mas roubo, que crerás já, ou a quem creráõ. Oh meu Octavio, oh meu amor, oh meu mano.

CLARETA. Oh teu ladrão, oh teu rafião<sup>1</sup>, oh teu enganador.

FAUSTINA. A quem me eu dei toda, que tantas vezes jurava, que outra cousa não queria.

CLARETA. Se não lograr-se de ti quantas vezes quiz, e depois passar-te a outro.

FAUSTINA. Não póde ser, senão que me quiz tentar.

CLARETA. Ay como te vejo tornar a meter no fogo. Faustina, olha o que te cumpre, estes parvos dormem tão seguros sobre seus enganos, que não acordão senão depois que se acha nelles, já que tambem contrafizeste teu nojo, deixa-me, que eu o trarei ás redes. Vou onde te disse.

FAUSTINA. Coitada de mi, que farei, que me não sofre o coração lançar fóra, a quem tamanho lugar dey nelle, quem me mudou tanto da que dantes era, quantos se matárão por mi, quantos se destruirão, quantos chorárão de dia, e de noite, huns enganados, outros roubados, sem minha vontade se dar a algum. Este Octavio me afeioou, assi que não sei viver sem elle, amo-o, desejo-o, nelle cuido, nelle sonho, olhay quam bem o emprego. Não me póde lembrar sem lagrymas o rosto, e a desenvoltura, com que me veyo com aquelle requerimento, então guarday verdade, tende amor a ninguem. Coitadas de nós; se amamos, somos aborrecidas; senão amamos, roubamos, e em fim, melhor he o roubo, pois nos enriquece, e os

<sup>1</sup> Ou rufião, medianoiro para fins illicitos.

roubados vão mais contentes; mas minha condição não era essa, sempre desejei hum bom amor, agora que cuidava que o tinha, não o vejo. Enganaste-me Octavio, não to merecia, trabalho me será esquecer-te. Trabalho será aos meus olhos não te verem; mas porque outra vez não se enganem, fiquem com esta mágoa. Clareta por derradeiro he minha amiga, por que terei eu amor a quem mo não tem.

## ACTO IV.

## SCENA I.

JULIO, BROMIA.

**JULIO.** Não cuidei que tão bem acabasse o dia, forte cobiça de annel foy esta, que o não guardou Faustina pera mais tarde, logo eu hoje enxerguei na moça bons desejos, e com tanto alvoroço me veyo chamar agora, que parecia que lhe fogia. Mas com que mentira encobrirei eu esta minha ida a taes horas, que me não entendão. Dou ao diabo esta velha, que já estive por vezes pera a lançar fóra de casa, e hey-o de vir a fazer; não sey quem a fez tão endiabrada, parece que tem algum espirito familiar, que lhe diz quanto eu faço, que já agora no seu rosto, e nos seus olhos, entendo eu que me entende, mas como a enganarei, ora andar, boa dissimulação tenho. Bromia.

**BROMIA.** Já me chama, começará com seus esconjuros.

**JULIO.** Bromia.

**BROMIA.** Que mandas?

**JULIO.** Quanto me deves, pela confiança que em ti tenho.

**BROMIA.** Deos o sabe.

**JULIO.** Eu sou convidado pera huma certa festa de hum meu amigo, por isso vou assi de festa, não me parece que tornarei esta noite.

**BROMIA.** Pera que me dás essas contas, avesado és ires, e vires quando, e cada vez que queres; achaste por ventura alguma ora as portas abertas a outrem, e fechadas a ti?

**JULIO.** Não papees<sup>1</sup>, por isso to digo, porque dur-  
mas descansada de me vires abrir.

**BROMIA.** Quem tivesse o teu descanso.

**JULIO.** A porta, da maneira que a eu deixar, assi fique até que eu torne.

**BROMIA.** Que não seja mais, que pelo costume, ella o fará já de si.

**JULIO.** E porque muitas vezes acontecem enganos, falo isto, pelo que já vi, ainda que outrem venha com recado meu, ou diga que sou eu, não lho creas.

**BROMIA.** De que servem tantos medos, por tua vida, quem vês, ou quem ouves pera os teres de ninguem?

**JULIO.** Isto não são medos, mas sizos, ás vezes acontece o que homem não cuida, e por não cuidar no que póde acontecer, vem a cair no perigo sem remedio.

**BROMIA.** Bom he atalhar em tempo. Mas.

**JULIO.** E que melhor tempo que este, sabes tu se

<sup>1</sup> Não falles muito.

está alli por ventura alguém espreitando quando eu sayo, e me póde contrafazer tambem a fala, que te engane, e lhe vás abrir.

**BROMIA.** Ay que máo homem. Ora dou-lhe que aconteça isto, em entrando não averá ahi olhos que o conheção?

**JULIO.** Em entrando. E querias que entrasse?

**BROMIA.** Que peccado era entrar, cuidando que eras tu.

**JULIO.** Mas que peccado he avisar-te eu, pera que não entre, não poderá elle mais que ti, não te matará, ou não te tapará essa boca pera fazer tudo a seu salvo?

**BROMIA.** Como te póde cair isso no pensamento, que nunca se vio, nem se ouviu?

**JULIO.** Porque o tu não viste, nem ouviste, crês logo, que ninguem o veria, nem faria, por isso eu digo, que quem não vê, não sabe o caso, e eu não quero que ainda que eu mesmo torne. Olha o que te digo, ainda que eu mesmo torne, não quero que me abras.

**BROMIA.** Que dizes?

**JULIO.** Isto que ouves.

**BROMIA.** Ainda que tornes?

**JULIO.** Ainda que eu torne.

**BROMIA.** Que te não abra?

**JULIO.** Que me não abras.

**BROMIA.** Isso me mandas, não cuidarás que te póde acontecer cousa por ventura, que te obrigue a vir a casa, ou se te arrependerás da ida, e do caminho.

**JULIO.** Eu que to digo, bem sey que não hey de tornar.

**BROMIA.** Se tornares?

**JULIO.** Mata-me, e não me abras, ainda que brade, e que grite, e tu me vejas, e conheças, crê que he o diabo, e não sou eu, porque eu vou pera não tornar, nem mandar recado algum, ouves-me tu?

**BROMIA.** Ouço, mas não sei como isso seja, não queria ter mais guerra comtigo, da que tenho. Ey-te de ver eu estar batendo á porta, e não te hei de abrir?

**JULIO.** Se te digo. 'Esta he a mais perra velha do Mundo, que nem ey de tornar, nem me has de ver, e ainda que me vejas, me não abras.

**BROMIA.** Digo que assi o farei, pois mo mandas, quem crerá tal.

**JULIO.** Deitai-vos logo, apagai a candea, e dormi descansadamente.

**BROMIA.** A osadas<sup>1</sup>.

**JULIO.** E lembre-vos o que vos sempre digo, que vivamos em paz.

**BROMIA.** De quantos desastres os bons achão pelo Mundo, não averá hum só pera este máo, que o mate. Homem he isto? alma tem este? rezão tem este? faz-me crer que cheirou já os recados de Bernardo, e que nos vay espreitar a todos. Coitada de mi, que nunca pude tirar Livia de tamanho cometimento, oferecida está a seu perigo, o odio que tem a este, e o amor de Bernardo lhe dá este animo, e afouteza. Oje lhe mandou dizer, que a desejava ver, oje se foy ordenando, como se vissem. Ociosos, enganados, cégos, quero ver, antes que o outro acerte de vir, se a posso tirar de sua teima.

<sup>1</sup> Certamente.

## SCENA II.

JULIO SO.

Bem cuidada deixo a minha mentira; mas que alvoroço he este, que eu levo no meu espirito, vou-me assi, deixo minha mulher moça toda huma noite só, offerecida a se vingar de mi, e fazer o que quizer. Mas que pôde acontecer, ella fica fechada, e será já deitada, tão mofoño serei eu, que logo o perigo esté mais prestes agora, que outrora, mal fiz de dizer, que não avia de tornar, melhor fora tê-las seguras com meu modo, o alvoroço me enganou, torno lá: mas pera que, tão pouco me temem, que ousem nada. Huma noite asinha se pássa, com o prazer de Faustina me esquecerá este medo.

## SCENA III.

BERNARDO, OCTAVIO, ARDELIO, JANOTO.

BERNARDO. Bromia to disse, Ardelio, como pode?

ARDELIO. Não sey como pode, mas disse-mo.

BERNARDO. Não receyo, senão ser tão mofoño, que em tamanho prazer como este, me queira empecer a fortuna acinte<sup>1</sup>.

OCTAVIO. De que te vem essa desconfiança, não tens que arreçar.

<sup>1</sup> De proposito, de caso pensado.

ARDELIO. Bom coração, e costas, que te segurarão o campo, de que has medo?

BERNARDO. Mal me entendeis ambos, se com minha morte se encobrisse a infamia de Livia, seguro, e perfeito seria o meu gosto.

OCTAVIO. Ora te digo, que he esse hum bom escrupulo, se ella isso não teme, porque o temes tu?

BERNARDO. Porque o amor que me tem, a faz não temer, e eu não lho queria pagar mal.

ARDELIO. Não ha de que temer, Julio he fóra, nós vigiaremos, logra-te da noite, e não esperes a manhã.

BERNARDO. Não creio, que me hey de ver em tamanho bem, até que me não veja nelle.

OCTAVIO. Porque temes logo o mal, sem te veres nelle?

BERNARDO. No mor bem se ha de arreçar mais o mal.

ARDELIO. Ora espera, a mi me parece, que acho hum bom seguro.

BERNARDO. Dize por tua vida?

ARDELIO. E tu Octavio julga se falo bem. Torna-te pera casa, irey a Livia, dir-lhe-hei que não queres ir.

BERNARDO. Que dizes, bom.

ARDELIO. Este he o melhor remedio pera teu medo.

OCTAVIO. Ha, ha, ha, he.

BERNARDO. Velhaco, que fazes, onde vás?

ARDELIO. Que me queres, seguro-te.

OCTAVIO. Nunca melhor falou.

BERNARDO. Chega-te á porta, vê se he tempo?

ARDELIO. Olha o que fazes, os desastres andão muy correntes, e mais de noite, póde ser que aches huma bombarda nos peitos em entrando.

BERNARDO. Não curemos de mais graças.

OCTAVIO. Aconselha-te bem, á fala está.

ARDELIO. Aqui esta ce, ce <sup>1</sup>.

OCTAVIO. Acolhe-te, e entrega-te.

BERNARDO. Oh fortuna, acaba bem tão bons começos.

OCTAVIO. Boa foy a entrada.

ARDELIO. Tal será a saida.

OCTAVIO. Que faremos agora?

ARDELIO. Eu to direi, quem vem lá cantando.

OCTAVIO. Aquelle parece Janoto.

ARDELIO. Janoto.

JANOTO. Quem he?

ARDELIO. A bom tempo vens, o negocio está pacífico, tu te devias ir, que nós abastamos.

OCTAVIO. Assi me parece. Eu onde posso já melhor passar esta noite, que com Faustina. Se alguma cousa acontecer, voe Janoto.

#### SCENA IV.

OCTAVIO SO.

Quam gostosas são as obras da amizade, que o teu trabalho tomas por grande gosto, e o gosto do teu amigo por teu proprio. Parece que se me carrega a consciencia em me ir agora daqui. He este Bernardo de tão boa arte, que sendo estrangeiro, não sómente o ey por natural, mas por amigo, e por irmão, quan-

<sup>1</sup> Interjeição antiquada que servia para chamar por alguém.

tas vontades prende a boa condição, e sizo, peza-me na alma de se ir desta terra. Déra muito do meu, pelo ver casado com Livia, e melhores forão seus fados do que são, ao menos creio eu, que outro nenhum tão bello lhe pudéra fazer o que agora fez por elle. Vede ora se a pudérão ter todas as prizões, e chaves? E Julio tão cégo, que nem lhe vem pelo pensamento, a que vierão parar todos os ardis dos seus ciumes, ou lá, que descuido foy este? porta aberta a taes oras.

## SCENA V.

ARDELIO, JANOTO, JULIO.

ARDELIO. Quanto agora vingar, bofé Janoto, nós vamos nos buscar nossa vida.

JANOTO. Bem te parece isso, e Bernardo?

ARDELIO. Não he esta a primeira aventura, homem he, que dará bom recado de si em toda a parte.

JULIO. Assi se faz isso, ah rafião, traidor, infame.

JANOTO. Que brados são os que ouço?

JULIO. Ah treição, ah puta, vil encubridora de ladrões.

ARDELIO. Eu não conheço aquella fala.

JULIO. Tinhão-se concertado, eu te conhecerei quem quer que és.

JANOTO. Pera que vem?

JULIO. Antes damenhã a estas oras, hum, e outro saberão com quem o ouvérão. Pois depenaria eu quantas barbas tenho, se com esta me escapassem. Parece-vos, se foy grande valentia, saltar com quem es-

tava á meza pera cear, tão seguro, como quem estava com huma mulher ás portas fechadas, e ella tinha-as abertas ao rafião, ah beleguinazo, fugidição das galés, eu o acolherei.

JANOTO. Este parece Julio.

JULIO. Não de balde me detinha ella em jogos, e em trapanças, e toda a festa era ao meu annel, que me logo arrebatou em entrando.

ARDELIO. Janoto, boa, este he Julio?

JANOTO. E vay-se direito a casa.

JULIO. Ta, ta, ta.

ARDELIO. Janoto boa, póde ser mor mofina.

JANOTO. Escondamo-nos hum pouco pera aqui, veremos em que pára.

JULIO. Não ouvem, tras, tras, tras.

JANOTO. Que graça, senão ouvissem, nem abrissem.

## SCENA VI.

BROMIA, JULIO, ARDELIO, JANOTO.

BROMIA. Coitada de mi se he Julio, que farei?

JULIO. Tras, tras, tras, tras.

BROMIA. Quem está ahí? quem bate?

JULIO. Abre lá.

BROMIA. Quem he?

JULIO. Quem ha de ser, outrem costuma por ventura bater a esta porta senão eu.

BROMIA. Somos perdidos, elle he. Escondei-vos bem, em quanto o detenho. E quem és tu?

JULIO. Abre, que eu sou.

BROMIA. Não te conheço, nomea-te.

**JULIO.** Sou Julio, conheces-me?

**BROMIA.** Julio, não póde ser, o diabo serás tu mais azinha.

**JULIO.** Não me conheces?

**BROMIA.** Deos? Ainda seus esconjuros me valem, não entrarás cá oje.

**JULIO.** Porque?

**BROMIA.** Porque aqui não entra senão Julio, cuja a pousada he.

**JULIO.** E eu quem sou?

**BROMIA.** Tu o saberás.

**JULIO.** Não sou eu Julio, que fuy daqui esta tarde?

**BROMIA.** Não te parece que o conheceráõ aqui.

**JULIO.** Pois como me não conheces?

**BROMIA.** Porque não sei quem és.

**ARDELIO.** Oh boa velha, Deos te faça moça, se lhe não abres.

**JULIO.** Já, já, lembra-me o que deixei dito, aconteceo tornar, que remedio, não me vês tu?

**BROMIA.** Vejo que não és elle, nem que o fosses te abriria.

**JULIO.** Que farei?

**BROMIA.** Vai embora, se és espia que cá manda, dize-lhe que bem pouca necessidade tem dellas.

**ARDELIO.** Janoto, vivo, esta velha me segurou, não lhe quer abrir.

**JANOTO.** Como não?

**ARDELIO.** Nega-o, como se elle oje negava.

**JULIO.** Bromia, não gracejes, que não são horas, abre, e senão.

**BROMIA.** Mãy, quem és tu, com quem falas, ou a quem hei de abrir?

**JULIO.** A mi.

**BROMIA.** E porque, és-tu Julio?

**JULIO.** Pois quem.

**BROMIA.** Ou sejas, ou não sejas, podes-te tornar por onde vieste.

**ARDELIO.** Não me parece que o diabo ousará tanto.

**JANOTO.** Serão feros de Bernardo, que o não deixem entrar.

**JULIO.** Velha, que graças estas tuas.

**BROMIA.** As que vês; como podes tu ser Julio, se elle deixou dito, que não avia de vir.

**JULIO.** He verdade, que disse eu isso, porque cuidei que não tornasse, mas se me vês, e ouves.

**BROMIA.** Ouço, e vejo, mas tu não és esse, e se esse és, tu me disseste que te não cresse.

**ARDELIO.** Póde-se crer isto?

**JANOTO.** Não te rias tão alto, que te ouviráõ.

**JULIO.** Não me queres abrir?

**BROMIA.** Não te queres ir? não he esta a casa, em que de dia, nem de noite, quanto mais a estas oras costuma entrar ninguem, senão seu dono.

**JULIO.** Ah cão de mi, e quem he seu dono?

**BROMIA.** Ao menos não já tu. Se erras a porta, acerta-a, que não pousa aqui quem cuidas.

**JULIO.** Velha malaventurada, comida dos bichos, alma do diabo, porque me não abres?

**BROMIA.** Agora si, com esses rogos, bem podes entrar.

**ARDELIO.** Fechou-lhe a janella.

**JULIO.** Tamanha má ventura foy a minha, que me trouve a isto. Sou eu Julio, ou não. Conheço-me eu, ou perdi-me.

JANOTO. Viste tal acontecer?

JULIO. Fazem mais a hum cornudo.

ARDELIO. Justamente falou ao pé da letra.

JANOTO. Ainda o elle não crê.

JULIO. Que farei, onde 'me irey a estas oras, medo hei que me ouvisse a vizinhança, parece-vos que tenho mulher, ou casa, ou honra.

ARDELIO. Em ponto estou de o fazermos ir mais depressa.

JANOTO. Demos-lhe huma coçadura?

ARDELIO. Não he bem, que perigará Livia, e Bernardo.

JULIO. Não fora eu antes morto, que passar estas vergonhas, que passei desde oje sahí desta casa atégora.

ARDELIO. Se tu algumas tivesses, não passarias por ellas.

JULIO. Que dia malaventurado foy este.

JANOTO. Pois a noite podes tu gabar.

JULIO. Que noite de diabos foy esta. Ah mulheres, quem vos vê, quem vos quer, quem vos deseja.

ARDELIO. Donde veria agora este.

JULIO. Quero tornar a bater. Tras, tras, tras.

JANOTO. Responde-lhe Ardelio.

JULIO. He por demais, já não desejo senão o dia; se eu não mouro, eu farey justiça. Não sey quem lá vem, vou-me a casa de meu sogro, se me quizer abrir, contar-lhe-ey a honra, que me dá sua filha.

## SCENA VII.

OCTAVIO, ARDELIO, JANOTO.

OCTAVIO. Não sei quem cá vem, guarde Deos Bernardo, e Livia de vergonha, e de perigo. Se soubera que era Julio, e me aquella puta deixára, viera mais cedo. Metteo-me em cabeça, que elle se me viera metter em casa por força, com rogos, e piedades, que lha fizerão ter delle, e com outras mayores, e mais lagrymas me pedio perdão. Engana-se, feito he, não sou dos que esperão pela segunda, o perigo de Bernardo temo, que não sei como sairá, que gente enxergo eu lá? Ardelio.

ARDELIO. Escuta.

OCTAVIO. Janoto.

JANOTO. Quem chama, quem he?

OCTAVIO. Chega cá.

ARDELIO. O Octavio.

OCTAVIO. Manço, não nos ouça ninguem, como passastes cá?

ARDELIO. Se soubesses, pasmarias.

OCTAVIO. E Bernardo?

JANOTO. Ainda lá jaz.

ARDELIO. Vay-te a casa, e lá saberás tudo, que eu hei já de esperar a manhã por essas ruas.

OCTAVIO. Não farey, vigiemos fortemente, cada hum por sua parte, tu por lá, e eu por cá, não he isto cousa pera se assi deixar a ventura.

ARDELIO. Esta he a noite das aventuras, poderá mais

acontecer, por isso dizem, que andão os diabos de noite, e as almas peccadoras, não me posso ter ao riso com as mofinas deste coitado, tanto se matou oje por não ser Julio, até que o não foy no tempo, que o mais ouvêra de ser. Em quanto Bernardo não sae, vou ver aonde se mette.

## SCENA VIII.

BERNARDO SO.

Espera, verey se passa alguem. Bem he, ninguem parece. Deos fique contigo. Que desastres vão pelo Mundo, e que acontecimento? se se póde imaginar cousa que não aja. Bem me profetizava a mi o meu espirito tudo o que passey, que eu não sinto por minha a causa, mas por Livia, que por mi se aventurou a tamanho perigo, em que fica. Oh Livia, Livia, quanto te devo, e quam pouco debes a quem tão mal te trata, não o posso dizer sem lagrymas. Coitadinha de ti Livia, moça fermosa, tão sesuda, e tão boa filha, huma só filha, e hum pay tão rico, e tão honrado, criada em tanto mimo, e em tamanhas esperanças; empregada em quem, em vez de te venerar, te deshonra assi, e te mata. Melhor me fora não te ver, qual te deixo; mas pois nisso te fiz a vontade, queixar-me-hei só da fortuna, que te levou de mi, e me deixou com esta mágoa, pera que cuidareis ora, que me mandou ella chamar, pera desabafar só comigo, e me pedir perdão de seu erro com os olhos, e rosto banhados em lagrymas, me sahio a receber

com hum abraço, mais de amizade, que de amor, tão differente do que dantes a conhecia, que no primeiro impeto a desconheci. Todos tres nos assentámos chorando, e chorando começa ella. Bernardo, aventurar-me eu a isto, não he bem que o atribuas, senão a parte, porque o faço, quizeste-me bem, e eu to quiz, a fortuna só me quiz tanto mal, que em pago do que te devia, me obrigou pedir-te perdão da má vida, que por mi passaste, porque a que eu agora passo, sei que me deixará cedo. E porque aquelle amor passado não he já em mi poder-to pagar com outro, que elle merecia, contenta-te com estas lagrymas de meu arrependimento. E nisto corrião ellas de maneira, que por hum espaço lhe impedião a prática, e as minhas lhe começárão a fazer boa companhia. Então me deu conta de toda sua vida, a que ella chamava morte, sem eu poder acabar comigo de a deixar de ouvir, ou lançar mão do mais do que me sua vontade, e honestidade concedia. Finalmente, que gastada a mor parte da noite nestas cousas, concruy-o por derradeiro. Rogo-te Bernardo, que isto que contigo passo, ninguem o saiba senão tu, ou se quizeres que o saibão, matem-me, porque o eu não ouça, sey que me pódes ter em má conta, e eu quero que saibas, pera que te não enganes, que o espirito de huma mulher magoada he tão grande, que não recea estes perigos. Aquella que merecer a Deos, o que eu em ti perdi, trata-a melhor do que me tratão, porque a não obrigue a algum despejo como este. Que diria eu aqui, ou que faria, fiquei confuso, e pasmado do saber, e virtude de huma moça. Aquelle amor que lhe sempre tive, se me accrecentou então de maneira, que aca-

bando ella, comecei eu a chorar minha desventura em a perder, senão quando o marido bate á porta, com que ella ficou morta, e eu mais morto por ella. Medo hey, segundo elle he, que não bastem escusas da velha pera o tirar da suspeita, sahi-me logo consolando-a assi, e offerecendo-me a aventurar a vida por sua honra, sem entre nós haver mais, que lagrymas magoadas de amor, e de saudade. Alguns se rirão de mi, principalmente estes endiabrados, perdidos por homens, que se agora costumão; mas eu certo me não arrependo do que fiz, folgo de lhê dever aquelle amor tão casto, e tão honesto', ey já de esperar o que sobre isto passa, Deos o remedee, que se Livia mal passa, não me soffrerá o estamago deixá-la sem vingança.

---

## ACTO V.



## SCENA I.

MICER CESAR SO.

Que farey, quem me aconselhará em tamanha afronta, tenho minha honra, e minha filha offerecida á fortuna. Ah velho, parvo de mi, quem me cegou, quem me matou. Oh ouro tão perigoso neste Mundo, pera tanto mal achado, não sey que diga, não sey que faça? Entrou aquelle doudo em minha casa esta noite, tal, que houve medo delle, jurando, brasfemando, que havia de matar minha filha. Ah filha mal fadada, por meu mal nacida. Minha mulher está morta, e eu pera me matar. Estrondos fez, diabru-ras, e terremotos, que acordou a vizinhança, acudirão meus amigos, puzerão-se a amañá-lo, então se indignava mais, os seus júramentos são pera crer, o caso

não he pera crer, como havia de aver no Mundo, bater elle á sua porta, e não lhe abrirem, sonhou-o, inventou-o o diabo pera me acabar de matar. Vou saber de Livia como passou o negocio, que ainda me Deos fez grande mercê em mo trazer a casa, que já agora não tivera filha.

## SCENA II.

VALERIO, IGNACIO.

VALERIO. Segundo os sinaes que me dás, não pôde ser outro. Octavio com quem conversa, he muito bom filho, e bemquisto nesta terra, e eu o conheço de menino, de quando o dérão ao Duque.

IGNACIO. Prouvesse ora a Deos, que hey medo de não achar já o pay vivo, que só na vida deste filho tinha sua honra, e sua vida.

VALERIO. Não lhe ficou outro?

IGNACIO. Não. De dous, que lhe Deos deu, hum lhe desapareceo em Lisboa em idade de cinco annos, e nunca mais soubemos d'elle, cremos que Mouros, ou Francezes lho furtarão. Este Bernardo só que lhe ficava, deseioso de ver terras, o importunou tanto, que lhe deu licença, temendo ir-se sem ella.

VALERIO. Esse he o primeiro impeto da mocidade.

IGNACIO. Como se os homens todòs não fossem homens, e todo o Ceo hum.

VALERIO. Bom he huma pouca de experiencia.

IGNACIO. Oh que se danão cá muito com a soltura, e liberdade, se fosse pera ir buscar virtudes, e exem-

plos de bem viver, bem me está; mas não he senão pera vicios, e pera ter que contar depois, ou mentiras, ou peccados, que eu desses dias, que já por aqui gastei, não tirei mais que aconselhar a todos, que vivão em suas terras.

VALERIO. Esse he o mais seguro; mas a mocidade ferve, e em quanto ferve não lhe lançar agoa, que será peor, os mais delles tornão tão escaldados dos desastres, e dos perigos, que se contentão quando vem, de se verem fóra delles.

IGNACIO. Deu-lhe o pay licença a este por dous annos, e passa já de cinco, que cá anda. Então que quereis, que cuide hum velho triste, ou he morto, ou he cativo, que do dó, que ouve delle, me offereci a este trabalho.

VALERIO. Foste ditoso em vires aqui ter, porque sem dúvida aquelle he.

IGNACIO. Com isso descanço, e vivo, e esse seu amigo quem he?

VALERIO. Dir-to-hei, porque por ventura ninguem mais delle sabe que eu. Há já bem de annos, que Micer Octavio foy daqui por Embaxador ao gram Turco, acompanhey-o eu; depois de acabarmos este negocio da embaxada, vindo-nos a embarcar em Constantinopla, vimos vender ao pregão certos meninos Christãos, entre os quaes lançando Octavio os olhos, assi os affeiçoou a hum, que o comprou em idade, que não podia dar mais razão de si, que mostrar que era Portuguez na lingua, e trazendo-o aqui, o deu Octavio ao Duque, em cuja casa se creou atégora, e he este Octavio que te digo, a que ficou o nome de seu senhor, se se assi póde chamar.

IGNACIO. Ditoso acontecimento, que dirás aos males que vão pelo Mundo.

VALERIO. E logo hi soubemos, que Francezes o vendêrão.

IGNACIO. Ay, já pôde ser que entre esses iria o meu Ambrosio, que eu criei, irmão de Bernardo.

VALERIO. Bem aposto eu, que não lembre isto a Octavio, que se ha por mais natural da terra que eu.

IGNACIO. Não sei que alvoroço sinto ao espirito; mas que pôde ser a tanto tempo.

VALERIO. Que falas comtigo?

IGNACIO. Nada, afigurava-se-me se por desastre poderia ser esse.

VALERIO. Grandes são os milagres de Deos.

IGNACIO. Sy. Mas quem lhos merece?

VALERIO. As vezes os faz elle a quem lhe apraz, e tu conhecê-lo-hias?

IGNACIO. Sy, que o criei; mas isto são sonhos, com Bernardo me contentaria, rogo-te que tornemos lá, pôde ser que será vindo.

VALERIO. Vamos, mas devias ver primeiro esta Cidade, que tanto ha que a deixaste, ainda que a quem vem de Lisboa, nenhuma outra cousa parece grande.

IGNACIO. Senão Veneza, que certo he cousa grande, e de cada vez mayor, mas hi fica tempo depois, vamos que me não repousa o coração.

VALERIO. Quizera dar huma palavra a este homem, que cá vem, depois o farey.

## SCENA IIL

JULIO SO.

Nunca ninguém tão bem ordenou sua vida, que o tempo, e as mudanças delle lhe não trouxessem alguma novidade, e ensinassem, que aquillo que tinha por melhor, experimentado o ouvesse por peor, como a mi agora aconteceo. Desque casei atégora segui huma maneira de viver, que ao meu juizo era melhor, e mais segura pera minha honra, e descanso, agora vejo que não tão sómente não era vida, mas huma vergonha, e baixeza. Olhai as cegueiras, e desenganos, ainda hoje quiz mal, e deshonney a quem me dizia, que me enganava. Agora que acabei de me ver, e que me lembra o passado, assi me aborreço a mi mesmo, como a hum imigo; agora conheço que todos aquelles meus fundamentos, e boas razões erão cegueiras, e doudices, e todas aquellas minhas contas em que eu cuidava, que mais que todos acertava, erão erradas, e bestiaes. Tal força tiverão as razões, e os concelhos, que em que me pez me dérão, que de cégo que era, me abrirão os olhos, de danado, e determinado de matar minha mulher, e pôr fogo ás casas, me tornárão tão manso, que não sey já senão chorar as tristezas, e mágoas, com que até qui a tratey. Que cousa he o peccado tão pezado, e desgostoso. Em todo este tempo que vivia, eu tinha gosto de nada, no inór contentamento entristecia, no mais pezado sono acordava em casa, e fóra de casa, que vida era a minha

temia-me dos homens, das mulheres, dos ventos, e das sombras, e não me temia de mi mesmo, e do meu peccado, de que mais devêra. Louvores a nosso Senhor, que tanta mercê me fez, já sey que cousa he ser casado, e este nome de matrimonio quão honrado he, e quão gostoso a quem sabe usar delle. Já sey, que me deu Deos mulher pera minha igual companheira, em meus prazeres, e trabalhos. E mais que mulher? Oh Livia, com que olhos te olharey agora? Livia, quão pouco amor me debes, mas eu o emendarey. Sus, sus, daqui por diante nova vida, se até qui foste minha cativa, serás daqui por diante minha senhora da casa, e da fazenda, farás o que quizeres, e de mi tambem. E não vivirey eu como os outros homens? De crer he, como me a mi dizião, que eu só sou o que acerte, e todos errem, não pôde ser. Os que me dantes conhecião, vejam-me, e conheçam-me novamente; quantos sabião os meus erros, venhão ver a minha emenda. Se pudêra tomar outro nome, deixára o que tenho, pera que em tudo parecêra novo homem. Já não sou aquelle máo Julio que sohia, as vergonhas que passei com Bernardo, he necessario que lhas emende com outra mór honra. Quizera buscá-lo, e desculpar-me, como melhor puder, não saiba Beneficio, ou não suspeite, que estimo pouco sua amizade. Convidá-lo-hei, e ficar-me-ha por hospede, mais vergonhosa cousa he o peccado, que a emenda delle, pois pelo peor passei, não he razão que o melhor recce. Cá vem o seu criado, dir-me-ha delle.

## SCENA IV.

ARDELIO, JULIO.

ARDELIO. Cousa ha hi, que parece que acinte as ordena o diabo, e as desta noite taes forão. Eu não sey do que mais me ria, se da parvoice de Bernardo, ou dos desastres de Julio, ou da lealdade de Faustina com Octavio. Parece-vos que hum frade capucho tivera a consciencia de meu amo, chamado de huma mulher a que queria bem, e que o queria a elle, e que se aventurava a tamanho risco, sair-se assi sem hum só abraço della, vio-se nunca tal paciencia?

JULIO. Que grão travesso, repetenado, de que se vem rindo?

ARDELIO. Se o Livia já quizer ver, que me matem, ora deixay o Octavio, não me posso ter, desculpar a puta. Ha, ha, e diz que si, que lhe quer grande bem, que entrou Julio por força, e jura que he verdade, que ella lho jurou, e chorou.

JULIO. Em quantas vergonhas me mettêrão meus peccados, corrido estou do que passou por mi.

ARDELIO. Aquella velha tão endiabrada, que negou o outro, parece-me que o sonhei, tal aconteceu todavia, he verdade que a mi me lembra, que não dormi esta noite. Andei desde então atégora vigiando, e não vi sinal de nada. As portas, e as janellas estão como se vem, não creio que tornou ainda.

JULIO. Devagar vem.

ARDELIO. Mas hey-lo acolá, vejo-o tão paciente, que hey dó d'elle. Não sey se o cometta.

**JULIO.** Vou-me a elle. Por tua vida mancebo, que me faças hum prazer.

**ARDELIO.** As peggas? Perdoa-me, que te enganey, jurára que as trazia Bernardo, folgo de o não termos dito a Julio.

**JULIO.** Não digo isso, mas que me mostres teu amo, que me releva muito.

**ARDELIO.** Pera que?

**JULIO.** Eu sou Julio.

**ARDELIO.** Julio? como póde ser?

**JULIO.** Encobri-me atégora, ou neguei-me, porque me temi de hum certo negocio de Genoa.

**ARDELIO.** Como se ouvesse muito, que eu faley contigo.

**JULIO.** Não zombo.

**ARDELIO.** E como crerey, que és tu agora mais que dantes?

**JULIO.** O que te eu digo he assi.

**ARDELIO.** Muito se parece contigo aquelle teu amigo.

**JULIO.** Que amigo?

**ARDELIO.** Hum que lá andava muito negociador por tua parte.

**JULIO.** Tens razão, porque eu era o mesmo.

**ARDELIO.** Perdoa-me logo, porque tu me tiraste de meu sizo, se crêras que era Julio, como eu cria, não cançáramos tanto.

**JULIO.** Perdoa-me tu o que eu passei contigo, que eu te perdo-o todas tuas graças, mas Bernardo desejo muito de ver.

**ARDELIO.** Que lhe queres?

**JULIO.** Pedir-lhe perdão de minhas culpas, que eu creyo que me elle dará, sabendo a causa. Rogo-te que

me leves, ou lhe dize de minha parte, que me faça mercê de me dar licença pera me ver com elle.

ARDELIO. Farto-hei. Isto, que será!

JULIO. E seja oje por tua vida.

ARDELIO. Queres que vá elle lá dar contigo?

JULIO. Se o não tomar por trabalho.

ARDELIO. A tua casa?

JULIO. Sy.

ARDELIO. Jesu, que ouço, se endoudeceo este, irá ter contigo a tua casa?

JULIO. Sy. E quanto mais cedo, mais folgarey.

ARDELIO. Ora não mais, isto he trato, não nos parás, como eu estava parvo.

JULIO. Falo-as assi?

ARDELIO. Eu te direy, pois já queres que te conheçamos, elle he ido desdontem pola manhã fóra da Cidade, não sei se tornará hoje.

JULIO. He fóra?

ARDELIO. Sy.

JULIO. Oh dou-me a Deos, e anda elle já de caminho.

ARDELIO. Tomai lá, não se deterá nada, não digo bem, eu não sey todavia, creio que ainda está devagar.

JULIO. Por tua vida que me não enganes, porque me vay muito nisto.

ARDELIO. A nós vay mais que a ty, he como te digo, e bem o podes saber.

JULIO. Ora eu terey cuidado de o buscar, fica-te embora, sentirey muito ir-se-me assi sem alguma desculpa, ou comprimento por amor de Benedito, es-

crever-lhe-ha quam mal o fiz com elle, eis-me sem amigo.

ARDELIO. Que me matem, se isto não he manha, vou-me com tempo dar aviso ás partes.

## SCENA V.

CLARETA SO.

Que direis a tamanho desastre, a tamanho descuido, a tamanha parvoice minha, ficar-me assi a porta aberta a tal tempo, estou pera arrebentar. Faustina fica comendo os pés, e as mãos, desespera já de se vingar de Octavio. Em fim, Julio pagou por elle, coitado, estava com a meza posta, e a cama feita, e nem de meza, nem de cama levou bocado. Nós já estamos de levante, que elle ou se ha de vingar, ou ha de querer tornar haver o seu annel, a isto vierão passar todos os amores, e lagrymas de Faustina. Folguey em parte, porque saberá viver daqui avante.

## SCENA VI.

JANOTO, CLARETA.º

JANOTO. Onde poderey achar Octavio, ou Bernardo, ou Ardelio.

CLARETA. Este he Janoto, ey-o de tentar.

JANOTO. Dizem-me que andão aqui dous homens muito mortos apôs elles, não sey que seja.

CLARETA. Se pudesse ora chorar hum pouco.

JANOTO. Medo hey que pairam aquellas bacorinhas algum mal.

CLARETA. Ay, ay Faustina, quam pouco dó averei de ti, quem te mata.

JANOTO. Quem chora aqui?

CLARETA. Coitadinha, que te não merecem esse amor.

JANOTO. O Clareta, que he isso? de que choras?

CLARETA. Ay Janoto, onde está Octavio?

JANOTO. Que has, que lhe queres?

CLARETA. Morre Faustina, deixey-a tal.

JANOTO. Fala?

CLARETA. Que não parece viva.

JANOTO. Que fez, quem lhe fez mal?

CLARETA. Estirada no meyo da casa, como hum corpo morto.

JANOTO. De que?

CLARETA. Eu toda esta noite andey com ella com agoas, e com cheiros, parece que arrebenta, e que lhe salta o coração fóra.

JANOTO. Já entendo.

CLARETA. Diz, que se lhe Octavio não fala, e a não ouve, que sobre elle carregue a sua morte.

JANOTO. Ha, ha, he.

CLARETA. E riste?

JANOTO. Endiabrada és, mas eu te direy, huma mo-fina não vem sem outra.

CLARETA. Bem parece em ti, se lhe merece Octavio o que por elle passa.

JANOTO. Clareta, não me enganes, essas lagrymas

são de mostarda, andastes muito mal em vossos raposios.

CLARETA. Assi as pagamos, ainda que todo o mal he da coitadinha.

JANOTO. Pois se soubesses, pera quem Octavio negociava aquillo.

CLARETA. Pera quem, que ainda Faustina crê que era zombaria?

JANOTO. Porque hey dó della, e de ty, to quero dizer. Pera Julio.

CLARETA. Pera Julio?

JANOTO. E foy tão recatado, que o entendeo.

CLARETA. Zombas, mas por tua vida, que digas a teu amo, que aja dó de quem por elle tal fica.

JANOTO. Zombo, mas tu com alvoroço deixaste a porta aberta a Octavio, vay, vay, bem parvo he quem escapa de huma, e se torna a metter em outra. Faustina tome outros amores de melhor rendimento.

CLARETA. Foy-se, se tal he, que paciencia terá Faustina pera Julio, agora çremos, que nós-outras somos as parvoas, e as coitadas, algum peccador virá, em que se tudo emende, o traidor como me entendeo.

## SCENA VII.

VALERIO, JANOTO.

! VALERIO. A dias, que tanto prazer não tive como oje. Oh Senhor Deos, que grandezas são as vossas. Quem cuidára depois de vinte annos, que tanto averá

que viemos do Turco, se viesse a descobrir o que agora por minha causa se descobriu. Pera algum hem grande guardou Deos aquelle moço.

JANOTO. Valerio, viste-me por aqui Octavio?

VALERIO. Qual Octavio, não he senão Ambrosio.

JANOTO. Como Ambrosio? eu digo meu amo.

VALERIO. Eu digo teu amo, já não he Octavio.

JANOTO. Como não?

VALERIO. Vay-te a casa de Cesar, lá o verás.

JANOTO. Não te entendo.

VALERIO. Eu o creyo; mas se o queres entender, vay onde te disse, que eu vou depressa.

### SCENA VIII.

ARDELIO, JANOTO.

ARDELIO. Jesu, que prazer, e boa dita.

JANOTO. Não sey que diz aquelle velho, cá vem Ardelio.

ARDELIO. Que dia tão bemaventurado.

JANOTO. Que pressa he esta, parece doudo.

ARDELIO. Ainda que em nossa mão fora dar bom fim a taes perigos, não pudéra ser, como aconteceu.

JANOTO. Ardelio, que he isso?

ARDELIO. Oh Janoto, hey-te de abraçar.

JANOTO. Que ouveste, de que vens tão alvoraçado?

ARDELIO. A Portugal, á Portugal.

JANOTO. Que dizes?

ARDELIO. Que avemos de ir todos a Portugal.

**JANOTO.** Quaes todos?

**ARDELIO.** Bernardo, e Octavio, e Ardelio, e Janoto.

**JANOTO.** Tu és doudo?

**ARDELIO.** Não se póde crer, Julio, já não he Julio.

**JANOTO.** Morreo?

**ARDELIO.** Mas mudou-se de maneira, que o não conhecerás, digo-te, que aquelle desastre dontem foy bemaventurado pera Livia, já he mulher, já he casada, já vive.

**JANOTO.** Muito assombrado vens, começa numa cousa, e saltas noutra.

**ARDELIO.** Cuidas que estou em mim?

**JANOTO.** Toma folego, não te afogues.

**ARDELIO.** Em fim, pera que me hey de deter em palavras, veyo aqui em nossa busca Ignacio, amo de Bernardo, foy dar com elle a casa de Cesar, onde o levou Julio convidado pera hum banquete, que faz por festa de sua nova vida.

**JANOTO.** Que me contas?

**ARDELIO.** Espera, topa-o nessa rua com Octavio, levou-os ambos com grandes desculpas, e perdão do passado, inspirou-lhe Deos graça pera se conhecer, e arrepende-se da vida passada, desoje por diante toma outra, e oje faz conta, que recebe sua mulher.

**JANOTO.** E por isso avemos de ir a Portugal?

**ARDELIO.** Não sei o que conto, isso te ouvéra dizer primeiro, Ambrosio he irmão de Bernardo.

**JANOTO.** Qual Ambrosio?

**ARDELIO.** Octavio teu senhor.

**JANOTO.** Hum, tu tens sizo?

**ARDELIO.** Não duvides, conhecerão-no agora milagrosamente.

JANOTO. Como estou encantado.

ARDELIO. E eu tambem. Hum velho natural daqui contou a sua historia, e Ignacio o nosso amo o conheceo por sinaes, como quem o creou.

JANOTO. Isso he assi?

ARDELIO. Assi.

JANOTO. Que he Octavio! irmão de teu senhor.

ARDELIO. Pera que he estar contigo em práticas, vem, e vê-lo-has com o olho.

JANOTO. Jesu. Jesu Ardelio.

ARDELIO. Hey-lo velho, sae chorando de prazer.

## SCENA IX.

CESAR SO.

Quanto devo a Deos, pelo prazer. que me mostrou oje, livrar minha filha de infamia, e de hum perigo tão certo, tamanho, tamanho era a suspeita que o marido tomou della. E na verdade, posto que tivessem alguma desculpa de seu medo, que elle avesado era a dizer, e fazer. Porém não se soffria todavia vê-lo bater á porta, e não lhe abrir, nosso Senhor espirou nova alma, e nova vida, quando mais parecia, que estava fóra della. Vay ter a casa, e lança-se aos pés de Livia, e quis-me beijar os meus, com lagrymas o levantei, e com lagrymas conto isto. Ajuntou-se outro prazer daquelles mancebos, que se chamão irmãos, que vê-los a elles, e a hum velho seu amo, he pera louvar a Deos. Livia estava morta, jágora vive, ja terá

vida que lhe sempre desejei, que segundo o que enxergo nelle, vay já caindo em outro extremo demasiado. Vou convidar meus parentes, e amigos, que me ajudem a rir, e a folgar como dantes me ajudavão a chorar, e vós tambem festejay este meu contentamento.

**FIM DA COMEDIA DO CIOSO.**



# TABOADA DESTE LIVRO.

## DAS CARTAS.

### LIVRO I.

	Pag.
Congratulação de todo Reyno a El Rey D. João III .....	7
A Pero d'Alcaçova Carneiro, secretario.....	12
A Pero d'Andrade Caminha.....	17
A Antonio de Sá de Menezes. ....	23
A D. Joam de Lancastro.....	29
A Joam Rodrigues de Sá de Menezes.....	33
A Garcia Frois Ferreira, seu irmão.....	40
A Pero d'Andrade.....	47
A D. Joam de Lancastro.....	58
A Manoel de Sampayo.....	66
A Diogo de Betancor.....	74
A Diogo Bernardes.....	82
Ao Senhor D. Duarte.....	91

## LIVRO II.

	Pag.
A ElRey D. Sebastiam.....	97
Ao Cardeal Iffante D. Anrique, regente. ....	106
A Luiz Gonçaves de Camara.....	116
A Diogo de Teive.....	124
A Antonio de Sá de Menezes.....	133
A Antonio de Castilho.....	139
A Joam Lopes Leitam.....	142
A D. Constantino, indo governar a India.....	146
A Francisco de Sá de Miranda.....	152
A D. Simam da Sylveira.....	161
Ao Conde do Rodondo, regedor.....	168
A Vasco da Sylveira.....	173
A Francisco de Sá de Menezes.....	177

## DOS EPITAPHIOS.

A ElRey D. Afonso Anriques... ..	183
A ElRey D. Dinis.....	184
A ElRey D. Joam I.....	185
Ao Iffante D. Pedro, regente.....	186
Ao mesmo.....	187
A ElRey D. Joam II.....	188
A ElRey D. Manoel.....	189
Ao Principe D. Joam.....	190
A ElRey D. Joam III.....	191
A D. Vasco Coutinho.....	192
Ao grande Afonso d'Albuquerque.....	193
A Antonio de Sá de Menezes.....	194
A Joam Caminha e D. Philippa de Sousa.....	195
A Diogo de Betancor.....	196

**TABOADA.****503**

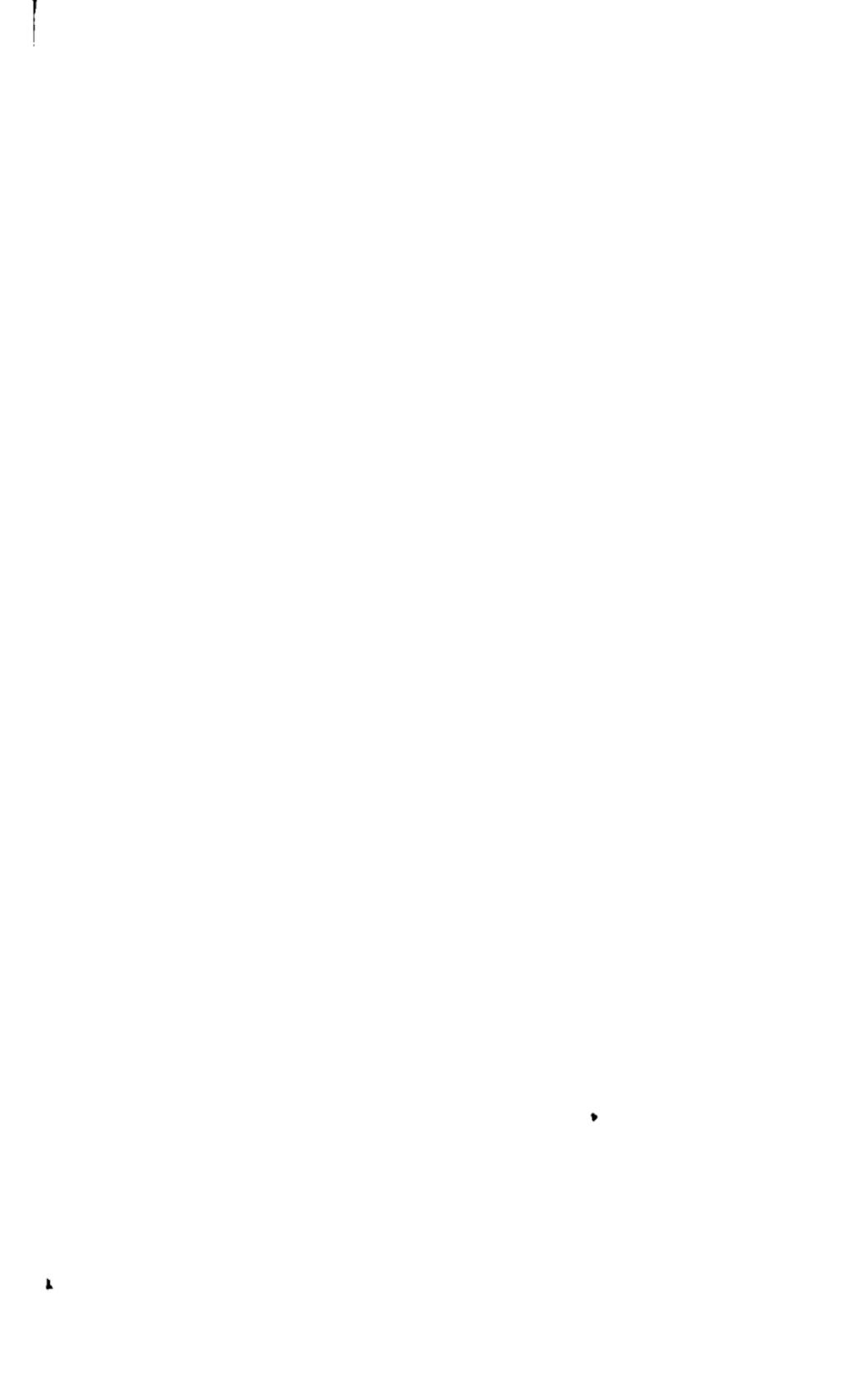
	<b>Pag.</b>
<b>A D. Angela de Noronha.....</b>	<b>197</b>
<b>À mesma.....</b>	<b>198</b>
<b>A D. Anna de Toar.....</b>	<b>199</b>
<b>A Maria Pimentel.....</b>	<b>200</b>
<b>À mesma.....</b>	<b>201</b>

---

<b>Castro, tragedia.....</b>	<b>203</b>
<b>Comedia de Bristo.....</b>	<b>285</b>
<b>Comedia do Cioso.....</b>	<b>403</b>



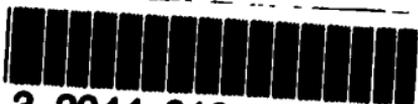






*Acme*

Bookbinding Co., Inc.  
300 Summer Street  
Boston, Mass. 02210

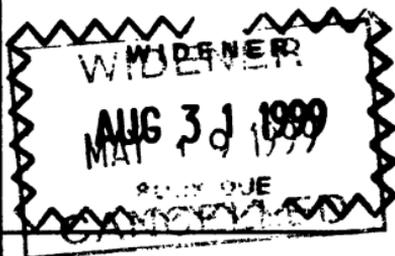


3 2044 019 168 657

The borrower must return this item on or before the last date stamped below. If another user places a recall for this item, the borrower will be notified of the need for an earlier return.

*Non-receipt of overdue notices does not exempt the borrower from overdue fines.*

**Harvard College Widener Library**  
**Cambridge, MA 02138 617-495-2413**



**Please handle with care.**  
**Thank you for helping to preserve**  
**library collections at Harvard.**